



NAVEGAR

COORDENAÇÃO

João Salvado Ribeiro

Abílio Tavares Cardoso

PREFÁCIO

José Mattoso

PEREGRINAÇÃO PELAS IGREJAS DE LISBOA

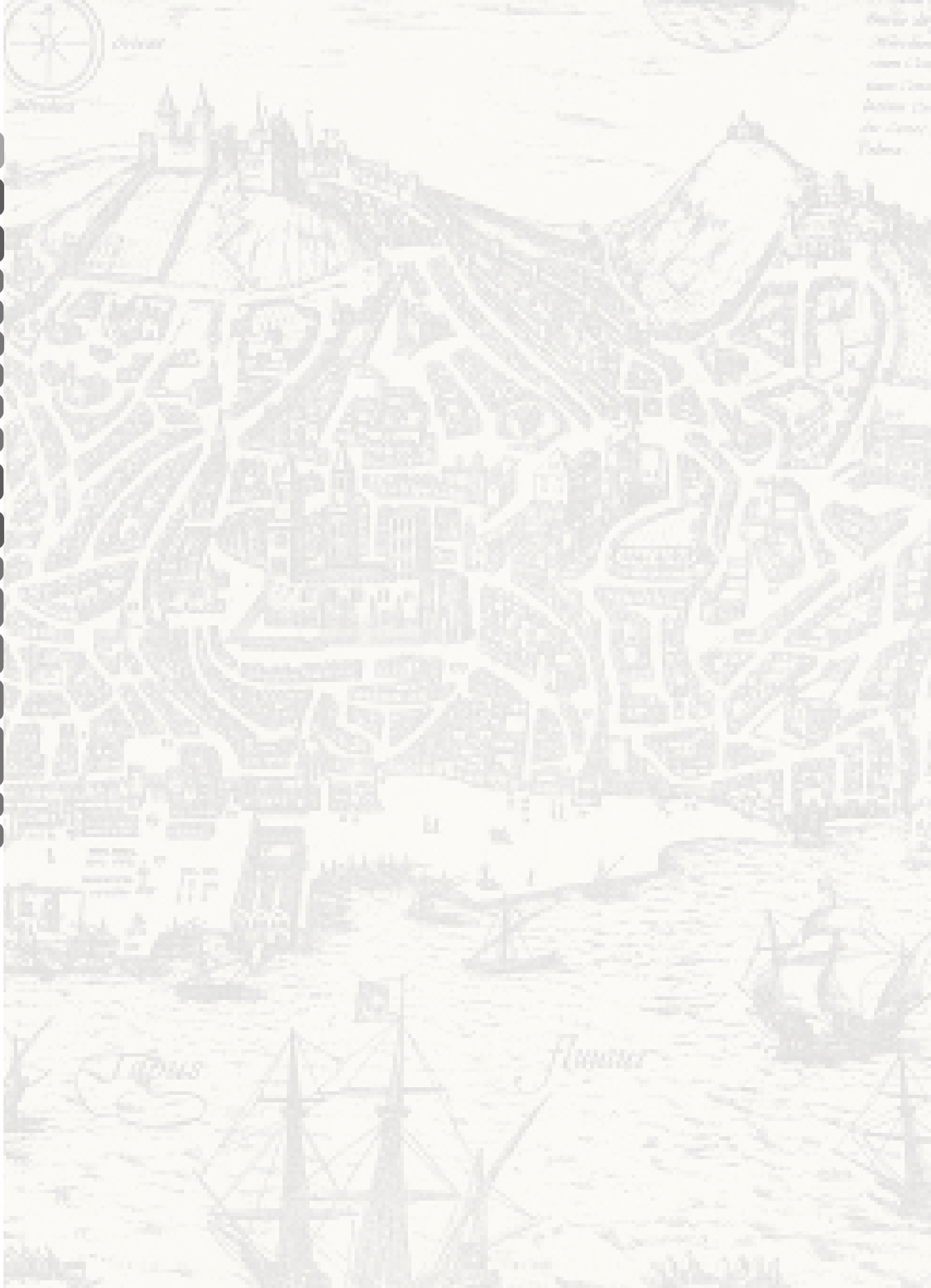
José da Felicidade Alves

Terceiro Tomo

**AS IGREJAS DO SÉCULO XVI
(1495-1580)**

ANÁLISE CRÍTICA

Pedro Flor



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

PEREGRINAÇÃO PELAS IGREJAS DE LISBOA

José da Felicidade Alves

Terceiro Tomo

As Igrejas do século XVI
(1495-1580)

ANÁLISE CRÍTICA

Pedro Flor

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

▶ BIBLIOGRAFIA

▶ ÍNDICE

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Peregrinação pelas Igrejas de Lisboa
Tomo III: *As Igrejas do século XVI (1495-1580)*

AUTOR

José da Felicidade Alves

ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL

João Salvado Ribeiro e Abílio Tavares Cardoso

PREFÁCIO

José Mattoso

ANÁLISE CRÍTICA

Pedro Flor

PROJETO E APOIOS

Projeto desenvolvido pelo Centro de Estudos de História Religiosa, UID/HIS/00647/2013 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, e pelo Centro Nacional de Cultura, com o apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian



PROPRIEDADE, EDIÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR)

Faculdade de Teologia

Universidade Católica Portuguesa

Palma de Cima – 1649-023 Lisboa

secretariado.cehr@ft.lisboa.ucp.pt / www.cehr.ft.lisboa.ucp.pt

REVISÃO EDITORIAL

Mário Farelo e Paulo Esmeraldo Lopes

CONCEÇÃO GRÁFICA E EXECUÇÃO

Bruno Miguel Leal

ISBN: 978-972-8361-95-2

URI: <http://hdl.handle.net/10400.14/28948>

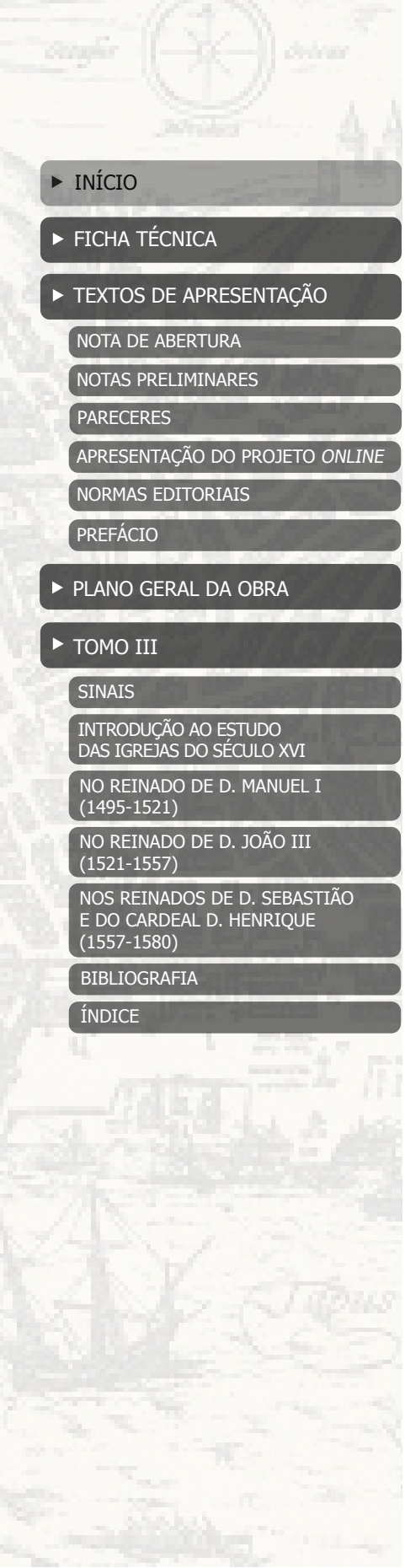
EDIÇÃO

© Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa / Centro Nacional de Cultura Lisboa, 2020

CAPA

A partir de *Perspetiva de Lisboa*. Xilogravura de Franz Hogenberg (1535-1590), de c.1598.

© Museu de Lisboa, Palácio Pimenta (MC.GRA.1691)



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

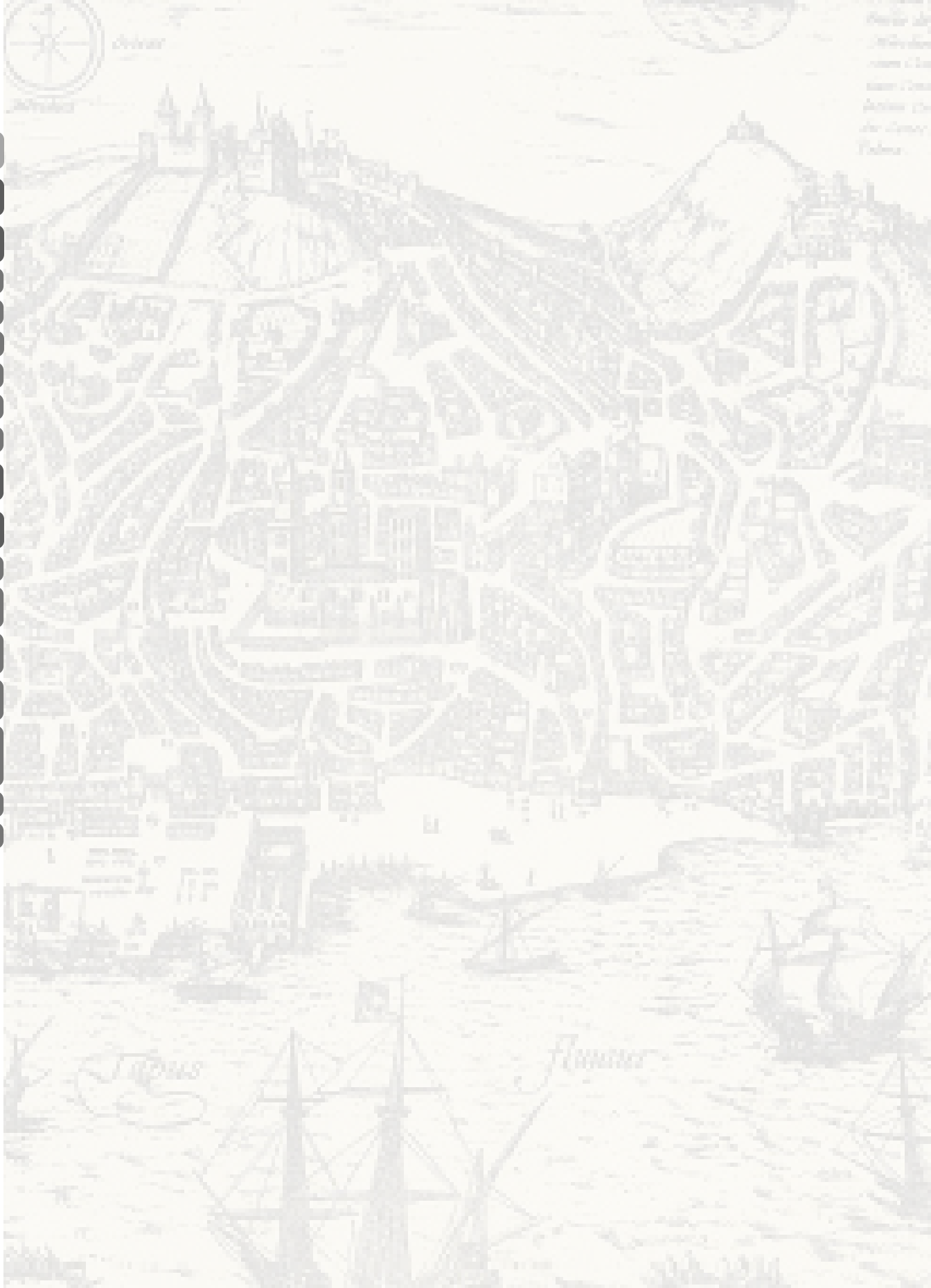
NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

TEXTOS DE APRESENTAÇÃO



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI


NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

NOTA DE ABERTURA

JOSÉ DA FELICIDADE ALVES - UMA OBRA IMPERDÍVEL

José da Felicidade Alves é um exemplo de cidadania democrática que lembramos com saudade. No final da vida dedicou-se à investigação sobre o património cultural religioso, em especial na cidade de Lisboa. Na homenagem que o Centro Nacional de Cultura organizou em dezembro de 2008, tive a oportunidade de afirmar que seria importante promover a publicação dos materiais que se mantinham inéditos, que estavam à guarda da família e dos Livros Horizonte e que correspondiam ao importante labor levado a cabo por Felicidade Alves. É parte desse precioso material que agora se publica, o que permite dispormos de uma importante base de trabalho para investigadores e estudiosos. Assim, não só se homenageia o autor, mas também se abrem novas pistas para o conhecimento de um riquíssimo património cultural. A publicação ocorre no decurso do Ano Europeu do Património Cultural, constituindo uma das iniciativas do mesmo, ainda que a divulgação ocorra já em 2019.

Não posso deixar de recordar neste momento, além da memória do nosso homenageado, a personalidade do Dr. Rogério de Moura, referência do mundo editorial português, alma dos Livros Horizonte e saudoso amigo que não esqueço. Foi graças a ele que o Dr. José da Felicidade Alves foi desafiado a desenvolver este trabalho. Ainda recordo o papel desempenhado pelo Centro Nacional de Cultura (CNC), nos anos sessenta do século passado, no apoio à causa democrática e à defesa das liberdades, personalizado pelo então Padre Felicidade Alves, com a participação ativa de figuras fundamentais, como Nuno Teotónio Pereira, Sophia de Mello Breyner Andresen, Francisco de Sousa Tavares, António Alçada Baptista, João Bénard da Costa e de tantas outras – num momento em que no CNC funcionou na clandestinidade a Comissão de Apoio aos Presos Políticos e em que a polícia política se tornou presença assídua na nossa sede. Recordar-se, aliás, o episódio em que Sousa Tavares salvou os documentos do GEDOC e do Direito à Informação no congelador do velho frigorífico...

Deste modo, a memória que aqui se evoca tem tudo a ver também com a história do CNC e com a resistência dos católicos inconformistas à “desordem estabelecida”. Devemos agradecer a Maria Elisete Felicidade Alves a sua confiança e a generosa doação ao Centro do manuscrito da “Peregrinação pelas Igrejas de Lisboa”, numa versão digital e na sua versão transcrita, revista e anotada por especialistas, sob a orientação do Prof. Doutor José Mattoso, a quem também exprimimos a nossa gratidão. A necessidade de preparar a edição, em livro e em versão digital, levou-nos a solicitar ao Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR) da Universidade Católica Portuguesa (UCP) a indispensável parceria científica neste projeto. Assim, este trabalho passará a estar incluído no Portal de História Religiosa da UCP. Daí o nosso agradecimento a toda a equipa e em especial ao Prof. Doutor Paulo Fontes, pelo indispensável apoio.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)


NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Nada teria sido possível sem o empenhamento total dos Drs. João Salvado Ribeiro e Abílio Tavares Cardoso, cuja generosidade, empenhamento, competência e confiança no CNC merecem especial agradecimento. Foram muitas horas de trabalho, sempre com o espírito de total entrega. Ao Prof. Doutor Eduardo Marçal Grilo e ao Dr. Manuel Carmelo Rosa devo uma palavra de gratidão pelo apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, dado desde o primeiro momento, logo em 2009, atenta à importância cultural e educativa do projeto. É uma obra imperdível que chega a bom porto...

Guilherme d'Oliveira Martins



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

NOTAS PRELIMINARES

1. A tarefa de organizar o espólio de José da Felicidade Alves, por vontade expressa da viúva Maria Elisete Nunes da Felicidade Alves e formalizada através de procuração, permitiu-nos ir conhecendo, a pouco e pouco, a verdadeira dimensão do acervo literário de José da Felicidade Alves e do seu contributo em termos de investigação, nos mais diversos domínios (estudos teológicos, bíblicos e pastorais; olissipógrafos, políticos e outros).

A biblioteca, doada à Biblioteca Universitária João Paulo II (Universidade Católica Portuguesa), compreendia 1.655 títulos (1.800 unidades), de entre os quais merecem especial destaque, como obras de referência e de grande impacto: Charles Joseph Hefele - *Histoire des Conciles: d'après les documents originaux*, trad. Française (21 vols.); Yves M.-J Congar - *Le Concile au jour le jour - Vatican II - 1962-1966; Les Actes du Concile Vatican II: texts integraux des Constitutions et décrets promulgués*, 1966 (3 vols.); Antoine Wenger - *Vatican II* (4 vols.); Obras de Jean Danielou, Karl Barth, Hans Kung, Henri de Lubac, Garrigou-Lagrange, Schillebeeckx, Paulo Arnaboldi, Riccardo Lombardi, M-D. Chenu; *La Sainte Bible*, trad. en français, École Biblique de Jérusalem, 1948-1954 (10 vols.); Michael Schmaus - *Teologia Dogmática*, trad. espanhola, 1960-1964 (6 vols.); *Compêndio de Teologia Dogmática fundamental segundo a mente de S. Tomas de Aquino - acomodada aos tempos actuais; Institutiones Systematico-historicae in Sacram Liturgiam, Phillipus Oppenheim* (8 vols.); Tanqueray - *Teologia Dogmática*, 1932 (7 vols.); Gabriel Roschini - *Mariologia* (4 vols.); Hans Küng - *L'Eglise* (3 vols.); Martin Luther - *Oeuvres*, 1957-1967 (10 vols.); Pio XII - *Discursos e Radiomensagens*; João XXIII - *Encíclicas Sociais*; Theillard de Chardin - *Obras completas*; Uladimir Litch Ulianov - *Oeuvres*, 1969-1977 (44 vols.). E ainda coleções de revistas especializadas, tais como *L'Actualité Religieuse dans le Monde* (coleção completa), *Informations Catholiques Internationales* (coleção até aos anos 70), *L'Anneau d'Or, Fêtes et Saisons*, *La Maison-Dieu*, e tantas outras.

2. A tipologia dos temas que a biblioteca exhibia, em particular a dos temas respeitantes a áreas de elevada especialização (teologia, estudos bíblicos, liturgia, pastoral e outros), traduzia de forma eloquente a diversidade de matérias e de informações que José da Felicidade Alves dominava, com rara intuição e rigor intelectual. A essa luz se deve entender o interessante leque de estudos e de investigações, documentado por apontamentos, projetos de investigação, monografias, manuscritos, textos em fase de redação avançada, etc., que emerge das várias dezenas de pastas de arquivo. Coube à Fundação Mário Soares acolher esse valioso espólio, acrescido de centenas de cartas e do manuscrito, em fase de prelo, do ROTEIRO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA PORTUGUESA NO SÉCULO XVI, desde o início da utilização da imprensa até à dominação filipina (2.270 fichas).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3. Na sequência das tarefas de triagem de todos os papéis e apontamentos guardados nas referidas pastas de arquivo (cerca 100, com as dimensões, em cm, 0,335x0,265x0,10) de-mo-nos conta que a Livros Horizonte, editora da quase totalidade dos seus livros e onde José da Felicidade Alves desempenhava funções de assessor literário, era depositária de vários estudos considerados em fase de prelo. Um deles era justamente o manuscrito PEREGRINAÇÃO PELAS IGREJAS DE LISBOA, desde os seus longínquos alvares até aos nossos dias.

Encetadas as diligências necessárias, o Dr. Rogério Moura (Director de Livros Horizonte) fez entrega à herdeira Maria Elisete, em janeiro de 2009, das pastas de arquivo que continham o dito manuscrito.

4. Foi, pois, com imensa curiosidade e algum espanto, que fomos compulsando, folha a folha, as múltiplas páginas dessa investigação, organizada em 7 tomos, pacientemente elaborada, ao longo de vários anos (1981-1991), cujas fichas ora surgiam escritas à mão, ora preenchidas por texto dactilografado do próprio autor ou por recortes e fotocópias de textos doutros autores, nem sempre fáceis de identificar. Uma ou outra vez, anotações de “última hora”, escritas nas margens da mancha gráfica ou pequenos aditamentos de texto sobrepostos à página original. Um genuíno manuscrito, produzido sem recurso a computadores!

5. O manuscrito incide sobre um larguíssimo período de tempo, nada menos que 1.600 anos, organizado em fichas (2.360). O estilo de investigação que o caracteriza obedeceu ao critério de proceder a um levantamento, quase exaustivo, “desde os seus longínquos alvares até aos nossos dias”, de todos os edificios religiosos existentes na cidade de Lisboa.

A informação coligida resultou da consulta de inúmeras obras eruditas dos séculos XVI e XVII e de autores mais recentes, em bibliotecas e gabinetes de estudos, situados na cidade de Lisboa. Para desenhar as suas hipóteses de investigação, o autor optou, em grande parte dos casos, por recolher a informação que autores credenciados apresentavam nas suas obras, valendo-se de fotocópias, que recortava em função da mancha gráfica alusiva aos temas em estudo. Se se pensar que nesse período, em que o manuscrito foi sendo redigido (1981-1991), muitas das obras consultadas ou figuravam em secções de acesso limitado (Reservados) ou então estavam microfilmadas, fica-se com a noção dos milhares de horas de trabalho que o autor, pacientemente, dedicou à sua investigação, ao longo de mais de 10 anos. Por vezes, a identificação de algumas fontes falhou, muito provavelmente porque reservou para a fase final a revisão de eventuais lacunas ou imprecisões de texto. Aliás, conhecendo a casa por dentro, José da Felicidade Alves sabia, melhor do que ninguém, que entre a data de entrada de uma obra “no prelo” e o seu efetivo agendamento para publicação podiam mediar vários anos. Não é de estranhar, por conseguinte, que tivesse criado o hábito de introduzir uma publicação na calha, a partir de um certo nível de desenvolvimento da investigação, contando rever, completar ou mesmo reescrever partes do manuscrito, antes de o entregar à tipografia. Tal não chegou a verificar-se, porém, dado que a revisão final só ocorreu 10 anos após a sua morte. Aliás, terá sido essa a razão para que os tomos VI e VII tenham ficado inacabados, no-

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

meadamente o último que apresentava simplesmente um esquema minucioso, sem qualquer desenvolvimento.

6. Cientes das nossas limitações, fizemos apelo ao Professor José Mattoso, cujo parecer, acrescido de valiosas sugestões e de persistentes diligências para convidar colaboradores credenciados, nos convenceu a abraçar o projeto de publicar a obra. Adicionalmente, a Professora Ana Isabel Buescu, com o seu parecer sobre o tomo IGREJAS DE LISBOA NO SÉCULO XVI, veio reforçar o nosso ânimo para avançar com o projeto. Coube aos investigadores José Luís de Matos, Paulo Almeida Fernandes, Pedro Flor, Miguel Soromenho e João Alves da Cunha empreender as tarefas mais ingratas de ler e reler os textos originais, conferir e elucidar questões ou dúvidas ocasionais e valorizar a obra com notas e comentários laboriosamente tecidos.

7. As tentativas para encontrar editor idóneo tornaram-se muito complexas, tendo em conta a dimensão do manuscrito (previsivelmente 2.000 páginas) e a modéstia do interesse comercial da obra. Afortunadamente, a homenagem a José da Felicidade Alves, que o Centro Nacional de Cultura (CNC) e o Centro de Reflexão Cristã promoveram em 16 de dezembro de 2008, suscitou a curiosidade do Presidente do CNC, Dr. Guilherme d'Oliveira Martins, que se mostrou interessado em espreitar a “arca” dos trabalhos e manuscritos guardados na editora Livros Horizonte.

Em novembro de 2009, apresentámos ao CNC o nosso projeto e manifestámos o desejo de congregiar sinergias para implementá-lo. Os primeiros passos foram algo titubeantes, até que surgiu a hipótese, em 2012, de a Imprensa Nacional Casa da Moeda (INCM) vir a assumir a publicação, desde que se respeitasse o desenho inicial que o autor concebeu para a sua investigação. Mediante parecer favorável do Professor José Mattoso, optou-se, assim, por concluir o tomo 7 com textos de autor. Foram tempos de esperança, que em 2014 se mostraram gorados, alegadamente por efeitos da crise financeira que o país vivia.

8. Surge então a hipótese, em 2014, de o Estudos de História Religiosa (CEHR) da Universidade Católica Portuguesa colaborar na execução do projeto, na sequência do patrocínio entretanto anunciado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Dessa maneira, foi possível assegurar junto dos especialistas convidados a viabilidade da iniciativa e incentivá-los a prosseguir no seu trabalho. Assim, nos termos do protocolo acordado entre o CNC, o CEHR e os coordenadores da edição, a obra PEREGRINAÇÃO PELAS IGREJAS DE LISBOA será editada em formato digital e alojada no Portal de História Religiosa, da responsabilidade do CEHR.

9. Uma última palavra de agradecimento a todos os que decididamente contribuíram para a implementação deste ambicioso projeto, nomeadamente Professores José Mattoso e

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Ana Isabel Buescu, CNC e sua inestimável equipa (Doutor Guilherme d'Oliveira Martins, Professora Maria Calado, Dra.s Teresa Tamen e Maria da Conceição Reis Gomes) e bem assim os investigadores já referidos Doutores José Luís de Matos, Paulo Almeida Fernandes, Pedro Flor, Miguel Soromenho, José Daniel Soares Ferreira e João Alves da Cunha. Sem o seu empenho e generosidade, não teria sido possível realizar este projeto.

1 de dezembro de 2017

João Salvado Ribeiro

Abílio Tavares Cardoso

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

PARECERES

PARECER DO PROFESSOR DOUTOR JOSÉ MATTOSO

Tendo examinado o original da obra *As igrejas de Lisboa*, da autoria do Revº Pe. Felicidade Alves, por ele deixada pronta para publicação mas ainda inédita, sou de parecer que merece ser publicada, e que a sua publicação constitui uma digna homenagem ao seu saber, à sua personalidade e à sua obra intelectual. Creio, todavia, que é de recomendar um trabalho prévio de revisão por parte de dois ou três especialistas de História da Arte que assinalem alguns passos em que o autor transmite informações com base em obras eruditas do séculos XVI e XVII que devem ser sujeitas a crítica. Na minha opinião deve-se respeitar o texto deixado pelo Pe. Felicidade Alves; bastaria acrescentar curtas notas de pé de página devidamente assinadas pelos seus autores, para não induzir os leitores em erro. Os passos que seria preciso assinalar não me parecem muito numerosos.

Carvoeiro do Vouga, 13 de Novembro de 2009

José Mattoso

PARECER DA PROFESSORA DOUTORA ANA ISABEL BUESCU

Igrejas de Lisboa no século XVI por José da Felicidade Alves

Apreciação global:

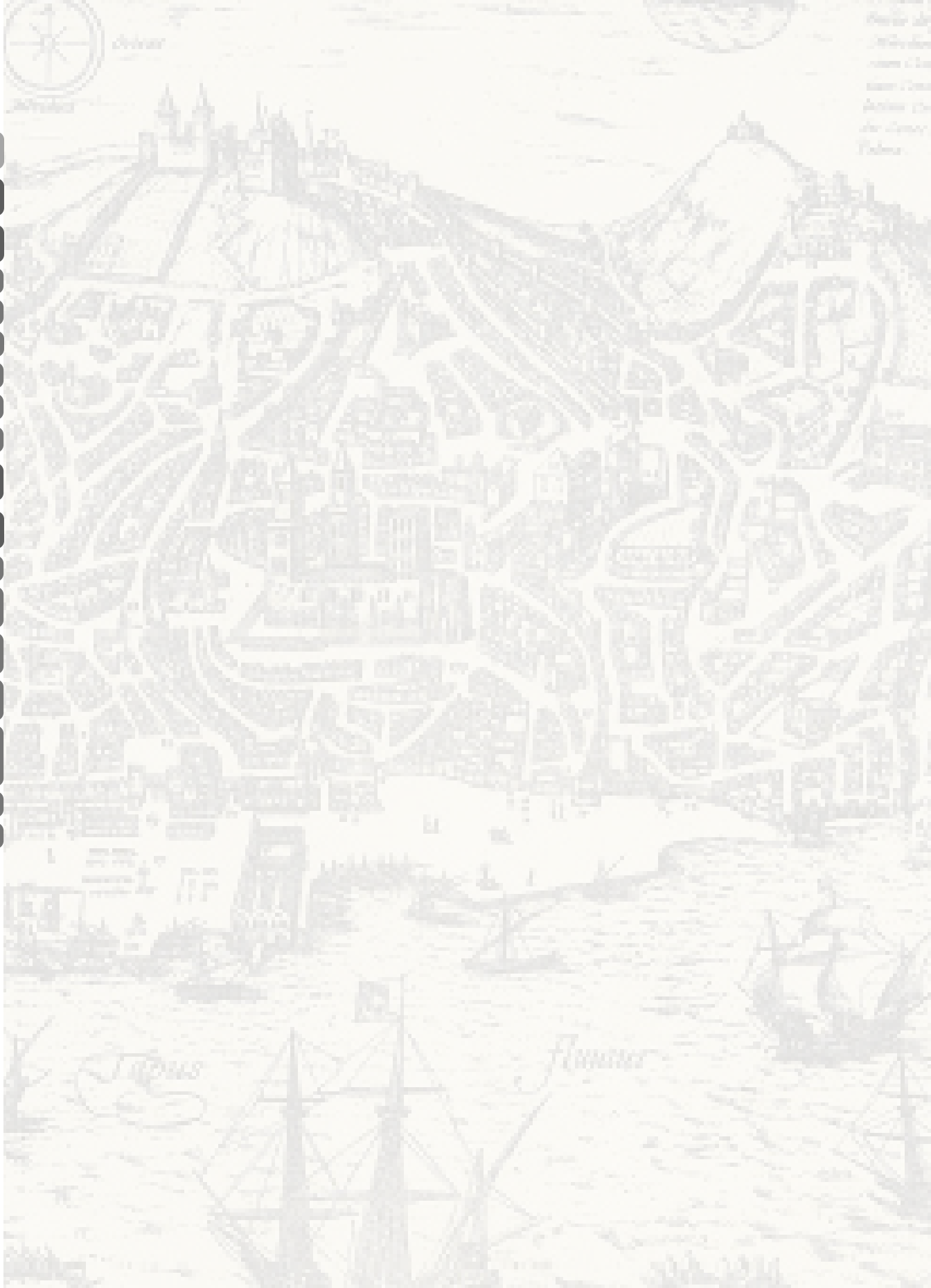
Tem inegável interesse, pelos materiais carreados e sistematizados, sobretudo se tivermos em conta a “atomização” da informação neste campo. Contudo, em nossa opinião, o manuscrito requer um trabalho de edição minucioso, que uniformize critérios, sobretudo de citação e indicação de fontes utilizadas, e preencha algumas – poucas – lacunas de informação existentes, que manifestamente o A. teria intenção de completar*.

Julho 2009

Ana Isabel Buescu

Universidade Nova de Lisboa - Departamento de História

* Esta apreciação global é seguida de um vasto conjunto de notas em que são elencados, página a página, casos de omissão de fontes, referências bibliográficas, notas do autor incompletas, citações extensas não identificadas, bem como a necessidade de inserir/uniformizar as legendas de figuras. Sendo estas recomendações também válidas para os restantes tomos, tanto os coordenadores como os analistas procuraram tê-las em consideração.



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

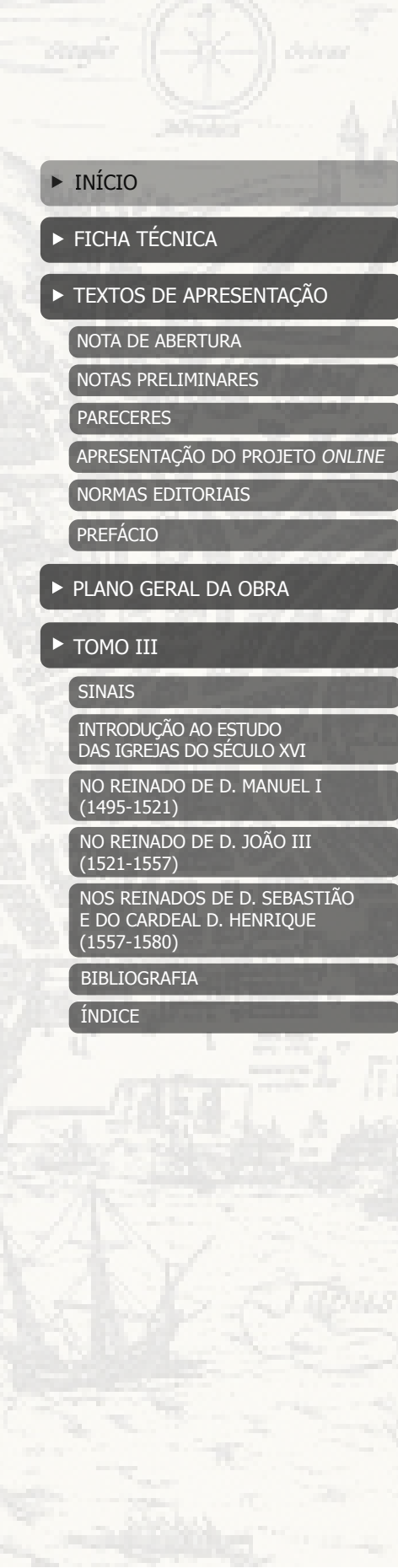
NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

- 
- ▶ INÍCIO
 - ▶ FICHA TÉCNICA
 - ▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO
 - NOTA DE ABERTURA
 - NOTAS PRELIMINARES
 - PARECERES
 - APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*
 - NORMAS EDITORIAIS
 - PREFÁCIO
 - ▶ PLANO GERAL DA OBRA
 - ▶ TOMO III
 - SINAIS
 - INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI
 - NO REINADO DE D. MANUEL I (1495-1521)
 - NO REINADO DE D. JOÃO III (1521-1557)
 - NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO E DO CARDEAL D. HENRIQUE (1557-1580)
 - BIBLIOGRAFIA
 - ÍNDICE

APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE EDIÇÃO “ONLINE”

No ano de 2015/2016, o Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP) foi contactado pelo Centro Nacional de Cultura (CNC), no sentido de se estudar a possibilidade de colaboração na publicação da obra inédita do Padre José da Felicidade Alves, intitulada “Peregrinação pelas Igrejas de Lisboa: desde os seus longínquos alvares até aos nossos dias”. Iniciou-se um diálogo que conheceu várias etapas e diversos intervenientes, nomeadamente entre os responsáveis do CNC, do CEHR-UCP e os coordenadores do projeto editorial, João Salvado Ribeiro e Abílio Tavares Cardoso. Os coordenadores traziam consigo o manuscrito, uma estrutura editorial em vários tomos, o trabalho de uma equipa de investigadores dedicada à análise crítica do original, através de um sistema de notação do texto do autor e uma firme determinação em fazer publicar a obra na íntegra e de harmonia com o parecer do Professor José Mattoso.

Assegurado o interesse científico e cultural do projeto, por razões que os pareceres já existentes e os textos de análise crítica referenciados no prefácio desta obra explicitam, coube ao CEHR o estudo de uma proposta de publicação, de acordo com os meios disponíveis. Foi então acordada uma publicação em formato digital, que viabilizasse a sua edição e imediata acessibilidade *online* e salvaguardasse, simultaneamente, a possibilidade de uma impressão da obra em papel, ainda que em número reduzido de exemplares e conforme às necessidades advenientes, mas com o mesmo design e paginação. Nas propostas de solução editorial que fomos fazendo, três aspetos fundamentais foram tidos em conta: a extensa dimensão do manuscrito original existente, cuja publicação integral se pretendia assegurar; a natureza diversificada dos textos redigidos, obedecendo a uma recolha e sistematização de informação bibliográfica, frequentemente sob a forma de fichas de citação de textos, cuja autoria haveria que procurar graficamente identificar; e a necessidade de facilitar e tornar o mais acessível possível a consulta da obra, na perspetiva do serviço cultural que se pretendia prestar com esta publicação.

Salvaguardando todo o trabalho já realizado e seguindo os critérios editoriais definidos previamente pelos coordenadores da obra do Padre Felicidade Alves, foi necessário assegurar, no entanto, que a publicação do manuscrito (inacabado) se faria de acordo com as regras científicas em vigor e que o texto publicado seria não só legível, mas ganharia em utilidade se, a par da leitura continuada, a sua consulta se pudesse fazer tirando partido da edição eletrónica. Assim, a par da possibilidade de navegação oferecida pela própria estrutura da obra, conforme ao índice da mesma, a disponibilização do *pdf* do texto permite também navegar em função de necessidades de consulta e de pesquisa de quaisquer temas, mediante a simples introdução de palavras ou expressões chave, a pesquisar em cada um dos sete tomos disponibilizados.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Tendo-se decidido, desde o início, que o conjunto da obra deveria ficar alojado e acessível no Portal de História Religiosa, considerou-se útil que a publicação da mesma fosse enquadrada como um projeto editorial específico, referenciando nomeadamente elementos biográficos e bibliográficos relativos ao Padre Felicidade Alves, seu autor e uma das figuras marcantes do catolicismo português do século XX. É, pois, com redobrado regozijo que assinalamos agora o lançamento do projeto com a criação do *website* e a edição *online* do primeiro tomo da obra ao abrigo de um Protocolo de colaboração estabelecido entre o Centro Nacional de Cultura, o Centro de Estudos de História Religiosa e os coordenadores da obra, em ordem à execução do projeto de edição do manuscrito, protocolo assinado a 15 de novembro de 2017.

Por último, um agradecimento é devido a todos os que ajudaram a definir este projeto e, de modo particular, à pequena equipa de trabalho que se constituiu para o estruturar, sustentando o necessário diálogo entre todas as partes envolvidas, nomeadamente à Dr.^a Teresa Tamen e à Dr.^a Maria da Conceição Reis Gomes, que da parte do CNC mantiveram os contactos pessoais e institucionais quotidianos, em ordem ao desenho e concretização desta parceria, e da parte do CEHR, ao Dr. José António Rocha, que comigo assegurou o respetivo diálogo institucional e a conceção da solução agora apresentada; ao Dr. Bruno Leal, que concebeu o design gráfico do sítio e do livro, assim como a respetiva execução; aos Doutores Mário Farelo e Paulo Esmeraldo Lopes, que se ocuparam do trabalho de revisão editorial do texto, nos termos acertados entre todos os intervenientes e cujos critérios explicitam em texto próprio. Aos coordenadores da obra, Doutores João Salvado Ribeiro e Abílio Tavares Cardoso, agradecemos a confiança e a disponibilidade manifestadas para conosco colaborarem na procura de uma solução que viabilizasse a finalização do seu projeto editorial. Ao anterior e à atual presidente do CNC, Professores Guilherme d'Oliveira Martins e Maria Calado, agradecemos a confiança institucional depositada no CEHR desde os contactos iniciais até ao momento de finalização deste projeto. Esperamos que, na simplicidade da resposta tecnológica encontrada, mas com o rigor científico que sempre temos procurado imprimir no trabalho deste Portal, possa o novo sítio agora criado contribuir para um melhor conhecimento da pessoa e do trabalho do Padre José da Felicidade Alves, nomeadamente enquanto investigador da história religiosa da cidade de Lisboa.

Lisboa, julho de 2018

Paulo F. de Oliveira Fontes
(Diretor do CEHR-UCP)

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

NORMAS EDITORIAIS

1. Respeitou-se o texto original, preparado pelos coordenadores, diferenciando de forma inequívoca as autorias (o que é da autoria do Padre José da Felicidade Alves e o que é criação dos analistas).
2. Estabeleceu-se a uniformização do texto, no âmbito do processo de composição e definição do mesmo.
3. Definiu-se um modelo de apresentação do texto do Padre José da Felicidade Alves comum a todos os volumes que compõe a obra.
4. Completou-se e uniformizou-se o aparato crítico, nomeadamente ao nível das referências bibliográficas.
5. As notas do próprio Padre José da Felicidade Alves foram uniformizadas, sendo apresentadas em numeração árabe (1, 2, 3 ...) e sobre fundo branco.
6. As notas da autoria dos analistas foram igualmente uniformizadas, sendo apresentadas em numeração romana (I, II, III, IV, V, ...) e cor azul, por forma a não deixar dúvidas ao leitor acerca da sua proveniência. O objetivo é evitar o risco de confusão entre as notas do autor e as dos analistas.
7. A bibliografia evocada pelo Padre José da Felicidade Alves surge ao longo do próprio texto, nos locais exatos onde o mesmo efetua as referências, e compilada no final de cada tomo por ordem temática (e, no interior desta, por ordem alfabética). Vejam-se os seguintes exemplos:

Fontes Impressas

AZEVEDO, Rui de (ed.) (1944) – *Documentos Medievais Portugueses. Documentos Régios*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.

Estudos

ALMEIDA, Fernando (1958) – “Pedras Visigodas de Lisboa”, *Revista de Guimarães*, vol. LXVIII, nº 12, pp. 117-137.

8. No interior de cada subcapítulo, no caso do primeiro volume, apresenta-se entre parêntesis retos a numeração reconstituída de forma a completar a utilizada pelo próprio autor: [1], [2], [2.1], [3] ...

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)


BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

9. As citações extensas (três linhas ou mais) efetuadas pelo autor surgem sobre um leve fundo cinzento. O objetivo é que o texto do próprio José da Felicidade Alves fique bem diferenciado relativamente ao citado de outros autores. Evitam-se desta forma eventuais confusões sobre a proveniência de cada bloco de texto, ficando ao mesmo tempo salvaguardada a originalidade do texto autoral.

Mário Farelo

Paulo Catarino Lopes



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

PREFÁCIO

Provavelmente nenhum católico português com alguma cultura, e que tenha vivido pelos anos 60 ou 70 do século passado, ignora quem era o “Pe. Felicidade”. Falecido em 1998, a sua memória foi evocada, dez anos mais tarde, numa sessão solene do Centro Nacional de Cultura. Quem com ele contactou pessoalmente não pode esquecê-lo. O grande público conhece sobretudo a sua ação veemente e corajosa na condenação da Guerra Colonial e na denúncia da submissão da hierarquia católica ao regime do Estado Novo, através, nomeadamente, da publicação clandestina dos Cadernos GEDOC. Excomungado pelo Patriarca de Lisboa D. Manuel Gonçalves Cerejeira em 1970, manteve sempre as suas posições políticas e convicções religiosas. Entre 1968 e 1975 tornou-se a referência unânime e obrigatória dos assim chamados “católicos progressistas”, quaisquer que fossem as suas opiniões ideológicas e atitudes pragmáticas. Depois do 25 de Abril, aderiu ao Partido Comunista Português, mas retirou-se progressivamente da política ativa, e dedicou-se ao estudo da História da Arte, concentrando a sua atenção sobretudo nas igrejas e monumentos religiosos de Lisboa e na obra artística de Francisco da Holanda. Publicou alguns dos resultados destes estudos, concretamente acerca dos mosteiros de S. Vicente de Fora e dos Jerónimos (três volumes). Entretanto foi tomando notas acerca das outras igrejas de Lisboa. Em 1991 completou uma obra a que chamou *Peregrinação pelas igrejas de Lisboa*, onde reuniu uma grande quantidade de informações sobre os monumentos religiosos da cidade, mas não chegou a comprometer-se com nenhum editor. Não pretendia fazer investigação original nem publicar documentos inéditos, mas reunir sistematicamente os dados necessário para conhecer o essencial da história das suas igrejas.

Aos olhos dos seus herdeiros e amigos, a obra parecia estar pronta para ser publicada. Pensaram fazê-lo como homenagem à sua inesquecível personalidade. Todavia, tiveram o cuidado de procurar um parecer que garantisse o valor da informação fornecida, nomeadamente acerca das igrejas fundadas na época medieval. Tendo eu aceitado a tarefa, como admirador que sempre fui do Pe. Felicidade, e partindo do princípio de que se tratava de uma obra de divulgação, verifiquei que a grande maioria dos dados nela registados procediam da historiografia erudita dos séculos XVII e XVIII, a qual consagrava sobretudo notícias lendárias e fantasistas de origem local ou regional, empoladas pela mentalidade barroca da época. Com efeito, as memórias locais serviam de base, muitas vezes imaginária, a manifestações de rivalidade entre ordens religiosas, sempre prontas a exagerar os elementos maravilhosos e edificantes para proclamarem um passado glorioso. As informações documentais eram lidas à luz dos princípios do Direito Canónico pós-tridentino, criado na época moderna para dirimir conflitos de jurisdição eclesiástica segundo princípios anteriormente inexistentes. Pareceu-me impossível publicar uma obra que, na prática, teria o efeito perverso de consagrar

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

informações erradas e interpretações abusivas. Ao mesmo tempo, pareceu-me, em contraste com as informações relativas à época medieval, as da época moderna eram corretas e objetivas. Propus, então, que os dados referentes à época moderna, sobretudo ao século XVI, fossem examinados por um especialista, para certificar a validade global das informações neles registadas. O parecer que para esse fim foi benevolmente dado pela então minha colega da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Professora Catedrática Ana Isabel Buescu foi favorável à publicação desta parte da obra. O carácter sistemático das monografias redigidas pelo Pe. Felicidade Alves era também uma qualidade a recomendar a sua edição. Mas tinha de se decidir o que fazer com o volume sobre as igrejas da época medieval. Propus a sua publicação anotada por um especialista de História da Arte Medieval. A solução foi aceite e a tarefa confiada a Paulo Almeida Fernandes. José Luís de Matos, que tinha sido amigo pessoal do Pe. Felicidade, arqueólogo e especialista da História da Península Ibérica no período da Antiguidade Tardia, encarregou-se de rever e anotar as informações relativas às igrejas anteriores ao princípio da Idade Média.

O trabalho foi mais demorado do que se esperava, mas acabou por ser feito. Com as notas de pé de página consideradas necessárias, com o patrocínio institucional do Centro Nacional de Cultura, o apoio do Presidente, Guilherme de Oliveira Martins, e o suporte mecânico da Fundação Calouste Gulbenkian, encontravam-se finalmente reunidas as condições necessárias para que a obra do Pe. Felicidade Alves fosse publicada, e assim se cumprissem os objetivos que ele lhe destinava.

Duas palavras mais para sublinhar alguns aspetos que tornam esta publicação um acontecimento *sui generis*. Quinze anos depois da sua redação e vinte e três depois da morte do seu autor, pode-se perguntar o que justifica de facto a sua publicação póstuma. Uma obra de piedade e devoção dedicada um amigo desaparecido? A memória de alguém que lutou de forma exemplar, sem desfalecimento e com sacrifício da própria vida por uma causa justa? O serviço cultural prestado ao público interessado e de conteúdo ainda válido? Os depoimentos de Joana Lopes (in *Entre as brumas da memória - Os católicos portugueses e a ditadura*, p. 125-128) e o de Diana Andringa, prestado no Centro Nacional de Cultura em 2008, situavam-se na primeira ou segunda de tais perspetivas. Ignoravam a terceira. Quem não conheceu pessoalmente o Pe. Felicidade poderia pensar que o autor erudito e cuidadoso, especialista de História de Arte religiosa não era o mesmo que o combatente da luta pela independência política dos católicos na época marcelista. A verdade é que o Pe. Felicidade cumpriu ambas as tarefas de maneira exemplar. A sua personalidade pluriforme não se esgotava em nenhuma delas. Com efeito, o seu rigor intelectual obrigava-o a tomar a sério tudo aquilo que fazia. Se a História da arte e a História religiosa eram para ele, de certa maneira, um *hobby*, nada poderia ser mais alheio à sua personalidade do que a irresponsabilidade de um diletante. Por isso os seus amigos e aqueles que o consideram um modelo de fidelidade às suas convicções se

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

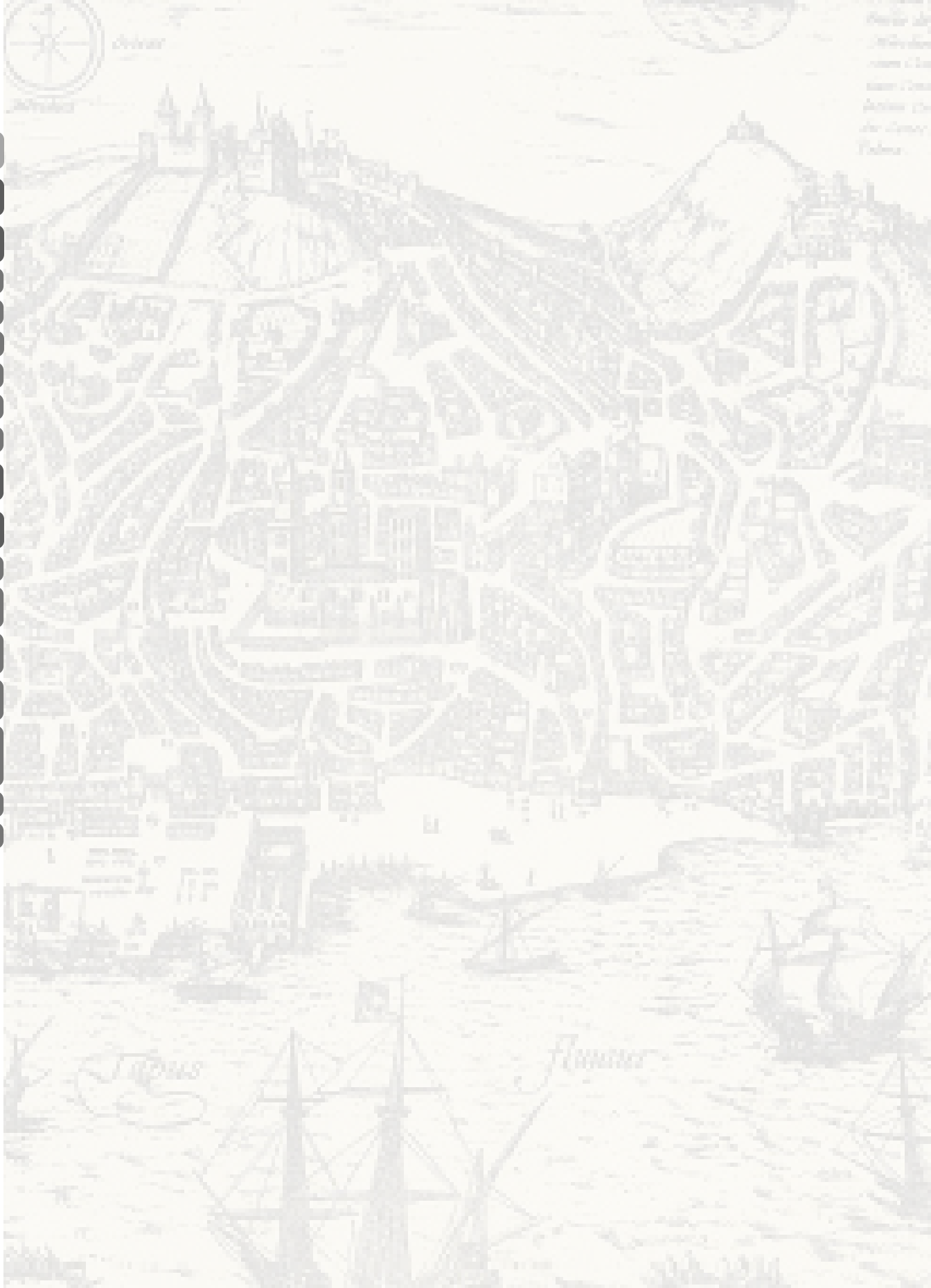
ÍNDICE

preocuparam tanto com o conteúdo da sua obra. Não quiseram publicá-la sem verificar antes o seu valor efetivo. Estou certo que o Pe. Felicidade não deixaria de aprovar estes cuidados.

A obra que da conjugação destes fatores resulta, e aqui se apresenta, constitui de facto, creio eu, não só uma fonte de informação sistemática e bem selecionada dos dados mais importantes para a história da arte sacra e da história religiosa da cidade de Lisboa, mas também uma novidade importante do ponto de vista da historiografia medieval. Com efeito, o conjunto das notas de atualização de conhecimentos reunidas por Paulo Almeida Fernandes transmite uma visão completamente diferente da que anteriormente se conhecia a tal respeito, com base na cronística seiscentista e setecentista. Apenas ligeiramente tocada pelo pensamento iluminista do século XVIII, e sofrendo nos séculos XIX e XX de violentos ataques anticlericais, a historiografia eclesiástica portuguesa só soube responder-lhe de forma apologética e ineficaz. A sua efetiva incapacidade permaneceu até aos nossos dias. As informações transmitidas pelas enciclopédias e corografias portuguesas, baseadas nas crónicas das ordens religiosas e diocesanas, estavam cheias de erros e confusões. Ora a investigação medieval tem feito progressos enormes durante os últimos vinte ou trinta anos, tanto no domínio da história social e económica, como no da cultura e mentalidades. Mesmo no domínio da história das instituições, terreno privilegiado da historiografia universitária portuguesa desde o tempo de Herculano, se verifica que a projeção dos conceitos jurídicos tridentinos sobre o passado medieval, multiplicou os equívocos e contradições. Hoje, porém, graças a uma minuciosa investigação monográfica sobre muitas entidades religiosas medievais, e a uma efetiva coordenação do passado religioso com o seu enquadramento social, económico e político, torna-se possível apresentar uma visão mais coerente e mais exata da realidade histórica. A contribuição do jovem investigador que aceitou rever o texto do volume da *Peregrinação pelas igrejas de Lisboa* relativo á época medieval, confere às suas notas, não só um valor acrescentado à memória do Pe. Felicidade Alves, mas também um contributo notável para a história religiosa da cidade de Lisboa por si mesma. Só quem tem explorado o terreno da medievalidade se apercebe da importância deste facto. Com efeito, o carácter predominantemente rural da civilização medieval, aliado ao relevo que a historiografia tradicional atribui aos centros da vida monástica (considerada também como fenómeno rural) manteve a religiosidade urbana como uma área praticamente desconhecida. Em Portugal, sobretudo. O conjunto das notas redigidas por Paulo de Almeida Fernandes, que procede a uma cobertura completa e sistemática dessa mesma área, confere-lhe uma importância própria. Aliado às informações sobre a evolução de cada um dos seus elementos, desde a sua criação até à época contemporânea, torna-se um estudo de valor inestimável. Creio que o Pe. Felicidade ficaria contente com tudo o que aconteceu à sua obra.

S. Pedro do Estoril, 14 de janeiro de 2014.

José Mattoso



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI


NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

PLANO GERAL DA OBRA

TOMO I

Templos anteriores à conquista de Lisboa aos Mouros (1147)

Análise crítica - José Luís de Matos

TOMO II

As Igrejas medievais (1147-1495)

Análise crítica - Paulo Almeida Fernandes

TOMO III

As Igrejas do século XVI (1495-1580)

Análise crítica - Pedro Flor

TOMO IV

As Igrejas de Lisboa desde 1580 a 1755

Análise crítica - Miguel Soromenho

TOMO V

As Igrejas de Lisboa ao Tempo do Terramoto

Análise crítica - José Daniel Soares Ferreira e Paulo Almeida Fernandes

TOMO VI

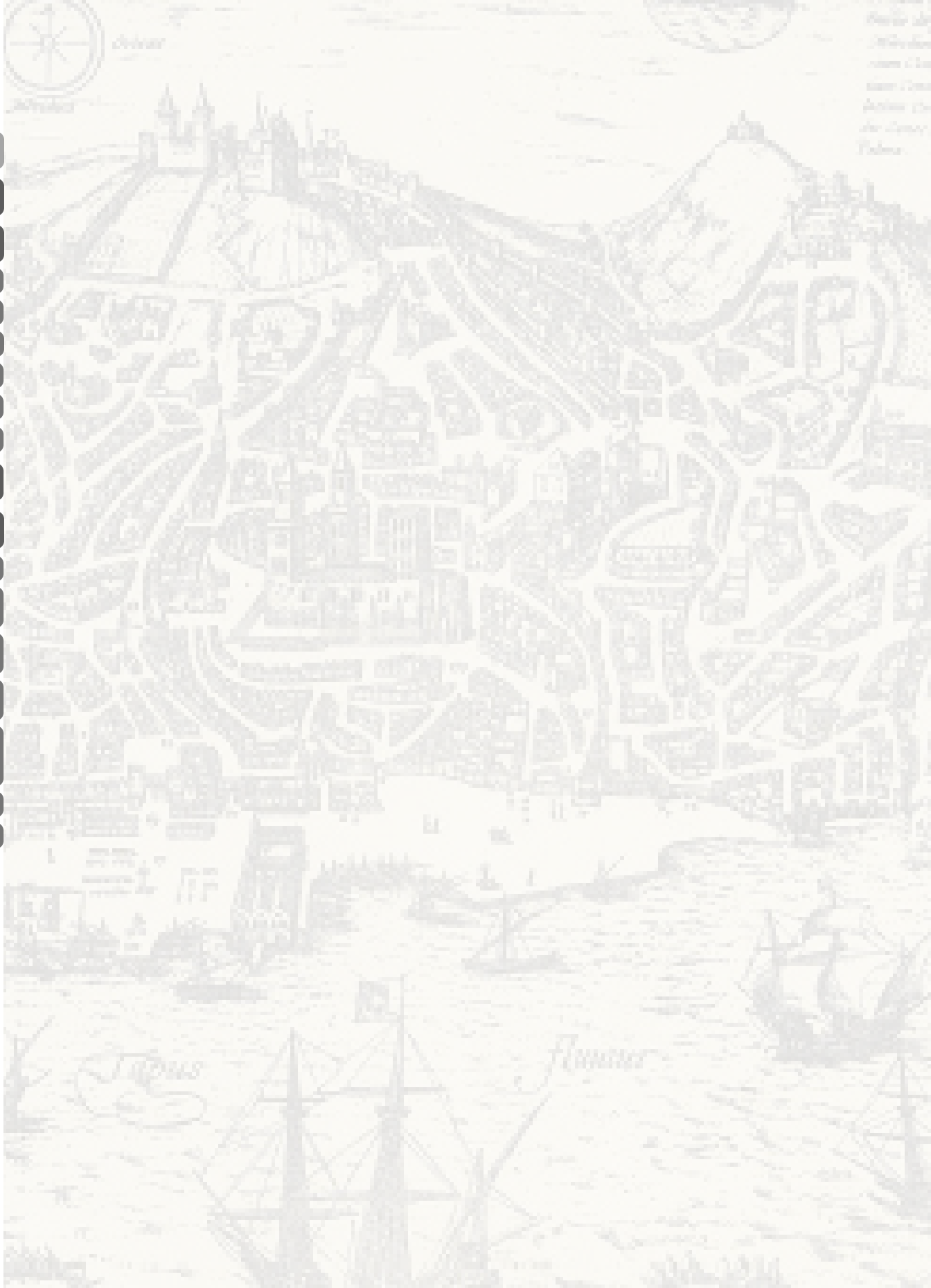
As Igrejas de Lisboa desde 1755 a 1834

Compilação - Abílio Tavares Cardoso e João Salvado Ribeiro

TOMO VII

Panorama das Igrejas existentes no séc. XIX e séc. XX (1834-1995)

João Alves da Cunha



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

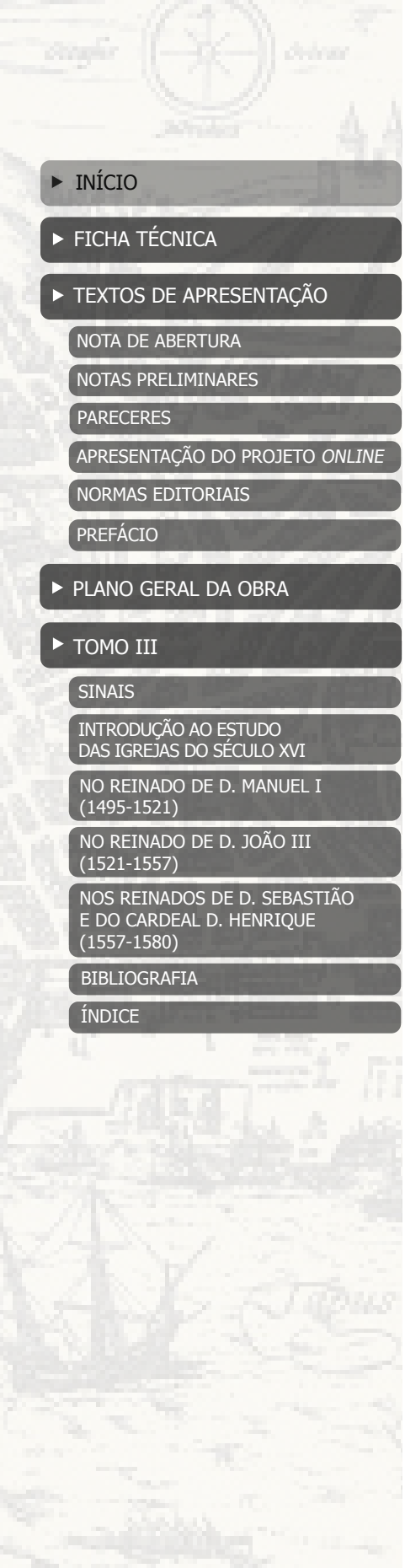
NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

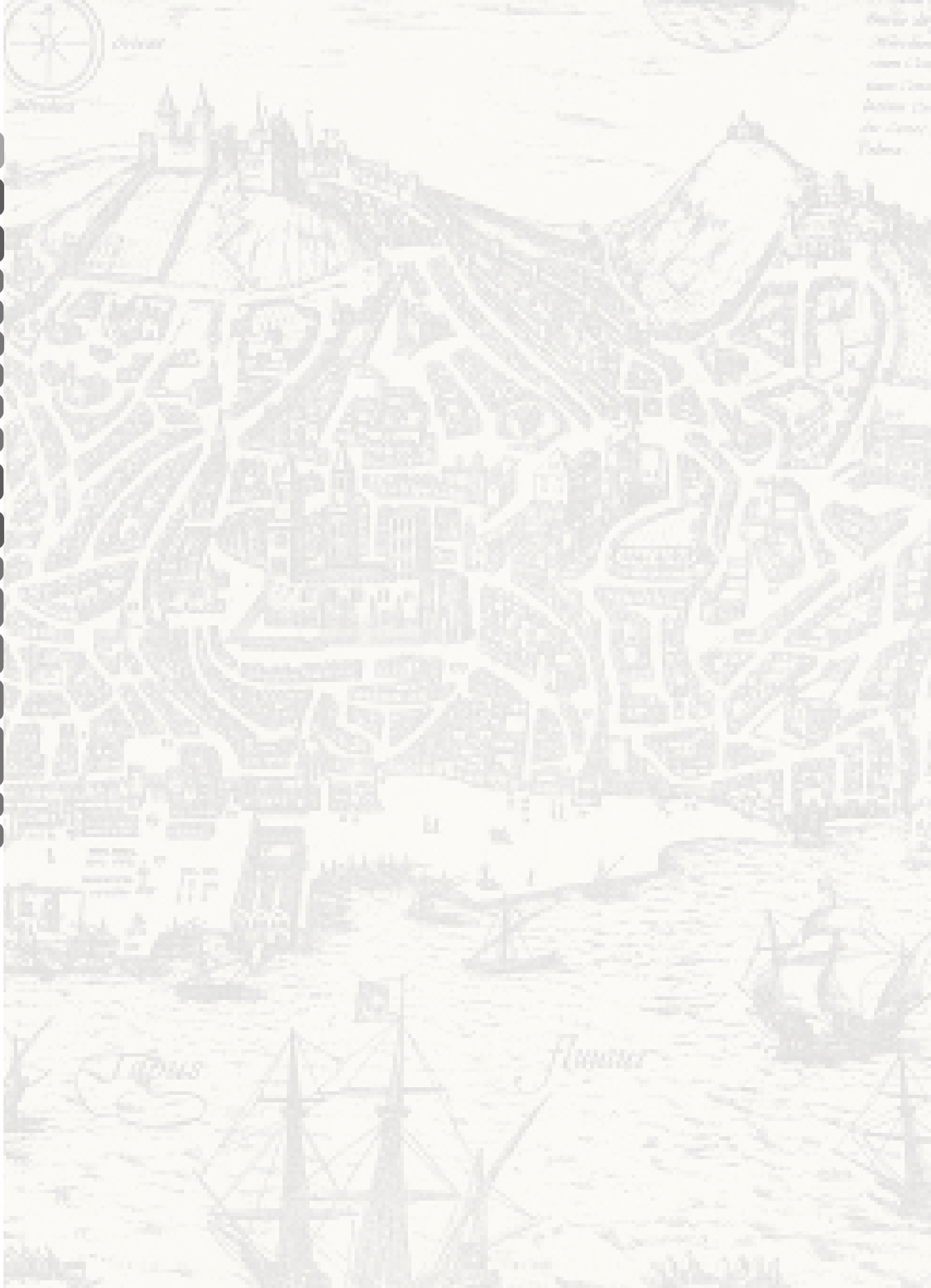
NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

TOMO III AS IGREJAS DO SÉCULO XVI (1495-1580)

Análise crítica **Pedro Flor**



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

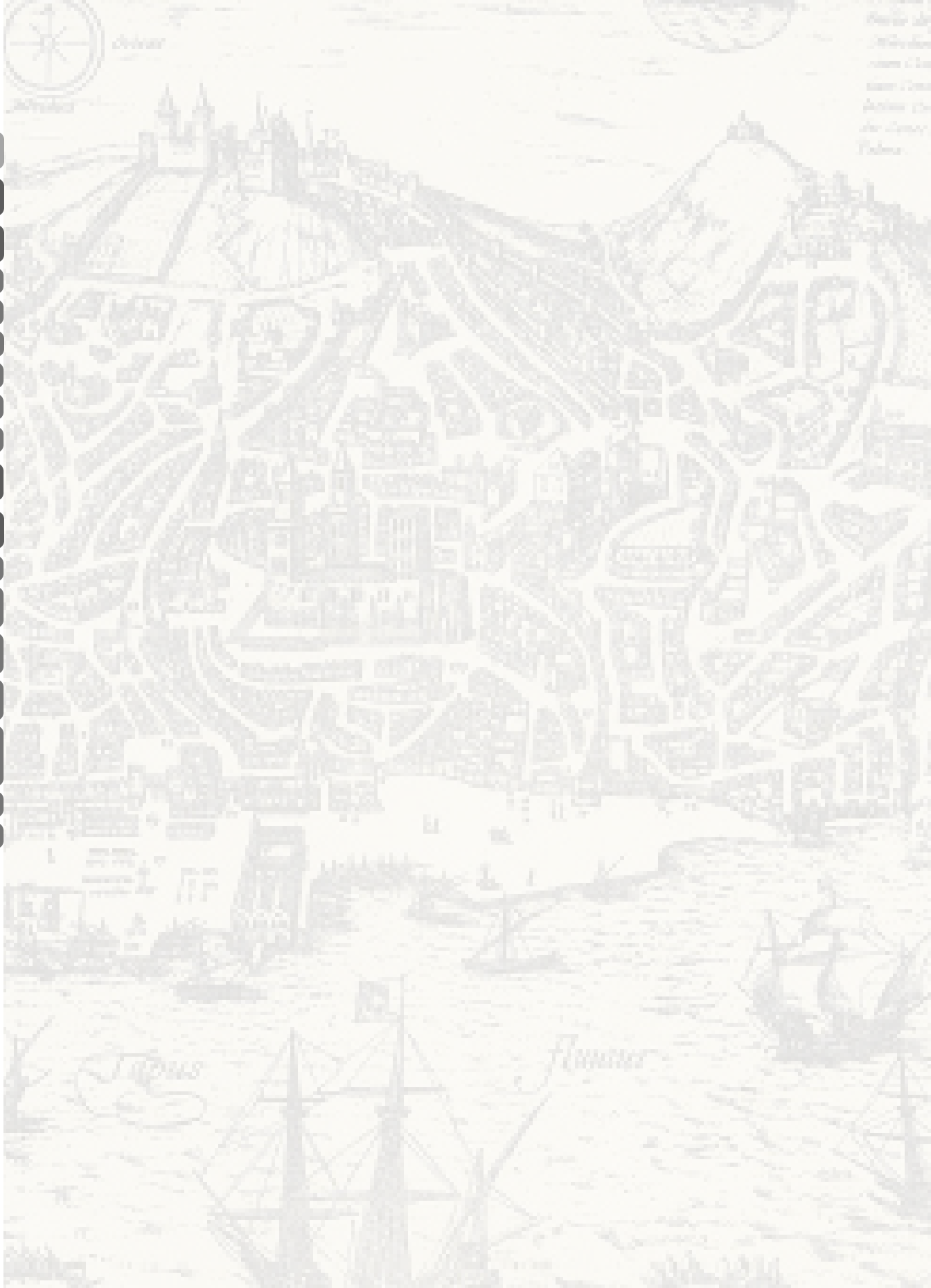
NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

SINAIS

- † Sé episcopal
- ⊖ Igreja paroquial
- ⊖ Igreja de instituição pública não paroquial e não conventual
- ⊙ Ermida sem cura d'almas
- ♂ Igreja conventual de frades (ou análogos)
- ♀ Igreja conventual de freiras (ou análogos)
- ‡ Sofreu obras de restauro ou reparações importantes
- # Foi reedificado, ou sofreu transformações tais que equivalem a um novo edifício
- ↔ Foi substituída por outra do mesmo título, quer no mesmo local, quer noutra
- † Desapareceu totalmente, por destruição ou demolição ou afectação a fins profanos
- ∴ Subsistem ruínas ou restos notáveis
- ◇ Ainda subsiste hoje, substancialmente tal como era
- Subsistiu até...



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

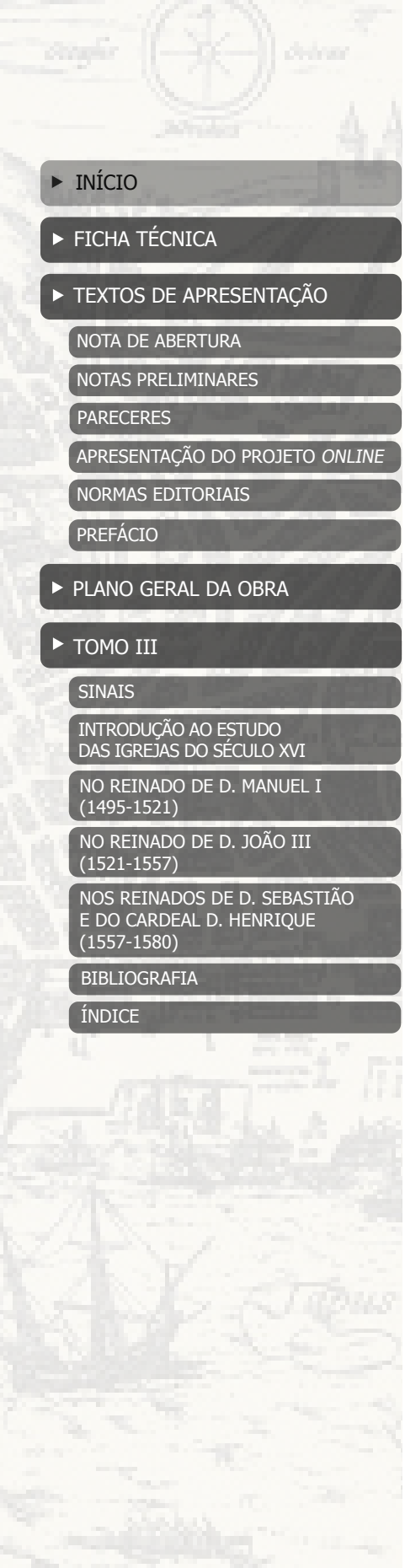
NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

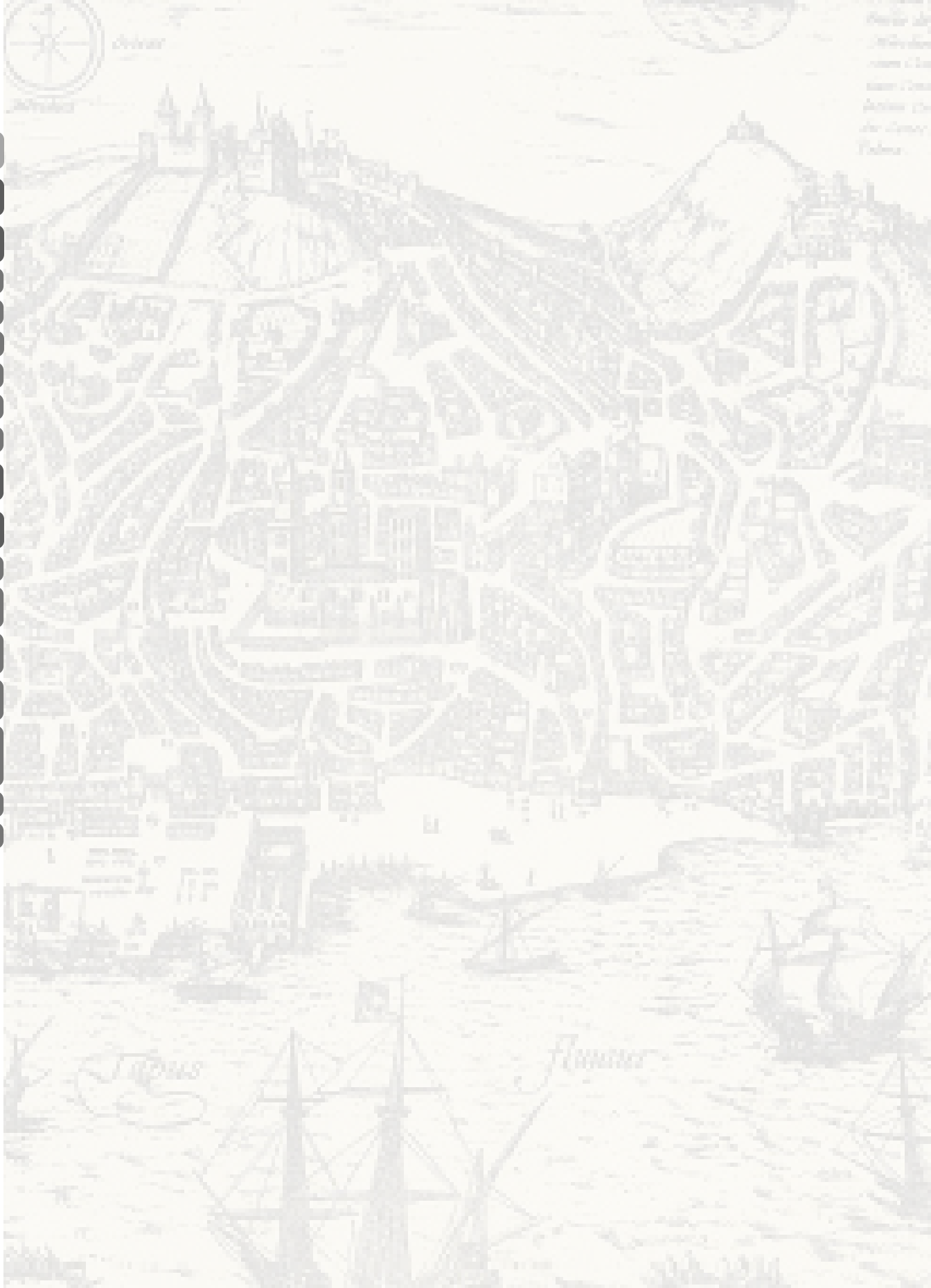
NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

I

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS IGREJAS DE LISBOA NO SÉCULO XVI



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

I - INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS IGREJAS DE LISBOA NO SÉCULO XVI

1. IGREJAS MEDIEVAIS DE LISBOA QUE CHEGARAM AO INÍCIO DO SÉCULO XVI¹

Um lote de umas 74 igrejas e ermidas chegaram ao início do século XVI. Damos aqui a relação delas:

† Sé arquiiepiscopal de Lisboa

⊕ Igrejas paroquiais [27]

Mosteiro de São Vicente de Fora
Nossa Senhora do Amparo, de Benfica
Nossa Senhora dos Mártires
Santa Cruz do Castelo
Santa Justa
Santa Maria dos Olivais
Santa Maria Madalena
Santa Marinha do Outeiro
Santo André
Santo Estêvão
São Bartolomeu da Charneca
São Bartolomeu, ao Castelo
São Cristóvão
São João Baptista do Lumiar (ou Santa Brígida)
São João da Praça
São Jorge
São Julião
São Lourenço
São Lourenço de Carnide
São Mamede, ao Castelo
São Martinho
São Miguel

¹ Esta lista e as próximas foram ordenadas alfabeticamente.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

São Nicolau
 São Pedro de Alfama
 São Salvador
 São Tiago
 São Tomé do Penedo

⊖ Igrejas de Instituições Públicas [12]

Capela de Albergaria
 Capela de Santo António à Sé
 Capela Real de São Miguel, na Alcaçova
 Espírito Santo da Pedreira
 Santa Maria de Belém, no Restelo
 Santos Mártires Veríssimo, Máxima e Júlia
 São Brás, ou Santa Luzia
 São Félix e Santo Adrião, de Chelas^{II}
 São João do Hospital
 São Lázaro
 São Mateus
 São Sebastião da Padaria

⊙ Ermidas [19]

N. Sr.^a da Graça, ou São Pedro Gonçalves, ou Corpo Santo
 N. Sr.^a da Porta de Ferro, ou Nossa Senhora da Consolação
 Nossa Senhora da Ajuda
 Nossa Senhora da Escada
 Nossa Senhora da Luz, em Carnide
 Nossa Senhora da Oliveira
 Nossa Senhora da Palma

^{II} Felicidade Alves considerou a igreja de São Félix e Santo Adrião como pertencendo a uma instituição pública, tornando-a equivalente aos templos do Paço da Ribeira ou do Hospital de Todos-os-Santos. Todavia, a igreja referida começou por ser uma ermida alto-medieval cujo culto se centrava no mártir São Félix e, mais tarde, cumulativamente no mártir Santo Adrião e Santa Natália. Este templo viria a tornar-se um mosteiro dominicano e depois num de Cónegas regrentes de Santo Agostinho. Durante o reinado de D. Manuel I, o monarca confirmou os privilégios e mercês ao mosteiro, promovendo uma campanha de renovação e ampliação do complexo conventual, de que remanesce o portal e a galilé. Em 1551, o *Summario* de Cristóvão Rodrigues de Oliveira descreve-nos um edifício com capacidade para albergar 60 freiras e noviças, registando a actividade de duas confrarias (Oliveira, 1987: 77).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Nossa Senhora do Funchal, na Ameixoeira

Nossa Senhora do Paraíso, à Porta da Cruz

Nossa Senhora dos Remédios e do Santo Espírito, em Alfama

Os Anjos

Santa Apolónia

Santa Bárbara = São Jordão

Santo Espírito da Charneca

Santo Espírito de Benfica

Santo Espírito de Carnide

Santo Espírito, a Cata-que-farás

São Gens, no Monte

São Sebastião da Pedreira

♂ **Igrejas Conventuais de Frades [10]**

Mosteiro da SS.ma Trindade

Mosteiro de Nossa Senhora do Carmo

Mosteiro de Santa Maria de Jesus, de Enxobregas

Mosteiro de Santo Agostinho, ou da Graça

Mosteiro de Santo Elói

Mosteiro de São Bento, de Enxobregas

Mosteiro de São Domingos, ao Rossio

Mosteiro de São Domingos, de Benfica

Mosteiro de São Francisco da Cidade

Mosteiro de São Vicente de Fora

♀ **Igrejas Conventuais de Freiras [5]**

Mosteiro das Comendadeiras de Santiago, de Santos-o-Novo

Mosteiro das Cónegas Regrantes, de Chelas

Mosteiro de Odivelas

Mosteiro de Santa Clara

Mosteiro de São Salvador

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Resumo:

†	Sé Arquiepiscopal	1
⚔	Igrejas Paroquiais	27
⊖	Igrejas de Instituições Públicas	12
⊙	Ermidas	19
♂	Conventos de Frades	10
♀	Conventos de Freiras	5
	Total	74

Notas:

(a) Duas destas igrejas eram cumulativamente igrejas paroquiais e igrejas conventuais:

- a igreja do Mosteiro de São Salvador
- a igreja do Mosteiro de São Vicente de Fora

(b) Várias destas igrejas receberam obras de restauro no século XVI; algumas foram restauradas ou reedificadas, podendo considerar-se que passaram a ser “novas igrejas”. Assim:

- a igreja conventual da Graça
- a igreja conventual da SS.ma Trindade
- a igreja conventual de São Domingos ao Rossio
- a igreja conventual de São Francisco da Cidade
- a igreja dos Santos Mártires Veríssimo, Máxima e Júlia
- a igreja paroquial de São Cristóvão
- a igreja paroquial de São Julião

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

2. PARÓQUIAS CONSTITUÍDAS NO SÉCULO XVI^{III}

2.1 CRIAÇÃO DE PARÓQUIAS NOVAS

O programa de criação de paróquias novas em Lisboa estava paralisado desde o século XIV, e assim permaneceu durante o século XV e primeira metade do século XVI.

No século XVI, sobretudo graças ao critério pastoral do Cardeal-arcebispo D. Henrique, deu-se um notável surto de criação de novas paróquias. Damos o elenco:

Nossa Senhora da Encarnação, da Ameixoeira	1541
Chagas de Jesus Cristo (dos navegantes)	1542
Nossa Senhora do Loreto	1551
Nossa Senhora da Ajuda	1552 (?)
Santa Catarina do Monte Sinai	1560
Os Anjos	1564/1569
Santa Ana	1564/1569
Santos-o-Velho	1566 (?)
São Paulo	1566 (?)
São José d'Entre-as-Hortas	1567
Nossa Senhora da Conceição	1568
Santa Engrácia	1569
Santíssima Trindade	1584
São Sebastião da Mouraria	1596

^{III} O *Sumário* de Cristóvão Rodrigues de Oliveira indica 24 freguesias em Lisboa pelo ano de 1551, embora exclua as já existentes de São João Baptista do Lumiar, São Lourenço de Carnide, Santa Maria dos Olivais, Santa Maria do Amparo de Benfica e Nossa Senhora da Encarnação da Ameixoeira, por pertencerem ao arrealde da cidade (Oliveira, 1987: 111). O caso da freguesia de Nossa Senhora da Ajuda não é arrolado por Cristóvão Rodrigues de Oliveira pelo facto de ter sido criada durante a redação do *Sumário*. De sublinhar ainda que o crescimento da periferia urbana da cidade ao longo do século XVI irá obrigar a desdobramentos das freguesias maiores dos Mártires, Santa Justa e Santo Estêvão, casos de Nossa Senhora do Loreto, Santa Catarina, Anjos, Santa Ana (mais tarde Pena), São Paulo, Santos-o-Velho, São José, Conceição, Santa Engrácia, Trindade e São Sebastião. Sobre este assunto, consultar os trabalhos citados na bibliografia final da autoria de A. Vieira da Silva (1943) e José Manuel Vargas (2002).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

NB. Algumas destas paróquias vieram mais tarde a mudar o título do orago. Assim:

Nossa Senhora do Loreto passou a ser Nossa Senhora da Encarnação, em	8.Set.1708
Santa Ana passou a ser Nossa Senhora da Pena, em	1705
a da Santíssima Trindade passou a ser Santíssimo Sacramento em	1666
a de São Sebastião da Mouraria passou a ser Nossa Senhora do Socorro em	1646

2.2 AS IGREJAS QUE SERVIAM DE SEDES DAS NOVAS PARÓQUIAS

É interessante sublinhar o critério pastoral que assistiu à criação das novas paróquias.

Das 15 paróquias novas, apenas 5 beneficiaram de templos novos, edificados expressamente para as paróquias novas:

- Nossa Senhora do Loreto, dos italianos
- Chagas de Jesus Cristo
- Santa Catarina do Monte Sinai
- São Paulo
- Santa Engrácia

Outras 6 instalaram-se em ermidas já existentes:

- Nossa Senhora da Encarnação, da Ameixoeira
- Nossa Senhora da Ajuda
- Os Anjos
- São José
- São Sebastião da Mouraria
- Santos-o-Velho

Outras 3 foram instaladas em igrejas conventuais:

- Santa Ana (na igreja do Mosteiro de Santa Ana)
- Nossa Senhora da Conceição (na Igreja dos Freires de Cristo)
- Santíssima Trindade (na igreja do Mosteiro da Trindade)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

NB. Seja dito de passagem que esta solução, teoricamente sensata, veio a revelar-se desastrosa.

Finalmente, uma das novas paróquias foi instalada numa igreja com direitos paroquiais para os italianos:

- Nossa Senhora do Loreto

NB. Também esta solução veio a revelar-se infeliz.

3. IGREJAS CONVENTUAIS DE LISBOA NO SÉCULO XVI

3.1 AS 10 IGREJAS CONVENTUAIS QUE VINHAM DA ÉPOCA MEDIEVAL

Conservaram-se no século XVI. Todavia, algumas delas sofreram transformações profundas, que as tornaram igrejas novas. São elas:

São Francisco da Cidade	Reedificação, 1518-1528
Santíssima Trindade	Reedificação, 1531
São Domingos, ao Rossio	Reedificação, c. 1560 ss.
Santo Agostinho, ou Graça	Reedificação, 1556-1565

3.2 NOVAS IGREJAS CONVENTUAIS

No século XVI foram edificadas de raiz algumas igrejas conventuais. Foram as seguintes:

Conventos de frades, ou similares

Mosteiro de Santa Maria de Belém	1502-1551
Colegiada de N ^a . Sr. ^a da Conceição, dos Freires de Cristo	1502 (?)
Convento de Santo Antão da Mouraria	1539
Colégio de Santo Antão, ou “Coleginho”	1542/1552
Colégio dos Meninos Órfãos de Jesus	1549
Seminário de Santa Catarina	1566
Casa Professa de São Roque, da Companhia de Jesus	1555/1566
Convento de Santo António dos Capuchos	1570

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Convento de N. ^a Sr. ^a da Estrela, ou “Estrelinha”	1571
Convento de N. ^a Sr. ^a da Luz, em Carnide	1575/1596

Conventos de Freiras, ou similares

Mosteiro da Madre de Deus, em Xabregas	1509
Mosteiro de N. ^a Sr. ^a da Anunciada, na Mouraria	1515/1519
Mosteiro de N. ^a Sr. ^a da Rosa	1519/1522
Mosteiro da Esperança, ou de N. ^a Sr. ^a da Piedade	1527
Mosteiro da Anunciada, às Portas de Santo Antão	1539
Recolhimento das Penitentes da Paixão de Cristo	1543
Recolhimento das Órfãs Honradas da Cidade	1543
Convento de Santa Ana	1561

NB. Algumas destas casas foram inicialmente instituídas em Ermidas já existentes. Assim, por exemplo:

- O Mosteiro de Santa Maria de Belém, de Monges Jerónimos, foi instituído na Ermida de Santa Maria de Belém, no Restelo, que era dos Freires de Cristo.
- A Colegiada de Nossa Senhora da Conceição, dos freires da Ordem de Cristo, foi estabelecida na antiga Sinagoga Grande, da Judiaria Velha.
- A casa Professa de São Roque, dos Jesuítas, foi instalada na Ermida de São Roque.
- O Convento de Nossa Senhora da Luz, da Ordem de Cristo, implantou-se no local onde existia a Ermida de Nossa Senhora da Luz, em Carnide.
- O Mosteiro de Nossa Senhora da Anunciada, na Mouraria, foi fundado onde era uma Mesquita de Mouros.
- O Mosteiro da Anunciada, às Portas de Santo Antão, foi instalado (por permuta) na Ermida dos Cónegos Regrantes de Santo Antão.
- O Convento de Santa Ana foi instalado onde era a Ermida de Sant'Ana.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

4. IGREJAS DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS

Algumas das igrejas mais notáveis de Lisboa neste século XVI destinavam-se a templos de instituições públicas, não-paroquiais nem conventuais.

Estavam neste caso:

- A igreja do Hospital de Todos-os-Santos, no Rossio
- A igreja da Misericórdia de Lisboa
- A Capela Real de Santo Tomé, apóstolo, nos Paços da Ribeira
- A Igreja de Santo António, à Sé
- A Igreja de São Luís dos Franceses
- O Seminário de Santa Catarina

5. ERMIDAS DE LISBOA, NO SÉCULO XVI

Expressão da devoção espontânea do povo, nascendo à margem das instituições oficiais (Mosteiros, ou Administração Diocesana...), mas quase sempre servindo de sementes de futuras paróquias ou conventos, continuaram a surgir as Ermidas^{IV}.

Algumas delas enraizaram-se de tal modo na vida da Cidade, que ainda hoje conservam um alto grau de vitalidade (Vd. as assinaladas com asterisco (*)).

Citamos algumas:

- Ermida do Espírito Santo, na Alcáçova
- Ermida de Santa Ana
- Ermida da Ascensão (*)
- Ermida de São Sebastião da Mouraria (*)
- Ermida de Santo Amaro (*)
- Ermida de Nossa Senhora dos Prazeres
- Ermida de São José dos Carpinteiros (*)
- Ermida das Almas do Purgatório, ou dos Santos Fiéis de Deus (*)
- Ermida de Nossa Senhora da Vitória (*)
- Ermida de São Crispim e São Crispiniano (*)

^{IV} Segundo nos esclarece o Pe. Rafael Bluteau no *Vocabulário*, o termo 'Ermida' refere-se a templos de pequenas dimensões sem qualquer jurisdição paroquial, geralmente situando-se em locais ermos ou isolados (Bluteau, 1712: vol. 3, 189).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

- Ermida de Nossa Senhora da Glória
- Ermida de São João dos Bem-Casados
- Ermida de São Roque
- Ermida de São Jerónimo (*)

6. ESTILOS ARQUITECTÓNICOS^v

As igrejas construídas no século XVI obedeceram a dois estilos arquitectónicos totalmente distintos.

(a) Na primeira parte do século reinava o tipo de arquitectura a que damos o nome de **Manuelino**, última evolução ou floração do gótico.

São deste tipo as mais famosas construções do tempo de D. Manuel, tais como:

- A Igreja do Mosteiro de Santa Maria de Belém (excepto a capela-mor)
- A Ermida de São Jerónimo
- A Igreja do Hospital de Todos-os-Santos (já desaparecida)
- A Igreja da Confraria da Misericórdia (de que só subsiste a fachada lateral sul)
- A Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Freires (já desaparecida).

(b) Na 2ª parte do século, sob influência nomeadamente de Francisco de Holanda, o gosto predominante é o do **Renascimento Clássico**.

Desta corrente, com modalidades diversas, temos por exemplo:

- A capela-mor da Igreja de Santa Maria de Belém
- A capela lateral norte da Igreja da Misericórdia (actual capela-mor da igreja da Conceição Velha)
- A Igreja de São Roque
- A capela-mor da Igreja de Nossa Senhora da Luz, em Carnide.

^v Sobre os estilos arquitectónicos caracterizados por Felicidade Alves, de salientar que, mais recentemente, a definição dos mesmos tem sido alvo de revisão, nomeadamente por Maria de Lurdes Craveiro e Miguel Soromenho (2009) e Paulo Pereira (2002). Cf. com bibliografia final.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

7. REIS DE PORTUGAL, SUMO-PONTÍFICES, ARCEBISPOS DE LISBOA DESTE PERÍODO

Damos estas indicações que podem ser úteis pontos de referência.

7.1 REIS DE PORTUGAL^{VI}

- D. Manuel (1469-1521)
Reinou desde 27 de Outubro de 1495 a 13 de Dezembro de 1521.
- D. João III (1502-1557)
Reinou desde 19 de Dezembro de 1521 a 11 de Junho de 1557.
- D. Sebastião (1554-1578)
Reinou desde 1557 a 4 de Agosto de 1578. Tomou conta do Governo do Estado, com 14 anos, em 20 de Janeiro de 1568.
- Regência de D. Catarina
Desde Junho de 1557 até 1562
- Regência do Cardeal D. Henrique
Desde 1562 até 20 de Janeiro de 1568
- Cardeal D. Henrique (1512-1580)
Reinou desde Agosto 1578 até 31 de Janeiro de 1580.
- D. António, Prior do Crato (1531-1595)
Reinou, em situação precária, desde 19 de Junho a 25 de Agosto de 1580.
- Filipe II, de Espanha (1527-1598)
Aclamado rei de Portugal nas Cortes de Tomar, em 15 de Abril de 1581.

^{VI} Sem prejuízo de outros trabalhos disponíveis, para estudo mais recente sobre as biografias dos reis de Portugal do período considerado, ver os trabalhos de João Paulo Oliveira e Costa (2005), Ana Isabel Buescu (2005), Maria Augusta Lima Cruz (2006), Amélia Polónia (2005) e Fernando Bouza Alvarez (2005), referidos na bibliografia final. Ver também os estudos aí referenciados de José Manuel Garcia, Ana Paula Avelar (2009), Maria do Rosário Themudo Barata de Azevedo Cruz e Carlos Margaça Veiga (todos de 2009).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

7.2 SUMO-PONTÍFICES

- Alexandre VI (Rodrigo Borgia): 1492-1503
- Pio III (Francesco Todeschini-Piccolomini): 1503
- Júlio II (Giuliano della Rovere): 1503-1513
- Leão X (Giovanni de' Medici): 1513-1521
- Adriano VI (Adrian Florensz): 1522-1523
- Clemente VII (Giulio de' Medici): 1523-1534
- Paulo III (Alessandro Farnese): 1534-1549
- Júlio III (Giammaria Ciocchi del Monte): 1549-1555
- Marcelo II (Marcello Cervini): 1555
- Paulo IV (Gian Pietro Caraffa): 1555-1559
- Pio IV (Giovanni Angelo Medici): 1559-1565
- Pio V (Antonio-Michele Ghislieri): 1566-1572
- Gregório XIII (Ugo Buoncompagni): 1572-1585
- Sisto V (Felici Peretti): 1585-1590
- Urbano VII (Giambattista Castagna): 1590
- Gregório XIV (Niccolo Sfondrati): 1590-1591
- Inocêncio IX (Giovanni Antonio Facchinetti): 1591
- Clemente VIII (Ippolito Aldobrandini): 1592-1605

7.3 ARCEBISPOS DE LISBOA

1502/1521

9º - D. Martinho da Costa – Estava em Roma quando o cardeal D. Jorge renunciou n'êlle o arcebispado, e vindo para o reino, no anno de 1502, ministrou o baptismo ao principe D. João, que depois foi rei, terceiro do nome. A este prelado se deve ter mandado vir para o reino grandes partidas de trigo (quando o paiz padeceu uma terrível fome) o qual fazia distribuir pela gente pobre e famílias necessitadas. Em 18 de julho de 1509 benzeu a igreja da Madre de Deus. Na idade de 87 annos acompanhou a Saboya a infanta D. Beatriz, que foi desposar-se com o duque Carlos; mas quando regressava para Lisboa, por doente, desembarcou em Gibraltar, onde falleceu em 28 de novembro de 1521. O seu corpo foi trasladado para a Sé de Lisboa.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

1523/1540

10º - D. Affonso – Filho terceiro de el-rei D. Manuel e de sua segunda mulher; nasceu em Évora a 23 de abril de 1509. Ainda não tinha 8 anos, quando Leão X, em 1516, o adimitiu no numero e collegio dos cardeaes, com o titulo de bispo targitano, diácono cardeal de Santa Luzia. Foi declarado arcebispo de Lisboa na idade de 14 annos. Quando chegou aos 18 annos recebeu com toda a pompa, em Almeirim, o capello cardeal, aos 27 de junho de 1526, e no anno de 1535 veio a Lisboa tratar da sua sagração, por lhe ter chegado o pallio em 22 de novembro do mesmo anno. Elle mesmo baptisava por suas próprias mãos as creanças, levava o viatico aos enfermos e doutrinava aos domingos e dias santos. Celebrou synodo no anno de 1536. Ordenou que houvessem livros para assentar o nome dos baptisados e seus padrinhos, o que até então se não praticava. Foi em seu tempo que se mudou o uso de se rezar neste arcebispado pelo breviario da igreja de Salisbury, approvando-se a introdução do breviario romano por bulla de 9 de dezembro de 1538. Foi administrador dos bispados de Viseu, Evora e Guarda; D. abade de Alcobaça; commendatario do convento de Santa Cruz de Coimbra e de S. João de Tarouca; teve a purpura cardinalicia com os titulos de Santa Luzia in septem foliis, de S. Braz, de S. João e de S. Paulo. Morreu na idade de 31 annos, aos 21 de abril de 1540. Foi sepultado no convento de Belem.

1540/1564

11º - D. Fernando de Vasconcellos e Menezes – Filho segundo de D. Affonso de Vasconcellos, 1º conde de Penella – prior do convento de S. Vicente de Fora, foi nomeado bispo de Lamego, e confirmado em novembro de 1513. Exerceu os cargos de capellão-mór de el-rei D. Manuel e D. João III. Foi eleito arcebispo de Lisboa em 16 de setembro de 1540, tomando posse a 8 de novembro. Em 1543 foi conduzir a Castela a princeza D. Maria, que se desposou com o principe Philippe, filho do imperador Carlos V. no anno de 1547 fez o livro do censual do arcebispado. Ordenou uma procissão de desaggravo, em dezembro de 1552, pelo desacato commettido por um inglez na capella real, e acompanhou-a descalço com exemplar humildade. Foi feito á sua custa o antigo altar de S. Vicente, na Sé; e fundou em 1554, em Santo António do Tojal, a igreja, construindo o respectivo palacio e jardim. falleceu com 83 annos, aos 7 de janeiro de 1564, e foi sepultado na capella-mór da sua Sé.

1564/1569

12º - D. Henrique, cardeal rei – Era arcebispo, em Evora, quando succedeu a morte de el-rei D. João III, e para coadjuvar a rainha D. Catharina na regencia na menoridade de el-rei D. Sebastião, renunciou aquella dignidade no bispo do Algarve e veiu para a metropolitana Lisboa, por bulla de Pio IV. Foi sempre zeloso pastor e fundou o Seminario de Santa Catharina, em 30 de novembro de 1566. Nesse mesmo anno celebrou concilio provincial. Mandou executar nesta

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

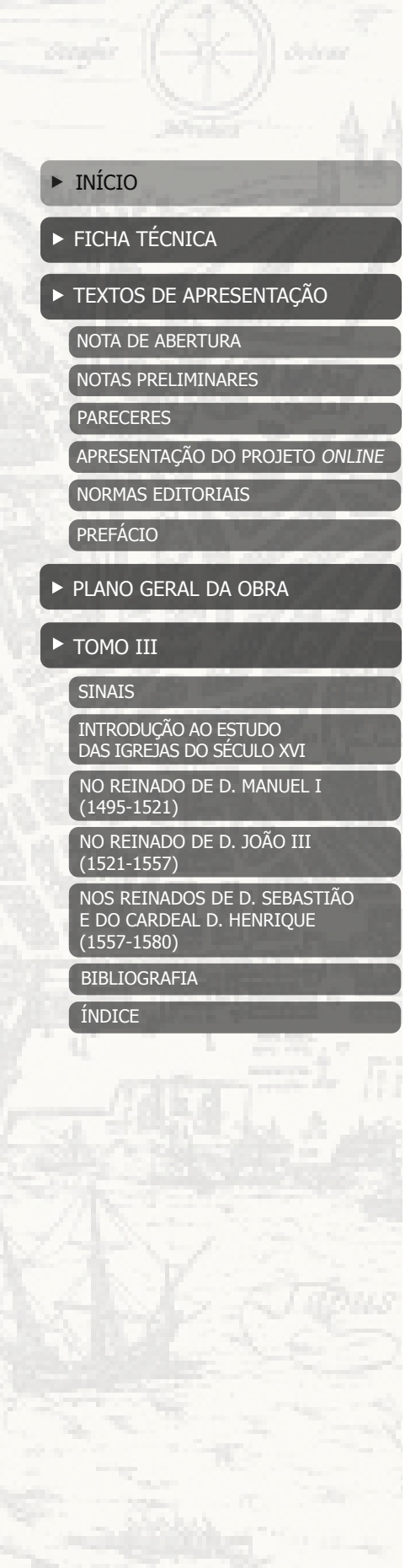
ÍNDICE

diocese todos os decretos do Concilio Tridentino que tratam da reforma dos costumes. Obteve um jubileo annual para os que se confessassem e comungassem nas quatro festas principaes do anno, o que já havia conseguido para Braga, e depois para Evora. Demittiu se da prelazia de Lisboa em 1569, e voltou para Evora, onde foi novamente conffirmado n'aquella metrópole. Com a perda de el-rei D. Sebastião em Africa, foi o cardeal acclamado rei. Falleceu em Almeirim a 30 de Janeiro de 1580, e foi sepultado no convento de Belem.

1570/1585

13º - D. Jorge d'Almeida – Pela renuncia do cardeal-rei tomou posse d'esta egreja em 1570. Convocou um concilio diocesano em 1574, e ahi estabeleceu constituições. Foi inquisidor geral do reino. Foi um dos prelados que mais se oppoz á partida de el-rei D. Sebastião para Africa, e apesar disso ficou na ausencia do monarcha governando o reino em companhia de outros quatro fidalgos. Falleceu em Torres Novas, a 20 de março de 1585. Jaz na sua Sé.

(Leal, 1874: vol. IV, 273-274).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

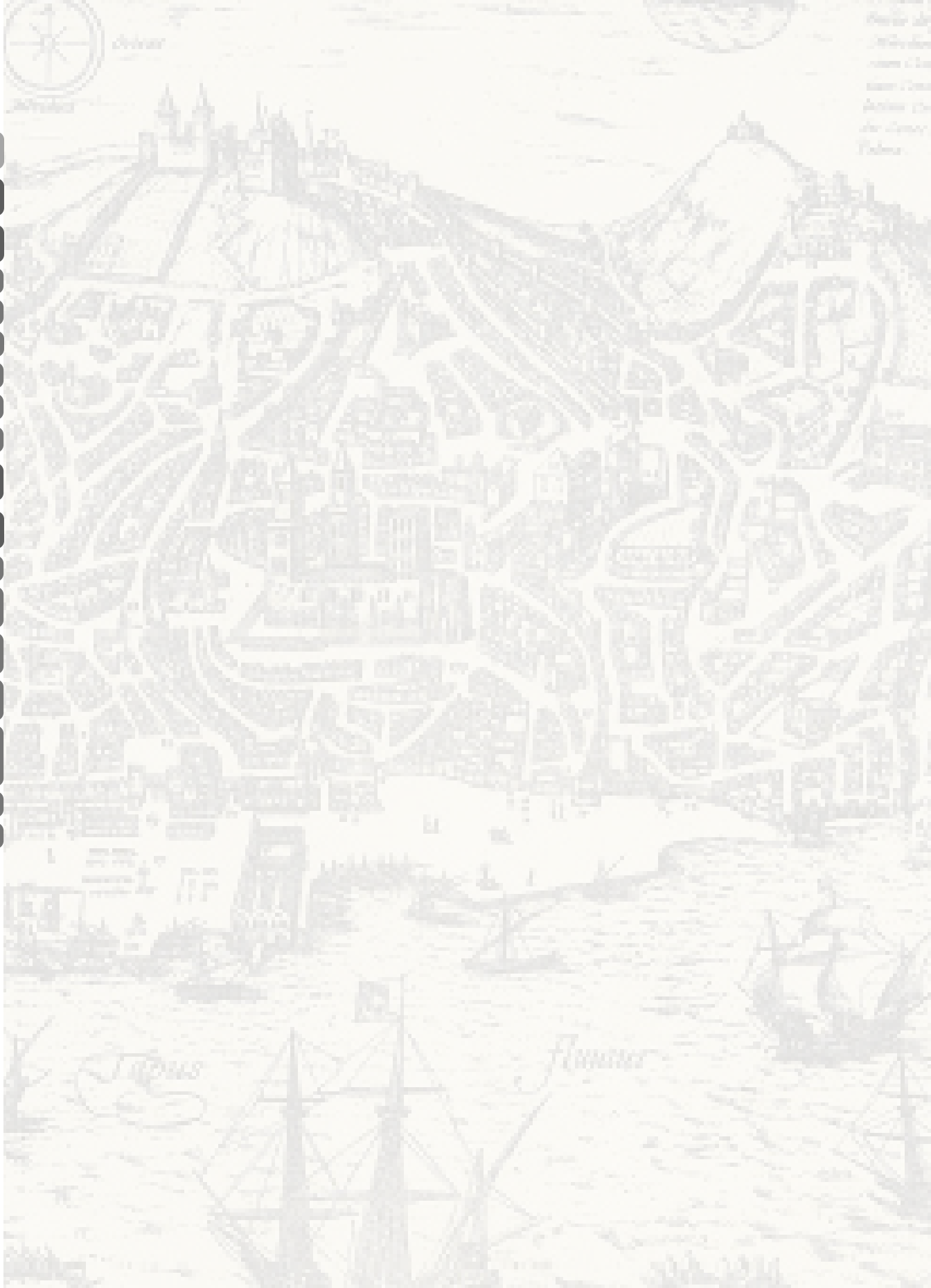
NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

II

NO REINADO DE D. MANUEL I (1495-1521)



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

II - NO REINADO DE D. MANUEL I (1495-1521)

⚔	Igrejas Paroquiais	2
♂	Mosteiros de Frades	3
♀	Mosteiros de Freiras	4
⊖	Igrejas/capelas de Instituições Públicas	5
⊙	Ermidas	5
∅	capelas	1
	Total	20

⊖	Igreja do Hospital de Todos-os-Santos	1492-1504
⊙	Ermida ou Nicho de Santo António às Portas de Santa Catarina	Inícios do séc. XVI(?)
⊖	Igreja de Santo António à Sé	1º quartel séc. XVI
⊙	Ermida do Espírito Santo, da Alcáçova	séc. XVI(?)
⊙	Ermida de Santa Ana	séc. XVI
♂	Igreja do Mosteiro de Santa Maria de Belém (Jerónimos)	1502 (1ª pedra)
♂	Igreja de Nossa Senhora da Conceição, dos Freires de Cristo	1502 (?)
⊙	Ermida da Ascensão	1504
⊖	Capela Real de Santo Tomé, Apóstolo, nos Paços da Ribeira	1505
⊙	Ermida de São Roque	1506
⊖	Ermida de São Sebastião, na Mouraria	1506
∅	Capela de Nossa Senhora de Belém, no Mosteiro de Santa Clara	1502/1529 (?)
♀	Igreja do Mosteiro da Madre de Deus, em Xabregas	1509
♀	Igreja do Convento de Chelas	c. 1510
♀	Igreja do Mosteiro de Nossa Senhora da Anunciada, na Mouraria	1515-1519

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊖	Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia Anexo: Confraria de N. ^a Sr. ^a da Misericórdia	1516-1520 1498
♂	Igreja do Convento de São Francisco da Cidade	1518 ss
♀	Igreja do Mosteiro de Nossa Senhora da Rosa	1519-1522
♁	Igreja Paroquial de São Cristóvão	1º quartel do séc. XVI
♁	Igreja Paroquial de São Julião	1º quartel do séc. XVI

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊖ IGREJA DO HOSPITAL DE TODOS-OS-SANTOS^{VII}

Século XV-XVI

Fundação: 1492; Regimento: 1504; † 1755

1. CRIAÇÃO OU FUNDAÇÃO: D. JOÃO II

No sítio que então se chamava a **Corredoura**, e onde existia desde os tempos do bispo D. Gilberto, se não antes, a Ermida de Nossa Senhora da Corredoura (depois chamada da Escada), mandou El-Rei D. Sancho II lançar a primeira pedra do Mosteiro dos Frades Dominicanos (9 de Fevereiro 1242), obra executada pelo Rei D. Afonso III. Na horta desse Mosteiro de São Domingos, a par do Rossio, e “*naquela parte do Rossio que estava despejada*” (Guimarães, 1872: vol. I, 64), deliberou D. João II construir o grande Hospital de Todos-os-Santos: os frades deram de bom grado o sítio, e o rei lhes deu por ele “*certos moios de trigo e cevada e certas casas*” (Guimarães, 1872: vol. I, 64).

Em 1479, D. João II (1455-1495), então ainda Príncipe, dirige ao Papa Sisto IV um pedido de autorização para fundar em Lisboa um grande hospital, concentrando nele os bens de cerca de 43 instituições de assistência existentes em Lisboa e arredores. A autorização foi concedida pelo dito papa, através da bula *Ex debito sollicitudinis officio pastoralis*, do mesmo ano de 1479, confirmada em 1486 pela bula *Iniunctum nobis desuper*, de Inocêncio VIII.

Em 15 de Maio de 1492 foi lançada a primeira pedra, facto que é descrito por Garcia de Resende (*Crónica de D. João II...*, 1752: cap. CXL, fl. 64): “*No anno de mil, e quatrocentos, e nouenta, e dous, a quinze dias do mes de Mayo, mandou El-Rei per ante si fundar, e começar os primeiros alicerces do Esprital Grande de Lisboa, da inuocaçam de Todolos Santos, na maneira que ora está feito, o qual lugar era horta do Mosteiro de Sam Domingos. E nos primeiros alicerces el-Rey por sua mão por honra detaõ santo, taõ grande, e piedoso edificio, lançou muytas moedas douro, e esse dia andou todo ahy, vendo como se começaua, e comeo em casa do conde de Monsanto, que é pegada com a horta do dito Esprital.*” (cf., também, Rui de Pina, *Crónica de El-Rei D. João II* in Serra, 1792: : vol. II, cap. LVI, 144).

Por decisão régia, entraram logo em funções desde 1492, o Provedor, o Vedor e o Escrivão.

D. João II, no seu testamento feito em Alcáçovas, em Setembro de 1495, quando viajava para Alvor (onde veio a falecer em Outubro), recomendou ao seu testamenteiro e sucessor a conclusão da obra do Hospital Grande de Lisboa, exprimindo o desejo de que o seu *Regimento* se inspirasse no dos modelares hospitais de Florença e Siena.

^{VII} Para a história do Hospital Real de Todos-os-Santos, consultar entre outras as obras referidas na bibliografia final de Mário Carmona (1954), Rafael Moreira (1991), Ana Cristina Leite (1993) e José Manuel Garcia (2009).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

2. SOB O REI D. MANUEL I

O hospital começou a receber os primeiros doentes em 1501, provavelmente os desalojados dos hospitais extintos, cujos rendimentos foram transferidos para o novo Hospital Real^{VIII}. Nessa altura as obras ainda não estavam concluídas.

Em 1502 foi feita a nomeação da maior parte do pessoal que nele haveria de servir: um físico, dois cirurgiões, um boticário, quatro enfermeiros-mores, uma enfermeira, além dos seus ajudantes. O Provedor, o Vedor e o Escrivão já se encontravam em funções, como dissemos, desde 1492.

Em 1504 é dado ao Hospital o seu *Regimento* por D. Manuel. Este diz então que o edifício “*com a ajuda de Nosso Senhor he quasy de todo acabado*”.

Damião de Góis regista desta forma a intervenção do rei D. Manuel:

“*Acabou o grande e sumptuoso Hospital da Cidade de Lisboa, que el-rei D. João segundo fundou de novo, e fez nele todas as casas que estão na face do Rossio desde a Rua da Betesga até ao Mosteiro de São Domingos*” (Góis, ed. 1926: Parte IV, cap. LXXXV, 204, fl. 109).

3. AUTORIA DA TRAÇA

Nada se sabe ao certo sobre a autoria de tão importante monumento. Jorge Segurado atribui a autoria dessa faustosa igreja de traça manuelina a Diogo Boytaca (Segurado, 1979: 52). A este respeito há um certo consenso, com base nas flagrantes analogias existentes entre a fachada da Igreja do Hospital (conhecida através de vários documentos iconográficos) e outras obras de Boytaca, entre as quais se destaca, por uma maior semelhança, a Igreja do Convento de Jesus de Setúbal.

Mas também se aventou “a hipótese de a concepção arquitectónica do Hospital ter pertencido antes ao célebre construtor florentino Andrea Contucci, o Sansovino, que segundo Vasari trabalhou em Portugal na última década do século XV em empreitadas régias, e partindo de certas afinidades estruturais do traçado cruciforme do Hospital com construções hospitalares italianas” (cf. Carmona, 1954: 135)^{IX}.

^{VIII} Como bem demonstrou Mário Carmona, a empreitada de obras do Hospital não estava ainda totalmente concluída, embora tenha começado a receber os primeiros enfermos logo em 1501 (Carmona, 1954: 151-156).

^{IX} A traça e direcção das obras do Hospital Real não são ainda hoje conhecidas, embora certa historiografia, como Felicidade Alves, aceite a participação de Mestre Boytaca, pela comparação estilística e formal entre o portal da igreja conventual de Jesus de Setúbal e o do complexo hospitalar, este último apenas conhecido através de iconografia quinhentista e barroca (Carmona, 1954; Moreira, 1991). Todavia, Ana Cristina Leite sugere em alternativa a intervenção de Mateus Fernandes I, mestre responsável pelas obras do Hospital Real de Caldas da Rainha e, portanto, familiarizado com as exigências arquitectónicas de um edifício com características assistenciais (Leite, 1993a).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

4. VICISSITUDES DO MONUMENTO ATRAVÉS DOS TEMPOS

Em 1531, um terramoto abalou a cidade: o Hospital, e sobretudo a sua igreja, sofreu sérios estragos. Só em 1566 é que o templo foi reedificado.

Algumas obras de ornamento interior, nomeadamente da igreja, só foram concluídas no último quartel do século XVI. Cerca de 1580, o pintor Fernão Gomes executou a primeira pintura do tecto da nave da igreja^x. Existe ainda um precioso desenho preparatório, estudo para o tecto da nave da igreja, da autoria de Fernão Gomes (Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa). Em 1582 e 1583 realizaram-se na capela-mor e no corpo da igreja grandes obras de decoração pictural a têmpera e ouro, obra que foi dirigida pelo pintor régio Francisco Vanegas e contou com a colaboração dos pintores Diogo Teixeira e Domingos da Costa. Foram colocados azulejos na capela-mor; vidraças na capela principal; um retábulo do pintor Gaspar Dias para a casa das amas dos enjeitados^{xi}.

Em 27 de Outubro de 1601, um violento incêndio destruiu a igreja do Hospital: o fogo ergueu-se “*com tanta fúria e ímpeto que, por mais diligências que se fizessem, não puderam salvar o sacrário nem coisa alguma da igreja [...] fazendo tudo em pó e em cinza*”. “*Somente com grande perigo se salvaram as portas da igreja e se tiraram por causa de não cair o portal, que é o mais copioso d’obras que se pode ver em toda a cristandade*” (cf. Soares, ed. 1953: 388-389).

O provedor D. Gil Eanes da Costa tratou imediatamente da reedificação e restauro do edifício. Das obras de restauro do Hospital foi encarregado o arquitecto e medidor das obras régias Pedro Fernandes de Torres: em 1603 os trabalhos já iam adiantados, pois nesse ano foi adjudicada a obra do forro da igreja a três carpinteiros, por 465.000 réis. Em 30 de Janeiro de 1604 foi feito contrato com os pintores Fernão Gomes e Diogo Teixeira, respeitante à pintura que se havia de fazer no tecto da capela-mor da igreja: um *Triunfo da Eucaristia*^{xii}. A esta pintura se referem Félix da Costa em 1696 e Frei Agostinho de Santa Maria em 1707. Em 1613, os pintores Domingos Vieira Serrão e Simão Rodrigues foram encarregados de executar a pintura do tecto da igreja, pelo preço de 600.000 réis: era uma pintura em perspectiva.

Em 10 de Agosto de 1750, deu-se um novo incêndio que destruiu em grande parte o edifício e fez desaparecer o tecto pintado em 1613. Ficou unicamente da igreja a admirável fachada do seu pórtico, tabuleiro e escadas; e das enfermarias, a de S. Camilo. Foi mais chocante esta desgraça, tendo em conta que havia pouco tempo que se tinha concluído inteiramente a reedificação do dito Hospital – templo, enfermarias e casas do Rossio – com grande dispêndio, para o qual concorreu D. João V, mais a grande soma de dinheiro que se lhe aplicou da testamentaria de um tal Francisco Pinheiro. Assim, todo o Hospital ficou reduzido à enfermaria de São Camilo, que se alargou para o palácio do Marquês de Cascais.

^x Markl e Serrão, 1980: 161-215.

^{xi} Um pouco anterior a este período, c. 1577, refira-se a colocação de uma série régia de retratos na igreja hospitalar da autoria do pintor Lourenço de Salzedo (c. 1530-1577) que, à data da morte, estaria envolvido na empreitada. Infelizmente, o incêndio de 1601 viria a consumir todo o conjunto, restando apenas hoje a memória documentada de que existiu e que foi paga, aos herdeiros do pintor, o remanescente da obra já em 1585. Cf. Serrão, 2000: 52-53 e Flor, 2010b: 331.

^{xii} Sobre D. Gil Eanes da Costa e Diogo Teixeira, ver Serrão, 2013: 293-309.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Em 1755 (1º de Novembro), o sismo que arrasou Lisboa e o subsequente incêndio acabaram por tornar inutilizável o edifício do Hospital de Todos-os-Santos^{XIII}. Nada subsistiu, nem as pinturas, muito menos os seus célebres tectos pintados, nem as pratas, nem a talha dourada e as alfaias religiosas. O que não foi destruído pelos dois incêndios foi demolido.

Nos planos da reconstrução da Baixa prevaleceu o projecto de transferir daquele local o hospital e estabelecer ali novos arruamentos. Em 1775, optou-se definitivamente pela transferência do hospital para o antigo colégio de Santo-Antão-o-Novo, que estava devoluto desde a confiscação dos bens dos Jesuítas em 1759. Em homenagem ao soberano D. José I, o Hospital passou a denominar-se “Hospital de São José”.

A reedificação pombalina criou uma imagem totalmente nova da zona. A face oriental da Praça do Rossio foi ocupada por três fachadas de prédios de rendimento de três andares e um de águas-furtadas. O projecto foi do arquitecto Carlos Mardel. Entretanto foi decretado que os terrenos, que antes haviam sido do Hospital e do Convento de São Domingos passariam a ser ocupados por uma praça de fruta (a “Praça da Figueira”).

5. DESCRIÇÃO DO HOSPITAL, EM ESPECIAL DA SUA IGREJA

O edifício ocupava um quadrilátero mais ou menos coincidente com os limites da antiga Praça da Figueira, actual Praça de D. João I. Ficava, pois, enquadrada: a poente, pela Praça do Rossio, sobre a qual avançava a sua proeminente escadaria; a norte, pelo Convento de São Domingos, com o qual se ligava através do alpendre de arcarias (mas ficavam interpostos entre os dois monumentos um conjunto de edificações, das quais sobressaía a Ermida de Nossa Senhora do Amparo); a sul, pela Rua da Betesga, mais ou menos como agora; a nascente, as Casas dos Condes de Monsanto (antepassados de D. João das Regras), que posteriormente acumularam o título de marqueses de Cascais e Alcaides do Castelo de São Jorge. Às Casas dos Condes de Monsanto estava vinculada a Capela de São Mateus, no Poço do Borratém.

O edifício foi concebido segundo uma planta em forma de cruz latina, inscrita no referido quadrilátero. Os quatro braços ou corpos da cruz latina delimitavam quatro pátios ou claustros com suas galerias^{XIV}. O corpo anterior do braço da cruz, disposto no sentido longitudinal nascente/poente, com fachada para o Rossio, era ocupado pela grande igreja, que se destacava, em relação ao restante edifício, pela sua maior altura e largura. Os outros três braços da cruz eram ocupados pelas enfermarias principais: no braço da cabeceira, isto é, o que ficava no prolongamento da igreja para nascente, situava-se a Enfermaria de São Vicente (destinada a homens, doentes de febres); no braço da direita ficava a Enfermaria de São Cosme (para doentes de feridas e de cirurgia); no braço da esquerda, situava-se a Enfermaria

^{XIII} Além da destruição do Hospital em 1755, já em sismos anteriores o edifício sofrera estragos, caso do ocorrido em 1531 que muito danificou os contíguos Convento de S. Domingos e a Ermida de Nossa Senhora da Escada. Ver Sousa, F. L. P., 1928: vol. III: 583-584 e 867-872.

^{XIV} Além dos trabalhos de Mário Carmona e Rafael Moreira anteriormente referidos, sobre uma possível reconstituição espacial do Hospital e seu enquadramento com a área envolvente, ver obrigatoriamente Leite, 1993b: 63-76.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

de Santa Clara (destinada a mulheres). No cruzamento dos dois braços da cruz erguia-se a capela-mor da igreja, que coincidia com o centro da actual Praça de Dom João I, no sítio onde está a estátua do dito rei.

Deixamos de lado a descrição das três mencionadas enfermarias, bem como outras enfermarias (duas para doentes de sífilis, a enfermaria dos incuráveis ou entrevados, as chamadas “casas de doudos e doudas”, etc.). Passamos também por alto a existência do “Criandário”, destinado a receber crianças enjeitadas; a Albergaria para peregrinos e pedintes; uma enfermaria para Frades Capuchinhos; os anexos para portadores de doenças consideradas incuráveis; etc.

A fachada principal era percorrida por uma arcada alpendrada, que incluía também a Ermida de Nossa Senhora do Amparo e os Dormitórios do Convento de São Domingos também estes reconstruídos por D. Manuel. Esta extensa frontaria dispunha-se ao longo da face oriental do Rossio, obliquando de NO para SE, formando no início uma pequena curvatura. A profundidade do alpendre era de 5,40m, ocupando os pilares cerca de 1m de espessura. Os pilares contrafortados eram distanciados uns dos outros cerca de 4,5m (é possível que nem todos os arcos fossem iguais). Contando-se pelo menos 16 arcos, concluiremos que a arcada tinha pelo menos cerca de 70m de comprimento.

Da longa frontaria sobressaía a fachada da igreja, com a sua empena triangular e a sua imponente escadaria que avançava sobre o Rossio, pela qual se acedia ao portal principal, através de uma vintena de degraus.

A porta dupla era dividida por mainel, pilastras e molduras decoradas com encordoados; sobre o portal destacava-se a imagem da Virgem entre o símbolo de D. João II, o pelicano, e na parte superior os símbolos de D. Manuel, a coroa e a esfera armilar. Lateralmente, sob baldaquinos, dispostas uma sobre a outra, quatro imagens de Santos (certamente, os patronos do Hospital: São Cosme e São Damião...).

O interior do templo assentava em arcos de abóbadas. Era de uma só nave, tinha tecto de madeira da Noruega (pelo menos até 1584), todo entalhado; as paredes eram revestidas de muitas e insígnias pinturas, parte das quais representavam os reis de Portugal^{xv}. Eram estas pinturas havidas em tanta conta, que nos dias vulgares estavam cobertas com cortinas e nos dias de festa se põem patentes.

^{xv} A referência à madeira da Noruega é uma repetição da informação, recolhida na obra de Mário Carmona que por sua vez se baseia no testemunho prestado pelo Pe. Duarte Sande (1584). É mais provável que o material utilizado na construção deste tecto fosse de madeira de nogueira, pelo que estaremos talvez perante uma corruptela ou um erro de transcrição. Os bordos da Flandres eram sem dúvida os preferidos em matéria de tectos e cadeirais, enquanto a madeira da Noruega (Bálico?) era mais frequente como suporte para pintura retabular.



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

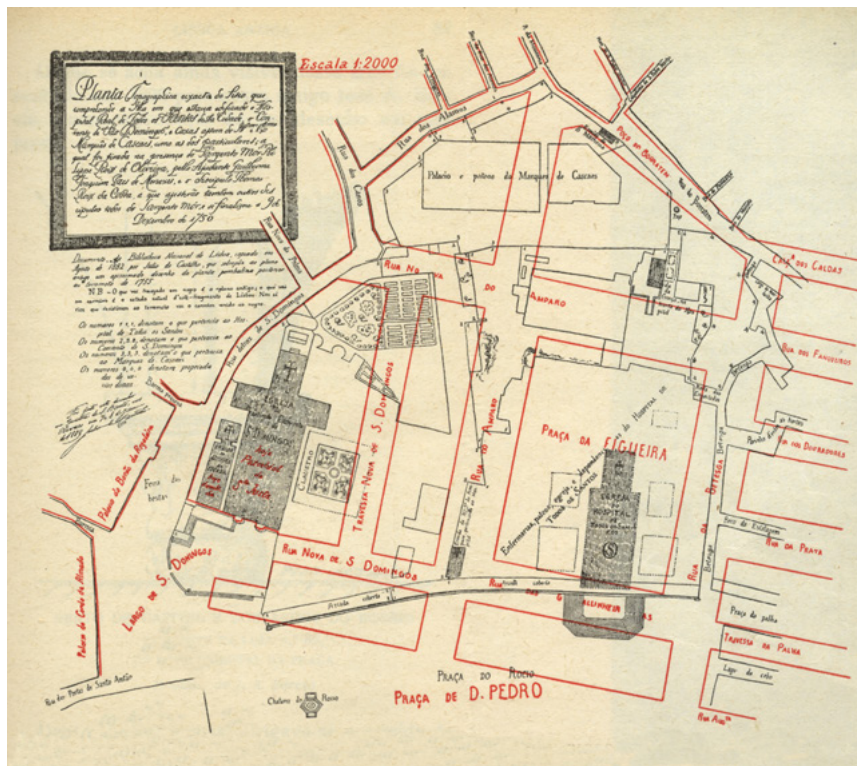


Fig. 1 - Planta do sítio do Hospital Real de Todos-os-Santos, Convento de S. Domingos e Poço do Borratém. Antes do terramoto de 1755 (a preto) e em 1937 (a vermelho).
Desenho de Júlio Castilho (Castilho, 1937: vol. X, 86).



Fig. 2 - Painel de azulejos representando a fachada do Hospital Real de Todos-os-Santos, c. 1740 (Museu da Cidade)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

DOCUMENTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA E ICONOGRÁFICA

Da relativamente vasta documentação sobre o Hospital Real de Todos-os-Santos, parte da qual vem referida ou reproduzida neste volume, apresentamos, de seguida, a mais importante. Deste modo, fica facilitado aos leitores, eventualmente interessados, um estudo mais aprofundado deste tema.

1. Fontes bibliográficas

- O REGIMENTO DO HOSPITAL DE TODOS-OS-SANTOS, de 19 de Janeiro de 1504. Embora dizendo respeito ao seu pessoal e funcionamento, é, contudo, um importante complemento das descrições que nos ficaram do edifício. Existe uma edição, de 1946, publicada pelos Laboratórios Sanitas (Lisboa).

As resumidas, mas interessantes, notícias feitas ao edifício do Hospital, contidas nas seguintes obras:

- TRATADO CONTRA EL MAL SERPENTINO, de Ruy Diaz de Ysla Lisboa, 1939.
- ITINERARIO DO DR. JERONIMO MÜNZER, tradução de Basílio Vasconcelos, em *O Intituto*, vol. 83, Coimbra, 1932.
- CIVITATES ORBIS TERRARUM LIBER, de Georgius Braunius, Liv. 1º, Colónia, 1572, acompanhado de uma panorâmica de Lisboa.
- URBIUM PRAECIPUARUM MUNDI THEATRUM QUINTUM, do mesmo autor, editado em 1593, que apresenta uma perspectiva da cidade bastante rigorosa.

As descrições mais pormenorizadas e, por isso, mais frequentemente citadas, encontram-se inseridas nas seguintes obras:

- ESTATISTICA DE LISBOA DE 1552 ou TRATADO DA MAJESTADE, GRANDEZA E ABASTANÇA DA CIDADE DE LISBOA, NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVI, atribuída a João Brandão. Esta obra foi publicada em separata do *Arquivo Histórico Português*, em 1923, com anotações de Gomes de Brito e reeditada, recentemente, por Livros Horizonte, Colecção “Cidade de Lisboa”, 1990.
- SUMMARIO EM QUE BREVEMENTE SE CONTEM ALGUAS COUSAS... QUE HÁ NA CIDADE DE LISBOA, de Cristóvão Rodrigues de Oliveira, impressa em 1554. Nova edição em 1938 e recentemente reeditada por Livros Horizonte, Colecção “Cidade de Lisboa”, 1987.
- URBIS OLISIPONIS DESCRIPTO, de Damião de Góis, 1554. Versão em português e sob o título de LISBOA DE QUINHENTOS, por Raul Machado (1937); nova tradução sob o título DESCRIÇÃO DA CIDADE DE LISBOA, por José da Felicidade Alves, Livros Horizonte, Colecção “Cidade de Lisboa”, 1988.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

- DESCRIÇÃO DE LISBOA EM 1584, extraída do DIÁRIO DA PRIMEIRA EMBAXADA DO JAPÃO À EUROPA, DO P.^e Duarte de Sande, publicada no *Archivo Pittoresco*, vol. VII, pp. 78/80, 85/87 e 91/94, 1863.

- LIVRO DAS GRANDEZAS DE LISBOA, de Frei Nicolau de Oliveira, Lisboa, 1620. Sem dúvida a descrição mais pormenorizada do Hospital de Todos-os-Santos que chegou até nós, mas com o inconveniente de o descrever já depois do incêndio de 1601, numa altura em que o edifício se encontrava ampliado com novas enfermarias e novos serviços^{XVI}.

Mais tardias, já do século XVIII, são as descrições insertas nas publicações que a seguir se referem, embora nada de significativo seja acrescentado às notícias anteriores, a não ser a anotação de uma ou outra nova enfermaria e referências às obras realizadas durante o reinado de D. João V e às posteriores ao incêndio de 10 de Agosto de 1750 (P.^e João Baptista de Castro). Estas incluíram a compra das Casas do Conde Monsanto (na altura na Casa do Marquês do Louriçal) para ampliar a Enfermaria de São Camilo, fundada durante as obras de D. João V, na Horta do Hospital, a única que escapou ao incêndio de 1750.

- SANTUÁRIO MARIANO, de Frei Agostinho de Santa Maria (cap. LIII, pp. 180 a 184), Lisboa, 1707/1723. Inclui uma notícia desenvolvida, especialmente no que respeita à Ermida de Nossa Senhora do Amparo e às enfermarias que lhe estavam anexas.

- COROGRAFIA PORTUGUESA, do P.^e António Carvalho da Costa (vol. III), Lisboa, 1712.

- DESCRIÇÃO COROGRAPHICA DO REYNO DE PORTUGAL, de António de Oliveira Freire, Lisboa, 1739.

- MAPPA DE PORTUGAL ANTIGO E MODERNO, do P.^e João Baptista de Castro (vol. III), Lisboa, 1762-63.

- RELAÇÃO VERDADEIRA E INDIVIDUAL DO FORMIDAVEL INCÊNDIO QUE SE ATEOU NO HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS DA CIDADE DE LISBOA, EM 10 DE AGOSTO, DESTE ANNO DE 1750, [Officina de Manuel Soares], Lisboa, 1750.

^{XVI} Em 1991, o *Livro das Grandezas de Lisboa* de Frei Nicolau de Oliveira, com prefácio de Francisco Santana, em versão fac-símile da edição original de 1620 e texto actualizado por Maria Helena Bastos, foi publicado pela Vega, na colecção *Conhecer Lisboa*.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

2. Fontes iconográficas

As iluminuras insertas na CRÓNICA DE D. AFONSO HENRIQUES, de Duarte Galvão, e na GENEALOGIA DOS REIS DE PORTUGAL (British Museum) sobre os desenhos de António de Holanda. Ambas apresentam panorâmicas de Lisboa nas quais se distingue claramente o Hospital, sendo a primeira de cerca de 1505 e a segunda de cerca de 1530^{xvii}.

A panorâmica parcial de Lisboa (desenho) da primeira metade do século XVI, existente na Biblioteca de Leyden (Holanda). Nela, o Hospital é representado com bastante realce, mas com proporções que não condizem com as descrições que dele nos ficaram. Aparece ocupando um rectângulo, composto de dois corpos quadrangulares, no interior dos quais se desenha um edifício em forma de cruz que determina, em cada um deles, quatro claustros, separados, um do outro, pelo corpo da igreja, na parte posterior da qual se situa a capela-mor, rematada por alto pináculo piramidal^{xviii}.

- É do século XVIII (1750), e posterior ao incêndio de 10 de Agosto, a única planta conhecida do Hospital – abstraímos-nos de citar, por irrelevante, a sua representação na planta geral de João Nunes Tinoco (1650) –, denominada PLANTA TOPOGRAPHICA EIXACTA DO SITIO QUE COMPREHENDE A ILHA EM QUE ESTAVA EDIFICADO O HOSPITAL REAL DE TODOS OS SANTOS (...) levantada por Guilherme Joaquim Paes de Menezes, na presença do sargento-mor Phellipe Roiz de Oliveira. No entanto, esta planta é bastante omissa no que respeita a pormenores e apresenta os quatro claustros (bem como um quinto pequeno pátio na parte posterior) numa disposição, em relação ao corpo da igreja, não condizente com as descrições que nos ficaram. O mesmo não acontece relativamente à representação daquele Hospital na PLANTA DAS FORTIFICAÇÕES DE LISBOA, datada de 1761, do mesmo Guilherme Paes de Menezes e de Elias Sebastião Poppe, desenhada sobre uma planta da cidade (cópia) anterior ao Terramoto de 1755, onde os claustros ocupam uma posição coincidente com as descrições dos corógrafos citados anteriormente.

^{xvii} Como ficou bem provado em Senos, 2002: 96-107, as imagens iluminadas de Lisboa quinhentista têm uma cronologia diferente da proposta por Felicidade Alves que se socorreu, ao tempo, sobretudo do trabalho de Reynaldo dos Santos de 1970 sobre *A tomada de Lisboa nas iluminuras manuelinas* (Santos, 1970). Por outras palavras, é mais correcto encontrar a datação exacta destas iluminuras uns anos mais tarde. Assim, para a imagem de Lisboa da *Crónica* de Duarte Galvão, é possível balizá-la entre 1534 e 1540; para a imagem da British Library da *Genealogia*, deverá ser anterior, ou seja, de 1530-1534. Estas propostas de Nuno Senos, que subscrevemos, baseiam-se na observação atenta das campanhas de obras empreendidas no Paço da Ribeira e no edifício fronteiro da Alfândega.

^{xviii} Em trabalho editado postumamente por José Meco, Irisalva Moita defende para esta *Vista de Lisboa* de Leyden uma cronologia diferente daquela estabelecida por Ayres de Carvalho. Com base numa análise meticulosa do edificado pintado naquela *Vista* e através de argumentação perspicaz e sólida, a autora recua a datação para os anos de 1534-1544, o que assenta melhor na genealogia da iconografia lisboeta do Renascimento e, por extensão, na atividade do pintor, iluminador e retratista António de Holanda, o seu muito provável autor. Ver Moita, 2009: 27-61. De salientar que Andreas Ghelert (2008: 208-213) deu a conhecer um panorama da cidade de Lisboa, tomado por ocasião da visita de Filipe III de Espanha a Portugal em 1619. Nele pode ser apreciado o Hospital Real que, como se vê, dominava volumetricamente o Rossio, a escadaria de acesso à igreja, respectivo tabuleiro, portal manuelino e arcaria característica que terminava junto de S. Domingos.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Do século XVIII são também os documentos que representam a face oriental do Rossio, nos quais sobressai a fachada do Hospital Real de Todos-os-Santos, ou parcelas dessa fachada, e que se resumem aos seguintes:

- Pannel de azulejos dos inícios do século XVIII (e, portanto, anterior às obras introduzidas no Hospital por D. João V), que faz parte de um conjunto de painéis com vistas de Lisboa pertencentes ao Museu da Cidade.
- HISTOIRE ABREGÉE DU PORTUGAL, publicada em Amesterdão, em 1742 (conhecida através de uma notícia dada pelo dr. Durval Pires de Lima, no boletim *Olisipo*, nº 19, 1942), onde se encontra uma gravura que, contudo, não passa de um simples esboço.
- Pannel de azulejos dos meados do século XVIII, de proveniência desconhecida, que existia no “Solar” Monjope de José Mariano Filho, estado de Guanabara, Brasil, referido e reproduzido por Santos Simões em AZULEJARIA PORTUGUESA NO BRASIL (1500-1822), p. 177, ed. F.C.G., 1965. O pannel representa um Auto-Fé, tendo por fundo a face oriental do Rossio, onde se destaca a fachada do Hospital Real de Todos-os-Santos.
- Pannel de azulejos dos meados do século XVIII, posterior a 1750, proveniente do Convento das Trinas, com vista do Hospital de Todos-os-Santos. Encontra-se encaixotado no Museu do Azulejo. Reproduzido em desenho por Matos Sequeira, em *O Terreiro do Paço e o Rossio*, na revista TERRA PORTUGUESA, vol. 2º, Lisboa, 1916-1917.

Água tinta de Zuzarte, datada de 1787, mas que representa a fachada oriental do Rossio antes do Terramoto de 1755. Como no pannel do “Solar” Monjope e no silhar que existia no Convento das Trinas, a frontaria do Hospital apresenta uma expressão classicizante, tal como deveria ter ficado depois das profundas obras realizadas após o incêndio de 1750^{XIX}.

- ARCHIVO PITTORESCO (vol. IV, 1861, p. 213), onde se encontra uma gravura de um desenho que esteve na posse de José Valentim de Freitas, onde está patente a fachada da igreja que, sabemos, não foi atingida pelo incêndio de 1750 e, por isso, conservou a sua expressão manuelina original. Feito do natural, antes do edifício ter sido arrasado por determinação do Marquês de Pombal, tudo indica que nele houve a intenção de documentar o referido frontal do templo antes do seu desaparecimento, sendo flagrante a sua semelhança com o mesmo pormenor representado no pannel de azulejos do Museu da Cidade, neste, naturalmente, claro, com menor preocupação de rigor.

Em 1960, aquando da abertura da estação do Metropolitano no Rossio, a Câmara Municipal de Lisboa, promoveu no local escavações, incidindo na zona NW daquela praça, com vista a pôr a descoberto as ruínas do Hospital Real, e que foram por mim acompanhadas. Por desinteresse dos responsáveis pelos Serviços Culturais Municipais de então, perdeu-se uma

^{XIX} Ainda recentemente (Out. 2014), no antiquariato (AR-PBA Antiguidades - Álvaro Roquette e Pedro Aguiar-Branco), surgiu um óleo sobre tela que repete o tema da gravura de Zuzarte, e que poderá bem ter servido de base para a composição gravada.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

oportunidade única de prosseguir com as escavações em toda a área ocupada por aquela praça, o que teria permitido um levantamento das fundações de todo o edifício, incluindo a sua igreja. Embora estes trabalhos se tenham limitado a uma parcela restrita, as ruínas encontradas e registadas numa planta elaborada por Joaquim Correia são, mesmo assim, dados preciosos para a rectificação de alguns desajustamentos existentes entre os vários autores que descrevem aquele monumento. O *Relatório* dessas escavações encontra-se publicado na REVISTA MUNICIPAL, Nº 104/105, de 1965, e nº 108/109, de 1966^{xx}.

3. Bibliografia geral^{xxi}

- NOTICIA DE DOIS DOCUMENTOS RAROS RELATIVOS AO HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS, de Eduardo Abreu, em *Arquivos da História da Medicina Portuguesa*, Porto, 1887.
- COMENTÁRIOS AO TRATADO DE MAJESTADE, GRANDEZA E ABASTANÇA DA CIDADE DE LISBOA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVI..., de José J. Gomes de Brito, 1923.
- O HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS DA CIDADE DE LISBOA, de Mário Carmona, Imp. Port., Porto, 1954.
- CRÓNICA DO HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS, de Augusto de Silva Carvalho, Lisboa, 1949.
- DOIS NOTÁVEIS HOSPITAIS PORTUGUESES, de Fernando da Silva Correia, em *A Medicina Contemporânea*, nº 16, 17 e 18, Ano LX, 1942.
- UM DOCUMENTO IMPORTANTE PARA A HISTÓRIA DO HOSPITAL DE TODOS-OS-SANTOS, de Fernando da Silva Correia, em *Imprensa Médica*, 1940.
- O HOSPITAL DE TODOS-OS-SANTOS. SUA FUNDAÇÃO. HOSPITAIS EXISTENTES EM LISBOA. EL-REI D. JOÃO II. O SEU TESTAMENTO. EL-REI D. MANUEL I, de J. Cipriano Costa Goodolphim, em *Trabalhos da Academia das Ciências*, 1ª série, tomo I, Lisboa, 1908.
- O HOSPITAL DE TODOS-OS-SANTOS, HOJE DENOMINADO DE S. JOSÉ, de Alfredo Luís Lopes, Imprensa Nacional, Lisboa, 1890.

^{xx} Em 1993, por ocasião da comemoração dos 500 anos do Hospital Real, a Câmara Municipal de Lisboa, através do Museu da Cidade, organizou sobre a temática uma exposição comissariada por Ana Cristina Leite, fazendo acompanhar a mostra com um catálogo que resultou do trabalho produzido por vários investigadores sobre o assunto, cruzando as áreas da História, História da Arte, Arqueologia e Arquitectura. Em 2009, no projecto de reconstituição virtual em 3d de alguns dos mais emblemáticos edifícios de Lisboa anteriores ao Terramoto de 1755, a equipa do Museu da Cidade, coordenada por Ana Cristina Leite, apresentou uma proposta interessante, tirando partido não só das novas tecnologias reconstitutivas, mas também de toda a iconografia histórica existente do Hospital e do Rossio.

^{xxi} Ver também a bibliografia entretanto acrescentada nas notas e a reunida no final do livro.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

- ESPARSOS, de José Maria António Nogueira, Colectânea de várias publicações da 2ª metade do século XIX, sobre hospitais, entre eles, o Hospital Real de Todos-os-Santos, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1934.
- ELEMENTOS PARA A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE LISBOA, de Eduardo Freire de Oliveira, Lisboa, 1882.
- SUMMARIO DE VARIA HISTORIA, de Ribeiro Guimarães, em *A Velha Lisboa e as suas Ruas*, vol. I, pp. 50-57, Lisboa, 1872.
- O TRATAMENTO DAS BOMBAS NO HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS EM PRINCÍPIOS DO SÉCULO XVI, de Sebastião da Costa Santos, Lisboa, 1916.

(In Moita, 1992: 53-55)

Veja-se ainda:

- OS TECTOS MANEIRISTAS DA IGREJA DO HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS (1580-1613), de Dagoberto L. Markl e Vitor Serrão, 1980^{xxii}.
- A tela que representa a Vista de Lisboa de 1619 por ocasião da chegada de Filipe III de Espanha a Portugal, actualmente à guarda do Castelo de Weilburg, é um excelente exemplo iconográfico do Hospital Real e demais edifícios religiosos da Lisboa da época moderna, mostrando a cidade desde Belém até Xabregas.

^{xxii} Ver também a bibliografia entretanto acrescentada nas notas e a reunida no final do livro.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ **ERMIDA (?) OU NICHU DE SANTO ANTÓNIO, ÀS PORTAS DE SANTA CATARINA**

Século XVI [início] ou mesmo século XV (?)

Carvalho da Costa (Costa, 1712: vol. III, 479), a propósito da igreja de Nossa Senhora do Loreto, diz: “*Esta igreja [de Nossa Senhora do Loreto] se fundou junto a um nicho de Santo António que estava junto ao muro desta cidade, no qual está hoje [1707] a capela deste Santo, que tinha sua Irmandade que administravam os Cabras, a qual extinguiram os italianos com demandas*”.

O Pe. João Baptista de Castro (Castro, 1763: tomo III, 322) dá uma notícia algo diferente: “*Foi erecta a primeira igreja [de Nossa Senhora do Loreto] em uma Ermida da invocação de Santo António que os Confrades Italianos ampliaram por concessão do papa Leão X e de El-Rei D. Manuel pelos anos de 1517, anexando-se depois ao Cabido Lateranense por Breve que o dito Cabido lhe passou em 20 de Abril de 1518, confirmado pelo mesmo Pontífice Leão X*”, etc.

Fica-se sem saber ao certo se esta era uma Ermida ou um Nicho. Matos Sequeira (1939: vol. I, 293 e ss.) aceita melhor o nicho devoto do que a ermida extra-muralhas. Todavia não deixa de mencionar uma indicação do “Livro Primeiro das Juntas” colhida num extracto da “Mesa” de 16 de Setembro de 1743, em que se diz, a pág. 281, que o sino mais pequeno, dos cinco que então havia na torre, além da garrida “*era tradição que tinha sido da Irmida de Santo António dos Cabras*”, fundada no sítio em que hoje está a igreja.

Cabras era o nome que então se dava aos índios.

A capela do Santo (herdeira da Ermida, ou nicho) foi restaurada em 1615. O Fiscal das Capelas do Hospital Real, Melchior Rodrigues, mandou nesse ano à Irmandade que vendesse umas casas no Jogo da Pela e na Cordoaria Velha, e várias peças de ouro e prata que possuía, para reparar o altar de Santo António (Vd. Sequeira, 1939: vol. I, 294).

Além da dúvida sobre se era “ermida” ou “nicho”, também não se sabe desde quando existia esse memorial. Pelo menos, já existia no tempo do rei D. Manuel. Júlio de Castilho dá a ermida como existente em pleno século XV; mas Matos Sequeira (1939: vol. I, 293) diz que, tendo corrido o vasto memorialismo das Crónicas Religiosas, dos Agiológios e Santuários, não encontrou nenhuma referência à piedosa capela que se aninhava atrás da torre norte das Portas de Santa Catarina.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ IGREJA DE SANTO ANTÓNIO À SÉ – 1ª

Século XVI [1º quartel] →1718 #

1. D. João II, em seu testamento, ordenou ao seu sucessor a construção de um templo dedicado a Santo António, no mesmo local em que ele nascera^{xxiii}.

Assim o cumpriu D. Manuel: [D. Manuel] “*fez de novo a Igreja de Santo António de Lisboa, por legado de El-Rei Dom João segundo, que lho deixou encomendado em seu testamento*” (Góis, [1566] 1926: iv, cap. LXXXV, fl. 109, p. 204).

O referido monarca dotou a igreja com muita grandeza, ricos paramentos, alfaias, vasos sagrados, e importantes rendimentos: assim, esta igreja tornou-se uma das mais suntuosas daquela época^{xxiv}.

Dentro da igreja, por debaixo do coro, ao lado esquerdo da porta principal, está escrito num grande quadro de pedra, um resumo deste facto. Do lado direito, num outro quadro igual, está também escrito em resumo o facto de ter escapado ao terramoto a capela-mor e o pequeno quarto onde a tradição diz que o santo nasceu, o qual está colocado por debaixo da referida capela, assim como a data de 25 de Agosto de 1767, em que se lançou a pedra fundamental do templo que hoje existe.

Devido à piedosa devoção dos dois monarcas, o arquitecto colocou um rótulo no arco da porta, formando uma espécie de grinalda, em que se viam umas letras de pedra, simulando troncos de árvores e vários bichos esculpidos. As letras diziam:

JOANNES II EMMANUEL I
REGES HOC OPUS CONSTRUXERUNT

^{xxiii} Ainda do último terço do século XV, refira-se a encomenda de um retábulo flamengo que decorava o altar-mor da igreja antoniana, substituído talvez mais tarde por um de autoria de Francisco Henriques. Este retábulo quatrocentista derivava de uma oferta da Duquesa D. Isabel de Borgonha (1397-1471) e homenageava o irmão, o malgrado Infante D. Fernando, que surgia nele pintado, a par de seus pais D. João I e D. Filipa de Lencastre. Cf. Paviot, 1995: 90-102. Esta obra retabular, que não chegou até nós infelizmente, é descrita pelo autor anónimo do final do século XVI do Manuscrito do Rio de Janeiro revelado por Artur da Mota Alves em 1931. Nele faz-se referência também a um pintor, ainda desconhecido, Diogo Gomes da Rosa que teria executado tal peça. Cf. Flor, 2010: 172-173. Na ressaca da tomada de Arzila, conta a Crónica da conquista desta praça africana que o rei D. Afonso V ofereceu uma porta de bronze à igreja, de acordo com informação prestada por Teixeira, 1997: 45.

^{xxiv} Da época manuelina (a partir de 1513), datam também o novo retábulo da capela-mor e a pintura e douramento do coro da igreja (1518), da responsabilidade de Francisco Henriques (a. 1503-1518) e Jorge Afonso (a. 1508-1540) e Bartolomeu Fernandes respectivamente. Cf. Caetano, 2013: 64-67. Apura-se agora que a intenção de ornar a capela-mor com um retábulo de pintura remonta a 1509, data em que D. Manuel incumbiu Rui Mendes do Senado da Câmara de tomar a seu cargo a obra, de acordo com documentação do Arquivo Histórico Municipal: AML-AH, *Casa de Santo António*, Livro 1º do Alqueidão, doc. 42. Em 1513, recém-chegado da sua terra Natal, o pintor flamengo Francisco Henriques planeava começar a obra, embora se queixasse não ter recebido o suficiente para o arranque da mesma.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Debaixo da tribuna do Senado estava uma pedra dourada com uma longa inscrição que vem transcrita no livro das *Antiguidades de Lisboa*, publicado por António Coelho Gasco (1924: 141).

2. Cristóvão Rodrigues de Oliveira (Oliveira, 1987: 52) deu a seguinte notícia:

“A igreja de santo António está na freguesia da Sé, na mesma casa onde seu pai e mãe viveram. É casa mui venerada e de muita devoção. Tem confraria do mesmo santo, governada por pessoas nobres, vereadores cidadãos. Valem as esmolos, com um peditério geral que tem, quinhentos cruzados.

Há nesta igreja todos os domingos e festas de Nosso Senhor e de Nossa Senhora missa de canto de órgão.

Há um capelão quotidiano, que diz estas missas e as mais rezadas. O qual tem de partido, com benesses e o mais que lhe os confrades dão, cada ano trezentos cruzados. Dizem-se nesta igreja cada dia quarenta missas e algumas festas mais de cinquenta devotos, de que se há de esmola por ano mil e cem cruzados.

Há nesta igreja outra confraria, governada pelos letrados da cidade, ou seja, o governador, e toda a casa civil, da invocação de Nossa Senhora das Neves. Valem as esmolos oitenta cruzados”.

3. A igreja vem desenhada no *Theatrum Urbium*, de Jorge Bráunio, 2ª metade do século XVI (nº 122)^{xxv}. Todos os Reis de Portugal concorreram para o esplendor do templo. Porém, foi D. João V quem o renovou, fazendo desta igreja um dos mais sumptuosos templos da Europa¹.

Vd. Igreja de SANTO ANTÓNIO À SÉ - 1718

Vd. Domingos Vieira Serrão (atrib.), Vista de Lisboa de 1619,
Castelo de Weilburg

¹ Foi do Senado – que estava junto à igreja – que no dia 1º de Dezembro de 1640 saíram incorporados os vereadores com a bandeira da cidade, para se reunirem aos que pelejavam pela Restauração do Reino.

^{xxv} Felicidade Alves socorreu-se bem quer de Cristóvão Rodrigues de Oliveira, quer de António Coelho Gasco. Acrescentamos nós as referências à igreja de Santo António trazidas por Damião de Góis em *Urbis Olisiponis Descriptio* de 1554, informando-nos que o lugar onde se ergue a *Capela de Santo António* outrora servia de morada dos pais de Santo António, *que chamam de Pádua*. Além disso, regista também a presença da casa municipal (Senado) nas instalações do templo. Em estudo de 1997, Gabriella de Barbosa Teixeira comprovou que nelas funcionaram os Paços do Concelho e, mais tarde, o Tribunal do Cível. Cf. Teixeira, 1997: 43-55. Sobre a igreja de Santo António, consultar também Rema, 2003: 81-86.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ **ERMIDA DO ESPÍRITO SANTO, DA ALCÁÇOVA †****Século XVI (?) → † 1755**

Bautista de Castro apenas regista: “*Dizem que esta ermida fora fundada em tempo de el-rei D. Manuel, pelos navegantes da carreira da Índia, logo nos princípios do seu descobrimento*” (Castro, 1763: tomo III, 256).

O *Sumário* (1551) de Cristóvão Rodrigues de Oliveira menciona-a, calculando as esmolas desta casa em trinta cruzados (Oliveira, 1987: 57). Também João Brandão de Buarcos refere, entre “*as ermidas que não são curadas*”, “Santo Sprito d Allcaseva” (cf. “Santo Espírito da Alcáçova” in Brandão [de Buarcos], ed. 1990: 115). O terramoto de 1755 arrasou-a.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA DE SANTA ANA

Século XVI [ant. a 1551] ou século xv (?)

O *Sumário...* (1551) de Cristóvão Rodrigues de Oliveira regista a existência da “*Ermida de Santa Ana* [que] *está na freguesia de Santa Justa. Valem as esmolas desta casa cinquenta cruzados*” (Oliveira, 1987: 55) Iguualmente João Brandão (1552) menciona Santa Ana entre as ermidas não-curadas (Brandão [de Buarcos], ed. 1990: 115).

Nada sabemos sobre as origens desta ermida, que se situava no então chamado Campo do Curral. Em 1561 passaram para esta ermida as “*Beatas penitentes da Paixão de Cristo*”. Eram então padroeiros da capela-mor os oficiais sapateiros. Foi o começo do Convento de Sant’Ana – 1562.

Entre os anos de 1564 e 1569 foi ali criada a sede de nova freguesia, chamada de Sant’Ana e, posteriormente, em 1705, mudada para nova igreja, com o nome de “*Nossa Senhora da Pena*”.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Ø IGREJA DO MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE BELÉM (JERÓNIMOS)

Século XVI [1ª pedra - 1502] → 1833

1. INTRODUÇÃO

Este mosteiro foi o mais ambicioso programa arquitectónico e religioso concebido para Lisboa no século XVI, e um dos mais sumptuosos de toda a nossa história^{xxvi}.

Toda esta magnífica construção foi erguida com a maior largueza do tesouro e empenhamento pessoal do Rei Venturoso e, no entanto, só a quarta parte do projecto chegou a ser executado, e nem essa quarta parte ficou completamente acabada (de quatro claustros só um foi acabado, de quatro dormitórios um...).

Uma parte notável foi mutilada no decurso do tempo; foi espoliado da maior parte do seu recheio artístico e funcional (pinturas, tapeçarias, paramentaria, livraria, arquivo, órgãos, livros de coro, etc.); foi esvaziado da Comunidade Monástica, que era a razão de ser da sua fundação e a sua alma...^{xxvii}. E, apesar disso, o que resta é ainda o principal monumento de Lisboa!

À Praia do Restelo cabe a glória de ter sido cenário de alguns dos mais grandiosos acontecimentos ligados à Expansão da Europa nos séculos XV e XVI, por mediação dos Portugueses. Basta referir: a partida e o regresso das naus que fizeram o Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia (1497-1499); a partida das naus que aportaram ao Brasil (1500); a concentração e partida da frota que fez a Conquista de Ceuta (1415)... E foi ao porto do Restelo que Cristóvão Colombo aportou e se apresentou ao rei D. João II, no regresso da sua primeira Viagem às Antilhas, antes de seguir para Castela (1493).

Por estes e outros motivos, o Mosteiro dos Jerónimos é um perene Padrão comemorativo e um Memorial votivo, que proclama uma singular epopeia na História deste Povo e da Civilização Humana. Acresce que ali repousam os restos mortais de figuras ímpares da Pátria Portuguesa, nomeadamente dos Reis e Rainhas do século XVI, do navegador Vasco da Gama, do épico Luís de Camões.

Nesta notícia limitamo-nos à igreja deste Mosteiro, deixando de lado as diversas instalações monásticas, mesmo tão excepcionais como o Claustro.

^{xxvi} A obra publicada por Felicidade Alves dedicada ao Mosteiro dos Jerónimos em três volumes, entre 1989 e 1993, é ainda hoje um trabalho de referência e que compila cuidadosamente a maior parte da informação histórico-artística do monumento. Para a história do edifício e seu recheio patrimonial, consultem-se entre outros os seguintes trabalhos, aqui ordenados cronologicamente: Franco, 1992; Dias, 1993; Moreira, 1994: 181-194; Serrão, 2000; Pereira, 2002; Corrêa, 2004; Charola, 2006; Flor, 2008: 66-73; Neto e Soares, 2013.

^{xxvii} Sobre o património do Mosteiro e sua dispersão, ver por exemplo Franco, 1992 e Soares, 2005.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

2. PREPARATIVOS PARA A CONSTRUÇÃO DO MOSTEIRO

- **1495 (fins de)** – D. Manuel requereu à Santa Sé a faculdade de fundar um Mosteiro de Frades Jerónimos na ermida e eremitério dos Freires de Cristo em Belém.
- **1496 (23. Junho)** – Bula de Alexandre VI concedendo faculdade de fundar o dito Mosteiro.
- **1498 (22. Dezembro)** – Carta de Doação, dada por D. Manuel, à Ordem de São Jerónimo, do sítio e assento que era dos Freires de Cristo em Belém.
- **1499 (17. Janeiro)** – Os Frades Jerónimos tomam posse jurídica da Casa de Santa Maria de Belém.
- **1499 (18. Janeiro)** – Doação de D. Manuel, ao Prior e Frades de Santa Maria de Belém, da vintena das taxas do ouro da Guiné.
- **1499 (6. Setembro)** – D. Manuel faz doação, ao Prior e Frades da Casa de Santa Maria de Belém, da vintena de todas as taxas impostas aos que negociam no trato das especiarias e pedraria das Índias e minas de ouro.
- **1500 (21. Abril)** – Os Monges Jerónimos tomam posse canónica e física do Mosteiro de Santa Maria de Belém.

N.B. A planta da primitiva traça ainda existia no Arquivo do Mosteiro, em 1834, ao tempo da extinção do Mosteiro. A autoria da traça arquitectónica global é comumente atribuída a Mestre Diogo Boytaca (c. 1460?– c. 1528).

3. PRIMEIRO PERÍODO DA CONSTRUÇÃO DA IGREJA: 1502-1516^{xxviii}

No reinado de D. Manuel - e tendo como mestre-de-obras Diogo Boytaca.

A primeira pedra terá sido lançada em 6 de Janeiro de 1502 (há quem opte por 1501).

Neste período deve ter sido construído o corpo da igreja (paredes periféricas, os pilares ou pilastras), os arcos do cruzeiro, as capelas do topo do transepto, o cruzeiro (janelões, pilares-mores, os seis nichos flamejantes, o arco triunfal para a capela-mor, o arco de ligação para a nave central; mas não a abóbada), a capela-mor primitiva.

^{xxviii} Lina Oliveira aduziu à questão do arranque das obras do mosteiro dos Jerónimos de Belém argumentos importantes, a favor de uma datação mais tardia, ou seja, em torno do ano de 1514. Oliveira, 2006: 21-57.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

4. SEGUNDO PERÍODO DA CONSTRUÇÃO DA IGREJA: 1517-1521

Ainda no reinado de D. Manuel; mas tendo como mestre-de-obras João de Castilho.

Um novo momento de aceleração se deu nos fins de 1516, com um novo sistema de gestão das obras, as empreitadas; e com nova direcção arquitectónica, João de Castilho; e com nova visão funcional: o Mosteiro passara a ser Cabeça da Ordem em Portugal, era agora concebido para 100 monges, e pela primeira vez surge a determinação de a sepultura de D. Manuel ser feita no espaço da capela-mor.

No dia 2 de Janeiro de 1517 “começaram de servir os empreiteiros em suas empreitadas, segundo regimento de El-Rei nosso Senhor”. A primeira empreitada é a do próprio João de Castilho, que se desdobra em vários grupos, entre os quais um grupo para tratar da porta lateral, com 30 oficiais, os melhores, grande parte deles franceses, bom número de espanhóis, e alguns portugueses; outro grupo desta empreitada, com 10 oficiais, ocupava-se da sacristia. Uma segunda empreitada, chefiada pelo mestre francês Nicolau Chanterene, tratava da porta principal, a do poente, com 11 oficiais.

À data da morte do Rei D. Manuel (13 de Dezembro de 1521), estava completado o corpo da igreja: colocada a abóbada das naves, reelaboradas as colunas; feita a sacristia; completas, ou muito adiantadas, as duas portas.

5. AS OBRAS DA IGREJA DURANTE O REINADO DE D. JOÃO III: 1521-1557

O mais importante foi o fazimento da abóbada do cruzeiro da igreja, cerrada por João de Castilho em 1522; os planos já estariam prontos no reinado de D. Manuel.

Entre c. de 1540 e 1551 é mestre das obras de Belém Diogo de Torralva (c. 1500-1566). A ele se devem alguns arranjos na capela-mor primitiva, o desenho do cadeiral do coro-alto, a abóbada do sub-coro^{XXIX}.

Em 21 de Outubro de 1551, passados 30 anos sobre a morte do rei D. Manuel, deu-se execução a instante cláusula do testamento real, que determinava fosse a sua sepultura dentro da capela-mor, diante do altar-mor abaixo dos degraus. Ao lado do Rei, em campa rasa, ficaram os restos da Rainha Dona Maria e do Cardeal D. Afonso.

^{XXIX} A análise da empreitada de obras de Torralva nos Jerónimos na década de 40 e início da seguinte foi aprofundada por Diogo Maleitas Corrêa na sua dissertação de mestrado, intitulada *O Cadeiral do Mosteiro dos Jerónimos: entre o Humanismo e a Contra-Reforma* (2002) e bem sintetizada em Corrêa, 2004. Por estes anos, contemporâneos de Torralva, datam as intervenções decorativas de Diogo de Çarça (remate do claustro, cadeiral e restante mobiliário litúrgico entretanto não localizado) e de Filipe Brias (crucifixo). Cf. com os textos anteriores e também Flor, 2008: 66-73.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

6. DEPOIS DE D. JOÃO III

Mencionaremos alguns factos pontuais:

- Remodelação da capela-mor, em 1571-1572 (a que dedicaremos um artigo especial).
- Trasladação dos ossos de D. Manuel, Dona Maria, D. João III, para os mausoléus sobre elefantes, em 14 de Outubro de 1572.
- Trasladação dos restos mortais do Rei D. Sebastião para o Mosteiro: 1582.
- Modificações nas capelas dos topos do Transepto e colocação de quatro quadros de pintura: finais do século XVI.
- Mausoléus para D. Sebastião e para o Cardeal D. Henrique: 1682.

7. A PARTIR DE 1833

O Mosteiro foi secularizado por Decreto de 28 de Dezembro de 1833; e foi nele instalada a Casa Pia de Lisboa.

Quanto à igreja, foi constituída em sede da paróquia do Bairro de Belém, servindo ao mesmo tempo de capela para os alunos da dita Casa Pia.

8. DESCRIÇÃO SUMÁRIA DA IGREJA

Achamos que convém dar uma descrição global, embora breve, da igreja. Em vez de elaborarmos uma descrição pessoal, transcrevemos a que o Padre António Carvalho da Costa nos conservou na sua *Corografia Portuguesa* (1712: vol. III, 655-660).

“O Real Convento de Belém está situado em hũa alegre, & vistosa planicie junto do mar, hũa legoa de Lisboa para o Poente, em hũm lugar, que antigamente se chamava Rastello, & depois Restello, aonde havia hũa Ermida de N. Senhora, que fundou o Infante D. Henrique, primeyro Duque de Viseu, filho del-Rey D. João I, & a deu aos Religiosos da Ordem de Christo, sendo Gram Mestre della, para que ali servissem a Deos, & a N. Senhora, sua especial Patrona nas navegações, que com taõ feliz auspicio conseguio. Mas falecendo o dito Infante D. Henrique no anno de 1460, & começando a reynar o felicissimo Rey D. Manoel no de 1495, fez doação da dita Ermida aos Monges de S. Jeronymo, que no anno de 1497, em recôpensa daqueue he a mais sumptuosa, com mais de trinta figuras de pedra, lavradas com todo o primor da arte. No alto desta porta està a Imagem de N. Senhora dos Reys, Orago desta Igreja & sobre hũa columna, que divide a porta pelo meyo, està o sobredito Infante D. Henrique. A porta principal he de hum arco, com diversas figuras de pedra, como a del-Rey D. Manoel, & a Rainha D. Maria, sua segunda mulher, & lhe fica defronte a Capella da Senhora do Vencimento, Imagem muy devota, aonde tem seu jazigo o Irmãos dos Passos desta Real Casa; e para a maõ esquerda està a portaria do Convento, com seus dísticos Latinos, & varias figuras de pedra, como a de

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Julio Cesar, & Hercules. A Igreja he de tres naves, fundada sobre oyto columnas de pedra bem lavradas, & o tecto de laçaria; a Capella mor não se acabou, por fallecer naquelle tempo el Rey D. Manoel, & a que hoje existe fundou a Rainha D. Catharina, mulher del-Rey D. João III, tem trinta & duas columnas, dezasseis mayores, que dividem as sepulturas, & outras tantas mais pequenas, que dividem as frestas: o tecto he de almofadas em meya laranja, & o pavimento de embutidos de varias cores a modo de xadrès. Os painéis do retabolo são cinco, tres da Payxaõ de Crhisto, 6 dous da Adoração dos Reys: nas duas sepulturas da banda do Euangelho jazem el-Rey D. Manoel, & a Raynha D. Maria, sua segunda mulher, & nas outras duas da banda da Epistola estão sepultados el-Rey D. Joaõ III, & a Rainha D. Catharina, sua mulher. O Altar, para o qual se sobe por tres degraos, he de pedra de embutidos com suas grades de bronze douradas, de altura de dous palmos & meyo, sobre frizos de marmore: as outras grades de bronze dividem a Capella mor do Cruzeyro com dous púlpitos em meya laranja. Tem hum grande Sacrario de prata, lavrado de folhagens de meyo relevo, com a Adoração dos Reys na porta, com varias figuras tambem de meyo relevo; el-Rey D. Affonso VI, deu a consignaço para se fazer, & depois que deyxou o governo, o mãdou acabar seu irmaõ, o senhor Rey D. Pedro II. que o deu a este Real Convento. Serve este Sacrario de throno, aonde se expõem o Santissimo Sacramento em hua rica custodia de ouro, do primeyro que veyo de Quiloa, que deu el-Rey D. Manoel a este Convento. A baze do Sacrario he de pedra embutida de diversas cores, & tem no meyo hum arco, dentro do qual estão tres túmulos, aonde jazem os corpos del-Rey D. Affonso VI. do Principe D. Theodósio, & da Infante D. Joãna, todos filhos del-Rey D. João IV.

O Cruzeyro he o mayor quem tem toda a Europa, todo de laçaria de admiravel architectura, com o pavimento de xadrès: Ha nelle seis Altares dourados, 6 dous estofados, hum de S. Jeronymo, & outro de Santa Paula, com muytas reliquias, que servem de Santuarios; o de S. Jeronymo tem hũa Reliquia deste Santo em hua custodia de prata, cuja Imagem he a melhor, que tem toda a Hespanha, pela sua cabeça, que parece viva. Em o outro Altar esta N. Senhora de Belem, imagem de vestidos, e nos outros N. Senhora das Estrelas, Santa Eustaquio, & Santo Antonio das Barbas. Nos lados deste Cruzeyro estão duas Capellas collateraes, na da banda do Euangelho estão as sepulturas dos filhos del-Rey D. Manoel & a do Cardeal D. Henrique, 6 junto a ellas estão dous Altares com dous frontaes de pedra, que são duas laminas da vida de S. Jeronymo, hũa de Santo Eusebio, Monge da Ordem, 6 outra de S. Francisco Xavier. Tem mais dous Altares collateraes com duas excellentes pinturas, aonde estão as sepulturas dos Infantes D. Duarte, D. Fernando, D. Antonio, D. Luis, & D. Carlos. Na outra Capella da banda da Epistola estão sepultados el-Rey D. Sebastião, o Principe D. Joaõ, seu pay, D. Manoel, D. Antonio, D. Dionysio, D. Affonso, D. Fillipe, D. Isabel, & D. Beatriz; & no pavimento esta hũa sepultura rasa, em que jaz D. Duarte, filho illegitimo del-Rey D. Joaõ III. que foy Arcebispo de Braga: tem mais duas Capella com admiraveis pinturas, & outros dous Altares com frontaes de pedra, 6 dous passos da vida de S. Jeronymo: em hum destes Altares tem seu enterro a senhora D. Catharina, Rainha de Inglaterra, filha del-Rey D. Joaõ IV. No fim da Igreja debayxo do Coro estão duas Capellas, hũa do Senhor dos Passos, toda de talha dourada, com seus nichos apaynelados da Payxaõ do Senhor, cujos Irmãos fazem a sua festa aos tres de Mayo com grande dispendio, & apresentaõ três dotes de larga esmola, alem de outras muytas, que distribuem aos pobres: defronte deste Capella esta a de S. Leonardo, cuja festa faz todos os annos o Marquez de Cascaes; & da banda da Capella do Senhor dos Passos, Imagem milagrosa, estão doze confessionarios, que se estendem até as grades do Cruzeyro.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A Sacristia he quadrangular com hũa columna no meyo, & à roda hũa baze, em que se põem as galhetas; tem bons cayxões pintados, 6 dourados, aonde estão muytos ornamentos de varias tellas, dadiva dos Reys Fundadores, & hum que serve em dia de S. Jeronymo, todo bordado de aljofres, com muytas peças de prata, y ouro. O claustro tem quatro lanços, que dividem vinte & quatro arcos; nos quatro cantos estão quatro payneis, & nos tres lanços tres Altares, que saõ o da Annunciaçõ de N. Senhora, o da sua Assumpçãõ, & e o de S. Jeronymo. Tem mais dous arcos perto da porta da Sacristia, onde està o Capitulo, que se naõ acabou, de que existem só as paredes, que se o cobriraõ, era o melhor lugar, que se podia escolher para sepultura de Reys, & Principes, que para isto o fazia el-Rey D. Manoel. Fica neste claustro o refeytorio, que he azulejado em redondo, com o tecto de laçaria de pedra, & tem hum paynel do Nascimento de Christo, com dezasete mesas, & cinco frestas grandes, & hua fonte de excellente agua no canto de hum lanço do claustro, que corre para hum tanque de pedra lavrado. Tem este claustro em cima outro do mesmo tamanho, aonde em hum lanço está a porta da casa da livraria, que fica sobre a Sacristia, com outra columna no meyo, a qual tem duas janelas para o Nascente, com estantes de bordo, & fino azulejo, aonde estão admiraveis livros de todas as facultades. Da outra banda ficaõ as hospedarias, que estão sobre o refeytorio, com sete recameras, & hua grande sala, que serve no Inverno de casa de fogo, aonde se tem agasalhado muytos Reys, & Principes da Europa. Sobre este segundo claustro està hum eyrado com alegre, & dilatada vista, & hum tanque no meyo com peyxes, alguns do tamanho de sáveis, 6 outros a modo de tainhas. Tem este tanque quatro passagens de pedra para hũa fonte, que tem no meyo, com hum chapeo de pedra, 6 quatro canteyros com suas lorangeyras, & muytas flores.

Na parede da Igreja da banda do claustro està hũa escada de Trinta & nove degraos, de cinco em cinco, & de seis em seis, com seus patareos, que he das melhores, que ha neste Reyno, pela qual se sobe para o coro, que he de excellente bordo, lavrado de varias figuras, & labores, com oytenta cadeyras, & por cima dezaseis payneis do mesmo bordo, sem pintura: tem hũa estante do mesmo, em que se põem os livros, os quaes saõ todos illuminados, & e se avaliaraõ em cincoenta mil cruzados: tem dous órgãos grandes, & dous mais pequenos, de sonoras vozes, & e defronte hũa devota Imagem de Christo crucificado, de admiravel grandezza, com seu sitial de seda; & as grades do coro saõ de pedra de finissimo jaspe: nelle estão dous Altares, hum de S. Bernardo, & outro de S. Basilio. Serve de antecoro a casa, que chamaõ dos Reys, por estarem nella pintados em meynos corpos, todos os que houve neste Reyno, até ao Senhor D. Joaõ V. tem esta casa duas janellas para o mar, & na parede um mostrador do relógio, o tecto he de talha almofadado de maçarocas: tem hum Altar com hum paynel de Santa Eustachio, tomando o habito da Ordem, com hũa janella para hum jardim pequeno, aonde estão as officinas, que saõ o forno, & a procuraçãõ. Segue-se a esta casa outra sala azulejada, com duas janellas, aonde estão em corpos inteyros os retratos dos Religiosos desta Ordem, que floreceraõ em virtude, & letras, que saõ os seguintes:

Fr. Vasco Martins, que foy o primeyro, que em Portugal reformou esta Ordem à imitaçãõ de S. Jeronymo, & fundou o Convento de Penha Longa.

O Illustrissimo D. Fr. Bras de Barros, que foy o primeyro Bispo de Leyria, Reformador do Conegos Regrantas de Santo Agostinho, & dos Religiosos da Santissima Trindade.

O Illustrissimo D. F. Christovaõ de Sà, que foy Arcebispo de Goa, & Primàs do Oriente.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Fr. Antonio Moniz, que foy Prior de Thomar, & Reformador da Ordem de S. Bento no Convento de Alcobaça.

Fr. Diogo de Murça, que foy segundo Reytor da Universidade de Coimbra. Fr. Heitor Pinto, que foy insigne Escritor, filho deste Convento, & Reformador dos Conegos de S. João Euangelista. Os outros Religiosos, que estão retratados em meyoos corpos, são os seguintes:

Fr. Jorge de Belem, que foy Mestre dos filhos del-Rey D. João III.

Fr. Miguel Valentim, que foy Lente de Vespera, & Vice-Reytor da Universidade de Coimbra.

Fr. Antonio de S. Joseph, chamado o Serpa, que foy Lente de Vespera da Universidade de Coimbra.

Desta sala se entra na escada da portaria principal por dous lanços de dezoyto degraos cada hum, aonde estão duas pinturas, hũa de Avelar, & outra de Arririno, que se terminaõ em hum patareo, em cuja parede està hum paynel de Christo com a Cruz às costas, donde se desce hũa escada de dezanove degraos, que termina na portaria, a qual he hũa casa azulejada com seus payneis, cujo tecto he de brutesco, & tem no meyo as Armas da Ordem. A cozinha tem agua nativa, & fogaõ da mesma sorte, que as chaminés dos Palacios de Cintra: a adega, & celeyro são de bastante comprimento, & aqui se vem principios de hum claustro, & da portaria do carro, que se não acabaraõ. O dormitório, saindo da Casa dos Reys, fica em direytura da Igreja, & Capella mor para o Poente, de tal modo, que em certos dias do anno entra o Sol pela porta, que sahe para a varanda, aonde està a fonte, & vyi dar na porta do Sacrario. Tem setenta & duas cellas, com cinco janellas de cada banda, com deliciosa vista para todas as partes, & remata em hua varanda de pedra com suas columnas, & tem hũa fonte de jaspe, bem celebrada em toda a Europa. Em cima tem hum eyrado, que descobre a barra, & he todo este dormitório lageado de lagedo de Hollanda, cujo tecto é de bordo abaulado, & tem no meyo hũa Capellinha, (aonde està o Senhor para Viatico, em que dizem Missa os velhos, por não poderem ir à Igreja) a qual he toda de talha dourada, com varias Reliquias de Santos, muytas peças de prata, & excellentes pinturas; tem este dormitório pela parte de fora guarnição de renda de pedra junto ao telhado, de Cruzes com diversas figuras nos botareos, por onde correm as aguas dos telhados, & varias pyramides, tudo muy bem lavrado, que fazem ser este Convento hũa oytava maravilha do mundo. Tem dilatada cerca, toda murada, alem de outras terras, que estão fóra dos muros, com duas Ermidas, hũa de S. Jeronymo, & outra do Santo Christo, de pedra muy bem lavradas; he abundante de aguas, & tem hũa perenne fonte para regar os pomares, que constaõ de toda a casta de frutas, com muytas vinhas, & olivaeas, & hum bosque, que chamaõ o Cunchoso, povoado de arvores sylvestres, aonde se vem os vestígios de hũa celebrada fonte, junto da qual jantava muytas vezes o Senhor Rey D. João IV. & passava a calma. Tem hum casal com abiguaria, aonde assiste hum Religioso com mais de vinte moços actuaes para a fabrica da lavoura, cuja colheyta passa de oytenta moyos de paõ; & ha nesta cerca copioso gado de boys, ovelhas, carnayros, & egoas, com hum grande pombal.

Parte destas noticias nos deu o P. Fr. Manoel de Castro, Religioso desta Ordem, & professo deste Convento, que são as que tem junto para a Chronica desta sagrada Religiaõ”.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Bibliografia

ALVES, José da Felicidade – *O Mosteiro dos Jerónimos*. Lisboa: Livros Horizonte, 1989-1993. 3 vols.

ATANÁZIO, Manuel Cardoso Mendes – *A Arte do Manuelino*. Lisboa: Ed. Presença, 1984

CASTRO, Frei Manoel Bautista de – *Chronica do Máximo Doutor e Príncipe dos Patriarchas São Jeronymo, Particular do Reyno de Portugal*, devedido em dous tomos (...). DGLAB/TT, Ms. da Livraria, nº 729

GÓIS, Damião – *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*. Lisboa: Casa de Francisco Correa, 1566 (3ª edição em 4 volumes, conforme à primeira, dirigida por J. M. Teixeira de Carvalho e David Lopes. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926)

JESUS, Frei Diogo de – *Amplificação da Historia de la Orden de San Geronimo*. DGLAB/TT, Ms. da Livraria, nº 2560. [c. 1666-1668]

SÃO MIGUEL, Frei Jacinto de – *Mosteiro de Belém. Relação da insigne e real Casa de Santa Maria de Belém*. Ed. Martinho Augusto Ferreira da Fonseca. Coimbra: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1901. Edição original de 1721

SIGUENZA, Frei José de – *Historia de la Orden de San Jerónimo*. Madrid: Bailly/Baillièrre é Hijos Editores, 1600-1605. 2 vols.

VASCONCELOS, Luys Mendez de – *Do Sítio de Lisboa. Diálogo*. Lisboa: Officina de Luys Estupiñan, 1608

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, DOS FREIRES DE CRISTO

Século XVI [1502?] → † 1755

1. A CASA GRANDE DA SINAGOGA DOS JUDEUS, NO LUGAR DE VILA NOVA

Aos judeus, nos primeiros séculos da Monarquia Portuguesa, não era permitido habitem nas povoações misturados com os cristãos, mas sim em bairros próprios ou Judiarias, situadas fora dos muros das cidades.

Em Lisboa houve, pelo menos, quatro Judiarias:^{xxx}

1ª A Judiaria Velha ou Judiaria Grande “ocupava uma pequena extensão do Vale da Cidade Baixa, entre a Rua Nova e a Igreja de São Nicolau, e entre a Igreja da Madalena e a de São Julião [Vd. Fig. 3] Já antes da conquista de Lisboa em 1147 estava esta zona destinada para os Judeus”. Vd. Silva, 1987a: 203, 236-237.

2ª A Judiaria Nova, junto da actual igreja de S. Julião, criada ainda no reinado de D. Dinis, integrava também a Rua das Tercenas. Vd. Silva, 1987a: 205.

3ª A Judiaria de Alfama, concluída em 1373, situada entre o muro da Torre de S. Pedro e a muralha fernandina. Vd. Silva, 1987a: 206-207.

4ª A Judiaria do Campo da Pedreira. Vd. Vieira da Silva, 1987a: 204-205.

Na Judiaria do Campo da Pedreira não consta que existisse qualquer sinagoga. Mas existiam nas outras três Judiarias. Na Judiaria Velha ou Judiaria Grande existia a Sinagoga Grande, e mais uma Sinagoga das Judias, e pelo menos mais duas. Vd. Silva, 1987a: 216-217.

A Sinagoga Grande ficava perto da Igreja da Madalena; na planta actual de Lisboa, situar-se-ia no leito da Rua dos Fanqueiros, a meia distância das ruas de São Nicolau e da Conceição (antiga dos Retroseiros).

^{xxx} Para esta parte, José da Felicidade Alves baseou-se maioritariamente nos estudos de Augusto Vieira da Silva, 1899-1900: 305-326 e 1987a: vol I, 203-239; vol. II, 5-29. O trabalho publicado no *Archeologo* contém no final uma planta de Lisboa antiga onde se reconhecem os espaços ocupados pelas várias judiarias existentes no século XVI. Trabalhos mais recentes de autoria de Amélia Aguiar Andrade (2006: vol. I, 143-163), bem como de Carlos Guardado da Silva (2010) esclarecem com novos dados documentais e interpretações cuidadas da documentação já publicada o essencial sobre a problemática das judiarias em Lisboa e sua primitiva localização.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

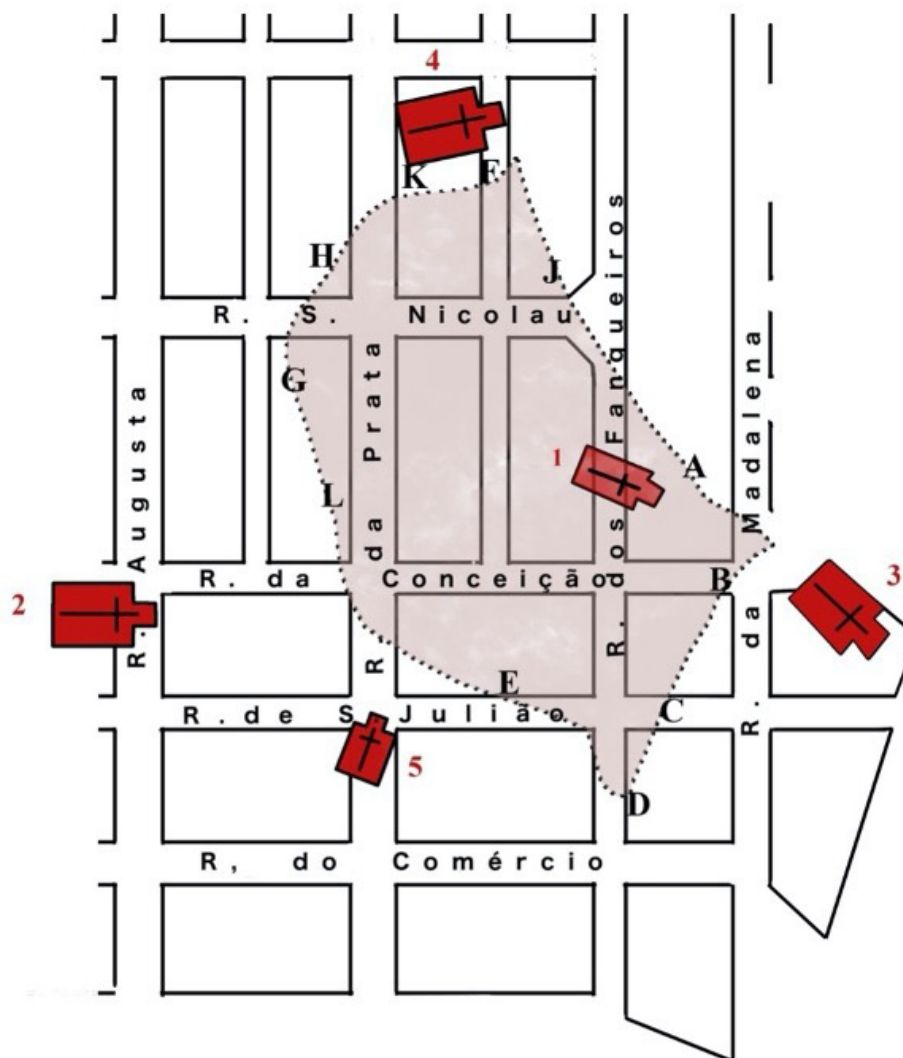
NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



1. Igreja da Conceição dos Freires [antes: Sinagoga Grande]
2. Igreja paroquial de S. Julião (antes do terramoto)
3. Igreja Paroquial de Stª Mª Madalena (id)
4. Igreja paroquial de S. Nicolau (id)
5. Igreja paroquial da Conceição Nova (id)

ABCDEFGHIJKL - Portas da Judiaria Velha (antes de 1446)

Fig. 3 - Limites da Judiaria Velha. Adaptação de Vieira da Silva (1900: 327).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

2. O ESCAMBO FEITO POR D. MANUEL I, DA IGREJA DO RESTELO PELA SINAGOGA

Quando D. Manuel decidiu construir o Mosteiro da Ordem de São Jerónimo no local da Ermida de Nossa Senhora do Restelo (ou de Belém), que pertencia à Ordem dos Freires de Cristo por doação do Infante D. Henrique (1460), tinha implícita a transferência dos ditos Freires para outro lado.

Simultaneamente, em 1496, D. Manuel decreta a expulsão dos Judeus e Mouros para fora dos seus Reinos, com a consequente expropriação dos seus bens. Na carta de Doação aos Monges Jerónimos (22 de Dezembro de 1498) do sítio e assento de Belém, revelava que a Ordem de Cristo seria compensada, por via de escambo, com a casa grande que fora sinagoga dos Judeus, situada no lugar chamado de Vila Nova, em Lisboa, e com mais outras doações.

A escritura de escambo só foi formalizada em 27 de Maio de 1502, numa “Carta de escambo e doação”. Neste documento, o Rei evoca a sua determinação em eliminar dos seus Reinos os Judeus e os Mouros, “por serviço de Deus, e nosso”, donde resultou que as propriedades e rendas que antes eram propriedade e fábrica da dita esnoga [sinagoga], passou o Rei a dispor delas livremente. Por isso (diz D. Manuel), *“ordenámos que na Casa Grande da Esnoga dos Judeus desta cidade de Lisboa se fizesse, em honra e louvor de Nossa Senhora da Conceição, uma igreja e que fôsse de sua invocação”* (Silva, 1899-1900: 311).

Daí surgiu a oportunidade para a permuta. Os Freires de Cristo perderam, em favor da Ordem de São Jerónimo, a igreja e assento de Belém, com seu pomar cerrado de muro, e as casas que estavam juntas com o dito pomar, e ainda uma casa de morada que estava acerca do chafariz: *“a qual não rendia coisa alguma, antes o Mestre ou Governador era obrigado lhe dar de suas rendas de foro um marco de prata cada um ano!”* (Alves, 1989: 22). Em troca, os ditos Freires de Cristo recebiam a dita Igreja de Nossa Senhora da Conceição; e mais cinquenta mil reais e vinte e quatro galinhas, que era o rendimento dos foros das casas da propriedade e fábrica da dita esnoga (cuja relação é dada, com as confrontações e demarcações); e ainda sem a obrigação, que antes tinham, de uma missa rezada todos os sábados pela alma do Infante D. Henrique, obrigação que é transferida para o Prior e frades do Mosteiro dos Jerónimos.

3. A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Pela “Carta de escambo e doação” de 27 de Maio de 1502, os Freires recebiam a igreja de Nossa Senhora da Conceição, que o Rei ordenara se fizesse na Casa Grande da Sinagoga. Fica-se com a impressão de que a igreja já estava feita nessa data, sendo entregue de bandeja aos Freires.

Nessa data, D. Manuel dotou a igreja com rendimentos bastantes para a sua sustentação: os tais 50 mil reais e 24 galinhas.

Para ali foi transferida a imagem de Nossa Senhora do Restelo, dádiva do Infante D. Henrique à ermida do Restelo.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

D. Manuel deu à igreja regimento a 29 de Janeiro de 1504, aprovado por Júlio II, que eximiu a igreja e as pessoas dela do poder do Ordinário, e as sujeitou a el-Rei, como administrador da Ordem de Cristo (Castro, 1763: tomo III, 352-353).

Obteve de Leão X que houvesse nela pia baptismal, para serem ali baptizados os mouros e índios reduzidos à fé católica (Silva, 1897: 9 e 25).

Em 30 de Novembro de 1519 foi encomendada a marcenaria para o retábulo desta igreja da Conceição, o qual Jorge Afonso é obrigado a pintar. A marcenaria ficou pronta e foi entregue em 22 de Julho de 1521, pouco tempo antes da morte de D. Manuel. Portanto, é muito provável que a obra “manuelina” da Conceição tenha terminado, ou quase, cerca de 1521-1522 (Vd. Segurado, 1977: 12 e 41-44). Este retábulo deve ter ardido no incêndio que destruiu a igreja após o terramoto de 1755.

4. O QUE O SUMÁRIO DIZIA EM 1551 DESTA IGREJA

Cristóvão Rodrigues de Oliveira no seu *Sumário* (Oliveira, 1987: 48-49) dá uma notícia preciosa sobre esta igreja:

“A Igreja de Nossa Senhora da Conceição não é paróquia. É da ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, tem um vigário e sete capelães que o ajudam a servir; tem o vigário de renda cada ano com os benesses e com um cruzado que lhe dão de cada navio que vem da Guiné com escravos, por os baptizar, cento e cincoenta cruzados. Os capelães são pagos na Casa da Índia trinta cruzados cada um; e tem mais um tesoureiro com trinta cruzados de ordenado. Está esta igreja na freguesia da Madalena.

E estes capelães são do hábito de Cristo, fazem os ofícios divinos em todo o ano em coro e no altar, como se faz em qualquer igreja das principais da cidade. E há nesta igreja muitos e mui bons ornamentos, e muita prata, e o culto divino muito venerado e muito bem cantado com todas as cerimónias romanas conforme a capela d’El-Rei.

Há nesta igreja pregador com sessenta cruzados de ordenado

Capelas

Há nesta igreja uma capela da invocação de Nossa Senhora dos Remédios com administrador e um capelão quotidiano obrigado ao coro, com trinta cruzados de ordenado, pagos na Casa da Índia.

Há outra capela de Nossa Senhora da Piedade com administrador, o qual dá aos capelães da igreja doze cruzados para lhe dizerem certas missas na capela.

Há outra capela de santa Ana com administrador e capelão, a que o administrador dá trinta cruzados.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Têm mais estes capelães, de certas missas que dizem por defuntos, vinte e cinco cruzados.

Confrarias desta igreja

A confraria de Nossa Senhora da Conceição. A confraria de Nossa Senhora da Luz. A confraria de São João Baptista. A confraria de Nossa Senhora d'Atalaia. A confraria de Santa Ana. Rendem estas confrarias duzentos e quarenta cruzados.

O vigário e capelães desta igreja têm aposento no circuito e pátio dela, que lhe é dado por El-Rei sem disso pagarem coisa alguma”.

5. A PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO NA IGREJA DA CONCEIÇÃO DOS FREIRES

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Freires estava anexa à freguesia de Santa Maria Madalena. Mas vendo o Cardeal D. Henrique, então arcebispo de Lisboa, que algumas paróquias tinham muitos fregueses, ordenou fazer outras paróquias de novo em capelas que não fossem curadas, para melhor administração dos Sacramentos.

Assim, em 16 de Janeiro de 1568 foi criada por el-rei D. Sebastião, com aprovação e consentimento do cardeal D. Henrique, a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, com sede nessa igreja; os fregueses foram tirados à igreja da Madalena e alguns à de São Julião.

Ali permaneceu até 16 de Abril de 1682, data em que o arcebispo de Lisboa transferiu a sede da paróquia para a Ermida de Nossa Senhora da Vitória, situada na freguesia de São Nicolau, onde o Senhor esteve 18 anos “*com grande detrimento dos fregueses*” (Costa, 1712: vol. III, 451). Esta medida foi tomada pelo Arcebispo para evitar as discórdias (que havia entre o Vigário dos Freires e o Cura da paróquia, e também com os freires: porque os vigários eram de nomeação régia e os curas eram de nomeação episcopal). O arcebispo de Lisboa era D. Luís de Sousa, que também era Capelão-mor. Às 9 horas da manhã de 16 de Abril de 1682 afixou uma Pastoral para que se desobrigassem os fregueses e conhecessem por sua verdadeira paróquia a referida Ermida de Nossa Senhora da Vitória.

Em 1699 foi construída nova igreja para sede da paróquia, igreja com o mesmo título de “Nossa Senhora da Conceição”. Esta igreja passou a ser conhecida por “Conceição Nova” e a igreja dos Freires passou a ser conhecida por “Conceição Velha” (não confundir com idênticos apelidos após o terramoto).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

6. COMO ERA A IGREJA ANTES DO TERRAMOTO DE 1755^{XXXI}

“É igreja muito vistosa e alegre, de uma só nave com a porta principal para o Poente, e outra para o Sul. Tem boas capelas, limpa e curiosamente adornadas, a saber: a capela-mór com excelente tribuna, toda dourada, obra do Senhor Rei D. Pedro II, que deu a esta igreja muitas peças de prata e ouro, e ricos paramentos. Nesta Capela-mór está a milagrosa imagem de N.^a Senhora da Conceição, que antigamente se chamava do Rastelo e estava em uma Ermida no lugar de Belém, uma légua de Lisboa para o Poente, aonde está fundado o Real Convento dos Frades Jerónimos. As outras capelas são: a do Santíssimo Sacramento; a de Nossa Senhora da Piedade, imagem milagrosa; a de Nossa Senhora da Atalaya; a de Nossa Senhora da Luz das Neves; a do Senhor Jesus, onde está uma Nossa Senhora do Rosário; e a de São Brás, onde estão Santo Inácio e São Basílio; todas estas capelas (6) estão da parte do evangelho. As da parte da epístola, começando do cruzeiro, são: a do Espírito Santo; a das Almas, onde está S. Jerónimo, S. Miguel e S. Leonardo; a de Santa Catarina; a de Santa Anna, S. Joaquim e N.^a Senhora; e a de Nossa Senhora da Apresentação junto da porta travessa. Há nesta Igreja um Vigário com 8 beneficiados. 1 Tesoureiro, todos do hábito de Cristo; rende a Vigararia 130 cruzados, e os Beneficiados 120 mil réis, e a tesouraria mais de 200 cruzados, com uma capela anexa, que tem no altar das Almas, o qual é privilegiado. Tem mais 4 moços do coro, e um sacristão que o Vigário apresenta. Tem uma relíquia de São Brás, e outra de Santa Luzia; e estas Confrarias: a das Almas, a dos Corrieiros, que festejam com grandeza o dia da Senhora da Conceição, e a dos Cavaleiros da Ordem de Cristo, que também lhe fazem grande festa no seu oitavário, e a 3 de Maio no dia da invenção da Santa Cruz” (Costa, 1712: vol. III, 450-451, versão modernizada).

O Rei D. João V, por consulta da Mesa da Consciência em 28 de Maio de 1733, mandou dar ao Vigário 160 mil réis, e moio e meio de trigo; ao tesoureiro 80 mil réis, e meio moio de trigo; a cada beneficiado 106 mil réis, e um moio de trigo; aos moços do Coro 25 mil réis a cada um; e além destes ordenados, repartem entre si outras certas distribuições (Vd. Castro, 1763: tomo III, 252-253).

XXXI Ainda que desaparecido, ou pelo menos não identificado, o retábulo da *Conceição* que Jorge Afonso executou para a igreja, em data posterior a 1519, constitui uma das raras peças que se encontra documentada a este pintor régio. A empreitada previa a intervenção de seu irmão Afonso Gonçalves, carpinteiro de marcenaria, na elaboração dos *pilares* (e não piais ou poiaes como vem referido amiúde) e *grade em que se o dito rretauolo se a de armar*, além do sacrário. Cf. com o original DGLAB/TT, *Corpo Cronológico*, Parte II, mç 86, n.º 22 – *Contrato feito por Afonso Monteiro com o carpinteiro Afonso Gonçalves e o pintor Jorge Afonso, sobre a factura e pintura de uns pilares e obra do retábulo para a igreja da Conceição*, 3 fls.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

7. O TERRAMOTO DE 1755

Conquanto não tivesse sofrido muito com o terramoto propriamente dito, contudo o incêndio subsequente o abrasou totalmente, “*de forma que dele se não vê mais do que o esqueleto com toda a pedraria estalada, sendo que a torre não caiu nem desmentiu da nivelção. El-Rei no sítio da capela-mór mandou erigir uma barraca para os Freires rezarem; e o corpo da Igreja se mandou demolir por causa do novo Plano regular da Cidade*” (Castro, 1763: tomo III, 253).

Noutro local não distante, e aproveitando os restos notáveis da Igreja da Misericórdia, também destruída pelo terramoto, foi construída uma nova igreja para os Freires de Cristo.

Vd. Igreja da CONCEIÇÃO VELHA, DOS FREIRES DE CRISTO – 1758

Bibliografia

CASTRO, Padre Joao Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763

COSTA, Antonio Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1712

COSTA, Félix da – *The antiquity of the art of painting*. New Haven and London: Yale University Press, 1967. Edição facsimilada do manuscrito *Da Antiguidade da Arte da Pintura*, 1696

GÓIS, Damião de – *Urbis Olisiponis Descriptio*, 1554 (tradução portuguesa de José da Felicidade Alves – *Descrição da Cidade de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1988)

SEGURADO, Jorge – *Da Igreja Manuelina da Misericórdia de Lisboa “Conceição Velha”*. Lisboa: Direcção Geral do Património Cultural, 1977

SILVA, Augusto Vieira da – “A Judiaria Velha de Lisboa”. *O Archeologo Português*. Vol. V, nº 11-12 (1899-1900), pp. 305-326

SILVA, Augusto Vieira da – *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*. 3ª edição. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1987, vol. I, 203-239; vol. II, 5-29.

SILVA, Filipe Nery Faria e – *A Egreja da Conceição Velha e Várias Notícias de Lisboa*. Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva, 1900 (edição refundida e aumentada da obra Nossa Senhora do Restelo, os Freires de Cristo e a Egreja da Conceição Velha. Lisboa: Typ. Casa Portuguesa – S. Roque, 1897).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA DA ASCENSÃO

Século XV [1500] →

Situada na Calçada do Combro. Foi fundada em 1500, por António Simões de Pina, fidalgo da Casa Real. Sua filha, Dona Catarina de Pina, herdou-a por falecimento do devoto fundador, e acrescentou-a, em honra do culto, com cinco capelães e um sepulcro de Endoenças em que todos os anos se expunha por diversas vezes o Santíssimo Sacramento, e no jubileu da Ascensão com toda a solenidade (Castilho, 1903: vol. III, 166-196).

Dona Catarina de Pina não teve filhos; porém seu marido, o desembargador André Valente de Carvalho – que foi Corregedor de Elvas, vereador principal do Senado da Câmara e também Corregedor do Crime, Desembargador da Casa da Suplicação em Lisboa e, por último, Desembargador dos Agravos e na Relação do Porto – anexou todos os seus bens a esta ermida, com sujeição de vínculo e morgado, que vem depois a pertencer a António Correia da Silva, por ser um dos parentes mais próximos dos fundadores (Castilho, 1903: vol. III, 167).

A paróquia das Mercês, fundada em 1 de Dezembro de 1632, esteve sediada nesta ermida desde a data da sua instituição até 1652^{xxxii}.

Pela inscrição que se lê por cima da porta se sabe que a fachada do templozinho foi feita à custa dos irmãos de Nossa Senhora do Amparo, em 1675.

Num assento de vereação do Senado da Câmara de Lisboa, em 21 de Maio de 1592, há uma referência muito interessante à ermida da Ascensão. Era a ela que se levavam as crianças perdidas. O assento diz o seguinte: “*Accordou-se em câmara que toda a pessoa que achar menino ou menina perdidos, os leve e entregue na ermida da Ascensão à calçada do Congro, à hermitôa*”, etc (in Oliveira, 1882: vol. II, 68; vol. III, 94n). Por meio de escritos notificados nos púlpitos se dava conhecimento dos meninos achados e entregues, tanto nesta ermida, como no Hospital dos Palmeiros, e nas ermidas dos Fiéis de Deus e da Senhora dos Remédios em Alfama, que tinham igual incumbência (Vd. Oliveira, 1882: vol. III, 94n).

Quando em 1708, a rainha Dona Ana de Áustria introduziu em Portugal os Carmelitas Descalços alemães, estes vieram para umas casas do Corpo Santo, passando depois para Ermida da Ascensão e, finalmente, para convento próprio, de São João Nepomuceno, onde mais tarde foi o Asilo de Santa Catarina.

A ermida pouco sofreu com o terramoto de 1755. Na ocasião da catástrofe foram ali recolhidos os vasos sagrados da freguesia das Mercês que então estavam na igreja das Mercês na Rua Formosa [actual Rua do Século], que o terramoto arruinara. Enquanto duraram as obras da reconstrução do edifício, conservou-se a dita paróquia na ermida da Ascensão, voltando

^{xxxii} Entre a bibliografia indicada, consultar sobre a Ermida da Ascensão de Cristo e suas origens Castilho, 1956: vol. III, em particular pp. 165-193. Para o historial desta Ermida, consulte-se a documentação na Torre do Tombo sobre o assunto: DGLAB/TT - *Hospital de São José, Escrivão Botelho*, mç. 155, n.º 17, cx. 879: Autos de conta de capela de António Simões e sua mulher Luísa Mendes e Dona Catarina de Pina.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

depois para a sua primitiva casa, em solene procissão, no dia 22 de Maio de 1757 (Notícias extraídas literalmente de Pereira e Rodrigues, 1908: vol. IV, 323).

Bibliografia

CASTILHO, Júlio de – *Lisboa Antiga, Bairro Alto*, 2ª edição consideravelmente aumentada. Vol. III. Lisboa: Antiga Casa Bertrand-José Bastos, 1903

COSTA, Antonio Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, geologias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1712

OLIVEIRA, Eduardo Freire de – *Elementos para a história do município*. Vol. I-II. Lisboa: Typographia Universal 1882-1885

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Diccionario histórico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artístico*. Vol. IV. Lisboa: J. Romano Torres, 1908

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ CAPELA REAL DE SANTO TOMÉ, APÓSTOLO, NOS PAÇOS DA RIBEIRA

Século XVI [1505] – até ao Reinado de D. João V

1. Quando o Rei D. Manuel mandou edificar no Terreiro do Paço o magnífico palácio chamado da Ribeira, mudando-se do Castelo, colocou ali a sua Capela Real, dedicando-a ao Apóstolo São Tomé, Protector da Índia^{xxxiii}.

O seu primeiro assento foi no lugar do Tribunal da Mesa da Consciência, onde esteve até ao ano de 1581, como constava numa lápide embebida na parede por cima do assento do Presidente, que dizia:

D.O.M.
Sub honore D. Thomæ Apostoli
Hic Rex Emmanuel Capellam Regiam
Dicavit, et translata fuit anno
1581.
Locum profanari vetat Religio

(Vasconcellos, 1870: vol. I, 156).

D. Manuel obteve muitos privilégios do papa Leão X, com que exaltou a dignidade do Capelão-mor (Vd. Sousa, 1742: tomo II, 245 e ss.)^{xxxiv}.

2. D. João III enriqueceu-a com preciosos ornamentos e aumentou o número de Músicos. Obteve do papa Adriano VI, no ano de 1522, o indulto de poder rezar nela todos os sábados do ano o Ofício de Nossa Senhora, e nas terças-feiras o do Arcanjo São Miguel, não sendo dias clássicos ou duplos.

^{xxxiii} Sobre o Paço da Ribeira e a Capela de São Tomé, são de momento incontornáveis os trabalhos desenvolvidos por Senos, 2002 e Martinho, 2009. Estes trabalhos, que derivam de investigação recente, esclarecem algumas questões antigas relacionadas com os espaços e as vivências do Paço (e da Capela) enquanto complexo arquitectónico que sofreu, ao longo da época moderna, várias intervenções, alterando-lhe a orgânica interna por diversas vezes.

^{xxxiv} A configuração interna da capela de S. Tomé não é conhecida, embora as fontes apontem para a existência de “uma divisão do paço que se abre em janelas ou tribunas sobre a nave ou a capela-mor (como em Évora)”. Cf. Senos, 2002: 160.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Desta Capela Real faz menção o *Sumário* (Oliveira, 1987: 52):

“A Capela de São Tomé está nos Paços d’El-Rei, da Casa da Índia. Tem um capelão quotidiano, que diz missa aos oficiais da Casa da Índia, com 30 cruzados de ordenado. Há nesta capela uma confraria governada pelos feitores e mais oficiais da Casa da Índia”^{xxxv}.

É de evocar a ordem da liturgia que por este tempo praticavam os Reis na assistência da Capela Real [Vd. *Anexo A*].

3. Com a entrada dos Reis de Castela não diminuiu o esplendor da Capela Real; pelo contrário, Filipe I, sabendo que não havia nela estatutos sobre a forma do seu governo, administrando-se somente as coisas por tradição e costume, mandou fazer novo *Regimento*, em 2 de Janeiro de 1592, sendo capelão-mor D. Jorge de Ataíde [Vd. *Anexo B*].

Respondendo a uma consulta do mesmo capelão-mor, o Rei ordenou que os 30 capelães do regimento se reduzissem a 24, e que destes fossem três letrados e confesores, aos quais se acrescentasse mais 10\$000 réis de côngrua e três moios de cevada com a obrigação de terem mula. Também reformou o número de Cantores, mandando que houvesse 4 triples, 5 contraltos, 5 tenores e 3 contrabaixos.

4. D. João IV – que tinha ilustrado a sua Capela do Paço de Vila Viçosa com grandes privilégios e graças pontificias – dispôs nova ordem de liturgia para os dias e festas solenes, em que ele assistia publicamente aos divinos Ofícios com pompa régia [Vd. *Anexo C*].

O rei D. Pedro II, entre outros monumentos, mandou fazer o edifício do Tesouro da Capela Real, no sítio da Calçetaria junto da Casa da Moeda, como constava de uma inscrição aberta em letras de bronze numa pedra primorosamente lavrada, inscrição da autoria do Conde da Ericeira D. Luís de Meneses. A qual rezava assim:

Sacram æque supellectilem
Reggi Sacelli
Hæc domus condit,
Ac vere Regiam Conditoris muniscentiam,
Pietatem, Religionem aperit,
Augustissimi videlicet Principis Petri,
Cujus auspiciis, & expensis

^{xxxv} Nuno Senos destaca como factores de maior originalidade desta capela palatina de São Tomé os seguintes: i) o âmbito partilhado da capela entre a Coroa e a Casa da Índia, uma vez que ambas se servem do espaço; ii) ao contrário de outros exemplos, a capela de São Tomé nem sempre foi o palco privilegiado das cerimónias religiosas maiores da vida de corte no século XVI, concorrendo com outros espaços dentro do paço ou fora dele, caso da Sé de Lisboa; iii) a capela de S. Tomé não se destaca do ponto de vista volumétrico da mole arquitectónica da Ribeira, confundindo-se com ela; iv) a evocação de S. Tomé reveste-se de originalidade, uma vez que o culto habitual dos templos reais era reservado a S. Miguel. Cf. Senos, 2003: 106-110.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Erecta, compta, ditata est.

Anno ab asserta orbis salute

M.DC.LXXXII.

A vindicata Lusitana libertate XLIII

(Vasconcellos, 1870: vol. I, 160).

Este edifício foi demolido em Abril de 1751, quando D. José doou as casas e sítio da Calçetaria ao Colégio dos Principais da Santa Igreja Patriarcal, para nele fazerem o Tribunal da Congregação da administração da fazenda e tesouro da dita igreja.

5. Com diversas vicissitudes – maior ou menor dotação de ornamentos, maior cópia de músicos, diversos requintes de cerimonial a dar brilho aos soberanos, estatutos a pormenorizar as funções das dignidades, número dos capelães e forma do seu provimento, outro pessoal para os ministérios, ordenados a distribuir, faltas a multar... – as coisas foram-se mantendo sem grandes mutações, até ao tempo do rei D. João V. Este Rei elevou ao sumo fastígio a sua Capela Real, como veremos em artigo especial.

Bibliografia

CASTRO, Padre Joao Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763, pp. 166-182.

MACHADO, Diogo Barbosa – *Memórias para a História de Portugal que Compreendem o Governo Del Rey D. Sebastião, Único em o Nome e Décimo Sexto entre os Monarcas Portugueses: do Anno de 1568 até o Anno de 1574*. Lisboa: Régia Officina Sylvianna da Academia Real, 1747. 3 vols.

OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de – *Lisboa em 1551. Sumário*. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.

SOUSA, D. António Caetano de – *Provas da Historia genealogica da casa real portugueza: tirados dos instrumentos dos archivos da Torre do Tombo, da sereníssima casa de Bragança, de diversas cathedraes, mosteiros, e outros particulares deste reyno*. Vols. I-II. Lisboa: Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1739-1742.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ANEXO A

ORDEM DA LITURGIA NA CAPELA REAL NOS TEMPOS DE D. JOÃO III

10 A ordem da liturgia, que por este tempo praticavaõ os Reys na assistencia da Capella Real, era esta: Havia huma cortina, dentro da qual estava ElRey assentado em cadeira, e detrás delle os Infantes em outras cadeiras mais baixas, e hum pouco affastadas. Os filhos dos Infantes tinhaõ em lugar de cadeiras almofadas, e só quando ElRey ouvia Missa em tribuna, se assentavaõ em cadeiras razas com alcatifas pequenas, affastadas hum pouco da delRey. Havia mais hum pagem do livro chegado à cortina, e servia se ter as Horas, por onde ElRey rezava.

11 Da parte de fóra da cortina estava o assento dos Duques, e depois o banco dos Condes; e o dos Bispos ficava defronte delRey, e acima da cortina o assento dos Embaixadores. Havia cinco modos de cortina, e eraõ: Cortina cerrada, quando ElRey estava com os Principes; Cortina alçada; dq estava com a Rainha; Cortina; quando estava em algum Coro de Religiosos; Cortina, quando estava em tribuna; e Cortina, quando estava em janellas.

12 À porta da Capella o Arcebispo, ou bispo mais antigo dava agua benta a ElRey, ao Principe, e Infantes; porem nos Pontificaes, que cahiaõ em Domingo, o Bispo, que fazia o Pontifical, lha dava na cortina; e quando não havia Bispo na Capella, fazia este officio nos Domingos o Diacono na cortina, e nas Missas rezadas o Hebdomadario. Não se começava a Missa até ElRey não fazer sinal ao Deaõ, e elle (sendo Pontifical) o fazia ao Bispo, e sendo Missa cantada, ao Mestre da Capella, e nas rezadas ao Thesoureiro mor.

13 Principiada a Missa, dizia o Capellaõ mor a Confissão, Gloria, e Credo com ElRey dentro da cortina; e havendo ElRey de rezar o Officio Divino, o fazia com elle o Capellaõ mor, e em sua ausencia o Deaõ. O Evangelho, incenso, e paz, que os Reys tomavaõ na cortina, levava o Arcebispo, ou Bispo, que presidia no banco, acompanhado do Thesoureiro, e Mestre das Cerimonias, e o Porteiro da Capella; e nos Pontificaes, quando não havia Bispo, o Hebdomario. Os que davaõ agua benta, incenso, e paz, faziaõ inclinação ao Altar; aos Infantes porém se incensava duas vezes, estando fóra das cadeiras.

14 Muitas vezes vinhaõ fallar a ElRey, estando na cortina, Religiosos, Fidalgos, e Senhores, dando para isso ordem o Deaõ ao Porteiro, o qual tinha cuidado de haver silencio na Capela, e dava os lugares aos Bispos, e Condes; e quando ElRey ouvia Missa em alguma Tribuna, Camera, ou Coro, estava sempre à porta. Tudo que era da jurisdicção da Capella despachava ElRey com o Capellaõ mor, Deaõ, e Esmoler.

15 Nas quatro Pascoas do anno, e nas Missas novas dos seus Capellães hiaõ os Reys à offerta, sahindo fóra da cortina, acompanhados dos Infantes, e Senhores, levando ElRey a Rainha à mão direita até o Altar, onde o seu Esmoler estava de joelhos com a offerta junto do Subdiacono, que tinha o prato nas mãos para a receber. Aqui sobre huma alcatifa grande tinhaõ o Reposteiro mor delRey, o o Védor da Rainha cada hum sua almofada na mão, a qual punhaõ aos Reys, e de joelhos offertava primeiro a Rainha, dando-lhe ElRey nisto o primeiro lugar, e depois ElRey, lançando-lhe o Esmoler a

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

offerta no prato, e com isto se tornavaõ os Reys com a mesma ordem, fazendo-lhes os Fidalgos, e Grandes suas cortezias, que só nestes dias se permitia; porque aos reys de Portugal ninguém fazia mezura, senaõ os Senhores, que elles mandavaõ cubrir.

16 Quando ElRey estava em parte, que não hia à offerta, mandava por si ao seu Esmoler; porém no dia de Reys offercia sempre ElRey com a sua propria mão a offerta, para o que sahia da cortina, e posto de joelhos diante do Bispo sobre almofada, (que já tinha posto na alcatifa o reposteiro mor) tomava o Esmoles da mão do Escrivaõ da Esmolaria huma salva grande, em que hiaõ trinta cruzados de ouro, e huma quantidade de incenso, e myrrha, a a apresentava a ElRey, o qual tomava com suas mãos cada cousa destas, e a offercia no prato, que tinha o Subdiacono. A cinza, e a palma de dia de Ramos dava a ElRey o Bispo, que a benzia; e a véla de Nossa Senhora das candeas, e da Pascoa tomava dentro da cortina da mão do Mordomo mór, que lhe dava o Bispo Capellaõ mor.

17 Os tres dias, que o Santissimo Sacramento estava desencerrado até dia de Pascoa, dormiaõ os Reys deste Reino junto ao Altar sem se despirem, e jejuavaõ estes tres dias a paõ, e agua; e na manhã de Pascoa mandavaõ fazer huma solemne Procissaõ, em que hiaõ os Reys, Principes, e Infantes com todas as Damas, e Cortezãos, precedendo adiante os Porteiros das massas, e todo o género de instrumentos musicos, que na Corte havia. Acompanhavaõ a ElRey nesta Procissaõ o Mordomo mór, Porteiro mór, Védor da Casa, e Mestre-Sala com os Cavalleiros do habito de Christo. Ordinariamente levava ElRey huma das varas do Pallio, e as outras os Commendadores mais antigos; porém ElRey D. Sebastiaõ usou em lugar delles dos Condes, e Conselheiros de Estado, e elle hia sempre vestido com o seu habito branco de Cavalleiro.

18 Quando esta Procissaõ passava pelo terreiro do Paço, se chegavaõ bem à terra as mais das náos, e navios, que naquella paragem estavaõ, e disparavaõ toda a artilharia, e muitas invenções de fogo festivo. A todos os Fidalgos, que hião na Pracissaõ, mandava ElRey duas vélas, e ao povo se repartiaõ em numero de sete, ou oito mil. Chegando à sala grande, se recolhiaõ ElRey, Rainha, e Infantes a commungar em seus Oratorios. ElRey ouvindo Missa rezada de seu Confessor, commungava da sua mão: tinhaõ-lhe a toalha dous Bispos, e dous Capellães Fidalgos duas tochas. Depois da Communhaõ se recolhia algum espaço, e logo se retirava à sua Camera, donde tornava a seu tempo para ouvia a Missa do dia com a Rainha, Principes, e Infantes, damas, e mais Corte, vestidos todos de festa.

19 Dia do Corpo de Deos hia ElRey à Sé acompanhar a Procissaõ. Sahia do Paço com a rainha, Infantes, damas, e toda a mais Corte, levando o Mordomo mór, e Porteiro mór suas canas ao hombro, e o Copeiro mór o estoque. Os outros Porteiros hiaõ com massas de prata, os Reys de Armas com as ópas ricas, e o Apresentador das Tavoas da Rainha com ellas ao hombro. Apeavaõ-se todos na Sé, onde ouviaõ Missa cantada por huma Dignidade da Igreja, mas officada pela Capella. Depois se ordenava a Procissaõ, e por concerto, que fez o Arcebispo D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, que tambem era Capellaõ mór, hum anno levava o Cabido a mão direita, e o outro a Capella Real. ElRey hia detraz dos Commendadores da Ordem de Christo, posto no meyo, e o Commendador mór da parte direita ⁽¹⁾. Nos ultimos annos delRey D. Joaõ,

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

porque não podia tornar com a Procissão à Sé, ordenou que se desfizesse em S. Domingos, ficando o Senhor encerrado no Sacrario da Capella mór, e daqui teve principio este costume, que durou muitos tempos depois.

⁽¹⁾ Tirámos a memoria desta Liturgia de alguns manuscritos, que vimos do insgne Chantre de Evora Manoel Severim de Faria, dos quaes tambem teve noticia o cruditissimo, e Excellentissimo Principal D. Francisco de Almeida, pois faz menção desta Concordata nas Notas ao primeiro tomo do Codex Titulor.S.L. E pag. 59. Veja-se tambem a Relação da solemnissima Procissão, que se fez em Lisboa no anno de 1588 no recebimento das Reliquias, que se collocaraõ na Igreja de S. Roque, pag. 11.

(In Castro, 1763: tomo III, 167-171).

ANEXO B

REGIMENTO DA CAPELA REAL DE 2 DE JANEIRO DE 1592

21 Constava [o Regimento] de vinte capítulos, dos quaes daremos hum brevisimo extracto, por ser este o primeiro Regimento da Capella Real, de que temos memoria. No primeiro trata do Capellaõ mor, suas qualidades, obrigações, e regalias. No segundo do Deaõ, que deve succeder em Capellaõ mór. No terceiro do Bispo dos Pontificaes, que não tenha obrigação Pastoral, para estar liberto, e fazer os Pontificaes na Capella. No quarto dos Prégadores. No quinto do Auditor do Capellaõ mór, e Juiz ordinário do Capellães, e mais Ministros da Capella. No Vexto do Thesoureiro da Capella, o qual diz, que será Capellaõ de authoridade, e terá as chaves do Sacrario, e do tesouro.

22 No setimo trata do numero dos Capellães, e ordena que além do Capellaõ mór, Deaõ, e Thesoureiro haja trinta Capellães, vinte e seis para rezarem no Coro, e os quatro para confessarem: aqui manda tambem que todos tragaõ lobas; e os Freires do habito de Santiago não traraõ mantos, senaõ sobrepellizes, conforme a sua Regra, e todos juntamente rezaraõ na Capella as Horas Canonicas Romanas.

23 No oitavo trata do provimento dos Capellães, que quer sejaõ todos filhados. No nono do Mestre de Ceremonias, que ordena sejaõ dous escolhidos de entre os Capellães. No decimo dos Cantores, Tangedores, e Porteiros. Diz que haja um Mestre de Capella, e vinte e quatro Cantores, seis de cada voz, dous baixões, e huma corneta, os quaes Cantores seraõ tambem filhados: que haja dous Tangedores de orgaõ, quatro Porteiros da Capella, e que nenhum destes Ministros poderaõ entrar nella, nem ir nas Procissões com espadas, nem com ssombriros, nem capas de capello, senaõ com manteos, ou farregoilos compridos, que pelo menos passem meya perna, com barretes, carapuças, ou gorras.

24 Trata no capitulo undécimo dos Moços da capella, e ordena que haja dezoito, de bom nascimento, vida, e costumes: que tragaõ roupas compridas, que pelo menos lhe dem quatro dedos abaixo dos joelhos, e na Capella tragaõ lobas com mangas até

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

aos pés, e os que a tiverem, a traraõ tozada por todas as partes; e tanto que algum delles casar, será logo riscado, e passará a outro foro. No duodécimo falla dos Moços da Estante, e diz que haja quatro. No decimo terceiro trata do Varredor da Capella. No decimo quarto da distribuição: alli se vê que o gasto todo da capella naquelle tempo montava em hum conto quinhentos sesenta e dous mil quatrocentos oitenta e dous reis, o qual por parecer pouco a ElRey, o acrescentou, e dotou em dous contos de reis.

25 No capitulo decimo quinto trata da eleiçãõ dos Officiaes da distrubuiçãõ. No decimo sexto trata das offertas, e diz como em dia de Reys dava o Esmoler mór doze mil reis, e cinco arráteis de incenso, e hum de Myrrha nova; e em dia, que algum Capellaõ dizia Missa nova, lhe dava o mesmo Esmoler seis mil reis para elle, e mais vinte e quatro mil reis para repartir pelos outros Capellães: que em dia de adoraçãõ da Cruz em Sexta fira santa dava o dito Esmoler doze mil reis; e nos dias do nascimento dos REys, Rainha, e Principes dava tantos cruzados, quantos eraõ os anno de suas idades.

26 No decimo setimo expõem os ordenados, que percebiaõ cada anno os Ministros da Capella além do seu ordenado tinha cinco moyos de trigo, e todos os mais Ministros, quando estavaõ doentes, tinhaõ Medico, Cirurgiaõ, e Botica, segundo neste mesmo capitulo faz expressa mençãõ o Regimento.

1	Ao Capellaõ mór	600U000
1	Ao Deaõ	400U000
1	Ao Bispo do Pontificaes	200U000
4	A cada hum dos Prégadores	50U000
1	Ao Auditor da Capella	20U000
1	Ao Promotor da Justiça	10U000
1	Ao Thesoureiro da Capella	100U000
30	A cada Capellaõ	40U000
3	A cada Mestre de Cerimonias	12U000
1	Ao da Mestre da Capella	80U000
24	A cada Cantor	50U000
2	A cada Organista	50U000
4	A cada Porteiro	40U000
18	A cada Moço da Capella	20U000

No capitulo decimo oitavo trata de como se haõ de multar as faltas. No decimo nono do Recebedor, e no vigesimo das despezas miudas.

(In Castro, 1763: tomo III, 172-174).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ANEXO C

NOVA ORDEM DE LITURGIA PARA A CAPELA REAL ESTABELECIDADA POR D. JOÃO IV

31 Tanto que o Capellaõ mór dava recado em como tudo estava prompto para ElRey poder ir, sahia Sua Magestade do Veu aposento acompanhado dos Titulos, Officiaes da Casa, e mais Fidalgos, que alli se achavaõ, e eraõ avisados antecedentemente pelo Porteiro mór. Os Tirulos hiaõ da parte direita, e esquerda por suas precedências distancia de tres, ou quatro passos diante delRey, e diante delle o Mordomo mór com a sua insignia na mão, que ainda não sendo Titulo, hia neste lugar, excepto se acompanhavaõ Infantes, diante dos quaes passava o Mordomo mór. Depois dos Titulos hiaõ os tres Officiaes da Cana, Porteiro mór no meyo, o Veador da banda direita, e o Mestre-Sala da esquerda; e havendo dous Veadores, o que não era de semana hia tambem da parte direita, mas no meyo com o Porteiro mór. Os demais Officiaes da Casa, e Moços Fidalgos hiaõ diante destes sem precedencia, e mais adiante os outros Fidalgos, que alli se achavaõ. Os Officiaes da Casa eraõ Mordomo mór, Porteiro mór, Camareiro mór, Estribeiro mór, Guarda mór, Reposteiro mór, Copeiro mór, Copeiro mór, Veador, Mestre-Sala, Trinchantes, Capitães da Guarda, Capellaõ mór, Sumilheres da Cortina, Aposentador mór, Monteiro mór, Armador mór, Esmoler mór.

32 Detraz de Sua Magestade hiaõ os Cardeaes, e depois delles os Embaixadores, e logo os Arcebispos, e Bispos, e Capellaõ mór com elles, se era Bispo; e não o sendo, hia com os mesmos Officiaes da Casa; advertindo, que se ElRey levava cauda, lhe hia pegando nella descuberto o Camareiro mór mais junto à Pessoa. Nesta fórma baixava Sua Magestade à Capella; e à porta, que estava no fim da escada, que descia da galeria da banda de fóra, por huma, e outra parte estavaõ as guardas em duas alas governadas por seus Capitães, e Tenentes. O Corregedo do crime da Corte, e Casa hia diante de todos, levando comsigo o Meirinho da Corte.

33 Antes delRey chegar à porta da Capella, o Arcebispo, ou Bispo mais antigo, que alli se achava, se adiantava para dar agua benta a Sua Magestade, e não havendo Bispo, o fazia o Capellaõ mór, ainda que não fosse Bispo. Tanto que ElRey entrava na cortina, lhe chegava o Reposteiro mor a cadeira, ou almofada, e o messmo fazia aos Infantes filhos legítimos delRey, e na ausencia do Reposteiro mór tocava ao Veador da Casa esta cerimonia; e logo que Sua Magestade se assentava, fahiaõ todos, que o acompanharaõ, para os seus lugares.

34 Os cardeaes tinhaõ seus lugares da parte do Evangelho mais chegados ao Altar em cadeiras de espaldas, e logo abaixo em banco cuberto de rãs os Arcebispos, e Bispos por suas antiguidades, começando a precedencia do Altar. O Capellaõ mór, sendo Bispo, se sentava em huma cadeira raza, que estava da cortina para cima, entre ellas, e os degrãos, que sibiaõ para a parte dos Evangelho; e quando Sua Magestade não hia à Capella, se sentava no banco dos Bispos, precedendo a todos, ainda que fosse mais moderno, por Diecesano da Casa Real; e não sendo Bispo, estava em pé abaixo da cortina com os Sumilheres, nem fazia função alguma na Capella sem sobrepelliz.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

35 Os Embaixadores se assentavaõ da grade para dentro em cadeiras razas de veludo com almofadas do mesmo defronte da cortina delRey, alguma cousa mais para baixo, e diante de cada hum se punha hum banquinho cuberto com hum pano panno de veludo. Os Duques da mesma grade para dentro junto à cortina delRey em cadeiras razas de veludo com suas almofadas do mesmo, e huma alcatifa debaixo das cadeiras não muito larga, em que punhaõ os joelhos. Da grade para fóra em primeiro lugar se punha o assento do Mordomo mór, ainda que não fosse Titulo, por preeminência do officio, sendo que entãõ era a cadeira raza de couro preto. Depois delle se seguiaõ os assentos dos Marquezes, que eraõ cadeiras razas de veludo com almofadas do mesmo, e logo abaixo o dos Condes, que era hum banco cuberto com espaldeira de rãs.

36 O Sumilher da semana se punha ao canto da cortina da banda debaixo, e os tres Officiaes da Cana, Porteiro mór, Veador, e Mestre Sala em pé com suas insignias da grade para dentro em fileira defronte da cortina delRey, alguma cousa por cima do lugar dos Embaixadores. Dentro da cortina se assentava Sua Megestade em cadeira de espaldas, e logo abaixo o Principe, e os Infantes em cadeiras iguaes, e em igual fileira; e os filhos dos Infantes mais abaixo em almofadas, duas a cada hum em lugar de cadeiras. O abrir da cortina tocava ao Sumilher da semana.

37 Depois delRey estar na cortina, hia logo o Capellaõ mór ao Asperges, no dia, que se devia fazer: e fazendo primeiro sua inclinação a ElRey, lhe deitava agua benta, e do mesmo lugar, fazendo a mesma inclinação, a deitava à Rainha, e logo ao Principe, e Infantes, os quaes, quando lha deitavaõ, a vinhaõ buscar hum passo fóra da cadeira, e seus filhos dous, a quem o Capellaõ mór, sendo Bisponaõ fazia inclinação; e não sendo Bispo, deitava agua benta o Prelado mais antigo.

38 Começada a Missa, hia o Capellaõ mór dizer a Confissação, Gloria, e Credo com ElRey dentro da cortina, e se havia de rezar o Officio Divino, o rezava tambem com elle, e em sua ausencia tocava ao Deaõ da Capella. Trazia o mesmo Capellaõ mór o Evangelho, o incenso, e o Porta-Paz para ElRey beija, e o Principe ficavaõ assentados, e os infantes hiaõ beijar, fazendo mezuras a Sua Magestade à ida, e vinda.

39 Quando EllRey hia à offerta, estava prestes hum Reposteiro com huma almofada de veludo, e beijando a, a dava ao Reposteiro mór, e elle tomando-a em ambas as mãos, e beijando-a, a punha aos pés do Celebrante, que estava no ultimo degrão do Altar; e se a Rainha estava presente, lhe punha o seu Veador outra almofada na mesma forma. Alli hia ElRey com a Rainha, e o Celebrante lhe dava a Imagem a beijar, e lhe deitava a benção; e se era Bispo, lhe dava tambem o anel a beijar; e o Esmoler, que estava diante do Subdiacono, lançava a offerta no prato, e logo se tornava ElRey à cortina; e quando sahia, tambem sahiaõ o Principe, e Infantes, e estavaõ em pé fóra da cortina, até que Sua Magestade voltava, e quando passava, lhe faziaõ mezura, e se tornavaõ a seus lugares. Se a offerta era no dia da Cruz, ou de Missa nova, hiaõ primeiro offerecer os Prelados por suas antiguidades, e toda a Capella depois delles; e entãõ ElRey, Principe, Infantes, Embaixadores, Duques, Marquezes, Condes, e Fidalgos. Em dia de Reys se fazia a offerta da mesma sorte, só com a differença, que o Esmoler dava a offerta ao Principe, e este a ElRey, que a lançava por sua mão no prato.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

40 Em dia de Nossa Senhora das Candeas hiaõ primeiro tomar as vélas os Prelados, e Capella, e depois ElRey. Dava as velas quem fazia o Officio, e depois ElRey vinha do Altar, a entregava ao Capellaõ mór, e este a dava a hum Moço Fidalgo; e quando queria sahir a Procissão, tornava este a dalla acceza ao Capellaõ mór, o qual a entregava a ElRey. A véla, que se dava a Sua Magestade, era de huma vara, e duas terças de comprido, e tinha cinco arrates de pezo: a da Rainha era quasi, ou pouco menos, da mesma grandeza, e pezo: a dos Infantes de vara e meya, e de tres arrates e meyo de pezo: a dos Embaixadores, e Duques de vara e terça, e de tres arrates: a dos Arcebispos, e Marquezes de vara e sesma, e de dous arrates e meyo: a dos Bispos, e Condes de huma vara, e de dous arrates: a dos do Conselho de huma vara menos huma sesma, e de arrátel e meyo, e affim à proporção a das outras pessoas.

41 Na Procissão da mesma festividade hia Sua Magestade atraz do Bispo com os Commendadores ornados com os seus mantos; e havendo alguns Prelados, hiaõ atraz dos Capellães, diante do Celebrante. Em dia de Cinza hia ElRey tomalla ao Altar mor na mesma forma, em que hia às offertas; e depois que o Bispo a dava às pessoas Reaes, para o que lhe tiravaõ a mitra, a tornava a pôr para dar a cinza aos Embaixadores, Duques, Marquezes, e Condes, estando em pé, e depois se sentava, e a dava os Officiaes da Casa, Fidalgos, e mais gente.

42 No dia de Pascoa dava o Mordomo mór a véla a ElRey para ir na Procissão, na qual como hia o Sacramento, e Sua Magestade com manto, naõ lhe levava o Camareiro mór a cauda, mas ElRey a punha sobre as guarnições da espada. Os Commendadores hiaõ com seus mantos do Pallio para traz, e Sua Magestade no fim de todos, seguindo-se junto a elle de huma, e outra parte as Dignidades da Ordem de Christo, e depois as de Santiago, e Aviz. Neste dia de Pascoa commungava Sua Magestade com todos os Commendadores, e Cavalleiros das Ordens: ao dizer da Confissão se inclinava ElRey hum pouco, punha-lhe o Reposteiro mór a almofada, mas Sua Magestade sempre lhe mandava tirar: sustentavaõ-lhe a toalha dous Sumilheres, e dava-lhe a Communhaõ quem dizia a Missa, e o lavatório o Capellaõ mór; e se estes dizia a Missa, dava-lhe o lavatório o Deão. Depois hiaõ commungar os Commendadores por suas antiguidades.

(In Castro, 1763: tomo III, 176-181).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA DE SÃO ROQUE

Século XVI [1506] – 1553

1. Em 1503 e seguintes, uma horrorosa peste assolou todo o Reino de Portugal, fazendo os seus maiores estragos em Lisboa. Foi tão grande a mortandade que nas igrejas já não havia capacidade para sepultar as vítimas da horrorosa epidemia. Então o Rei D. Manuel mandou fazer um cemitério num enorme descampado, que ficava fora das portas da cidade, onde depois foi o sítio de São Roque.

Corria então pelo mundo a fama milagrosa de São Roque, sobretudo em Veneza, onde se conservava incorrupto o seu corpo. Tal fama despertou no monarca o desejo de possuir algumas das sagradas relíquias do venerando advogado contra a peste – contavam-se notícias de muitas maravilhas operadas em Veneza, em benefício dos contagiados pela peste, pela valia de São Roque. D. Manuel mandou pedir à Senhoria de Veneza algumas dessas relíquias. A Senhoria de Veneza prontamente satisfez o pedido de D. Manuel e as relíquias foram recebidas em Lisboa com grande devoção e solenidade, pelo Rei, pela Corte e pelo Povo.

2. D. Manuel dera ordem para que se edificasse uma ermida no sítio onde tinha lugar o cemitério que dava sepultura aos que morriam da peste, fora dos muros da cidade, mas muito vizinho a eles.

Lançou-se a primeira pedra a 24 de Março de 1506, como se via numa lápide que estava sobre a porta da sacristia da Confraria de São Roque; e foi sagrada a 25 de Fevereiro de 1515, conforme outra lápide na parede da escada para o cartório da dita Irmandade, lembrando que o sagrante fora o Bispo D. Duarte, por autoridade apostólica, com indulgências. De outra pedra que se conservava na Casa de São Roque com um letreiro gótico consta que, no ano de 1527, o adro da ermida foi sagrado, com indulgências, pelo Bispo D. Ambrósio. (Vd. Almeida, 1975: vol. V, tomo 2, 45)

ADRO DA PESTE CÔSAGRADO P
MÁDADO DEL REI NOSSO SÔR E
24 DE MAIO DE 1527 P^o
B(IS)PO D. ABR^oSIO CÔ IDULLGECIAS

3. Acabada a construção do edifício, instituiu-se uma confraria em nome de São Roque, em que se inscreveram as pessoas reais (Rei, Rainha, Infantes), e as da primeira nobreza, a que se seguiram muita gente nobre e muitas pessoas do Povo; o culto do santo padroeiro continuou com o maior fervor e devoção, proporcionado à gravidade dos interesses em causa.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A porta da ermida ficava voltada para o lado onde hoje está a torre da igreja; e a capela-mor, no sítio em que actualmente se vê a capela de São Roque, no interior da igreja^{xxxvi}.

Dos terrenos que circundavam a ermida, parte deles pertenciam à Ordem da Trindade, desde 1401. Eram terras e olivais, que andavam aforados a diversos.

4. Os padres da Companhia de Jesus, quando ali estabeleceram a sua Casa professa, compraram esses terrenos, ficando no entanto a pagar foro ao Convento da Trindade.

Mas em 1553 a Companhia de Jesus ainda não tinha casa professa em Lisboa. O padre comissário, Jerónimo Nadal, veio então a Lisboa pedir a D. João III permissão para fundar na cidade o colégio da sua ordem. O Rei concedeu, mandando-lhe escolher sítio, o que ele fez, preferindo o lugar da capelinha de São Roque, em razão de serem de pouco valor os terrenos adjacentes, o que lhes facilitava as compras para fundar o edifício e cerca, e por ser sítio alegre, vistoso e sadio.

Junto à ermida havia duas casinhas térreas, pousada dos capelães e ermitão; e nelas se albergaram os padres jesuítas, em número de 14 ou 15, servindo-lhes de igreja a ermida, com alfaias emprestadas do colégio de Santo Antão da Mouraria. Como nos sítios não havia água, iam todos eles buscá-la, a “*campã tangida*”, com suas quartas e cântaros.

Não foi fácil aos padres comprarem a ermida: é que tal resistência encontraram nos irmãos da Confraria de São Roque, que só com a intervenção do Rei conseguiram realizar o contrato, e isto sob condições pesadas, sendo uma delas fazer na igreja uma capela dedicada a São Roque, administrada exclusivamente pela Irmandade e sem a mínima dependência dos padres.

Os padres da Companhia tomaram posse da Ermida em 1 de Outubro de 1553, passando a ser ali a Casa Professa da ordem. Na cerimónia pregou São Francisco de Borja, que pouco tempo antes renunciara à grandeza civil de Duque de Gandia para ser religioso jesuíta.

5. A nova igreja, cuja 1ª pedra foi lançada em 1555, sofreu diversas hesitações no plano. A Ermida foi integrada no edifício: ainda hoje lá está a Capela de São Roque.

Vd. ♂ IGREJA DE SÃO ROQUE, DA COMPANHIA DE JESUS

Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando de (dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V, tomo 2. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, 1975.

^{xxxvi} A edificação da Ermida de São Roque situava-se perto da torre de Álvaro Pais, com a Torre do Conde um pouco mais distante, por conseguinte no exterior da cerca fernandina. Cf. *A Ermida Manuelina de S. Roque*, 1999. O postigo de São Roque (ou o postigo novo do Conde) dava acesso ao terreiro do mesmo Santo e ao arrabalde ocidental e norte da cidade de Lisboa. Cf. Augusto Vieira da Silva, 1987b: 113-137.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ ERMIDA DE SÃO SEBASTIÃO, NA MOURARIA

Século XVI [1506] – 1662

1. Os artilheiros da guarnição de Lisboa erigiram esta capela a São Sebastião, advogado contra a peste, por ocasião da grande peste de 1506, que causou centenas de vítimas². Note-se que foi nesse mesmo ano que se edificou a Ermida de São Roque, também este advogado contra a peste.

A ermida estava situada no Largo da Mouraria, como ainda hoje se vê (Capela de Nossa Senhora da Saúde), ao Arco do Marquês de Alegrete (já demolido).

2. Em 7 de Junho de 1569, nova peste se começou a desenvolver em Lisboa, ainda mais aterradora. Houve dias em que sucumbiram para cima de 500 pessoas muitas famílias fugiam espavoridas da capital³. Por conselho dos médicos, el-rei D. Sebastião foi para Sintra com sua avó a rainha Dona Catarina; e a infanta Dona Maria foi para Alenquer, indo habitar junto do Convento de São Francisco.

A mortalidade chegou a tal ponto, que nos templos já não havia lugares para sepulturas: abriam-se então muitas covas em olivais, praias, e em todo o vasto campo de Santa Bárbara. Para ajudar o insano trabalho de sepultar as pobres vítimas do terrível flagelo, foi comutada a pena aos condenados às galés. Apesar disso, ainda aqueles desgraçados não forneciam suficientes braços. Chegou-se a sepultar muitos cadáveres nos próprios lugares onde se encontravam, depois, de aí jazerem três ou quatro dias, já em estado de putrefacção, para evitar maior demora.

Na praia do rio Tejo edificou-se um grande hospital provisório, todo de madeira, com cento e tantas divisões, colocando-se em cada uma delas cinco ou seis doentes.

Fizeram-se muitas procissões de penitência, sendo a primeira a 14 de Agosto de 1569, em que os religiosos franciscanos da Província do Algarve saíram do Convento de Santa Maria de Jesus de Xabregas, acompanhados dos Cónegos Regrantes, e foram a São Vicente de Fora, levando sobre um andor a imagem de São Sebastião debaixo do pálio, e voltando depois para Xabregas (cf. Machado, 1747: vol. III, 145).

² “Por ocasião da peste, que por varias vezes tem oprimido a este Reyno, & tam gravemente, que em algúas o deixou quasi despovoado; nesta afflicção se tomou em húa occasião destas, por patrono de todo o Reyno ao glorioso Martyr S. Sebastião; & pelos seus merecimentos se vio, que nosso Senhor em muytas partes suspendera a espada de sua divina justiça. Obrigados deste favor os artilheiros, unidos em húa só vontade, erigirão entre si húa devota Irmandade a este Santo, & lhe edificarão húa Ermida, & nella collocarão húa imagem sua, pedindolhe fosse seu medianeiro, para que Deos os livrasse deste cruel, & terrível mal, & nella o servião com grande fervor, & devoção.” (in Santa Maria, 1707: tomo I, 264).

³ Diogo Barbosa Machado, nas *Memórias Del Rey D. Sebastião*, (1747, vol. III, 140 ss) descreve com as mais vivas cores aquela época calamitosa.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3. O terrível flagelo terminou finalmente, pelos fins de 1569 e princípios de 1570.

O Rei D. Sebastião fizera o voto de construir um templo em honra de São Sebastião, quando recebeu a agradável notícia de estar vencida a peste em Lisboa. Estava então em Montemor-o-Novo, e escreveu uma carta ao Senado de Lisboa, com a data de 16 de Outubro de 1569, em que lhe ordenava a edificação do templo. Noutra carta, escrita em Évora, em 28 de Dezembro do mesmo ano, autorizava o Rei que o templo fosse edificado no sítio da Mouraria, onde já estava a ermida de São Sebastião, encarregando Afonso Álvares, mestre das fortificações, de escolher e comprar os terrenos necessários, e fazer o modelo do templo.

Entretanto, o Rei decidiu erguer a dita igreja votiva no Terreiro do Paço, onde foi lançada a 1ª pedra em 19 de Março de 1571 ou 29 de Abril desse ano. As obras prosseguiram pelo menos até 1573; em 1582, Filipe I manda suspender as obras, demolir tudo quanto estava feito e levar os materiais para São Vicente de Fora...

4. Um novo movimento popular surgiu também no fim da dita peste e que veio a cruzar-se com a ermida de São Sebastião da Mouraria.

As pessoas, a quem os médicos prognosticavam a facilidade de se repetir a horrorosa epidemia na primavera seguinte, recorreram ao Rei, pedindo-lhe o consentimento para se fazer uma procissão em acção de graças a Nossa Senhora, esperando que assim se aplacassem as iras celestes (!). Foi o Senado de Lisboa que dirigiu a el-rei a petição, a que o Soberano, que se achava então em Salvaterra, respondeu em 13 de Abril de 1570.

Sete dias depois de se ter recebido a carta régia, fez-se pela primeira vez a solene procissão, sob a invocação de Nossa Senhora da Saúde (20 de Abril de 1570). Em seguida à procissão, a imagem foi recolhida na igreja do Colégio dos Meninos Órfãos, onde ficou colocada, e onde se conservou até 1661.

5. Nesta capela – então ainda “igreja de São Sebastião” – foi estabelecida a paróquia de São Sebastião da Mouraria, criada pelo arcebispo D. Miguel de Castro, desmembrando-a da de Santa Justa, em 1596.

Depois, os paroquianos resolveram construir edifício para a sua paróquia, que recebeu a invocação de Nossa Senhora do Socorro. E em 29 de Setembro de 1646 foi a paróquia transferida para a igreja do Socorro.

6. Em 1661 começaram algumas desinteligências entre os administradores do Colégio dos Meninos Órfãos e a Irmandade de Nossa Senhora da Saúde. A Irmandade pensou na edificação de uma capela, propriamente dedicada à sua padroeira.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Os artilheiros, que possuíam a sua igreja de São Sebastião da Mouraria, tiveram notícia daquela resolução e foram oferecê-la à Irmandade de Nossa Senhora da Saúde⁴. A oferta foi aceite, com a condição porém de ficar a igreja com o título da Saúde, sendo a imagem da Virgem colocada no altar principal. Além disso, as duas Irmandades deveriam unir-se, ficando os irmãos de uns e outros sendo igualmente irmãos de Nossa Senhora da Saúde e de São Sebastião.

Os artilheiros não se opuseram a estas condições; as duas irmandades fundiram-se numa só, e fez-se competente escritura desta junção, a qual foi aprovada pelo papa Alexandre X.

Na 3ª quinta-feira, 20 de Abril de 1662, a imagem de Nossa Senhora da Saúde saiu da igreja do Colégio dos Meninos Órfãos e depois da costumada visita à Sé e a São Domingos, deu solene entrada na sua igreja da Mouraria.

A imagem de São Sebastião lá continua. É pequena, de má escultura. Julga-se que é a primitiva que os artilheiros mandaram fazer para a sua antiga capela, ou pelo menos tem muita antiguidade, anterior ao terramoto de 1755.

Vd. Capela de NOSSA SENHORA DA SAÚDE NA MOURARIA – 1662

Bibliografia

MACHADO, Diogo Barbosa – *Memórias para a História de Portugal que Compreendem o Governo Del Rey D. Sebastião, Único em o Nome e Décimo Sexto entre os Monarcas Portugueses: do Anno de 1568 até o Anno de 1574*. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1736-1751. 3 vols.

SANTA MARIA, Frei Agostinho de – *Santuário Mariano*. Tomo I. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galvão, 1707. 2ª edição, Lisboa: Imp. Libânio da Silva, 1933

⁴ Fr. Agostinho de Santa Maria (1707: tomo I, 266) insinua piedosamente: “E seria isto [a oferta feita pelos irmãos de São Sebastião] sem dúvida com o sentimento de lhe haverem levado daquela sua igreja a Imagem da Senhora do Socorro...”

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Ø CAPELA DE NOSSA SENHORA DE BELÉM, NO MOSTEIRO DE SANTA CLARA

Século XVI [C. 1502? 1529?] → † 1755

1. Esta capela, situada no antigo mosteiro de Santa Clara, um dos maiores da cidade de Lisboa como atesta Frei Nicolau de Oliveira em 1620, com capacidade para albergar uma comunidade de 300 pessoas, tem uma lenda⁵.

Por volta do ano de 1529⁶, vivia em Lisboa:

“um clérigo de santa e louvável vida. Este servo de Deus ouviu em sonhos, por três noites repetidas, que lhe diziam fosse à praia de Belém e que nela acharia uma imagem de Nossa Senhora; e que a levasse ao Convento de Santa Clara. [...] Este tinha sido fundado em 1287 e fora reformado na regular observância precisamente pelos anos de 1529. Ali queria ser venerada a Senhora, entre as esposas de seu santíssimo Filho Jesus Cristo, e que por seu meio e intercessão se haviam de salvar muitas almas.

Levantou-se o devoto clérigo. E por não ser ingrato ao favor que a Rainha dos Anjos lhe fazia, se foi às praias de Restelo e nelas achou a preciosa concha [sic!] que o mar, sem dúvida por se não achar digno de a possuir, havia posto branda e suavemente sobre a areia. Contento com o rico tesouro, voltou para casa o virtuoso sacerdote, e tratou logo de ir fazer entrega daquela rica jóia da santa imagem às Religiosas, às quais referiu o sucesso, de que elas ficaram mui contentes e alegres, pois se viam visitadas e favorecidas da Mãe de Deus, e muito mais por mostrar a mesma Senhora satisfazer-se da sua companhia e elegê-las a elas entre as muitas Esposas que o mesmo Senhor tinha na mesma cidade.

Não sabiam as Religiosas aonde e em que lugar colocariam aquela santa imagem da Senhora, que mais lhe agradasse. Tentaram muitos; e ultimamente a colocaram em um lugar aonde pudesse ser vista e venerada de todas: puseram-na em um nicho que ficava sobre a porta da entrada da escada que sai dos dormitórios para o coro, para que nesta passagem tivessem sempre lugar de a saudar quando iam e quando vinham. Colocada neste lugar, ficaram as religiosas mui alegres. Porém, na manhã seguinte a acharam menos. Buscaram-na por todo o Convento e ultimamente a foram descobrir em um nicho que ficava em um dos ângulos do Claustro, que é cemitério das freiras, no qual estavam duas imagens, uma de S. José e outra de Santa Ana. No meio delas estava a Senhora. Entenderam as religiosas que alguém havia feito esta mudança. Restituíram-na outra vez ao primeiro lugar. E como dele a achassem menos, segunda e terceira vez, a fecharam com um cadeado, para que dali a não pudessem tirar (persuadiram-se a que alguém o havia feito).

⁵ Sobre a lenda do aparecimento da imagem, Vd. Santa Maria, 1707: tomo I, 161-164; Esperança, 1666: vol. II, 108-111; Silva, 1900: 45; *História dos Mosteiros*, 1950: vol. I, 243-246.

⁶ Frei Agostinho diz que foi por volta do ano 1529; a *História dos Mosteiros* diz que pelos anos de 1502.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Porém, como a achassem menos, e a grade fechada com o mesmo cadeado, enganaram-se então, julgando que a Senhora era a que se não pagava daquele lugar, porque queria casa maior, e que havia escolhido o lugar do claustro. À vista desta maravilha, procuraram as religiosas de mandar romper o nicho até baixo, e fazer nele uma capela no grosso da parede, não se persuadindo podia haver lugar para mais, para que pudesse estar nela a milagrosa imagem com mais decência e veneração. Ao romper do nicho, se achou uma casa grande, que ali estava sem que as religiosas tivessem notícia dela. E, examinando depois que casa era aquela, e a razão de estar tapada, acharam uma tradição nas mais antigas, que houvera naquele convento doenças contagiosas, e que naquela casa morrera uma religiosa daquele mal: e por que se não pegasse às outras, a taparam de pedra e cal. Acharam dentro somente uma dobadoura, instrumento próprio de religiosas, que depois das ocupações de Maria aproveitam o tempo nos exercícios de Marta, fiando e dobando. Havia naquela casa mais uma escada de pedra, que parece tinha serventia para outra parte, mas tinha poucos degraus. Fica esta casa com as costas na capela-mor.

Desta casa se fez uma rica capela, em que algumas religiosas particulares têm dispendido muita fazenda. Nela está a Senhora com muita veneração, e o seu altar com muitos e preciosos ornatos e adornos. Teve sempre ermitoas, que a serviam por sua devoção. Uma se nomeia de grandes virtudes, da qual as outras religiosas contam grandes cousas, e que o Menino Jesus, que a Senhora tem nos braços, lhe falara. Os milagres que a Senhora faz, e tem feito, são inumeráveis; e assim é grande a devoção que as religiosas lhe têm, as quais recorrem a esta sua amorosa mãe, que sendo um mar de graças, é juntamente a piscina de todos os remédios, e nela acham alívio e consolação em todos os seus apertos e necessidades.

Deram-lhe o título de Belém, por ser achada nas suas praias, no mesmo tempo em que El-Rei D. Manuel mudou o título ou o nome de Restelo em o de Belém. A Imagem da Senhora parece de pedra, ou de barro, pelo que pesa; porque certamente não se acaba de conhecer a matéria de que é⁷. É de muito boa escultura, e pintada a óleo, como ordinariamente são as imagens antigas. Está assentada em uma cadeirinha com o Menino Jesus nos braços, e ele tomando o peito na boca. A estatura será palmo e meio [+ ou – 33cm]. As religiosas antigas daquela casa, porque a quiseram ter com vestidos, lhe cortaram as mãos da cadeirinha, e à Senhora lhe mandaram tirar a coroa da cabeça, que era da mesma matéria de que a Senhora é formada, para lhe porem cabeleira e coroa de prata.”

(Versão modernizada de Santa Maria, 1707: tomo I, 161-164).

⁷ Vd. infra o anexo sobre a matéria de que é feita a imagem.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Para aferirmos a dimensão do edifício dedicado a Santa Clara, temos no *Grande Panorama de Lisboa* em azulejo (c. 1698-99) um importante testemunho iconográfico de enorme raridade. O aspecto exterior do edificado faz jus à descrição de Damião de Góis (ed. 1988: 48) que nos diz:

“Nesta zona [da Graça à margem do Tejo], o vastíssimo e nobilíssimo Mosteiro das Freiras de Santa Clara quase alcança a margem do rio. Tomando a direcção oposta, e deixando ao lado a Capela de Nossa Senhora do Paraíso, faz-se acesso à primeira porta da cidade, dita Porta da Cruz.”

ANEXO

MATÉRIA DE QUE É FEITA A IMAGEM DA SENHORA DE BELÉM

“A materia da imagem he de madeyra. Celebraselhe a festa no dia da sua gloriosa Asumpçam, mas a invocaçam he da Senhora de Belem, cuja devoçam foy sempre crescendo pellos prodigios que em beneficio das Religiosas a Senhora obrava por sua imagem, de que, obrigadas as Religiosas, rezolveram mostrar seo agradecimento, e vendo que a capella em que estava sagrada a imagem, por ser tam antiga nam tinha aquella obra de perfeçam que o tempo foy introduzindo de novo nas fabricas modernas, assentaram as Religiosas mays devotas da imagem da Senhora a fabricar uma capella de novo em que a imagem da Virgem estivesse com aquella grandesa e magestade que o affecto de suas devotas lhe podia dar na terra.

Applicou-se tanta diligencia e actividade à obra que veyo a se acabar em espaço de dous annos, tempo muy limitado pera a grandesa e perfeçam da obra, e assim mal pode crer quem a vê que tal obra se podesse acabar dentro de tam breve tempo, mas como a devoçam das Religiosas ministrava os effeytos pera a despeza (que consta ter chegado à de quinze mil cruzados) pôer isso pode a obra ter conclusam dentro de tam breve tempo, mas pera que ella se possa com mays razam admirar, será bem aqui dar alguma informaçam do que se vê na obra da ditta capella a qual se orna de excellente pedraria, de marmores muy lustrosos com perfeytos embotidos, e, vestindo de pedraria a parte inferior da capella, se segue por cima a obra de macenaria, entalhada, entre a qual tem lugar quarenta e seys meynos corpos de sanctos com suas reliquias que fazem hum nobilissimo sactuario. Sobre os dittos quarenta e seys meynos corpos de sanctos ha mays na ditta capella oyto nichos grandes, com os sanctos de vulto que nella já havia. E querendo dar lugar conveniente à imagem da Senhora de Belem se fabricou uma magestosa tribuna na qual foy colocada a soberana imagem sobre hum throno de prata, ornado este e o altar com dous anjos tambem de prata e trinta vasos da mesma, que acrescentam muyto o ornato do altar e tribuna. Tem mays a sagrada imagem hum grandioso resplendor de prata, dourado, rodeado de serafins. Acrescenta[m] muyto o lustre da capella excellentes pessas que muyto a ornam, enriquesendo a soberana imagem o valor de boas joyas e broches de diamantes que pera mayor ornamento da imagem da Senhora lhe tem dado suas devotas. He a capella muy illustrada de luz e claridada e pera as janelas, porta, tribuna, altar e nichos há excellentes cortinados e sanefas de damasco e lós de ouro.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Dá entrada a esta magnífica capella huma saleta bem ornada de pinturas de boa mam, com cayxilhos de talha dourada, com hum titulo na porta que dá entrada pera a capella, e nelle a letra seguinte:

SOLI DEO HONOR ET GLORIA

Acabada a capella na obra que temos ditto, seguiase cobrir de ouro toda a obra de macenaria e talha que compoem a perfeçam da capella, mas porque a obra além de demandar grande despeza de ouro pello muyto que se havia de gastar demandava tambem largo tempo, nam permittio o dezejo com que as devotas da Senhora de Belem estavam de ver colocada na sua nova capella rica tribuna e magestoso throno.

Deliberaram fazer a mudança com huma solemnissima procissam que se celebrou em vinte e quatro de Agosto de 1703. A pompa e applauso da procissam foy muy conforme assim à devoçam que no mosteyro há com a antiga e milagrosa imagem da Senhora de Bellem e tambem com a grandesa, riqueza e magestade com que no mosteyro de Sancta Clara se costumam fazer todos os actos e funções do culto divino. Acabada a celibridade da procissam foy a Senhora colocada no seo throno, do qual começou logo a encher de grande gosto e consolaçam spiritual todas suas devotas, que sam tantas como sam as Religiosas de tam numerozo mosteyro.

(In *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 244-246).

Bibliografia

ESPERANÇA, Fr. Manoel da – *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco*. Vol. II. Lisboa: Oficina de Antonio Craesbeeck de Mello, 1666

História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa (1950-1972) – ed. de Durval Pires de LIMA. Lisboa, Camara Municipal de Lisboa, 1950 (tomo I), 1972 (tomo II).

SANTA MARIA, Frei Agostinho de – *Santuário Mariano*, vol. I. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galvão, 1707

SILVA, Filipe Nery de Faria e – *A Igreja da Conceição Velha e Várias Notícias de Lisboa*. Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva, 1900

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA DO MOSTEIRO DA MADRE DE DEUS, EM XABREGAS****Século XVI [1509]**

Era de religiosas franciscanas da primeira regra de Santa Clara.

I. O Convento foi fundado pela Rainha Dona Leonor, viúva do rei D. João II.

A dita Senhora intentara edificar uma casa de virgens que, abandonando as vaidades mundanas, se entregassem à meditação e contemplação. Assim, envergou o hábito franciscano, mostrando a sua devoção ao ideal de São Francisco de Assis. E no ano de 1508 pensou na fundação de um mosteiro, na obediência da Regra primeira de Santa Clara. Tratou de adquirir do Pontífice Júlio II as necessárias licenças; e tão depressa recebeu o breve papal, escolheu umas casas na Costa do Castelo, entre Santo Elói e a freguesia de São Bartolomeu, para pôr em prática o seu plano.

Porém, não lhe parecendo apropriado aquele local, comprou umas casas e horta chamada **das Conchas**, situadas em **Enxobregas** (hoje, Xabregas) propriedade que era de D. Inez da Cunha, viúva de Álvaro da Cunha. O plano das obras era muito limitado, a princípio. Nos meados do ano de 1509, já estava em condições de ser habitado. A rainha Dona Leonor mandou então vir do Convento de Jesus, de Setúbal, sete freiras franciscanas, que entraram na nova casa religiosa a 18 de Junho de 1509, ficando assim constituída a comunidade.

As obras da construção da igreja começaram em 23 do referido mês de Junho de 1509. O local havia sido sagrado pelo arcebispo de Lisboa, D. Martinho da Costa, cerimónia a que assistiram a rainha Dona Leonor e muitas pessoas da Corte^{xxxvii}.

Contíguo ao convento, mandou a dita Rainha Dona Leonor edificar um palácio para sua habitação, que se denominou **Paço de Enxobregas**, por estar situado no local que se chamava Valle de Enxobregas^{xxxviii}. Abriu comunicação do palácio para o convento; e ali viveu os seus últimos anos, vindo a falecer ali no ano de 1525, ficando sepultada em campa rasa no claustro do dito mosteiro.

Quando faleceu, ainda a igreja não estava concluída, faltando-lhe a capela-mor.

^{xxxvii} Sobre o mosteiro da Madre de Deus, consultar obrigatoriamente os seguintes trabalhos: Campos e Pais, 1999: vol. II, 419-428; Carvalho, Curvelo e Vilar, 2002; Flor, 2008-2009: 197-204; Curvelo, 2009. Além das fontes indicadas na bibliografia destes trabalhos, por exemplo a *Chronica Serafica* de Frei Jerónimo de Belém, salientemos SACRAMENTO, Maria do – *Notícia da Fundação do Convento da Madre de Deus de Lisboa das Religiozas Descalças da Primeira Regra de Nossa Madre Santa Clara E de algumas couzas que ainda se puderão descobrir com certeza das vidas e mortes de muita Madres santas que ouve nelle, escritas por huma freira do mesmo convento, e dirigida a todas as mais delle no anno de 1639*. Manuscrito de 1639-1652 (Cod. 12979 da Biblioteca Nacional de Portugal, com versões distintas no Museu Nacional de Arte Antiga e no Museu Nacional do Azulejo).

^{xxxviii} V. Serrão, em trabalho notável de reconstituição do *esquecido palácio régio* de Xabregas, comprova a importância deste espaço áulico no contexto da Lisboa quinhentista, identificando uma importante campanha de obras já devida a D. Catarina de Áustria. Cf. Serrão, 2009b: 107-123.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

2. O primitivo mosteiro da Madre de Deus era muito modesto, em harmonia com o viver austero daquelas religiosas; aliás, o mosteiro ficou subordinado ao Convento de Santa Maria de Jesus, de Xabregas, de religiosos da mesma Ordem de São Francisco^{xxxix}.

A imagem de Nossa Senhora Madre de Deus, patrona da Casa, adquiriu grande fama milagrosa, atribuindo-se-lhe muitos milagres por intercessão da Virgem, factos que atraíram à igreja do convento numerosos devotos, desde as mais humildes pessoas do povo até aos fidalgos de maior nobreza, concorrendo todos com esmolas e outras ofertas mais ou menos valiosas.

Os Reis de Portugal ficaram sendo padroeiros do Convento, que sempre favoreciam com importantes dádivas. El-Rei D. Manuel (irmão de Dona Leonor), por alvará passado em Évora a 4 de Julho de 1509, mandou que se não construíssem casas desde aquele mosteiro até ao Convento de Santa Maria de Jesus, no mesmo sítio de Xabregas; nem em terreno próprio, nem concedido pela Câmara; e que os donos das hortas circunvizinhas não pudessem vendê-las a pessoas de maior qualidade, sem sua licença.

Em 2 de Setembro de 1517 entraram em soleníssima procissão nesta igreja as relíquias de Santa Anta, uma das “Onze Mil Virgens”, oferta do imperador Maximiliano à Rainha D. Leonor.

D. João III fez grandes modificações no convento (c. 1550). Este monarca mandou construir a nova igreja com a capela-mor, que faltava à antiga, e um novo claustro com muitas capelas. A nova igreja foi edificada em consequência das águas que nas grandes marés chegavam até às paredes do templo primitivo, causando graves incómodos aos concorrentes. Por este motivo ficou a nova igreja em terreno mais elevado, fazendo-se uma escadaria para se subir à porta da entrada. Como nesse tempo se estivesse operando a transição da arquitectura gótica final, ou manuelino, para os moldes clássicos do Renascimento, construiu-se a capela-mor ao novo gosto da época (como aliás veio a suceder na igreja do Mosteiro dos Jerónimos). A antiga igreja reservou-se para Casa do Capítulo, sendo então entaipada a porta que dava para a rua.

A invasão das águas continuou. E em 1557, já no reinado de D. Sebastião, sendo Regente sua avó a rainha Dona Catarina, a Câmara de Lisboa pensou em resguardar aquele sítio por meio de uma muralha ou cais, que defendendo as edificações não impedisse o trânsito; para tal obra, a Câmara já tinha naquela época em depósito a quantia de 300\$000 réis. As freiras, mal tiveram conhecimento do plano da Câmara, trataram de pedir que lhes fosse cedido o dinheiro para pagamento de dívidas que as obras urgentes feitas no convento as obrigara a contrair... A Rainha Regente deferiu a favor a pretensão das religiosas, por alvará de 17 de Setembro desse mesmo ano de 1557.

^{xxxix} Para a reconstituição do templo leonorino, veja-se a interessante proposta trazida por João Miguel Simões (Simões, 2009: 65-74). O próprio afirma na p. 71 o seguinte: “Aplicando aqui a tipologia de Santa Clara de Assis, vê-se que a capela-mor pode ser o sub-coro; a “Sala de D. Leonor”, o braço norte do transepto (tendo-se perdido o do lado oposto); o claustro (ou a sua memória espacial) sobrevive no “claustrim” com assinatura de Nepomuceno; e a nave corresponde às duas salas, “de D. Manuel”, que se alongam para ocidente. Podem ter existido duas capelas colaterais e a torre sineira ergue-se a meio do alçado sul, exactamente como no mosteiro gótico de Santa Clara de Vila do Conde”.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

O Convento da Madre de Deus era destinado a receber unicamente 20 freiras; mas a rainha Dona Catarina elevou esse número para 30, obtendo para isso, em 1567, a licença do papa Pio V.

O Rei D. Sebastião frequentou muito o convento. A princesa Dona Joana sua mãe doou àquelas religiosas o primeiro vestido com que entrou em Portugal, que era de veludo roxo todo guarnecido de ouro. A princesa Dona Maria, filha do terceiro casamento de D. Manuel, também se dedicou muito àquela igreja.

3. No mosteiro da Madre de Deus acumulavam-se muitas preciosidades artísticas e culturais. Referimos algumas:

- Um **Santo Sudário**, bordado a seda preta, que todos supunham pintado, e que havia sido oferecido pelos imperadores Maximiliano a Dona Leonor, sua prima. Presumia-se que era a reprodução do Sudário que se guardava em Turim. Era costume mostrar-se ao público em Quinta-Feira Santa, por ocasião do sermão na cerimónia do Lava-Pés. Sendo muito grande a concorrência dos devotos, e como todos pretendessem venerar aquela relíquia, mandou-se construir um púlpito fora da igreja, donde o Sudário era apresentado ao povo^{XI}.

- Possuíam também as religiosas um **espinho** da coroa de Jesus Cristo, que estava metido num relicário de ouro, em forma de capelinha, que pertencera a el-rei D. Duarte.

- Possuíam um Cristo esculpido em marfim.

- E uma bela **cruz de prata**, de três palmos de altura [=66cm], sobre a qual se via um **Santo Lenho** formado por muitas partículas, oferta da imperatriz Dona Maria, irmã de Filipe II de Castela, à rainha Dona Catarina.

- Um **relicário de ouro**, em forma de noz, onde se guardava uma relíquia do Santo Sudário de Cristo, e outra de sua coluna.

- Uma **tigelinha** de pau, por onde Santo António havia bebido água, etc., etc.

No Claustro do convento foi sepultada a real fundadora, em campa rasa, à entrada da Casa do Capítulo; e junto dela sua irmã Dona Isabel, mulher do Duque D. Fernando (o supliciado de Évora)^{XLI}.

^{XI} Cf. Pais, 2009: 213-215.

^{XII} A propósito do sepultamento de D. Leonor na Madre de Deus, registre-se que Damião de Góis na *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel* (1566-67) diz-nos com clareza o seguinte: “Fundou esta Senhora [D. Leonor] também de novo o mosteiro da invocação da Madre de Deus, no vale de Enxobregas, junto de Lisboa, e povoou de novo de freiras de Santa Clara da ordem de São Francisco da Observância, que por seus institutos comem sempre peixe, onde ela **jaz sepultada, na crasta, junto da porta do refeitório** em sepultura simples, rasa igual com o chão.” (Góis, ed. 1926: vol. I, 60). É uma informação que parece contrariar a tradição historiográfica e que merece investigação futura.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Nas relíquias também se conta o corpo de Santa Anta, uma das *Onze Mil Virgens*, que (como se referiu atrás) veio para este convento em solene procissão, no dia 12 de Setembro de 1517, oferta do imperador Maximiliano à rainha Dona Leonor^{XLII}.

Abundavam na igreja telas magníficas, pinturas de Bento Coelho da Silveira (século XVII), Cristóvão Utrecht (discípulo de António Moro) e outros^{XLIII}.

A talha dourada é sumptuosa. Presume-se ser trabalho de um afamado escultor, que vivia em Lisboa no século XVIII, chamado Braz de Mascarenhas.

As imagens sacras eram também numerosas. Nomeia-se em especial a de Nossa Senhora da Madre de Deus, que era considerada a de maior perfeição e respeito de todo o Reino. Também a imagem de São José, e a de Jesus Nazareno^{XLIV}.

Nos reinados de D. João V e D. José a igreja sofreu novas obras:

(Vd. Igreja do Mosteiro da Madre de Deus 2^a 1746 e ss)

^{XLII} Sobre o dito “retábulo de Santa Auta”, que dificilmente poderá (ou terá) sido pintado por Cristóvão de Utrecht, em conferência proferida no Museu Nacional de Arte Antiga (Maio de 2015) no âmbito do projecto de I&D *ROBBIANA: Esculturas Della Robbia em Portugal* sob nossa coordenação, Joaquim Oliveira Caetano propõe que as pinturas constituíssem um pequeno altar/arca das relíquias que, no século XIX, seria desmembrado e “transformado” num retábulo. Concordamos com a proposta inteligente do autor que, no seguimento do trabalho publicado por José Alberto Seabra Carvalho (2009: 145-154), refuta as teses mais antigas que entendiam todo o conjunto pictórico como um retábulo e não como um altar/receptáculo das relíquias, de acordo com a prática do tempo e de que o relicário presente no Museu Sint-Janshospitaal em Bruges, de autoria de Hans Memling e datável de 1489, constitui excelente exemplo.

^{XLIII} Sobre a pintura no Mosteiro, depois das investigações de José Alberto Seabra Carvalho (2002), Susana Varela Flor (2002 e 2007), Luís de Moura Sobral (2002) e as várias entradas do catálogo da exposição *Casa Perfeitíssima ...* (2009), sabemos hoje que a diversidade autoral do acervo do antigo mosteiro ultrapassa os nomes indicados por Felicidade Alves. Há que acrescentar ainda os de Marcos da Cruz (c. 1610-1683) e André Gonçalves (1685-1754) para a pintura; Augusto Ferreira e Joaquim José como douradores e Félix Adaucto da Cunha (act. 1716-1773) entalhador, todos eles activos durante a época moderna. Sobre este último, leia-se Ferreira, 2013: 186-195.

^{XLIV} Felicidade Alves destaca estas imagens, não referindo por exemplo outras de maior relevo artístico para o contexto da arte do Renascimento em Portugal, nomeadamente o grupo de peças em terracota esmaltada, atribuídas à oficina dos Della Robbia, quase todas resultantes da oferta da rainha D. Leonor ao convento. Ver sobre este assunto, por exemplo, Dias, 1987; Carvalho e Franco, 2009: 133-144; Flor, 2014: 80-87. O conhecido *Presépio* do Mosteiro, obra já barroca, é conjunto escultórico de enorme valia plástica e iconográfica. Cf. Pais, 2003.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Bibliografia

BARBOSA, Inácio de Vilhena – “Convento da Madre de Deus”. *Archivo Pittoresco*, vol. v, 42 (1862), p. 333.

BRANDÃO (de Buarcos), João (ed. 1990) – *Grandeza e Abastança de Lisboa em 1552*, ed. José Felicidade ALVES. Lisboa: Livros Horizonte, 1990

OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de – *Lisboa em 1551. Sumário*. Lisboa: Livros Horizonte, 1987

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Dicionário histórico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artístico*. Vol. IV. Lisboa: J. Romano Torres, 1908, p. 287-290

SANTOS, Reynaldo dos – “Madre de Deus” In *Guia de Portugal*. Apresentação e notas de Dionísio SANTANNA. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 318-322.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA DO CONVENTO DE CHELAS****Obras no tempo de D. Manuel I [c. 1510]**

Desta antiquíssima instituição religiosa já falámos abundantemente: remonta a velhos tempos (a lenda vai até Aquiles...), foi templo romano, depois foi convento visigótico; desde a conquista de Lisboa em 1147 tem sido sempre sede de comunidades monásticas.

No tempo de D. Dinis (c. de 1309) e pelos anos de 1510 (D. Manuel) recebeu obras de reconstrução, mas não temos documentos para descrever em que consistiram. Destas últimas obras, subsiste apenas o portal manuelino.

Diz-nos Cristóvão Rodrigues de Oliveira (ed. 1987: 77) que:

“O Mosteiro de Chelas está a meia légua dos muros. É da ordem de Santo Agostinho novamente da observância. São quarenta e oito freiras de véu preto e doze noviças. Tem um capelão quotidiano. Há na igreja duas confrarias: uma, dos Mártires cujos ossos aí estão sepultados; e outra de são Sebastião. Valem as esmolas destas confrarias cem cruzados. Vale a renda do mosteiro mil e duzentos e cinquenta cruzados. Tem vinte cinco servidores.”

Em 1580, as tropas do Duque de Alba deram de noite assalto ao mosteiro, mas não puderam entrar. Em 1589, os ingleses que vieram com o Prior do Crato fizeram fugir as freiras para Lisboa.

No ano de 1604 foram praticadas obras de reconstrução bastante profundas, de que trataremos a seu tempo.

Vd. A Igreja do CONVENTO DE SÃO FÉLIX E SANTO ADRIÃO, EM CHELAS
3ª – 1604

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ IGREJA DO MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA ANUNCIADA, NA MOURARIA

Século XVI [1515-1517] → † 1539 ♂

1. ANTECEDENTES

- **Mesquita.** Depois que o Rei D. Afonso Henriques conquistou Lisboa aos Mouros (1147), permitiu-lhes que, se quisessem, podiam ficar instalados junto da cidade, vivendo em um lugar apartado daquele em que viviam os cristãos. Esta liberdade era aconselhada pela convivência de os mouros com seu trabalho cultivarem a terra, que estava privada de cristãos bastantes que tratassem da sua cultura. Daí a origem da “Mouraria”. E nela se fundou uma “Mesquita”.

- **Comunidade de Beatas da Terceira Ordem de São Francisco.** Em 1496, Dom Manuel expulsou do Reino os Mouros, ordenando que todas as mesquitas fossem destruídas, ou se purificassem e fossem consagradas em templos e casas religiosas. A referida mesquita da Mouraria foi purificada. Quis então el-Rei que fosse consagrada ao mistério da Anunciação da Virgem Mãe, ordenando que enquanto não determinava outra coisa se aproveitassem dela umas boas mulheres que viviam juntas, e se chamavam Beatas da Terceira Ordem de São Francisco, mas sem clausura nem obediência certa de Prelado.

2. MOSTEIRO DE RELIGIOSAS DOMINICANAS: 12. NOVEMBRO.1519

Passados alguns anos, cerca do ano de 1515, o Rei D. Manuel resolveu fundar no sítio vizinho à igreja que tinha sido mesquita um Mosteiro de religiosas de São Domingos e de lhe nomear Prelado.

Querendo fazer isto com autoridade apostólica, impetrou para tudo um breve do papa Leão X, o qual despachou na cidade de Viterbo, no ano de 1515. Não quis el-Rei usar dos poderes que o breve lhe concedia. E assim, quatro anos depois de passado o breve, ou seja em 1519, o remeteu ao seu confessor o mestre Frei João Vogado, que ao tempo era provincial da Ordem de São Domingos, para que ele ordenasse o mosteiro segundo os costumes da Ordem.

Para que começasse com perfeita observância, quis que as fundadoras viessem do Convento de Jesus, de Aveiro, onde florescia muito a perfeição religiosa; e advertiu el-Rei que as beatas que quisessem ficar religiosas no dito mosteiro fossem admitidas nele ao hábito e profissão.

Para satisfazer a piedosa vontade real, o Provincial ordenou que do Convento de Aveiro viessem para fundadoras três religiosas, ilustres por sua geração e virtudes: Dona Joana da Silva, filha do 1º conde de Penela, D. Afonso de Vasconcelos; Dona Brites de Menezes, sua

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

sobrinha, filha do 2º conde daquele título, D. João de Menezes, seu irmão; e Dona Brites de Noronha, filha do conde de Abrantes, D. João de Almeida⁸. Juntaram-lhes mais três religiosas, menos conhecidas por seus pais, mas dignas de muita estima por suas virtudes.

Chegaram estas seis religiosas a Lisboa em 12 de Novembro de 1519. Foram demandar logo a sua casa – conhecida já pelo nome de “Anunciada” –, onde eram esperadas com alvoroço e cortesia de muita gente nobre e devota, seculares e religiosos. E logo com perfeita clausura deram princípio à vida conventual, ordenando o Provincial que, enquanto não fizessem sua eleição, fosse Vigária do mosteiro a madre Dona Joana da Silva.

O primeiro cuidado desta foi procurar entender quais as disposições de ânimo tinham as beatas, quanto a serem religiosas do dito convento. Aceitaram ficar religiosas no convento quatro das beatas; as mais, despediram-se das companheiras.

3. CRESCIMENTO DA COMUNIDADE E INCONVENIÊNCIA DO SÍTIO

Passados alguns dias, o Provincial ordenou que fizessem a eleição da Priora, pois as seis compunham uma comunidade perfeita. Para tal cargo os votos foram concordes na eleição da Madre Dona Joana da Silva († 1528).

Com tal Priora e tais religiosas começou o novo Convento uma vida tão perfeita que, com a fama da observância dela acudiram a buscar o hábito no convento candidatas de grande qualidade e tantas em número que a casa era limitada para as recolher.

Cuidaram de a ampliar. Mas não o sofria o sítio, posto em ladeira e dominado por três montes mais eminentes: o do Castelo, o de Nossa Senhora da Graça, e o da Senhora do Monte. Com o andar dos tempos, reconheceu-se que o sítio era pouco saudável, porque a sua exposição ao Norte o tornava excessivamente frio. Outros inconvenientes se foram descobrindo.

⁸ Assim se nomeavam estas religiosas:

“...Ainda naquella tempo as que entravam nos mosteyros nan deyxavam os appellidos honorificos de que uzavam no mundo, mas depoyos com mays assentado conselho pera que as que deyxam o mundo e as honras delle se nam lembrem de appellidos que lhe possam cauzar vaidade, e nos de que uzam se pareçam as religiosas todas humas com outras, começaram a mudar os appellidos, tomando os de sactos e sanctas. Mas as dittas três religiosas, ainda que conservaram os appellidos que trouxeram do mundo, e eram por nassimento tam illustres e aventejadas às outras que lhe nam eram iguaes na nobresa, desprezavam porem com tanto spirito tudo o que podia ter resaybo de vaidade que em nada se preferiam a suas subditas, estimandose na virtude inferiores a todas. E com este spirito de verdadeyra humildade lançaram tam solidos fundamentos à perfeçam religiosa, que a ellas se deve o credito e estimaçam de virtude e observancia religiosa com que inda hoje o convento se conserva, ajudando muyto pera assim ser continuar Dona Joanna da Sylva nove annos o governo do Mosteyro, que deyxou com a morte no anno de 1528, succedendolhe na prelasia sua sobrinha, filha do Conde D. Joam de Menezes, que à virtude [e] sanctidade unio huma grande prudencia junto com muyto valor pera sustentar o peso do governo, em que continuou por tempo de trinta e tres annos (...).” (cf. *História dos Mosteiros*, 1972: tomo II, 332).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

4. NEGOCEIA-SE A PERMUTA COM OS CÓNEGOS DE SANTO ANTÃO

Passados já vinte e três anos sobre a criação do mosteiro (1515), houve quem aconselhasse à Madre Dona Brites de Menezes – Prioriza e imediata sucessora da sua tia Dona Joana da Silva – que pedisse a el-Rei D. João III um Convento que estava no vale e estrada que corria da Porta de Santo Antão para Benfica e Carnide.

Este convento pertencia a uma congregação de Cónegos Regrantes de Santo Antão; e fora fundado naquele sítio no ano de 1400.

Em 1538, a Casa dos Religiosos de Santo Antão estava reduzida apenas a dois membros, e o edifício encontrava-se bastante degradado.

Não desagradou ao Rei D. João III o intento de a Prioriza Dona Brites de Menezes em querer fazer mudança do convento que tinham as suas freiras, com o que tinham os religiosos de Santo Antão; e assim ordenou que se tratasse da troca, que se ajustou rapidamente com grande gosto das freiras (que, sem disso terem consciência, fizeram um péssimo negócio) e sem repugnância da parte dos padres. O contrato foi aprovado pelo superior do Mosteiro de Santo Antão de Benespera, então governado por Frei Afonso de Andrada com o título de Comendador.

A escritura da troca foi celebrada em 22 de Fevereiro de 1538 e confirmada em 7 de Junho do mesmo ano por Jerónimo Ricens, Núncio apostólico de Sua Santidade neste Reino.

Feita a escritura, tratou-se logo de acomodar o edifício da casa, que era pobre e limitado, tanto quanto o permitiam o grande desejo que as outras freiras tinham em mudar e a escassez de tempo.

5. MUDANÇA DA COMUNIDADE: 1539

Em 1539, na véspera da Ascensão de Cristo, saíram de tarde em uma grave e bem ornada procissão trinta e uma religiosas, às quais acompanhava a grave e numerosa comunidade dos Padres de São Domingos, assim como muita outra gente nobre e ilustre obrigada do parentesco que tinha com algumas das ditas religiosas; rematava a procissão o arcebispo metropolitano, D. Fernando de Menezes, tio da Prioriza, irmão do seu pai o Conde de Penela.

Com a dita ordem entraram na cidade pela chamada Porta da Mouraria; dirigindo-se à igreja do Convento de São Domingos, fizeram oração ao Santíssimo no altar de Jesus; tornaram a sair da cidade, seguidas de grande concurso de gente.

Tanto que entraram as religiosas, o Convento se começou a chamar da **Anunciada**: título que elas trouxeram consigo.

(Vd. Igreja do MOSTEIRO DA ANUNCIADA, ÀS PORTAS DE SANTO ANTÃO – 1539)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

6. A IGREJA QUINHENTISTA

A igreja foi sofrendo alterações, sobretudo no século XVII e XVIII. Mas, do 2º quartel do século XVI (anterior, portanto, á saída das religiosas dominicanas), subsiste a parte mais antiga do edifício: o lindo claustro de planta rectangular, com quatro por seis arcos de volta perfeita e perfil chanfrado – hoje infelizmente obturados – repousando em capitéis que representam coroas de espinhos.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊖ IGREJA DE NOSSA SENHORA DA MISERICÓRDIA

Século XVI [1516-1520] → † 1755 .:

Pouco depois da publicação do *Compromisso da Confraria da Misericórdia de Lisboa* (entre 1516 e 1520), D. Manuel mandou construir de raiz uma igreja própria para a Casa da Misericórdia (Vd. Góis, ed. 1926: vol. IV, 203). Depois do templo de Santa Maria de Belém, era este o maior e mais rico de Lisboa.

A igreja teria de comprimento cerca de 26,80 metros e de largura 21,00 metros (o corpo central). A capela-mor tinha a retaguarda voltada para o Nascente; a porta travessa estava virada a Sul.

As portas e janelas eram de arquitectura a que chamamos “manuelina”. Tinha vinte colunas altíssimas e primorosamente lavradas: seis delas, dividindo a igreja em três amplas naves; e catorze meias colunas, meio embebidas nas paredes, sustentavam a abóbada; esta era toda de pedra, com formosa laçaria, com artesões e floreados, alternando-se os emblemas da fé cristã com os de D. Manuel. Tinha duas capelas com respectivos altares no cruzeiro.

Os autores da traça e mestres d'obras terão sido, provavelmente, os mesmos que trabalharam em Belém: Boytaca e João de Castilho. Tal é a opinião de Virgílio Correia, Reynaldo dos Santos, Jorge Segurado^{XLV}.

Segundo Cristóvão Rodrigues de Oliveira (ed. 1987: 47), a rainha D. Maria, mulher de D. Manuel, ordenou a procissão de Nossa Senhora da Visitação, de cuja invocação era a confraria principal.

As obras estavam concluídas em 1534, cerca de quinze anos depois do seu início. A 25 de Março de 1534 mudou-se a Confraria da Misericórdia, da Sé para a nova igreja, segundo ainda se pode ler numa lápide oriunda da referida igreja e que se conserva no Museu do Carmo. Era então provedor D. Pedro de Moura.

Datada de 16 de Julho de 1533 e escrita em Évora, temos uma Carta de D. João III, dando licença, com provimento da Câmara, para se construir o patamar – adro com escadaria, na frente sul da igreja, enorme tabuleiro que surge depois como local do célebre mercado de flores (Arquivo da Câmara de Lisboa, *Livro II, d'El-Rei D. João III*, fl. 121).

No seu princípio não houve no corpo da igreja nenhuma capela ou altar. Mas depois, uma piedosa dama de cor preta, chamada Dona Simôa Godinho, natural da ilha de S. Tomé, viúva de Luís de Almeida e Vasconcelos, mandou erigir uma formosa capela, do lado do evangelho, dedicada ao Espírito Santo, e a dotou liberalmente. Era toda de mármore de

^{XLV} Pedro Dias (1993) é de opinião que a fachada da igreja “é imediatamente posterior ao acabamento do portal sul de Belém [c. 1520-22] e que o seu plano e direcção se tem de atribuir a João de Castilho.”, posicionamento crítico que acompanhamos. As semelhanças plásticas e compositivas entre as duas fachadas sublinham essa convicção, sabendo nós também que, ao tempo, as companhias de pedreiros e aparelhadores movimentavam-se em pequenos grupos, sob coordenação de mestres-de-obras e escultores, o que terá sido o caso.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

cores, mas de arquitectura clássica: correctas proporções, unidade de conjunto entre alçados da ordem jónica e robusta abóbada de berço plana de caixotões. Já se encontrava erguida pelo menos em 1594. Não é inverosímil que se deva a traça a Jerónimo de Ruão (hipótese de Jorge Segurado). Esta capela mudou depois (1594) a sua invocação para o Santíssimo Sacramento.

Anexos à igreja estavam dois recolhimentos para donzelas órfãs, além de um hospital, espaçosas salas para a secretaria, cartório, e mais oficinas.

Conforme Félix da Costa escrevia em 1696, D. Manuel mandou estudar em Roma um indivíduo português, o qual ao chegar a este Reino pintou para o Rei “vários painéis que estão em os altares da Capela Real, e os que ornava a capela-mor da Igreja da Misericórdia” (cit. por Segurado, 1977: 44).

Segundo Nicolau de Oliveira (1620), diziam-se nesta igreja em cada ano mais de trinta mil missas (cerca de 85 missas por dia), porque a todo o sacerdote que ali ia celebrar se dava a esmola de meio tostão (Vd. Silva, 1900: 11).

O terramoto de 1 de Novembro de 1755 converteu num montão de ruínas a maior parte deste grandioso edifício; e o fogo que se lhe seguiu reduziu a cinzas o que o terramoto havia destruído.

Ficou apenas de pé a capela e altar de Dona Simôa, assim como a porta travessa (volta-da ao sul), que lhe ficava fronteira, com duas formosas janelas, uma de cada lado.

D. José I (como Mestre da Ordem de Cristo) mandou aproveitar estes restos para uma nova mas pequena igreja: o altar de Dona Simôa ficou a ser o altar-mor, e para a entrada principal do templo utilizou-se a anterior porta travessa. Para ela passou o título de Nossa Senhora da Conceição, que antes estava na Igreja dos Freires de Cristo (também destruída pelo terramoto). É a actual **Igreja da Conceição Velha**.

Para igreja da Misericórdia foi escolhida a Igreja de São Roque, que era dos Jesuítas, expulsos entretanto.

Bibliografia

Além das obras gerais sobre história da arte, Vg.

CORREIA, Vergílio – *Pintores Portugueses dos Séculos XV e XVI*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928

HAUPT, Karl Albrecht – *A Arquitectura do Renascimento em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1986

LUCENA, Armando – *A Arte Sacra em Portugal*. Lisboa: Emp. Contemporânea de Edições, 1946

SANTOS, Reynaldo dos – “Madre de Deus” In *Guia de Portugal*. Apresentação e notas de Santanna Dionisio. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 318-322

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

VITERBO, F. Sousa – *Notícia de alguns pintores portugueses e de outros que, sendo estrangeiros, exerceram a sua arte em Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1903

WATSON, Walter Crum – *Portuguese Architecture*. Londres: Archibald Constable and Company, 1908

Ou sobre os monumentos de Lisboa:

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) – *Monumentos e Edifícios notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V, tomo 1. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1973.

PROENÇA, Raul (dir) – *Guia de Portugal. Lisboa e Arredores*. Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1924.

Vd.

OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de – *Lisboa em 1551. Sumário*. Lisboa: Livros Horizonte, 1987

BRANDÃO (de Buarcos), João – *Grandeza e Abastança da Cidade de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990

GÓIS, Damião de – *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*. 3ª edição em 4 volumes, conforme à primeira, dirigida por J. M. Teixeira de CARVALHO e David LOPES. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926

SANDE, P.º Duarte de – *Descrição de Lisboa em 1554*. *Archivo Pittoresco*, vol. VII (1863), pp. 78-80, 85-87 e 91-94.

HOLANDA, Francisco de – *Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1984

OLIVEIRA, Frei Nicolau de (1620) – *Livro das Grandezas de Lisboa*. Lisboa: Jorge Rodriguez, 1620. Versão fac-simile e texto actualizado por Maria Helena BASTOS. Lisboa: Vega, 1990

COSTA, Antonio Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, e lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, e outras curiosas observaçoens*. Vol. I. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706

PORTUGAL, Fernando e MATOS, Alfredo de – *Lisboa em 1758: Memórias Paroquiais de Lisboa*. Lisboa: Publicacoes Culturais da Camara Municipal de Lisboa, 1974

CASTRO, Padre Joao Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1762-1763. 3 tomos

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prègadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Vol. VII. Lisboa, Officina de Antonio Pedrozo Galrao, 1721

CARDOSO, Jorge – *Agiologio lusitano dos sanctos, e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas: consagrado aos gloriosos S. Vicente, e S. Antonio, insigns patronos desta inclyta cidade Lisboa e a seu illustre Cabido Sede Vacante/ composto pelo licenciado George Cardoso, natural da mesma cidade*. Vol. IV. Lisboa: Officina Craesbeekiana, 1744

Citam-se ainda:

CASTILHO, Julio de – *A Ribeira de Lisboa: descripção histórica da margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1893

ARAÚJO, Norberto – *Peregrinações em Lisboa*. Vol. I, Livro V. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1938, p. 88

RAMALHO, M. Costa (dir.) – *Guia de Portugal Artístico*. Vol. III. Lisboa, Portugais, 1933, pp. 23-28

RIBEIRO, Victor – *A Santa Casa da Misericórdia*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1902

SARAIVA, José da Cunha – *A Capela da Misericórdia de Lisboa*. Lisboa: Arquivo Histórico de Portugal, 1934

SILVA, Augusto Vieira da – *Plantas Topográficas de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal, 1950a

SILVA, Filipe Nery de Faria e – *A Igreja da Conceição Velha e Várias Notícias de Lisboa*. Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva, 1990 (edição refundida e aumentada da obra *Nossa Senhora do Restelo, os Freires de Cristo e a Igreja da Conceição Velha*. Lisboa, Typ. Casa Portuguesa – S. Roque, 1897)

SEGURADO, Jorge – *Da Igreja Manuelina da Misericórdia de Lisboa “Conceição Velha”*. Lisboa: Direcção Geral do Património Cultural, 1977, bibliografia selecta (p. 61/62) e documentação fotográfica primorosa (38 lustrações)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ANEXO

CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA MISERICÓRDIA

FUNDAÇÃO: 15. AGOSTO.1490

No dia 15 de Agosto de 1498, a Rainha Dona Leonor, viúva do Rei D. João III, instituiu em Lisboa, na capela de “Nossa Senhora da Terra Solta”, no Claustro da Sé, a “Confraria de Nossa Senhora da Misericórdia” (Góis, ed. 1926: vol. IV, 60).

Recordam-se as circunstâncias políticas em que tal acontecimento se deu. Tendo falecido o Príncipe D. João, filho dos Reis Católicos D. Fernando e D. Isabel, sem deixar irmãos, ficou sendo herdeiro do trono de Castela a rainha de Portugal Dona Isabel, mulher do rei D. Manuel. Estes são chamados pelos Reis de Castela, e são jurados príncipes herdeiros, em Toledo, nas Cortes de 28 de Abril de 1498. Haviam casado em Outubro de 1497. O Rei D. Manuel deixara a regência de Portugal a sua irmã, a mencionada rainha-viúva Dona Leonor.

Foi durante a regência desta senhora que, a instâncias do seu confessor, Frei Miguel Contreiras, frade trino natural de Segóvia, se instituiu a dita *Confraria de Nossa Senhora da Misericórdia*, no dia 15 de Agosto de 1498.

Celebrou-se esta solenidade na Capela de Nossa Senhora da Piedade, no Claustro da Sé. No seu regresso ao Reino, D. Manuel confirmou a instituição e deu-lhe o maior apoio. Em 1516 foi publicado por ordem de D. Manuel o *Compromisso da Misericórdia de Lisboa*.

A projecção que esta instituição tem tido no País desde essa data confere-lhe um lugar ímpar, mesmo em relação à edificação de igreja. Veremos a seu tempo a Igreja da Misericórdia, que foi Casa sumptuosa entre as mais da cidade.

No ano de 1551, Cristóvão Rodrigues de Oliveira resumia assim parte da actividade:

“Há nesta irmandade perto de trezentos irmãos, dos quais se elegem cada ano treze; ou seja, um fidalgo provedor e os doze, seis deles nobres, e seis oficiais, os quais são obrigados a servirem a mesa todo ano, a qual eles fazem cada semana três vezes, isto é, ao domingo dos presos, às quartas feiras dos pobres e viúvas que há na cidade, e às sextas feiras das esmolas que dá a casa para se gastarem. E um destes irmãos é escrivão. E outro tesoureiro, que arrecada as esmolas.

Quatro irmãos destes eleitos são ordenados para visitarem os enfermos pobres e viúvas que há na cidade; os outros dois são obrigados a darem cada semana de comer aos presos duas vezes, pão e carne e água quanta lhe é necessária. E para isso tem um aguadeiro à custa da casa. Há na casa uma cozinha com três mulheres que fazem de comer para todos os doentes e pobres de todo o necessário. E tem um botica de conservas e coisas para doentes, e outra botica de fora de que se provêm os doentes, que a casa paga. Há mais um físico, e um cirurgião, e um sangrador, e uma cristaleira, e todos com ordenado que a casa paga.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Tem um solicitador das demandas de todos os presos pobres de que a Misericórdia tem cuidado. E este dá informação aos dois irmãos de tudo o que se passa, e eles dão disso conta na mesa para se prover no necessário.

Tem três procuradores, um no secular, e outro no eclesiástico, e outro na Casa da Suplicação.

Acha-se que recebe esta casa das esmolas uns anos por outros trinta mil cruzados e alguns anos mais. E o ano de quinhentos e cincoenta e dois recebeu mais de sessenta mil cruzados: o que tudo gasta em casar órfãs e tirar cativos e curar pobres e dar de comer a muitos, e assim a presos e ajudar os que são pobres e dar de comer a muitos, e assim a presos e ajudar os que são pobres para sua soltura.

e dessa maravilhosa instituição.

(In Oliveira, 1987: 48).

Entre as procissões que a Confraria organizava cada ano, damos longa notícia da que se fazia em Quinta Feira Santa:

“E a [procissão] que se faz à Quinta-Feira [da Ceia] leva esta ordem: partem de casa em anoitecendo e vão pela Rua Nova ter a São Francisco e dali passam à Trindade e descem ao Carmo, e dali vão a São Domingos e tornam pelo Rossio e pela Praça da Palha e Rua das Arcas, Correaria até à Sé, e da Sé tornam até à Misericórdia. E gastam nisto até meia-noite ou uma hora.

E a ordem que levam os irmãos que se acham na cidade, é esta: todos são obrigados ir à procissão, que sempre serão duzentos e cinquenta até trezentos, segundo a quantidade dos que se acham na cidade. E todos vão vestidos com suas vestimentas pretas e postos em ordem de procissão, com suas candeias e velas na mão. Diante deles na mesma procissão vão oitocentos, novecentos, até mil homens e mulheres, disciplinando-se: os quais vão todos vestidos de vestimentas pretas, os quais assim homens como mulheres, se ferem com as disciplinas que tiram muito sangue.

E esta procissão vai repartida em três ou quatro estâncias. E, entre uma e outra, um retábulo ou Cristo posto na cruz; e no meio vão dez ou doze irmãos, com suas varas nas mãos, regendo-os e metendo-os em ordem. E entre estes disciplinantes vão muitos homens com varas de ferro e cruces de pau grandes e pedras às costas. E para claridade da gente levam cinquenta faróis de fogo, em que gastam dois mil novelos de fiado, de tomentos [estopa grossa], engraxados em borras de azeite e sebo, para darem bom lume, os quais faróis vão postos em hastes muito compridas, e altos. E levam trinta alanternas muito grande nas mesmas hastes metidas, com candeias dentro acesas; e os irmãos que regem trazem nas mãos muita quantidade de candeias para, tanto que faltar, proverem de outras.

E levam mais vinte a trinta homens com bacias nas mãos, de vinho cozido; e os disciplinantes molham e lavam nele as disciplinas, porque lhes apertam as carnes.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Da mesma maneira vão dez ou doze homens com caixas de marmelada feitas em fatias, as quais mandam muitas pessoas fidalgas e devotas para aquele santo ofício, as quais dão aos penitentes; e levam outras de confeitado e diacidrão [casca de cidra em doce], para os que enfraquecem, socorrem-lhes com um bocado. E vão outros tantos homens com quartas de água e púcaros nas mãos, dando água aos que têm dela necessidade.

E tanto que chegam à Casa da Misericórdia, estão físicos que espremem as chagas dos penitentes, e lhas lavam com vinho para isso confeccionado, e os apertam e vestem, e se vão curados para suas casas.

(In Brandão [de Buarcos], ed. 1990: 122-123)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ IGREJA DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DA CIDADE – 2ª

Século XVI [1518 ss] → Início do século XVIII

1. ANTECEDENTES

Já deixamos escrito como este Convento foi fundado em 1217 e como foi ampliado em 1246.

2. REEDIFICAÇÃO NO TEMPO DE D. MANUEL I E D. JOÃO III

A estreiteza da primeira igreja foi de algum modo corrigida pela segunda; e do mesmo modo se foi alargando o convento durante a Idade Média, ao mesmo tempo que aumentava o número dos seus moradores. Todavia, era tudo tão modesto, que el-rei D. Manuel determinou ampliar a igreja, fabricando um grandioso templo. A isto ajudou muito no ânimo do Rei o facto de ver introduzida no convento a reforma da Observância, que ele tanto desejava e que viu começada no ano de 1517, trezentos anos depois da primeira fundação da igreja e do convento.

Era de algum obstáculo à magnificência com que ele queria fabricar o novo templo a existência ali próxima da Igreja de Nossa Senhora dos Mártires: por isso determinou o rei mudar a igreja dos Mártires para outro lugar, com ânimo aliás de também a melhorar muito. Recorreu à Santa Sé; e em breve passado em 8 de Junho de 1518, Leão X deferiu benignamente a súplica real de derrubar a vizinha igreja. Os religiosos de São Francisco desagradaram-se do intento de el-Rei, porque era grande o respeito e a devoção que eles e a cidade toda tinham àquela igreja em que estavam como relíquias recolhidos os ossos de tantos e tão valerosos soldados de Cristo, que tinham tirado a cidade do poder dos infiéis em 1147. Pediram por mercê a el-Rei que não quisesse usar do breve que tinha alcançado a favor da nova fábrica do templo. Não desagradou ao Rei o requerimento dos Frades.

Tomada a resolução de conservar no mesmo lugar a igreja de Nossa Senhora dos Mártires, foi el-Rei continuando com a obra. E parecendo-lhe que o novo templo ficaria com melhor entrada, se invertesse a orientação da igreja, trocando a que era capela-mor em porta principal e o lugar em que antes ficava a porta se mudasse em capela-mor, consultou el-Rei os que podiam ter voto na matéria, que aprovaram a decisão.

Faleceu D. Manuel antes de levar a obra ao fim. D. João III continuou a obra de seu pai. E apesar de fazer consideráveis despesas, não conseguiu pô-la acabada, o que depois vieram os religiosos fazer. D. João III concorreu para as obras de S. Francisco aplicando os donativos daqueles a quem fazia mercê do título de dom, do que se fez memória numa lápide aposta sobre a porta principal da igreja. Receberam-se igualmente valiosas ajudas de Fernão de Castilho, Afonso de Torres, Diogo de Torres o Velho, António Salvago (tesoureiro da rainha Dona Maria, segunda mulher de D. Manuel). As despesas com as obras em 1553 e 1554 foram de 110.500 reais.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3. NOTÍCIA SOBRE O MOSTEIRO, EM 1551

No *Sumário* de Cristóvão Rodrigues de Oliveira (ed. 1987: 70) lê-se esta notícia:

O Convento de são Francisco de Lisboa é de frades observantes mendicantes. Há nele cento e vinte frades.

Capelas que há no Mosteiro

Tem três capelas quotidianas de administradores. Há mais outras treze capelas, em que treze pessoas nobres tem suas sepulturas.

São obrigados os padres a oito missas quotidianas, e a cento e trinta e oito missas rezadas, e dezanove cantadas, e cinco aniversários, e cinco ofícios de nove lições; e todos os domingos uma missa, e cada semana um ofício de finados. E os leigos cem patres nostres cada semana pelos benfeitores. E por bens de defuntos que possuíam ao tempo que eram claustrais, e por serem reformados a observantes, são passados os ditos bens ao mosteiro de santa Clara desta cidade, da mesma ordem.

Confrarias

Há mas este mosteiro cinco confrarias, ou seja: a confraria de Nossa Senhora; a confraria da Madre de Deus; a confraria do Fiéis de Deus; a confraria de santo António; a confraria de Nossa Senhora da Guia. Valem as esmolos destas confrarias quinhentos e cincoenta cruzados.

Estes cento e vinte frades e mais gente do mosteiro se mantêm de esmolos. E as esmolos são as seguintes. Dizem-se muitas missas pelos padres que são setenta de missa, e muitos outros hóspedes que vêm à casa. Valerão as esmolos destas missas dois mil cruzados. Todas as semanas do ano, às quartas feiras e sábados, vão doze frades com alforjes pedir esmola pela cidade, com que se mantem toda a casa e hospedes e muitos pobres. Vale esta esmola seis mil cruzados. Valem os benesses de são Francisco por todo o ano, e as ofertas por dias de todos os santos e outras esmolos particulares, com as mais que entram pela porta, com a esmola das missas cantadas e trinitário de santo Amador, três mil e sete centos e cincoenta cruzados. Vale a esmola dos hábitos que os defuntos dão para sse enterrarem neles, sete centos cruzados. Vale o pão, vinho e azeite, legumes e outras miuças que pedem pela cidade e termo e outras partes, quatro centos cruzados. Valem ao todo estas esmolos, sem as confrarias, doze mil e oito centos cruzados. Há no mosteiro dez servidores.

Ficou a igreja do Convento de São Francisco, pelo desenho com que a fundou o Rei D. Manuel, um dos maiores templos da cidade. A igreja era constituída por três naves (como costumavam ser todas, até esse tempo). As três naves são definidas por cinco grandes colunas de pedra por cada banda, com seus capitéis, ornadas as colunas e os capitéis com seus ramos de ouro. E sobre as ditas colunas se formam de cada parte quatro grandes arcos de pedraria, que sustentam os tectos das ditas três naves todos de meia laranja, forrados de bordo e lavrados com quadrados miúdos.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A **capela-mor** era dedicada a Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula, debaixo de cuja intercessão teve princípio a igreja e o convento. D. Manuel, logo que ficou pronta esta capela, fez mercê dela a Dona Isabel de Mendanha, mulher que foi de D. João de Menezes, filho segundo da Casa de Cantanhede e aio de D. João III na sua primeira idade. Nesta capela foi sepultada, tendo deixado no seu testamento (de 21 de Outubro de 1528): *Mando enterrar meu corpo na capela-mor de Sam Francisco de Lisboa, a qual me deu El-Rey Dom Manuel que sancta gloria haja*. Na mesma sepultura lhe fez companhia seu marido D. João de Menezes. É de notar que a pedra da sepultura não tinha qualquer inscrição. (cf. Santa Maria, 1721: vol. VII, 134 ss.)

No ano de 1569, achando-se os religiosos deste convento sem terem a igreja de todo acabada, deram a capela-mor, para nela terem seu jazigo os ossos de D. Manuel de Lima, com o encargo de que seus testamenteiros gastariam em acabar a igreja o remanescente da fazenda do dito D. Manuel de Lima. Na inscrição da sepultura se declara terem sido mais de 14 mil cruzados.

Vd. Igreja do Convento de São Francisco da cidade 3^a

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA DO MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA ROSA****Século XVI [1519; 1522] → † 1755**

Era de religiosas da Ordem de São Domingos, dedicado a Nossa Senhora do Rosário^{XLVI}.

1. A SUA FUNDAÇÃO, EM 1519

Luís de Brito, administrador dos morgados de São Lourenço de Lisboa e de Santo Estêvão de Beja, enviuvou de sua primeira mulher, da qual lhe ficaram filhos. Casou segunda vez com Dona Joana de Attaíde, filha de João de Souza, comendador que foi de Ferreira e assistente no serviço do infante D. Fernando (pai do rei D. Manuel), e de Dona Branca de Attaíde, filha de D. João de Attaíde, senhor de Pena Cova.

Estiveram Luís de Brito e Dona Joana casados alguns anos, sem terem sucessão alguma. Vendo-se Dona Joana sem filhos, determinou oferecer a Deus a fazenda de seu dote, que para aquele tempo não era pouca, e parte dela tinha sido aplicação de uma soma de dinheiro que lhe dera o bispo de Évora, D. Afonso, filho do marquês de Valença, do qual bispo era prima com-irmã por ele ser filho de Dona Brites de Sousa, irmã de João de Souza de quem Dona Joana era filha. Foi intento de Dona Joana edificar um mosteiro de religiosas de São Domingos em honra de Nossa Senhora do Rosário.

Tal projecto não agradava a Luís de Brito, ou porque desejava a herança da mulher para os próprios filhos, ou por outra razão. Mas se a deliberação de sua mulher não agradava a Luís de Brito, ao que parece também a repugnância que a ela mostrava Luís de Brito não era agradável ao glorioso São Domingos: este (conforme a tradição que ficou entre as freiras velhas do mosteiro) apareceu uma noite em sonhos a Luís de Brito, mostrando-se muito agrado de que ele fosse contrário à piedosa intenção de sua mulher... era bom cristão Luís de Brito; tomou o sonho como aviso do céu e pôs-se de acordo com a vontade da mulher.

Trataram logo ambos de pôr mãos à obra. Alcançadas as devidas licenças de Roma, tanto do Sumo Pontífice como do Geral da Ordem Dominicana, e no Reino de el-Rei D. Manuel, deu-se início à fábrica do novo mosteiro no ano de 1519. Era provincial Frei Jorge Vogado, confessor e pregador de el-Rei.

Colocada defronte da porta da igreja, uma inscrição sepulcral registava a fundação nos seguintes termos:

^{XLVI} O contributo mais recente e importante sobre a história do edifício é o contrato de obra, datado de 25 de Outubro de 1517, efectuado por D. Joana de Ataíde e os pedreiros Rodrigo Afonso e Pero de Bruges para a obra de arquitectura da igreja conventual, replicando o modelo adoptado no templo da Madre de Deus. De acordo com o documento, o edifício do mosteiro de Nossa Senhora da Rosa seria de pedraria com suas abóbadas de cruzaria e albergaria várias capelas e altares, porque *tanto tem a da Madre de Deus*. Cf. Carvalho, Maria João Vilhena de, 2002: 63-81.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Aqui jaz o senhor Luís de Brito, senhor dos morgados de S. Lourenço de Lisboa e senhor dos morgados de Santo Estêvão na cidade de Beja, o qual senhor foi tão bom cavaleiro em seu tempo que o não houve melhor; e com ele faz sua mulher D. Joana de Athaide de Sousa, a qual com seu consentimento fez este mosteiro, a que deixou toda a sua fazenda, porque não tinha filho nem filha, e ele dito senhor deixou sua terça porque tinha filhos de outra mulher, que herdaram seus morgados. Em 1523. (Castro, 1763: tomo III, 330).

2. INSTALA-SE A COMUNIDADE: 21 DE NOVEMBRO DE 1522

Estando o edifício capaz de ser habitado, o Provincial dos Dominicanos fez vir do mosteiro de Aveiro, para darem princípio formal à nova fundação, quatro religiosas: que foram Dona Francisca de Castro (que depois se fez chamar Soror Francisca de São Jerónimo), Soror Brites dos Reis, Soror Antónia das Chagas. Estas três vieram do dito mosteiro de Aveiro. Veio ainda Soror Arma do Espírito Santo, do mosteiro das Donas de Santarém.

Chegaram as ditas religiosas a Lisboa aos vinte e um de Novembro do ano de 1522, dia da Apresentação de Nossa Senhora no Templo: nesse dia se iniciou a clausura perpétua.

No mesmo dia se receberam oito noviças que se tinham oferecido para o hábito, todas nobres e algumas da primeira nobreza do Reino.

E para se perfazer o compromisso dos fundadores, que estabelecia que deveriam ser 13 religiosas, concorreu no mesmo dia uma matrona nobre, viúva, que se chamava Soror Isabel da Cruz. As quatro religiosas professas fizeram eleição de Prelada e saiu Prioriza a Madre Soror Francisca de São Jerónimo.

3. COMPROMISSO DE LUÍS DE BRITO NÃO FOI EXECUTADO!

Na altura da fundação, Luís de Brito e Dona Joana de Ataíde fizeram ambos seu compromisso, declarando cada um o que dava.

Luís de Brito prometeu a sua terça com a condição que se lhe dissesse uma missa quotidiana perpétua rezada, e um nocturno de defuntos cada semana. Dona Joana concorria com tudo o que tinha para o mosteiro, ao qual pedia a obrigação de uma missa cantada cada dia, e um nocturno de defuntos cada semana.

Dispunham que cada três anos que um visitador fosse visitar o mosteiro, para que este perseverasse em toda a boa ordem de religião e virtude, e se cumprisse por sua alma pontualmente o que ficara assente no compromisso. Ofereceram também para morada das religiosas as próprias casas em que viviam, e compraram uns chãos vizinhos que ajuntaram ao das casas.

Veio a falecer Luís de Brito (em 1523?). Enterrou-se na igreja em sepultura nobre e eminente, fronteira da porta principal; sobre a porta da igreja e no tecto da capela-mor deixou postos escudos de suas armas. Logo Dona Joana se recolheu no mosteiro com as freiras, e aí passou o resto da vida.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Morto Luís de Brito, pretenderam as religiosas haver a sua terça, conforme ao compromisso, para com ela poder satisfazer as obrigações dos sufrágios e terem ajuda para sua sustentação. Porém, o filho Estêvão de Brito não se acomodou com a disposição bem clara do pai, e nunca houve poder para lhe arrancar nem a terça nem parte dela. *“E assim veio a ficar o mosteiro sem fazenda alguma de raiz sua, logrando a honra e nome de fundador e as religiosas privadas dos interesses com que os fundadores as costumam merecer”*.

As religiosas foram ainda obrigadas a provar em juízo a sua razão em não cumprir as obrigações (missa e nocturno), quando os Procuradores do Hospital d’El Rei as demandaram, exigindo o equivalente dessas obrigações não cumpridas. Depois de longo e porfiado litígio, o mosteiro foi absolvido por sentença definitiva que se veio a dar em 1622. O mosteiro, não só ficou privado da terça prometida, mas teve de arcar com os muitos gastos feitos com a demanda com o Hospital Real...

4. OBRAS E VICISSITUDES SUCESSIVAS ANTES DO TERRAMOTO DE 1755

No século XVI, os vários tremores de terra que sacudiram Lisboa causaram tal movimento de terra e penedia na Costa do Castelo, que se recebeu muito que o pobre convento ficasse sepultado e nele todas as suas moradoras. As freiras, como eram poucas (eram 33 em 1551, conforme o *Sumário* (Oliveira, 1987: 74), foram repartidas pelos mosteiros do Salvador e da Anunciada. Cessados os terremotos, regressaram as suas moradoras. A nova prioriza refez o mosteiro: fez as portarias de fora e de dentro, as casas dos locutórios com as escadas que sobem para eles, fundou casa de enfermaria e sobre ela um dormitório, fez os claustros depois chamados pequenos, e novo refeitório.

Outra prioriza (a 4ª) alargou o coro e antecoro debaixo e no alto pôs cadeiras lavradas com boa obra; e criou a casa de lavor.

Outra prioriza cercou a Costa do Castelo com um forte muro que servisse de reparo e defesa contra o monte; e edificou casa separada para as noviças.

Uma outra prioriza, a Madre Soror Antónia de Jesus, comprou uma rua inteira de casas, meteu-a dentro da clausura com todo o vão da rua, para o que obteve licença do Senado da Câmara; ali se acomodaram celeiros e casa para lenha e despejos. Fez um lanço de claustro novo; abriu um poço; fez a portaria da rua com casa por cima para os confesores e outra para assistência das priorizas.

As suas sucessoras continuaram os três lanços do claustro, lançando-lhe por cima as suas varandas e outro dormitório: tudo de muito custo, porque, como o edifício era em ladeira, foi necessário fazer grande desentulho da parte mais alta para poder ficar ao nível o pátio e corredores do claustro.

Em 1670 (18 de Dezembro) sobreveio-lhe um incêndio, em que por um descuido que houve na sacristia, não só o fogo consumiu a muita riqueza que nela havia do que pertencia à igreja de ricos ornamentos e peças que serviam ao culto divino, mas passando da sacristia ao mosteiro causou neste grande estrago.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A reparação permitiu comprar uma muito nobre morada de casas que lhe deram largueza para fabricar novos dormitórios.

5. NOTÍCIA DA IGREJA E DE SEU RIQUÍSSIMO ORNATO NOS INÍCIOS DO SÉCULO XVIII

No seu princípio era a igreja pequena: o sítio era uma encosta tão empinada que não oferecia planície para nela se fundar igreja grande; as posses eram escassas; e o intento dos fundadores era que fosse só para 13 religiosas. A igreja era de uma só nave, com porta para o lado sul, toda dourada. O tecto da igreja era de abóbada com laçaria de pedra; nos vãos que se descobrem entre a laçaria de pedra fez-se nos finais do século xvii um grotesco. A mesma obra se fez na capela-mor, na qual também se fez um retábulo com duas colunas por banda, com talha dourada. E uma tribuna com talha dourada.

Aos lados da capela-mor, havia dois altares colaterais pequenos, que ficam à face: um dedicado à Imaculada Conceição (lado do evangelho), a que correspondia outro da invocação de S. José (lado da epístola).

No corpo da igreja havia mais duas capelas, cada uma metida em seu arco de pedra bem lavrado: dedicado um a São João baptista (lado do evangelho), outro a S. João Evangelista (lado da epístola).

O altar-mor tinha um rico frontal de prata, sacrário, banquetta e sobre-banqueta, e uma sacra nascida da mesma banquetta. Servem ao altar-mor e tribuna as seguintes peças de prata: 16 castiçais grandes de banquetta, 6 mais pequenos, 2 pevitários grandes e 2 mais pequenos; galhetas, prato e gomil, caixa de hóstias, estante e missal chapeado; turíbulo e naveta; 2 ceriais de prata; um trono de prata, grande, com quartelas e revirados; um cofre de prata, dourado, com sua cruz por remate com dois serafins, em que está o Senhor; uma custódia grande de prata sobredourada; mais um resplendor grande que fica por detrás da custódia; 2 anjos de prata; um sol de prata sobredourada para se expor o Senhor; um perfumador de prata; uma peanha de prata para expor o Senhor; duas custódias, uma cruz de prata com sua hasta da mesma; 6 varas de prata e palio; duas salvas de prata.

Tem a capela-mor duas lâmpadas grandes de prata. Saindo da capela-mor, os dois altares colaterais têm cada um, um frontal de prata, 4 castiçais de banquetta grandes, duas jarras também grandes, com asas; as peças de prata referidas acham-se nos sobreditos dois altares.

Nas duas capelas do corpo da igreja revela-se a devoção com que as devotas de cada santo cuidam da sua capela. Na de São João Baptista viam-se as seguintes peças de prata: frontal, dois degraus de banquetta, 6 castiçais altos que servem na banquetta, sacra, estante, missal chapeado, a peanha em que está o santo, 2 ramos grandes da peanha. A imagem do Baptista tem um resplendor na cabeça guarnecido de pérolas, esmeraldas e diamantes; tem outro nas costas, grande, que custava mais de 600 mil réis; uma cruz de Malta toda de ouro e diamantes de muito valor; e uma bandeira com duas cabaças de pérolas nas pontas.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A fronteira capela do Evangelista, em lugar do frontal de prata, tinha um de bordado de ouro, obra de não menor estima que se fora de prata batida; tinha 2 degraus de prata; 4 castiçais de banquetas; duas jarras. Tinha sacra e galhetas, mais uma peanha de prata lavrada, e sobre ela uma águia grande, com asas abertas, ficando o Santo sobre ela em pé. A imagem do Santo, estofada de ouro, tinha um rico resplendor na cabeça, guarnecido de várias pedras preciosas, e mais outro resplendor grande de prata cravado de pedras, por detrás do Santo; um tinteiro de prata pendurado no bico da águia; um livro de prata guarnecido de pedras, que o Santo tinha na mão esquerda; uma pena de prata com muitas pérolas, na mão direita; uma lâmpada assistida sempre de lume.

Havia também um púlpito de prata, um rico pálio com 6 varas de prata, e ainda outro mais pequeno em que se leva o Sacramento às religiosas quando enfermas.

Competia agora fazer relação dos muitos e ricos ornamentos, de frontais, casulas, dalmáticas, capas de asperges, de rica tela e seda que se achavam na igreja, de todas as cores que as rubricas mandam usar... E do mesmo modo, os diversos cortinados de todas as cores com que nos dias de festa se ornaram os painéis e janelas da igreja. Nesta particular, não seria fácil achar igreja mais bem provida que a deste mosteiro.

Note-se que sendo tanta a riqueza de peças de prata e ornamentos preciosos, quase tudo isto se fez depois que no incêndio que sucedeu em 18 de Dezembro de 1670 se reduziu a fogo e cinza a muita riqueza anteriormente acumulada.

6. † O TERRAMOTO DE 1755

Com o terramoto de 1755 desabou o tecto da igreja, ficando arruinadas as paredes do coro, da torre, e de alguns dormitórios, estragos que facilmente se poderiam reparar. Os muros do convento do lado do Castelo de São Jorge também caíram, mas de pronto se tornaram a levantar.

Faleceram naquela terrível calamidade uma religiosa, uma secular, uma criada e uma escrava.

As religiosas horrorizadas romperam a clausura, indo parte delas, conforme puderam, para casa de seus pais e parentes, recolhendo-se outras numa barraca na quinta dos frades dominicanos de Arroios.

Algum tempo depois juntaram-se no Mosteiro de Santa Joana às suas irmãs dominicanas do ex-mosteiro da Anunciada.

Bibliografia

Os elementos informativos colhemo-los quase integralmente na obra *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 305-315.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☪ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO CRISTÓVÃO – 2ª

Obras no reinado de D. Manuel I (séc. XVI, 1º quartel)

Esta paróquia já existia no reinado de D. Afonso II ou D. Sancho II, nos princípios do século XIII, sob a invocação de Santa Maria se Alcamim. A mudança do título para São Cristóvão deve ter-se operado nos primeiros anos do século XIV, ou ainda no século XIII^{XLVII}.

Temos a informação algo vaga de que “a igreja foi completamente destruída por um incêndio no reinado de D. Manuel I, mas reconstruiu-se”. (Vd. Esteves e Rodrigues, 1912: vol. VI, 672).

O *Sumario* (Oliveira, 1987: 44-45) diz-nos que a igreja possuía cinco capelas e quatro confrarias, a saber, Santo Sacramento, São Cristóvão, São Sebastião e Nossa Senhora dos Prazeres.

Parece que tornou a arruinar-se, porque a Irmandade do Santíssimo procedeu a obras, pelo que lhe foi dada a propriedade da igreja em 1610, como consta do Arquivo da referida irmandade.

No século XVII, a igreja sofreu uma grande remodelação, que ficou concluída em 1671 ou 1672.

Pouco tempo antes do terramoto de 1755, tornou a ser incendiada, mas o prejuízo então sofrido foi pequeno.

Com o terramoto também pouco sofreu, sendo os estragos sobretudo nas torres.

À falta de mais elementos precisos, limitamo-nos a transcrever a notícia que vem na obra *Edifícios e Monumentos de Lisboa* (Almeida, 1962: vol. I, 90-93):

“Onde assentou provavelmente a Igreja de Santa Maria de Alcamim (talvez do século XII, porquanto aparece ainda mencionada no 1º quartel do seguinte), ergue-se este templo do orago já usado no começo do século XIV. Uma reconstituição seiscentista alterou a feição primitiva, de que restam as nervuras das abóbadas na Capela-Mor e as grossas paredes do corpo central, com mais de dois metros de espessura. É um dos poucos monumentos do século XVII, da região central de Lisboa, que resistiu ao terramoto de 1755, o qual abalou as torres e alguns remates que, apeados depois e refeitos, mantiveram as linhas simples da elegante fachada barroca, aliás ultimamente liberta de um balcão-adro de dupla escadaria, com recinto gradeado, que encostava ao portal principal, encimado por nicho onde se aloja a imagem de São Cristóvão.

^{XLVII} Cf. Silva, 2010: 261-262.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Na fachada norte, outro portal, do mesmo estilo, tem, na parte superior, a inscrição:

CHRISTOPHORUM
TENET HAEC SEDES TENET IPSE
SONANTEM
EST ONERI SEDES VITRAQ'PARVA SUO

O mesmo lance da escada de serventia deste portal norte dá acesso à porta de um corpo contíguo, de dois pisos, estando a Sacristia no de baixo.

A única nave da igreja é encimada por tecto plano ao centro, e caindo em curvas suas sobre a cornija de mármore; este, exuberante de pintura ornamental, já de Setecentos, é constituído por painéis rectangulares, emoldurados consoante o travejamento da armação, podendo ver-se dez deles centrados por cartelas, octogonais e ovais, e outros, com símbolos eucarísticos; o painel central tem figuração de anjos ao redor de uma custódia barroca.

Harmoniza-se o tecto com o revestimento pictural das paredes, com telas atribuídas à oficina de Bento Coelho da Silveira, emolduradas de talha dourada, sòbriamente ligadas à ornamentação das cinco capelas laterais e das que ladeiam o arco cruzeiro, seriando passos da vida de São Cristóvão. A Capela-Mor, com idêntico revestimento, tem duas grandes telas, apresentando, na parte inferior, duas lápides elucidativas quanto à data da fundação.

Do lado do Evangelho:

ESTA CAPELLA HE DA
IRMANDADE DO SANTI-
SSIMO SACRAMENTO
DESTA IGREJA E A FIZE-
RAM A SVA CVSTA OS IR-
MAOS DELLA E SE ACA-BOU NO ANNO DE 1671

Do lado da Epístola;

A QVAL CAP.^A LHES DERA O
OS R.^{DOS} POR E BEN^{DOS}, DES-
TA IG^{RA}. COM AS CLAVSV-
LAS E CONDICOENS DA
ESCRIT^{RA}. F^{TA}. NAS NOT-
TAS DO T^{AM}. AVRELIO DE
MIRANDA EM OS 13 DE
SET^{BRO} DE 1672 ANNOS.

No corpo anexo, a sul existiu a Capela dos Mirandas que foi utilizada pela referida Irmandade do Santíssimo desde o 3º quartel seiscentista, podendo desde então ter-se consumado a deslocação dos túmulos que ali se encontravam, sendo embebidos na parede, onde se acumulam debaixo de um arco, constituindo singular necrópole e opulento lapidário. Um

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

túmulo se mantém ainda no piso de cantaria rebaixado em relação ao do corpo central, com lápide sepulcral de brasão dificilmente identificável.

A extensa inscrição tumular do bispo D. Fernando de Miranda, que centra o conjunto parietal, está escrita em doze linhas de minúsculos caracteres góticos, regista os feitos do que foi criado e capelão-mor de D. Afonso V, a quem acompanhou na tomada de Arzila e em outras campanhas, e que, pela sua virtuosa vida, quis o monarca se mudasse ao estado clerical, vindo a ser capelão-mor de D. João II, o qual o fez bispo de Viseu.

Outro facial da raça tumular, sobrejacente, é o túmulo do avô de D. Fernando, D. Martinho, arcebispo de Braga, que foi conselheiro de D. João I e governador de D. Duarte, como inscreve o epitáfio de cursivo gótico, que revela este avoengo Miranda como militar, antes de se tornar clérigo, e se finou em 1416.

Esta capela está revestida de azulejos de tipos vários do século XVIII, tal como acontece em lambrins do corpo central da igreja, servindo até de azulejos seiscentistas para combinações insólitas de azulejamento aplicado nas paredes da escadaria que dá acesso às torres e ao coro, como nas paredes deste. (A. M. G.)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☩ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO JULIÃO – 2ª

Século XVI (1º quartel) → † 1755

1. VISÃO DE CONJUNTO

Tem uma história bem acidentada a igreja paroquial de S. Julião.

- A primeira parece ter sido construída sobre uma Ermida dedicada a Santa Bárbara, pertencente aos bombardeiros e artilheiros alemães. A freguesia já existia em 1220, pois ali foi baptizado Pedro Julião (que foi depois o papa João XXI), nascido justamente em 1220.

- Foi reedificada por D. Manuel: disso tratamos nesta notícia.

- Arrasada pelo terramoto em 1755, foi construída uma outra, que se inaugurou em 1758. Esta ardeu completamente em 16 de Outubro de 1816.

- Uma 4ª igreja foi construída em 1854.

- Na 1ª metade do século XX foi vendida ao Banco de Portugal. Actualmente [1992] existe a sua carcaça arquitectónica apenas^{XLVIII}.

2. REFEITA POR D. MANUEL I

Damião de Góis diz que D. Manuel fez a Igreja de São Gião [= Julião] em Lisboa (Góis, ed. 1926: vol. iv, 204).

Quando el-rei D. Manuel mandou edificar os Paços da Ribeira, que ficavam dentro dos limites da paróquia de São Julião, honrou aquela igreja com muitos benefícios; e, como estava muito arruinada, reconstruiu-a. Ordenou que os sacramentos necessários aos enfermos do Paço fossem todos ministrados por aquela paróquia, não obstante haver sacrário na capela real de São Tomé. Para salvaguardar os privilégios do capelão-mor, e ao mesmo tempo para que o prior de São Julião pudesse exercer as suas funções dentro do Paço, o monarca fez mercê do título de capelão régio ao dito Prior^{XLIX}.

^{XLVIII} O estudo profundo levado a cabo por Matos e Paulo, 2013 explica a evolução da igreja e do bairro envolvente. Fornece igualmente informações importantes do processo de reabilitação e restauro da antiga igreja de São Julião.

^{XLIX} Deste período (c. 1515-1518), deverão datar as obras que envolveram o pintor André Gonçalves, contemporâneo de Cristóvão de Figueiredo, Garcia Fernandes e Francisco Henriques, conforme nos assevera Cunha Taborda (1815) no seu livro “Regras da Pintura” (Taborda, 1815). Em 1551, Cristóvão Rodrigues de Oliveira contabiliza a existência de sete confrarias em actividade na igreja de São Julião, uma das quais, a de São Bartolomeu, era administrada por alemães que se estabeleciam nas imediações da paróquia, constituindo uma verdadeira comunidade (Oliveira, 1987: 24).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Mais tarde, o rei D. Sebastião, pelo seu embaixador em Roma Lourenço Pires de Távora, alcançou do papa Pio IV, em 20 de Outubro de 1560, um breve para que a Confraria do Santíssimo da freguesia fosse anexada à que existia em Roma na Igreja do Convento de Minerva, e lograsse os mesmos privilégios e indulgências, e pudesse comunicá-las às outras confrarias de Portugal, ficando por este facto com o título de arquiconfraria. D. Sebastião ainda mandou dar 20 arrobas de cera, de 4 em 4 anos, à dita Irmandade.

Esta esmola foi extinta no tempo do domínio espanhol; mas D. João IV a renovou, querendo juntamente ser admitido como confrade o Príncipe D. Teodósio, que em 1646 a arquiconfraria elegeu para seu juiz. Desde então ficou por estilo eger-se juiz perpétuo uma das pessoas reais. Aliás, o Paço costumava pagar todos os anos à freguesia 8000 réis pelas conhecenças a que eram obrigados como paroquianos as pessoas que viviam no Paço.

Constituída, porém, no reinado de D. João V a capela real em paróquia própria de toda a régia família, por um breve do papa Clemente XI de 24 de Agosto de 1709, e erigindo-se nela uma nova confraria do Santíssimo, o monarca mandou, por decreto de 27 de Março de 1710, que as 20 arrobas de cera que se davam à confraria de São Julião, passassem para a da capela real, retribuindo, no entanto, a falta desta mercê com uma vantajosa esmola.

3. COMO ERA A IGREJA E A PARÓQUIA

O prior era apresentado pelo Patriarca; e tinha 600\$000 réis de rendimento. Havia 6 beneficiados, apresentados alternativamente pelo papa e pelo prelado, tendo cada um 50\$000 réis. Mais 2 curas apresentados pelo prior, e 2 tesoureiros, sendo um da igreja e outro da irmandade. A arquiconfraria era opulenta e possuía paramentos riquíssimos. Provia e administrava 23 capelas de várias instituições. Tinha a sua sacristia, por cima da qual ficava a Casa do Despacho, havendo outra sacristia onde se guardavam os ornamentos.

No altar-mor viam-se as imagens dos padroeiros, São Julião e Santa Bazalissa.

A 1ª capela do lado do evangelho pertencia aos alemães, com o título de São Bartolomeu, os quais tinham na igreja a 7ª parte, por ter sido inicialmente a ermida de Santa Bárbara, cuja imagem se conservava no altar, e por terem concedido a ermida para se instalar ali a freguesia.

Por baixo dessa capela existia a sacristia, com uma porta para a rua, que era a porta travessa da igreja.

A 2ª capela era a de São Sebastião, que entrava ainda na 7ª parte, pertencente à confraria dos sapateiros, cujo juiz devia ser alemão.

No lado da epístola, a 1ª capela era a da Senhora da Purificação; e por estar unida e incorporada ao cabido de São João Lateranense de Roma, gozava dos seus privilégios. A sua confraria era a dos alfaiates de medida. Seguiam-se as capelas de Santa Catarina, dos alfaiates de calcetaria; a de Sant'Ana, dos tanoeiros; a de santo Elói, dos ourives de ouro; a de São Tiago, dos sombreiros, etc.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Todas as capelas tinham privilégio real, porque não podiam nenhum dos ofícios que lhes pertenciam entrar na Casa dos Vinte e Quatro, sem primeiro terem servido nas referidas confrarias ou irmandades.

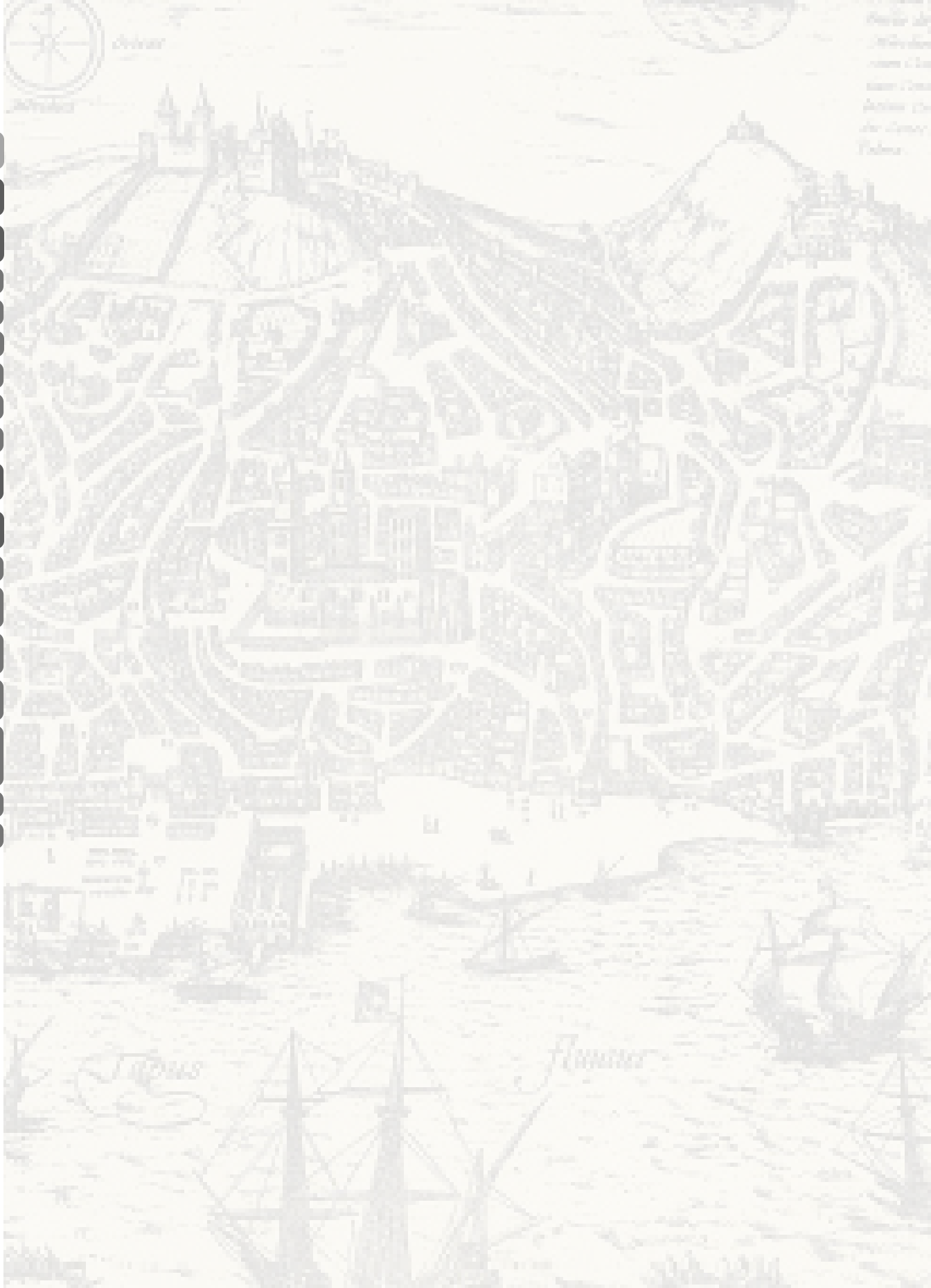
4. O TERRAMOTO DE 1 DE NOVEMBRO DE 1755

O terramoto arrasou completamente a igreja de São Julião (assim como as vizinhas igreja patriarcal e Paço da Ribeira).

Toda a opulência e grandeza do templo ficaram reduzidas a um montão de ruínas. Escapou apenas, apesar de ficar debaixo do entulho, a Casa do Despacho da irmandade da Senhora da Purificação, e a fábrica da capela de Santo António.

O Prior erigiu no Terreiro do Paço uma barraca de madeira, onde se exerceram as funções paroquiais e o culto até 8 de Janeiro de 1758, em que se fez a transferência para a nova igreja que se construiu.

Vd. Igreja paroquial de SÃO JULIÃO – 3ª – 1758 A 1816)



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

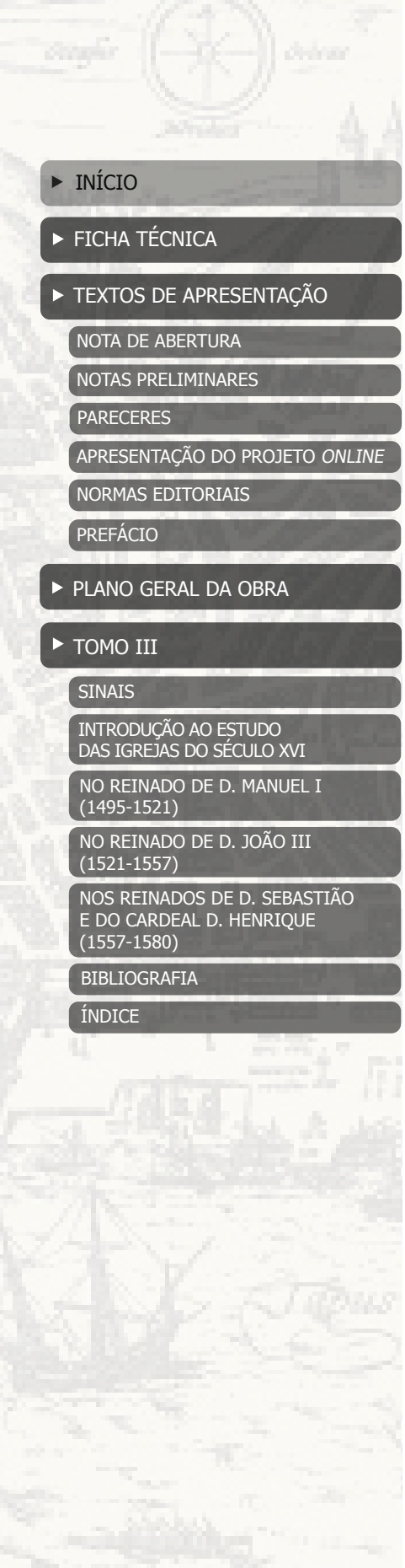
NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

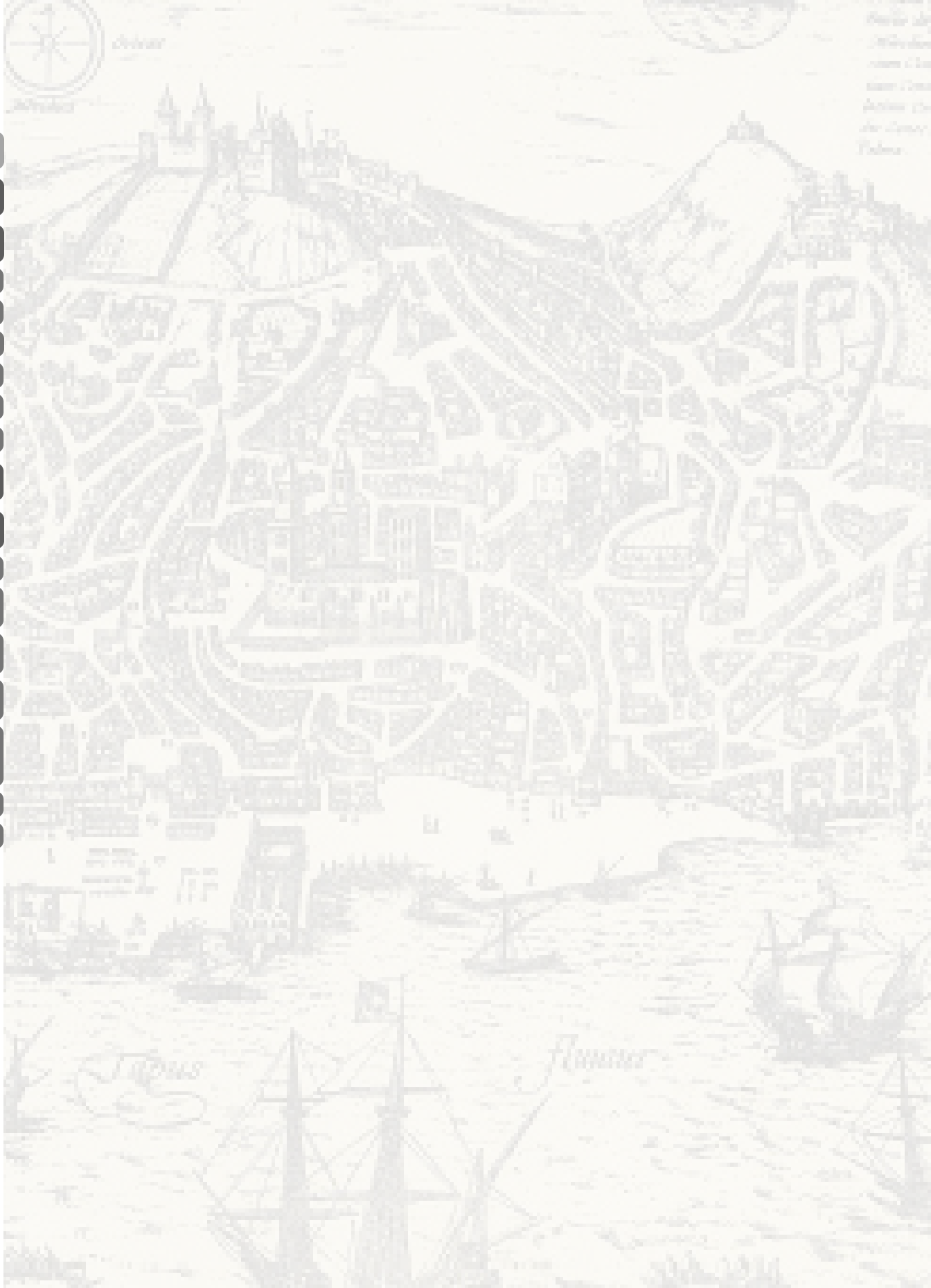
NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

III

NO REINADO DE D. JOÃO III (1521-1557)



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

III - NO REINADO DE D. JOÃO III (1521-1557)

† Sé episcopal	1
⚔ Igrejas paroquiais	3
♂ Igrejas conventuais de frades (ou análogos)	3
♀ Igrejas conventuais de freiras (ou análogos)	4
⊖ Igrejas de instituições públicas não paroquiais nem conventuais	5
⊙ Ermidas sem cura d'almas	5
Total	21

► INÍCIO		
► FICHA TÉCNICA		
► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO		
NOTA DE ABERTURA		
NOTAS PRELIMINARES		
PARECERES		
APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE		
NORMAS EDITORIAIS		
PREFÁCIO		
► PLANO GERAL DA OBRA		
► TOMO III		
SINAIS		
INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI		
NO REINADO DE D. MANUEL I (1495-1521)		
NO REINADO DE D. JOÃO III (1521-1557)		
NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO E DO CARDEAL D. HENRIQUE (1557-1580)		
BIBLIOGRAFIA		
ÍNDICE		
⊖	Igreja de Nossa Senhora do Loreto, dos Italianos – 1ª	1522
♀	Igreja do Mosteiro da Esperança	1527
♂	Igreja do Convento de São Domingos, ao Rossio – 2º	1531
⊙	Ermida de Santo Amaro	1532 (?)
♀	Igreja do Mosteiro da Anunciada, às Portas de Santo Antão	1539
♂	Igreja do Convento de Religiosos de Santo Antão, na Mouraria	1539
⊖	Igreja das Chagas de Cristo	1542
♂	Igreja da Residência de Santo Antão, dos Jesuítas	1542
♀	Recolhimento das Penitentes da Paixão de Cristo	1543
♀	Recolhimento das Órfãs Honradas da Cidade	1543
⊖	Sedes da Paróquia de Nossa Senhora do Loreto, dos Portugueses	1551/1708
⊙	Ermida da Nossa Senhora dos Prazeres	1551 (?)
⊖	Igreja do Colégio da Irmandade dos Meninos Órfãos de Jesus	1549
⊖	Ermida de São José d'Entre as Hortas	1546
⊖	Igreja Paroquial de N.ª S.ª da Encarnação, da Ameixoeira	1545
⊙	Ermida das Almas do Purgatório ou dos Fiéis de Deus	1551
⊖	Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Ajuda	1551 (?)
⊖	Igreja de São Luís dos Franceses	1552
⊖	Sé de Lisboa – VI fase de obras	Meados séc. XVI
⊙	Ermida de Nossa Senhora da Vitória	1556
⊙	Ermida de Santa Catarina do Monte Sinai, no Pico de Belver	1557

Apêndice: sob a invocação de Santa Catarina

- I. Ermida Medieval de Santa Catarina
- II. Capela de Santa Catarina na Igreja do Convento da Trindade
- III. Confraria de Santa Catarina no Monte Sinai
- IV. Confraria dos Livreiros de Lisboa

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ IGREJA DE NOSSA SENHORA DO LORETO DOS ITALIANOS – 1ª

Século XVI [1522] →≠1651→

1. A igreja consagrada a Nossa Senhora do Loreto, pertencente à colónia italiana em Lisboa, foi construída no século XVI. Situava-se do lado norte das Portas de Santa Catarina (actual Largo do Chiado), junto às muralhas da Cerca Fernandina, do lado de fora. Ali existia uma ermida dedicada a Santo António, se é que não era apenas um nicho (conforme pensa Matos Sequeira), encravado nas muralhas.

Pelos anos de 1517, no reinado do rei D. Manuel, os italianos residentes em Lisboa, muitos deles negociantes de trigo, congregaram-se para conseguir em Lisboa uma igreja privativa sua.

No ano de 1518 solicitaram ao monarca português e ao papa Leão X licença para fundar uma igreja aqui, “*em um chão ou ponta de terra, que está fora, pegado ao muro da mesma cidade de Lisboa*”. Tal pedido foi apreciado por Leão X que, entretanto, faleceu em 20 de Abril de 1518, sem despachar o respectivo Breve. Foi o papa Clemente VII que mandou fazer as Bulas respectivas, em 1521.

Um Breve de 1523 confirmou o anterior, dando privilégios aos mercadores, anexando a igreja criada a São João de Latrão e pondo-a debaixo da sua protecção.

2. A primeira vez que se abriu esta igreja ao culto dos fiéis foi no dia 8 de Setembro de 1522, reinando já D. João III, que lhe concedeu o uso da muralha antiga da cidade, junto à qual estava edificada.

O templo erigiu-se no território da Freguesia dos Mártires. E era consagrado a Nossa Senhora do Loreto: esta denominação referia-se à “Casa Santa”, onde nascera a Virgem Maria em Nazaré e que teria sido trasladada pelos anjos da Palestina para a Dalmácia e depois para Loreto em 1295, para um bosque duma piedosa cristã chamada Laureta, ou para uma moita de loureiros. Em 1460 ergueu-se ali um templo magnífico, que se tornou santuário célebre da cristandade, e que os italianos tomaram como um dos seus principais emblemas nacionais e religiosos.

Para ampliação ou melhoria do templo, os mordomos e irmãos da Confraria de N.ª S.ª do Loreto adquiriram terrenos vizinhos, foreiros à Câmara; e el-Rei autorizou esta a renunciar, a favor deles, aos domínios directos que lhe pertenciam, dando o laudémio e foro dos chãos comprados. (Carta Régia de 29 de Outubro de 1530).

Os italianos, não só edificaram a igreja, mas conseguiram que o Cabido de São João de Latrão a aceitasse como sua filial e obtiveram extraordinárias graças e privilégios. Nomeadamente: que na dita igreja dedicada à Virgem Maria Nossa Senhora, debaixo do título do Loreto, erigissem uma Confraria do Santíssimo Sacramento, de um e outro sexo, os quais pudessem nomear capelão e capelães, que lhes dissessem missas, e celebrassem todos os divinos ofícios, administrassem os Sacramentos, e que pudessem ir buscar os corpos de seus defuntos

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

para a sepultura, com cruz, procissão e solene pompa, a qualquer lugar aonde falecessem, sem para isso ser necessária licença alguma do Diocesano, ou de quem seu lugar tivesse, e que assim mais fizessem livre e licitamente tudo o mais na forma das mais Igrejas Paroquiais, e da Romana Cúria. E que aos Capelães, que pelos ditos Italianos fossem nomeados, os pudessem nomear e mover a seu nuto e beneplácito; e a dita igreja ficasse imediatamente sujeita ao dito Reverendo Cabido Lateranense, e ao Romano Pontífice. (Vd. Santa Maria, 1721: tomo 7, 33-40).

O Cabido Metropolitano de Lisboa reagiu mal a tão amplas pretensões. Fez queixa ao Sumo Pontífice de então, o papa Paulo III (1534-1549), alegando os direitos da paróquia dos Mártires, em cujo território se erguera o templo dos italianos.

O Pontífice entregou a causa ao Tribunal da Rota, o qual decidiu que “os italianos não podiam instituir paróquia no distrito da freguesia dos Mártires, sem o consentimento do cabido de Lisboa, e que os privilégios lateranenses não lhe podiam valer senão em quanto a graças espirituais”. Isto deve ter sido por volta de 1547.

3. O conflito foi superado cinco anos depois. O Cabido de Lisboa, vendo que o distrito da freguesia de Nossa Senhora dos Mártires se ia aumentando muito de moradores, e que para se acudir com mais diligência à cura das ovelhas era necessário que se erigissem algumas paróquias de novo, decidiu criar uma nova paróquia desmembrada da dos Mártires; e ao mesmo tempo, entrando em negociações com os Italianos, obteve que estes permitissem que a nova paróquia se instalasse numa capela da sua igreja do Loreto. Os Italianos renunciavam a todos os privilégios paroquiais presentes e futuros que fossem contra a jurisdição ordinária (Vd. Castro, 1763: tomo III, 191).

Foi assinado um contrato público, datado de 2 de Janeiro de 1551, de que existe documento notarial. Ficaram então sendo fregueses da Paróquia de Nossa Senhora do Loreto, por um lado os italianos residentes em qualquer zona de Lisboa, e por outro lado os portugueses residentes num território cujos limites foram fixados no dia 24 de Janeiro do mesmo ano. A nova paróquia ficava estabelecida ao Poente das muralhas, desde a Torre do Conde de Vimioso (rua do Alecrim, ao nível do Largo do Quintela) até São Roque, abrangendo na sua área o moderno Bairro Alto.

O Cabido tomou posse da igreja, ficando um capelão por cura; os seus representantes fecharam e abriram portas, tangeram o sino, abriram a grade da pia de baptizar, etc. O cura nomeado foi o Padre Álvaro Fernandes. Os representantes do Deado e Cabido nesta solene cerimónia foram o Cónego D. António da Costa, o Cónego-Mestre D. Diogo de Gouveia, e Estêvão Madeira (Vd. Sequeira, 1939: vol. I, 297).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

4. Nessa data, 1551, não estava feita ainda a capela-mor¹.

A Confraria lutava com falta de dinheiro, apesar de ter sido imposto a favor da nova igreja 4% sobre o valor das mercadorias dos italianos, vindos de fora.

Estavam apenas erectas as três capelas no corpo do templo: Santa Catarina (junto ao espaço do altar-mor, do lado da epístola); Santo Espírito (fronteira à anterior, do lado do evangelho); e Santo António (também do lado da epístola, fronteira a uma portinha lateral que abria para a rua que ia para S. Roque). Esta capela de Santo António, testemunho da ermida ou nicho de Santo António, anterior à igreja, teve uma Irmandade própria, administrada pelos “Cabras” [= índios], a qual os italianos extinguiram com demandas (diz Costa, 1712: vol. III, 479).

Um genovês, Lucas Giraldi, propôs-se fazer à sua custa a obra da capela-mor, a troco do padroado dela. O contrato foi passado a escritura de 2 de Março de 1551. Lucas Giraldi dispensou da sua fazenda para a fábrica e ornamento da capela-mor três mil cruzados (=1.200 \$ 000 réis); em troca, ficou com o padroado da capela-mor, para ele e seus descendentes e sucessores se sepultarem com armas e rótulos da Casa Giraldi. A capela ficava com 7,92 m de fundo, por 7,04 m de largo (Vd. Sequeira, 1939: vol. I, 301).

5. Vinte anos depois, em 1573, os Confrades da Mesa do Loreto pensaram em ampliar a igreja. Os tais 4% cobravam-se bem, e as esmolas e donativos afluíam.

Um Alvará Régio de 10 de Julho de 1573 permitiu que a favor da obra projectada se derribasse a Torre Norte das Portas de Santa Catarina, que estava diante da porta principal do Loreto, virada para o Sul, e que entaipava o templo. Assim, a dita igreja podia correr por diante e podia “se acabar conforme à traça que dela é feita”. Mas impunha-se uma condição, a que os italianos se obrigaram por escritura de 29 de Janeiro de 1577: era que a Confraria, se um dia fosse preciso para defesa da cidade, deixaria entulhar a igreja até onde fora o eirado da torre, para assim ficar por fortaleza, em seu lugar. (Vd. Sequeira, 1939: vol. I, 302-303).

As obras então efectuadas talvez tivessem a superintendência do arquitecto Felipe Terzi (Vd. Sequeira, 1939: vol. I, 304).

¹ Sobre a capela-mor da Igreja na segunda metade do século XVI e a primeira metade do século XVII (1651), ver Alessandrini, 2014: 51-67. Neste artigo publica-se um esboço do interior do templo de Giovanni Battista Confalonieri (c. 1612).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



Fig. 5 – Nossa Senhora do Loreto, segundo uma antiga gravura a água forte (Castilho, 1955: vol. II, 19).

Este templo desapareceu totalmente em 1651, com um incêndio pavoroso.

Vd. Igreja de Nossa Senhora do Loreto – 2ª – 1676

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ IGREJA DO MOSTEIRO DA ESPERANÇA OU NOSSA SENHORA DA PIEDADE DA BOA VISTA

Século XVI [1527] →

1. O SÍTIO DA BOA VISTA

O mosteiro que é conhecido vulgarmente por “Mosteiro da Esperança” teve inicialmente o nome de Nossa Senhora da Piedade da Boavista. O sítio era dos mais alegres de Lisboa nos séculos XVI e seguintes., tendo uma encantadora vista para o rio Tejo: daí lhe veio o primeiro nome de “Boa Vista”. Da parte do rio havia muita animação de comércio e construções navais; e para o lado da terra, o Poço dos Negros e São Bento, com muitas hortas e quintas^{LI}.

2. FUNDAÇÃO FEITA POR DONA ISABEL DE MENDANHA

“A fundação deste mosteiro deve-se a Dona Isabel de Mendanha, filha de Pedro de Abendano e Dona Inez de Benavides⁹. Dona Isabel de Mendanha casara com D. João de Menezes, 3º filho de Dom João de Menezes, senhor de Cantanhede. Ficando viúva Dona Isabel, que com seu marido tinha fundado um hospital no lugar do Cartaxo, passou a desejar fundar em Lisboa um mosteiro de religiosas nobres, para o que alcançou licença do papa Clemente VII, que no 1º ano do seu pontificado [1524] lhe passou um Breve cheio de favores e privilégios.

Iniciou-se a edificação no ano de 1527, numa quinta chamada da Sizana, que de norte e nordeste partia com terra de que então era directo senhorio o Prior e Beneficiados da Igreja de Santa Justa desta cidade, e de oeste e sudoeste com olival que também era dos mesmos, e do sul e sudeste em caminhos públicos que iam da cidade para Belém e outras partes. Essa

⁹ “Pedro de Abendano passou a este Reino vindo da província de Biscaya, onde a dita família dos Abendanos é uma das muitas nobres e ilustres que acreditam a referida província da qual passou a Portugal Pedro de Abendano, seguindo as armas de el-rei D. Afonso V na guerra que teve com os Reis Católicos D. Fernando e D. Isabel. E dando-se por bem servido, el-rei D. Afonso V lhe fez honras e mercês, e depois de morto el-rei D. Afonso V, o seu filho el-rei D. João II, lembrado dos merecimentos do pai, casou uma filha dele, única sucessão que deixou neste Reino, chamada D. Isabel de Mendanha, com o filho terceiro de D. João de Menezes, senhor de Cantanhede, que teve também o nome de seu pai e foi camareiro-mor do príncipe D. Afonso, filho d’el rei D. João II, e depois foi o primeiro aio que el-rei D. Manuel deu a seu filho o príncipe D. João. Teve [o marido de Dona Isabel Mendanha] outros mui honrados cargos, assim na paz como na guerra”. (Versão modernizada de *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 317-318).

^{LI} O mosteiro feminino de Nossa Senhora da Esperança era de invocação de Nossa Senhora da Piedade da Boavista, tendo ficado mais conhecido pelo nome de uma das suas capelas que era governada, no século XVI, por uma confraria de leigos homens do mar, como nos atesta Cristóvão Rodrigues de Oliveira (ed. 1987: 76). A maior parte das obras decorreu no período joanino, tendo início em 1527 e o término em 1535, data esta da chegada das primeiras freiras vindas do Funchal e de Santarém.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

quinta era anexa à capela de Estevão da Guarda, que desde o tempo de D. Dinis está sita na igreja de São Vicente de Fora, cujos administradores são apresentados e confirmados pelos vereadores da Câmara desta cidade. Eles a aforaram à fundadora Dona Isabel, em *fateosimperpetuum*, por foro de catorze mil réis, para nele se edificar o mosteiro, os quais consignaram na renda do seu casal de Mugem. El-Rei D. João III deu de esmola às Religiosas da Esperança com que pagassem o dito foro.

Dona Isabel faleceu em Lisboa em 20 de Agosto de 1532. Em seu testamento feito e assinado a 21 de Outubro de 1528 e codicilo feito em Beja em 13 de Outubro de 1531, declarava ser sua última vontade que seu corpo fosse sepultado na capela-mor do convento de São Francisco da cidade; mais declarava ser sua vontade que a obra do seu mosteiro se continuasse e se chamasse de “Nossa Senhora da Piedade”¹⁰; que do mosteiro da Conceição da cidade de Beja havia de vir abadessa para Prelada do mosteiro. E dotou-o com quatro herdades no Alentejo e um casal em Mugem...

Por sua morte estava feita a igreja e algumas fábricas, e lançados os fundamentos a outras obras^{11 LII}.

3. A CONTINUADORA, DONA JOANA DE EÇA

À morte de Dona Isabel, ainda estava inacabado e inabitado o mosteiro. Então uma outra senhora nobilíssima, chamada Dona Joana d’Eça, filha de João Fogassa, vedor de el-Rei D. João II, e de D. Maria d’Eça, sua mulher, a qual D. Joana se achava viúva de D. Pedro Gonçalves da Câmara, segundo capitão da Ilha da Madeira, pediu a D. João III e aos Prelados licença para se recolher ao mosteiro, e nele esperar a vinda das religiosas, entre as quais se contavam duas filhas suas.

¹⁰ Como aquela zona era paragem marítima e frequentadíssima de pescadores, estabeleceu-se na igreja do Mosteiro de “Nossa Senhora da Piedade” uma Confraria de Nossa Senhora da Esperança, de pilotos e mestres. Este título prevaleceu sobre o primeiro orago do mosteiro, que passou a ser correntemente chamado “Mosteiro da Esperança”. Pelo terramoto de 1755, os Irmãos da Confraria foram ao Mosteiro buscar as suas imagens, que eram do “Senhor Jesus dos Navegantes” e “Nossa Senhora da Caridade”, e levaram-nos para uns campos ao Norte do dito mosteiro, onde edificaram um templo privativo, que passou a ser conhecido por Ermida ou Capela do Senhor dos Navegantes, benzida em 1757. A ermida deu o nome à rua: Rua dos Navegantes (in Silva, 1950b: 21).

¹¹ Ligados ao Mosteiro da Esperança, merecem estudo especial: o Cruzeiro da Esperança; o Chafariz da Esperança; a festividade de Santa Cruz. Vd. bibliografia, obras de A. Vieira da Silva, Júlio de Castilho, Esteves Pereira.

^{LII} Junto da frontaria do mosteiro, até 1834, existia um cruzeiro manuelino com a representação de um Calvário e de uma Pietà, hoje no Museu Nacional de Arte Antiga. Cf. Augusto Vieira da Silva, 1950b: 11-22 e 13-27.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Vieram em 1536 do Convento da Conceição do Funchal, nove religiosas, e duas do de Santa Clara, de Santarém. Com elas viveu Dona Joana, com notável reconhecimento e exemplo de virtude, até que a Rainha Dona Catarina a tomou por sua camareira-mor. D. João III e a dita Rainha fizeram logo a claustro do mosteiro maior do que era, e de excelente obra. Na Rainha Dona Catarina cresceu tanto a estima por Dona Joana que, depois de falecer D. João III († 1557), mandou construir uns paços vizinhos ao mosteiro, no qual vinha estar muitas vezes com a Infanta Dona Maria e com el-Rei D. Sebastião seu neto.

A dita Dona Joana foi insigne benfeitora e protectora do mosteiro, no qual fez a casa do Capítulo com grande magnificência. Falecendo em 1571, mandou que fosse sepultada no coro do mosteiro. Deixou às religiosas dele a sua terça que, com o mais que acresceu das legítimas de três filhas que teve no dito mosteiro, importou em 190 mil réis de foros na ilha da Madeira, além de outra fazenda.

4. A IGREJA DO MOSTEIRO E VÁRIAS CAPELAS, ANTES DO TERRAMOTO

Em 1704 foi feita uma relação, com base na qual foi elaborada uma notícia sobre “o estado em que ao presente se acha a igreja”, deste mosteiro: donde respigamos algumas notícias.

Tem a igreja uma nobre entrada, porque antes de chegar ao adro dela tem uma praça larga capaz de acomodar a muita carruagem da nobreza que em diversas ocasiões concorre à dita igreja. Termina-se o adro da igreja, que é largo, com grades de ferro; e dentro delas ficam duas nobres cruces de mármore vermelho. A igreja media 20,70 m x 8,45 m; a capela-mor, 11,95 m x 5,60 m, e estava a nascente. A porta travessa (que era aliás a principal) dava para o Sul, Largo da Esperança.

Na porta que dá entrada para a igreja há duas colunas grossas e redondas, cada uma de sua parte, e sobre as colunas assenta uma larga cimalha, e por cima dela seu frontispício com duas quartelas nas ilhargas, com um quadrado no meio, que cobre uma vidraça.

E entrando da porta para dentro se acha uma igreja que não é grande, cuja fábrica é obra antiga, muito diferente do que hoje [1704] se pratica. Consta o tecto dela de abóbada com arcos e laçaria de pedra, coisa muito vulgar nas igrejas antigas. Contam-se nela sete capelas. A capela-mor tem o seu tecto na mesma forma que é o da igreja, com seu retábulo de talha dourada de duas colunas por banda, em tal distância uma da outra que entre elas têm lugar dois nichos entre cada duas colunas, um por cima do outro, e dentro dos nichos suas imagens. Tem sua tribuna acomodada ao retábulo.

A igreja é bem servida e ornada de peças de prata, entre as quais se acham oito lâmpadas, três frontais, dois próprios da capela-mor, sete cálices de prata dourados com suas patenas, dezasseis castiçais grandes dos altares, uma custódia de prata dourada, pano de púlpito, de prata batida, umas galhetas em seu prato, dois turíbulos e uma naveta, uma custódia de prata dourada, etc., etc.

Todos os altares da igreja têm frontais de tela branca com sanefas de tela encarnada, pano de púlpito, dossel, capa de asperges e véu d'ombros. Têm mais outro ornamento de tela

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

de ouro guarnecido de tela carmesim, bordado, capa de asperges, pano de púlpito, seis capas de chamalote branco guarnecido de ouro.

As seis capelas, além da capela-mor, eram: do lado da epístola, era a de N.^a S.^a da Esperança, tendo ao lado a de São João Evangelista; do lado do evangelho, estavam as capelas de Santo António, São Miguel e São Jerónimo. Havia uma outra capela colateral, consagrada ao Amor Divino, da qual falaremos no § 5.

5. A CONFRARIA DO MONTE DO DIVINO AMOR

O Altar do Amor Divino tem frontal de prata batida; tem também um trono de prata e nela vinte e quatro castiçais de prata, posto que pequenos.

A esta capela do Amor Divino estava anexa uma nobre e insigne Confraria, chamada do Monte do Divino Amor. Teve início esta confraria na cidade de Nápoles, num Convento de Santa Maria do Divino Amor. Em certa ocasião, teria a Mãe de Deus aparecido à Madre Soror Maria Vilani, filha do Marquez de Dapola, religiosa no Convento da Ordem de São Domingos, que ela tinha fundado, ordenando-lhe que fundasse uma Confraria do Divino Amor. Cresceu a dita Irmandade e a piedosa devoção chegou a Lisboa, ao conhecimento da venerável Madre Soror Helena da Cruz, religiosa no Mosteiro da Esperança, que a introduziu no seu Mosteiro e fez imprimir no ano de 1689 uma folha com o seguinte título: *Carta de Instrução para os Confrades do Monte do Divino Amor* (1689).

6. OUTRAS CAPELAS E ERMIDAS PELO MOSTEIRO

A igreja tinha dois coros para as religiosas. No coro de baixo, havia duas capelas, uma de N.^a Senhora e outra de vários santos, com grandes relíquias engastadas em perfeitos relicários. Defronte da grade da igreja havia no dito coro um grandioso santuário que ocupava toda a altura e largura da parede; era de talha dourada, com meios corpos de santos; no meio tinha lugar uma custódia de prata dourada, em mãos de anjos, com uma relíquia do Santo Lenho metida dentro de uma cruz de cristal. Teria sido dádiva da Rainha Dona Catarina. Abaixo da dita custódia, via-se um nicho em que havia um presépio feito com imagens de estatura natural.

No antecoro de baixo, havia duas capelas: uma da Madalena, outra de Nossa Senhora do Paraíso. Entre as imagens, havia uma de Cristo no Calvário, todo guarnecido de prata, de que tinha quatro castiçais.

O coro de cima tinha duas capelas: uma do Jordão, e outra de N.^a S.^a do Rosário. No respectivo antecoro, uma capela de N.^a S.^a da Conceição, a que se atribuíam alguns efeitos maravilhosos. Está servida com seis castiçais de prata, mais seis vasos de prata para ramalhetes.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

As varandas do claustro, assim as de baixo como as de cima, têm oito capelas, ficando cada uma no remate de cada lanço: no total, 8 capelas. As quatro das varandas superiores eram de pintura não vulgar, assim como as imagens dos santos a que eram dedicadas; as quatro das varandas inferiores eram de pedraria e as imagens dos santos eram estofadas.

A casa do capítulo era das melhores de Lisboa. Tinha uma capela do Descimento da Cruz, com figuras de gesso de meio-relevo, feitas muito ao natural. No altar ficava o sepulcro, com a imagem de Cristo morto, de grandíssima devoção, de estatura natural.

Próximas ao aposento da Madre Abadessa, havia três ermidas: de Santa Clara, de N.ª S.ª dos Prazeres, do Senhor atado à coluna.

No jardim, havia sete ermidas, todas de embrechados.

7. ALI SE RECOLHEU A RAINHA DONA MARIA FRANCISCA DE SABÓIA

Foi sempre povoado por senhoras de grande nobreza. Tinha 37 religiosas em 1551; 80 em 1620; 50 em 1704.

Ali se recolheu em 21 de Novembro de 1667, a rainha Dona Maria Francisca de Sabóia, mulher de D. Afonso VI, enquanto se não decidiu a questão que depôs este monarca, em favor de seu irmão D. Pedro II, que veio a governar, primeiro como regente, e depois como rei.

O terramoto de Novembro de 1755 causou bastantes estragos no edifício.

Vd. Igreja de Nossa Senhora da Esperança (1755 ss.)

Bibliografia

História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa (1950-1972) – ed. de Durval Pires de LIMA. Tomo II. Lisboa, Camara Municipal de Lisboa, 1972, pp. 317-327.

SILVA, Augusto Vieira da – “O Mosteiro da Esperança”. *Revista Municipal*, 45 (1950), pp. 11-12 e 46 (1950), pp. 13-27, inserido em *Dispersos*, vol. I, pp. 415-455. Minucioso e rigoroso.

CASTILHO, Julio de – *A Ribeira de Lisboa: descrição histórica da margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho*. Vol. IV. 2ª edição revista e ampliada pelo autor com notas de Luiz Pastor de MACEDO. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1943, pp. 67 e ss.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Dicionário histórico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artístico*. Vol. IV. Lisboa: J. Romano Torres, 1908, art. “Convento da Esperança”, pp. 285-286.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DE SÃO DOMINGOS AO ROSSIO****2ª Fase: século XVI [1531] → 1755 →**

(Veja-se a 1ª Fase, século XIII [1242] – 1531)

1. Em 26 de Janeiro de 1531, um violento tremor de terra abalou toda a cidade e causou no convento de São Domingos, especialmente na igreja, prejuízos avultados.

As obras de remodelação que o primitivo templo sofreu então, entre 1531 e 1566, correspondem a uma verdadeira reedificação. As paredes da igreja, embora muito grossas, haviam-se fendido de alto a baixo, e foram parcialmente apeadas.

A reedificação, que durou até 1566, fez-se com avultadas quantias com que o povo de Lisboa concorreu, assim como D. João III.

2. Em 1551, Cristóvão Rodrigues de Oliveira redige assim uma notícia sobre o dito mosteiro (Oliveira, ed. 1987: 67):

“O Mosteiro de são Domingos é da ordem dos pregadores. Há nele cem frades, com hóspedes que vêm dos outros mosteiros. E tem dezassete capelas, todas com missa quotidiana de administradores. E cento e oitenta aniversários de certas pessoas para lhe dizerem missas por suas almas, por bens que para isso lhe deixaram. E destes aniversários os quarenta têm administradores. Há neste mosteiro sete confrarias: a confraria de Jesus, regida por pessoas nobres e principais cidadãos; e a confraria de Nossa Senhora do Rosário, repartida em duas, uma de pessoas honradas, e outra dos pretos forros e escravos de Lisboa; e a confraria do apóstolo santo André e santa Cruz regida pelos flamengos; e a confraria de são Jorge, regida pelos ingleses; e a confraria de são Pedro mártir; e a confraria de santa Catarina; e a confraria dos Reis Magos. Valem as esmolas destas confrarias oito centos cruzados.

E a renda do mosteiro vale cinco mil e oito centos cruzados. E tem vinte servidores.”

3. Desde 1566 até ao terramoto de 1755, a igreja do Convento de São Domingos passou por muitas transformações, ficando completamente alterada da sua feição primitiva.

Sofreu restauros em 1608 e em 1638: o século XVII foi de grande actividade que, sem alterar o aspecto exterior do templo (Vd. desenho e pintura de Zuzarte)^{LIII} o alinda e enfeita ao modo do tempo. É desse século a Sacristia restaurada em 1664, a expensas de Luís Barbu-da de Melo, para sua capela tumular (esta Sacristia resistiu ao terramoto de 1755 e ao devastador incêndio que se lhe seguiu; e também não acusou dano apreciável no incêndio de 1959).

^{LIII} Há pouco tempo, surgiu no mercado de antiguidades (Antiquário AR-PAB) um conjunto de quatro pinturas, que têm por base, ou serviram de base, às gravuras de Zuzarte.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Também do século XVII é a Portaria que dá acesso à Sacristia, voltada à Rua da Palma (e que também não sofreu dano apreciável).

Em 1724, por iniciativa de Fr. António do Sacramento, reduziu-se ao moderno todo o corpo da igreja, emendando-se a desigualdade das capelas, pois as que ficavam do lado do evangelho eram fundas e escuras, e as do lado da epístola estavam quase todas à face da parede, e com desigualdade, umas mais altas do que outras.

Em 1748, foi feita de novo a capela-mor, com excelente pedraria lavrada, pelos desenhos de João Frederico Ludovice e a escultura de João António de Pádua, e concluída por Bellini. Importaram as obras em mais de cem mil cruzados, para o que D. João V concorreu com 22 mil, além de outros auxílios da Fazenda Pública. Esta capela-mor resistiu ao terramoto de 1755; mas foi destruída pelo incêndio de 1959. Também deviam ser desta 1ª metade do século XVIII os pares de colunas gigantes do interior da igreja, que resistiram ao terramoto e que depois de 1959 se apresentam mutiladas ou estilhaçadas.

4. Continuou neste período a igreja e convento de São Domingos a ser testemunha de acontecimentos importantes da história e cultura do país.

No fim do mês de Maio de 1589, das janelas da casa dos dominicanos poder-se-ia ver a praça de armas ordenada pelo general de guerra Conde de Fuentes, na iminência do ataque a Lisboa pelos ingleses de D. António Prior do Crato e do general Henrique Norris. Os frades ter-se-iam alarmado ao estrondo dos tiros disparados pelas mangas de arcabuzeiros que, saindo pela porta de Santo Antão, foram atacar as trincheiras britânicas em redor das casas de André Soares, na Cotovia.

Pouco mais de 50 anos depois, em 1640, foi outro o espectáculo testemunhado pelas pedras do vetusto edifício: os doestos das regateiras e dos regatões aos conjurados fidalgos de 1641 e ao infeliz Francisco de Lucena.

Apenas se evoca a existência neste mosteiro de uma Academia da Ordem de S. Domingos, com duas lições de teologia e uma de filosofia. D. Manuel ordenou que neste convento houvesse um Colégio para um certo número de estudantes religiosos, que também era frequentado por alguns seculares. D. João III, fundando a Universidade de Coimbra, passou para esta cidade o dito colégio, erigindo nela o Colégio de Santo Tomás.

É memorável a instituição, feita pela rainha Dona Catarina, de duas aulas públicas de Teologia Moral para seculares, anexando ao mosteiro o antigo e quase abandonado Convento de Ausede, cujo rendimento anual ia acima de 2.500 cruzados. A casa de Ausede era anterior à Monarquia, e fora doada por D. Afonso Henriques aos cónegos de Santo Agostinho em 1160.

A essas aulas públicas refere-se a *História dos Mosteiros* (1950: vol. I, 104-105):

“Foram estas cadeyras instituídas pella rainha Dona Catherina, consorte do piíssimo Rey Dom Joam III, e pera que se podessem ler sem gravame do convento assinou ella cem mil reis de juro cada anno pera porçam dos dous religiosos que lessem as dittas duas lições. E nam contente a caritativa Rainha de dar renda pera sustento dos

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

dittos dous mestres, vendo que nam bastava dar mestres aos estudantes se a estes por falta de alimentos, sobejando-lhe a vontade pera frequentar o estudo, lhes faltasse a sustentam necessaria pera assistirem na cidade, instituyo hum collegiopêra trinta e dous estudantes, dos quaes quis fossem sempre doze do Arcebispado de Lisboa, e os vinte do restante do Reyno.

Aos do Arcebispado de Lisboa, por estarem ou em sua casa ou mays visinhos a ella, assignou de porçam cada anno doze mil reis, e aos de fora do Arcebispado mandou se dessem quinze mil reis pagos em dinheiro aos quarteys por ordem do prior do convento. Mas primeyro que sejam admitidos e approvados se lhes tia inquirçam da vida, costumes e limpeza de sangue, e ultimamente sam examinados da sufficiencia da lingua latina. E dos pretendentes (que nunca faltam) he preferido o mays hábil e mays digno.

Tem determinados annos pera assitirem no ditto estudo, no qual devem ter frequêcia quotidiana de manhã e tarde, pera o que ha determinados dous apontadores, cujo officio he tomar em lembrança as faltas de cada hum; e quando chega o quartel tanto recebem de menos quanto montam as lições que perderam pro rata do que val a porçam. O prior do convento, que he administrador de tudo, he o que manda fazer os pagamentos, e assim nam tem difficuldade cada hum de cobrar pontualmente o que lhe pertence. E pera ser assim deyxou a Rainha rendimento assentado em juro perpetuo na Alfandega desta cidade.”

5. Ainda hoje se vêem na portaria os túmulos de dois grandes membros da Ordem Dominicana.

O mais antigo é o do venerável Padre Mestre Frei Luís de Granada. Sobre o seu sarcófago lê-se a seguinte inscrição tumular:

“Frater Ludovicus Granatensis exprædicatorum familia cujus doctrinæ maiora extant miracula Gregorii Decimi Tercii Pontificis Maximi oraculo quam si cœcisis pectum mortuis vitam impetrasset Pontificia dignitates æpius recusata clarior mira in Deum pietate & in pauperes misericordia insignium que Librorum acconcionum varietatetoto orbe illustrato ætatis suo anno 84. Ulyssipone mooritur magno Republicæ Christianæ desiderio pridie Kalend. Januarii anno 1589”

(*História dos Mosteiros*, 1950: vol. I, 101)

Em português quer dizer:

“O Padre Frey Luis de Granada, da Ordem dos Pregadores, cuja doutrina foy tal que por ditto do Papa Gregorio XIII mayores milagres obrou que se de Deos alcançara vista pera cegos e vida pera mortos. Mas muyto famoso, porque sendo buscado muytas vezes pera Bispo sempre engeytou a honra. Insigne pella devoçam e amor de Deos e por caridade com os pobres, tendo alumiado toda a redondeza da Terra com diversidade de excellentes livros e sermões. Faleceo em Lisboa aos 84 annos de sua idade, com grande saudade de toda a Republica Christã no ultimo de Dezembro de 1588.”

(*História dos Mosteiros*, 1950: vol. I, 102)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

O outro túmulo é do Padre Mestre Frei João de Vasconcelos, onde se lê a inscrição seguinte:

Magnus Theologus
Frater Joannes de Vancôcellos ex Predicatorum família.
Clarissimus sanguine, moribus nitidior.
Regis ac supremi Inquisitionis senatus a conciliis
Prioris Provincialis munere, Regii concionatoris Laurea:
Pontificalia recusata dignitate,
Virtutibus cumulatus ac meritis.
In Crucifix iamplexu.
Magna Christianæ pietatis opinione
Pauperum dolore, omnium que disiderio
Ulissipone moritur.
3 Kal. Feb. an. Sal. 1652. Aetsuæ – 62.

(*História dos Mosteiros*, 1950: vol I, 102)

6. Damos uma resumida descrição do interior da igreja, nos princípios do século XVIII.

Capela-mor

“Frei Lucas de Santa Catarina, cuja descrição é de 1706, diz haver sobre o altar-mor um grande retábulo e que as paredes da capela estavam ornadas de oito grandes pinturas emolduradas de talhas; sobre elas e de cada banda três janelas que faziam a capela muito alegre. A abóbada era alta de silharia pintada de brutescos.

No coro os cadeirais, airosos e bem lavrados, eram de madeira de bordo e por cima deles havia dois retábulos de entalhado, repartidos por colunas lavradas e airosas quartelas, dando os vãos lugar a vinte e dois quadros representando santos da Ordem. Era tudo obra de Frei Domingos de S. Tomás, Frei Álvaro de Mesquita, prior do mosteiro, e Frei Jerónimo da Assunção, sacristão-mor.

Os degraus do altar-mor, de jaspe vermelho, e o pavimento, de jaspe preto e branco, deviam-se a Frei Manuel Veloso, deputado do tribunal do Santo Ofício de Lisboa.”

(*História dos Mosteiros*, 1950: vol I, 485).

Capelas do lado da epístola

- No topo do transepto: a de Santa Catarina.

- Na capela colateral da capela-mor, existia desde 1414 a Irmandade de Santa Cruz e Santo André, dos borguinhões.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

- A do Senhor Jesus. Entre as várias preciosidades, contava-se um grande crucifixo com a figura de Cristo, quase em tamanho natural; duas custódias, uma de prata lavrada com pedrarias finas, e outra de ouro maciço com mais de um palmo de diâmetro, dádiva do infante D. Luís, quando mordomo da Irmandade de Jesus. As paredes da capela, de boa obra de pedraria, deviam-se ao 1º conde de Santa Cruz, D. Francisco de Mascarenhas, defensor de Chaul. O referido crucifixo foi a origem imediata do motim de 1506. Havia nesta capela 3 irmandades: a mais importante era a do Senhor Jesus, instituída em seguimento a um breve de Gregório X, de 20 de Setembro de 1274; a confraria do Santíssimo Sacramento, a 1ª que houve em Portugal, instituída antes de 1548; e a do Santíssimo Nome de Deus.

- A da Virgem Santíssima do Rosário, que datava da Aparição da Virgem a Frei Alano, inglês, e juntamente ao prior de S. Domingos de Colónia, à roda de 1475. Em 1490, o governo da cidade, os nobres e o povo, acudiram à intercessão da Virgem, por ocasião da peste que nesse ano assolou Lisboa, e logo então resolveram levantar a capela com grande aparato. Era riquíssima de prata e de muitas alfaias. A imagem da Virgem era de prata; do mesmo metal era o andor em que saía na procissão, assim como as varas do palio; e diante do seu altar ardiam de dia e de noite seis lâmpadas de prata. Nesta capela era costume, no mês de Maio, benzer rosas em honra da Virgem, e distribuí-las ao povo.

- Seguia-se a capela de Nossa Senhora da Estrela, ou dos Santos Reis Magos. Nesta havia um retábulo, que a tradição dizia ter sido pintado por ordem do rei D. Dinis, na ocasião em que mandou restaurar algumas oficinas do convento. Dizia-se que a imagem de Nossa Senhora era o retrato da rainha Santa Isabel, e o Menino Jesus o retrato do seu filho Afonso. Nesta capela celebrava D. Dinis a festa de São Dionísio, antes de fundar o convento de Odivelas.

Capelas do lado do evangelho

- No topo do transepto, o da Senhora das Virtudes, cuja imagem, em escultura perfeita, mandada fazer por D. Manuel na Flandres, se destinava inicialmente a S. Jerónimo do Espinheiro.

- A colateral da capela-mor é dedicada a São Jorge, dos ingleses residentes em Lisboa. Foi instituída pelos monarcas ingleses.

- Havia a Irmandade da Casa da Suplicação, tribunal supremo da justiça deste Reino. Celebravam as vésperas da sua festa na tarde do Domingo do Espírito Santo. O seu compromisso fora aprovado em 1566 por D. Sebastião. Mas não tinha altar próprio.

- A Irmandade do Tribunal do Santo Ofício, também sem altar próprio, celebrava todos os anos, em 28 de Abril, as vésperas de São Pedro mártir, religioso dominicano e inquisidor.

Sacristia

A sacristia, que foi remodelada no século XVII, e que ainda subsiste actualmente, é uma das peças arquitectónicas mais valiosas; e albergava tesouros de ourivesaria, paramentaria, e relíquias, além dos arcazes de pau-santo com tarjas embutidas de pitiá.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Sobre a Sacristia, vale a pena deixar aqui a notícia dada pela *História dos Mosteiros...*, do início do século XVIII (1950: vol. I, 97-101).

“E temos dado noticia da igreja, capellas e irmandades que há no grande templo de Sam Domingos, do qual namhe bem que passemos sem fazer alguma relaçam de sua sanchristia, que de menos de quarenta annos a esta parte se melhorou muyto do que era, fazendo-a toda de novo por sua devoçam, e pera sua sepultura, Luis Barbuda de Mello. He o vam desta sanchristia, assim no comprimento como na largura e altura, competente e proporcionado. Fronteyra à porta que dá entrada à sanchristia, e fica no meyo da largura della, lhe corresponde huma capella de pedraria, com suas misolas nos lados, e bom frontispicio de quartelas sobre seo arco, que consta de pedras de várias cores, e das mesmas pedras he o frontal do altar. Por cima delle fica huma perfeyta imagem de Christo crucificado proporcionada ao que pede a capella, sobre a qual se vehuma boa janella de que se communica luz, nam só à capella mas a toda a casa da sanchristia, cujos lados occupam os cayxões com igual correspondência de huma parte a outra. Sam os cayxões de paosanto com tarjas embotidas de pitiá, com boas ferrajens douradas nos gavetões. E por cima dos dittos cayxões vam por todo o comprimento delles seos quadrados da mesma madeyra, no meyo dos quaes se vem embotidas boas tarjas do mesmo pitiá, e o mesmo tem as molduras que cercam os quadrados, os quaes se dividem por humas misolas lavradas também de embotidos com seos capiteys de talha em pao sancto. E sobre estas misolas e capiteys corre huma cimalha por todo o respaldo, lavrada tambem de embotidos. E no respaldo de cada parte em lugar conveniente se vem quatro bons espelhos encayxados na obra de respaldo, pera que, vendo-se nelles os sacerdotes, possam advertir se levam alguma coisa menos composta e decente que hajam de emendar.

Sobre os dittos dous respaldos se levantam quatro grandes janellas, que com sua altura sobem à cimalha real da casa. Mas só as duas, que entrando na casa ficam no lado esquerdo della, lhe acrescentam claridade, sendo as que lhe correspondem fingidas, mas com vidraças verdadeyras pera melhor dizerem com as que lhe correspondem da outra parte por onde se communica a claridade. E aos lados destas janellas, aonde se termina o comprimento de cada lado, fica hum grande paynel com suas molduras de paosanto, e por cima corre a cimalha immediata à volta do tecto, tendo lugar no vam que se entrepõem entre as duas janellas dous payneis mays pequenos, guarnecidos tambem de suas molduras. O pavimento desta sanchristia he de marmores com divercidades na cor. Nos lados da porta ficam de hum parte as gavetas, em que se guardam os amitos e os missaes, e da outra parte fica o lavatório pera que possam os que ham de chegar ao altar lavar as mãos.

Os cálices tem seo lugar em hum bofete de boa pedra, com seo pé tambem da mesma, e esta meza ou bofete fica bem no meio da sanchristia, e junto della hum lugar que serve de sanctuario em que se guarda em deposito um thesouroinestimavel de relíquias, sendo a primeyrahuma cruz feyta do Sancto Lenho instrumento de nossa redempçam, a qual está engastada em outra grande de prata, que juntamente serve de custodia. Há outras diferentes relíquias as quaes o sancto papa Pio V deo ao Reverendo Padre Mestre frey Nicolao Dias, que estando em Roma lhe foy muyto aceyto, e este como filho que era de habito e profissam deste convento lhe fez doaçam de tam rica joya.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Acham-se mays no sanctuario dois espinhos da sacrosancta coroa do Senhor, e em huma cayxa dourada e bem guarnecida se conserva inteyra huma casula com que o glorioso patriarcha Sam Domingos celebrava no tempo que residio em Tolosa, pregando aos herejes albigenes. Em hum engaste de prata se deyx a cabeça do gloriosissimo protomartyr Sancto Estevam, dadiva de inestimável valor com que a Rainha Dona Catherina enriqueceo o sanctuario deste seo muyto prezado convento, no qual se acham outras muytas relíquias.”

7. O terramoto de 1 de Novembro de 1755. Causou em todo o edifício um estrago irreparável.

Este evento encerrou um ciclo da história do convento e da igreja de São Domingos, e deu origem a um outro.

Vd. 3ª fase da Igreja do Convento de São Domingos

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA DE SANTO AMARO

Século XVI [1532 ? ou 1540-1550?]

A origem da ermida permanece desconhecida. Uma tradição popular diz que alguns Freires de Cristo, na iminência de um naufrágio ao virem de Roma, rogaram a Santo Amaro que os salvasse, prometendo que no porto aonde aproassem ergueriam em sua honra uma ermida. Uma variante da lenda, em vez de Freires de Cristo, diz que eram galegos.

Quanto à data, ora se indica o ano de 1532, ora se aponta a data de 1549. Sobre a porta que do átrio dá acesso ao interior do templo, lê-se: “*Começou-se a edificar esta ermida de Santo Amaro a 12 dias de Fevereiro do ano D. 1549 e havia 7 anos que era aqui edificada a que agora é sacristia*”^{LIV}.

Cristóvão Rodrigues de Oliveira (ed. 1987: 56) dedica-lhe esta notícia:

“A Ermida de Santo Amaro está fora dos muros. É casa de muita romagem e devoção; e tem muitos peditórios, e confraria do mesmo santo. Valem as esmolas, que são muitas, quatrocentos cruzados.”

A. Carvalho da Costa (1712: vol. III, 651) regista:

“A Ermida de Santo Amaro. Imagem milagrosa, é de excelente arquitectura, em forma redonda, de pedra lavrada, com três portas, a principal para o Nascente, uma para o Norte, e outra para o Sul. Tem três capelas: a maior, onde está o Santo, e mais duas no corpo da Igreja. [A igreja] é sujeita a São João de Latrão em Roma.

Tem bom adro com duas capelas do mesmo Santo, ambas azulejadas, nas quais em seu dia se dizem muitas missas, aonde concorrem muitos romeiros seus devotos em todo o ano. Tem seu capelão, que diz missa todos os dias; e um ermitão, que pede esmola para o Santo; os quais têm casas, em que vivem junto à igreja. Na qual há uma Confraria de homens nobres, que festejam com grandeza a este santo, cuja ermida está situada em lugar alto, com deliciosa vista, que se deixa lograr de uma varanda cercada de grades de ferro, cujo sítio é um dos salubérrimos daqueles contornos”.

Como está dito, o monumento é de planta circular^{LV}. A sala de oração, de forma redonda, ocupa o centro da planta, com 8 metros de diâmetro (por dentro), correspondendo também a dimensão da cúpula semi-esférica, de cantaria, que cobre a sala, com um lanternim de 3 aberturas. A capela-mor é também de planta circular e coberta por uma cúpula semi-esférica, de cantaria. O átrio, sensivelmente circular, em cujos extremos se prolongam a um lado a antiga casa de despacho, e a outro a sacristia, mede 5,40 metros de largo e é coberto por uma abóbada abatida, contendo 14 rosáceas (5 ostentam a cruz de Cristo; 2 figuram uma perna,

^{LIV} Tem merecido especial atenção por parte dos autores o conjunto azulejar da ermida de Santo Amaro, datável do segundo e do terceiro quartéis do século XVII. Ver Simões e Oliveira, 1997; Correia, 1997, na bibliografia final.

^{LV} Sobre a questão das plantas centralizadas na arquitectura de Quinhentos, ver Gomes, 2001 e Pinho, 2004.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

noutra uma estrela de doze pontas; noutras duas há flores; e nas outras 4 não há figurações). A escadaria de pedra, que parte da Rua Primeiro de Maio, é notável.

O que mais notabiliza o singelo e delicado perfil da ermida é o conjunto de azulejaria, atribuído à Real Fábrica do Rato e datado dos finais do século XVIII^{LV1}. A composição caracteriza-se por vistosos conjuntos de formas arredondadas ou rectangulares, recortadas caprichosamente por cordões, fitas e variadas figuras, em tons de amarelo, azul, roxo, verde, e castanho. Os painéis inferiores ostentam medalhões com um braço, uma perna, ou ambos, circundados por coroas de flores. Os painéis superiores, em forma de semi-círculo, são preenchidos por motivos graciosamente dispostos (flores, frutos, aves e outros). Por cima dos altares exteriores, de ambos os lados, existem dois painéis representando Santo Amaro, um como Abade, outro como Bispo.

Esta igreja foi um dos raros edifícios religiosos que ficaram ilesos no terramoto de 1755.

^{LV1} Cf. Ataíde, 1988: 111-166.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ IGREJA DO MOSTEIRO DA ANUNCIADA ÀS PORTAS DE SANTO ANTÃO

Século XVI [1539] → † 1755

1. QUANTO AOS ANTECEDENTES DESTE MOSTEIRO:

- Houve neste local, desde o ano 1400, um Ermitério de Cónegos Regrantes de Santo Antão.

- A Comunidade de Religiosas Dominicanas, antes de virem para este novo mosteiro, estavam desde 1519 na Mouraria.

- As condições em que fizeram permuta com os Religiosos de Santo Antão, cujo contrato foi celebrado em 1538, foram explanadas no artigo dedicado ao citado mosteiro (Vd. acima, entrada para este mesmo templo, no reinado de D. Manuel: Igreja do Mosteiro de Nossa Senhora da Anunciada na Mouraria, §4).

2. VINDA DA COMUNIDADE: 1539

Por troca com a Casa em que habitavam alguns religiosos de Santo Antão, que era no mesmo local onde se estabeleceu este novo mosteiro da Anunciada – “nome que *como tão fermoso e bem estreado quiseram as religiosas levar consigo para o novo que haviam começar a habitar, que se principiou a chamar Mosteiro d’ Anunciada*” -, vieram as freiras na véspera da Ascensão de Cristo, do ano de 1539 (cf. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 330)^{LVII}.

Nessa tarde, “*com uma mui devota procissão que constava de trinta e uma religiosas ornadas todas de mui compostura e modéstia, entraram no novo Mosteiro, acompanhadas de mui grave e numerosa comunidade do convento de São Domingos; e chegando à porta do novo mosteiro, agradecidas à honra que tinham recebido dos seus religiosos, com uma modesta cortesia se despediram, entrando para dentro, para nunca saírem para fora*”

(*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 330)

3. COMO ENCONTRARAM A CASA...

“*E pondo os olhos no cómodo da casa, se acharam com mais provimento das virtudes que consigo levaram do que acharam comodidade para poder viver, porque sem agravo da*

^{LVII} Sobre o Mosteiro da Anunciada, e a fundação e vivência da irmandade dos pintores de Lisboa, dedicada a S. Lucas, aí sediada, ver a obra de Susana Varela Flor e Pedro Flor na bibliografia final (Flor e Flor, 2016).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

verdade se podia dizer que no mosteiro não havia mais que paredes velhas que ameaçavam ruína, e a mesma se podia recear dos tectos velhos das casas.

E a desconsolação que às religiosas causava verem o modo que achavam para sua vivenda, lhe crescia muito pondo olhos na igreja, casa de seu Celestial Esposo, tão indecente e mal composta que se lhe quebrava o coração de dor, sem poderem dissimular as saudades da habitação que tinham deixado, acrescentando-lhe a pena ver que o erro carecia de remédio.

Conhecia a Prioriza a razão que as súbditas tinham para a desconsolação que mostravam, confessando seu erro e engano porque dera casa feita e nova por uma que não tinha de bem mais que o sítio em que estava. Eram muitas as queixas das religiosas; e todas carregavam como costumam sobre a Prelada; mas ela, cheia de confiança na Divina Bondade e na promessa daquele Senhor que, tratando em primeiro lugar do que toca a seu serviço, nos não faltará tudo o que nos for necessário. E assim exortava os súbditos a que fossem mui pontuais no cumprimento das suas obrigações e que fiassem de Deus, que lhe não havia de faltar com o que lhe fosse necessário...”

(*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 330-331)

4. UM GRANDE BENFEITOR DESTA MOSTEIRO

Defronte do Mosteiro da Anunciada existia o palácio de Fernão Alvares de Andrada, fidalgo da casa de D. João III, descendente dos Condes d' Andrada, fidalgos da Galiza^{LVIII}. Estava viúvo de Dona Isabel de Paiva, falecida em 1530.

Como bom vizinho, rico e virtuoso, passados dois meses que tinha por vizinhas as religiosas, visitou a Prioriza, procurando saber como viviam e passavam; informado da pobreza em que viviam e edificado de espírito em que a sofriam, ofereceu-se à Prioriza para ajudar e servir o convento.

Não foi a oferta só cumprimento, pois, como pessoa virtuosa que era, desejava agradar a Deus; e para o fazer não lhe faltavam cabedais. Por isso, assistia ao Mosteiro com grossas esmolmas; e não só as fazia do seu, mas era cuidadoso em procurar e requerer outras de el-rei.

Além de acudir com sua fazenda para o sustento das religiosas, tomou a seu cuidado a fábrica do mosteiro, em que se levantaram dois dormitórios, onde se fez considerável despesa; e também as oficinas capazes para a morada de cinquenta religiosas. Fez-se também o tecto da igreja, que era antes de telha vã.

^{LVIII} António Caetano de Sousa em *História Genealógica da Casa Real Portuguesa...* (1738: vol. V, 150) esclarece-nos que Fernão Álvares de Andrade era fidalgo da Casa do Rei D. João III e de seu Conselho; escrivão da Fazenda e seu tesoureiro-mor; cavaleiro da Ordem de Cristo, padroeiro do priorado de Santa Maria de Aguiar e um dos fundadores do mosteiro da Anunciada em Lisboa, onde se fez sepultar na capela-mor. Foi um dos nobres que acompanhou a filha de D. Manuel, D. Isabel, a Espanha por ocasião do seu matrimónio com o Imperador Carlos V.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Foram tantas e tão grandiosas as esmolas que o mosteiro recebeu do referido seu bom vizinho, que a Prioriza Dona Brites de Menezes se deu por obrigada a doar a Fernão d'Alvares de Andrada a capela-mor da igreja. Para tanto solicitou a licença do rei D. João III, que a concedeu por um alvará, nos termos seguintes (alvará de 1542):

“Como Padroeyro que sou do Mosteyro da Anunciada, dou licença às Religiosas delle e a seo Vigario Geral Frey Christoval de Daluvena pera darem o uso da capella da sua igreja a Fernam Alveres de Andrada e a sua mulher Isabel de Payva, pera sua sepultura, e de seus descendentes, herdeyros e succesores, por querer fazer mercê ao ditto Fernam Alveres por justos respeytos, e principalmente tendo respeito às muytas esmolas e boas obras que elle tem feyto e cada dia faz ao ditto mosteyro e a estar reidificadoquasi de novo.”

(*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 331)

Efectivamente, aí foram sepultados, conforme se lia num epitáfio colocado sobre a campa, que depois passou a ser guardada no Museu Arqueológico do Carmo:

“Capella e sepultura de Fernão Alvares de Andrade do conselho de el-rei D. João III, descendente, em linha direita, da nobre geração dos condes de Andrade, da Galliza, fallecido em março de 1552 – e de D. Isabel de Paiva, sua mulher, que falleceu em maio de 1530 – e de seus descendentes.”

(Guimarães, 1873: vol. III, 150)

5. A IGREJA, E O SEU RECHEIO NO INÍCIO DO SÉCULO XVIII

As Religiosas dedicaram especial zelo em reparar com a maior brevidade a igreja, que (como dissemos) encontraram em muito mau estado.

Depois de forrarem o tecto, que estava em telha vã, continuaram melhorando a igreja, resolvendo fazer nela tanta obra de novo, que se pode dizer que a reedificaram, fazendo o tecto de abóbada com alguma pintura e cimalha de pedra. O tempo deste aumento era declarado numa letra entalhada sobre o frontispício da porta, que dizia assim:

*DEIPARA VIRGINI ANNUNTIATA DICATUM
ANNO DOMINI 1539. DENUO AMPLIFICATUM
ANNO DOMINI 1607*

(*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 331)

Nos finais do século XVIII acrescentaram nova perfeição à igreja, com um brutesco muito vário e agradável com que se pintou o tecto da igreja, ficando no meio dele uma formosa custódia com uma hóstia em sinal de devoção singular das religiosas ao venerável sacramento.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Uma religiosa tomou à sua conta o retábulo e tribuna da capela-mor, aplicando nessa obra a sua tença e algumas esmolas que adquiriu. Em 1707, a despesa atingia já 5 000 cruzados [2 000 contos de réis, na época], e ainda não estava dourada.

Outra religiosa mandou lavrar um sacrário de prata, que nesse ano de 1707 ainda não estava completo, mas já a despesa subira a 8 000 cruzados [= 3200 contos de réis da época], à custa de uma boa tença que tinha e do lucro de obras de suas mãos.

A capela-mor encerrava muitas peças de prata. Tais como: duas lâmpadas de grades, um rico frontal; uma banqueta da mesma matéria e feitio; um trono muito rico e uma custódia grande e dourada com um rico esplendor; um docel de tela, cuja guarnição era de prata batida com mais de um palmo de largura, assim como as sanefas. Ornavam o trono 28 castiçais de pé alto, e mais 6 nos presbitérios. O altar-mor tinha galletas, gamil, prata, turíbulo, naveta, estante, missal chapeado de prata dourada, evangelho e lavabo.

A igreja tinha 10 lâmpadas de prata a alumiar os altares, 2 frontais de prata nos altares colaterais, com sua sacra em cada um; 28 castiçais de prata nos altares; 2 vasos ou pixides; palio com varas de prata; pano de púlpito também de prata batida, etc.

Havia na igreja três irmandades: S. Jacinto, S. Lucas (dos pintores de arte), Santo António.

E ainda 5 mercieiras, com esmola anual de 30 mil réis cada uma, cuja obrigação era assistir na igreja a horas de missa, encomendando ao Senhor a fundadora das ditas mercearias que foi D. Joana de Noronha, filha mais velha do conde de Linhares D. Francisco de Noronha.

D. Joana de Noronha tinha 4 irmãs no Mosteiro. Transcreve-se o seguinte trecho (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 341):

“(...) D. Joanna de Noronha, filla mays velha do conde de Linhares D. Francisco de Noronha, à qual, se faltou a saude pera acompanhar como dezejava neste mosteyro a quatro irmãs que nelle se dedicaram ao serviço de Nosso Senhor, resolveram as deyxar na morte sem reparar em deyxar o enterro de seos nobelissimos pays que he a capella mor de Sam Bento de Enxobragas, que ella de novo edificou com grande magnificencia à custa de sua fazenda. E pera conseguir o dezejo que tinha de acompanhar a suas irmãs na sepultura, fez contracto com o mosteyro de que, dandolhe sepultura nelle, lhe daria cento e oytenta e tres mil rés de juro, dos quaes cento e sincoenta seriam pera as cinco mercieyras que ordenou houvesse na ditta igreja e o resto ficaria pera o convento, e que por sua morte e da do conde de Linhares, seo irmão, a Prioresa que fosse do mosteyro proveria as dittas merciarrias. E porque esta senhora foytam modesta que se contentou com ficar sepultada dentro do mosteyro sem determinar lugar algum, as Religiosas lho deram no coro de bayxo, fronteyro à janela que o coro e grade tem pera a igreja.”

Havia também nesta igreja 5 capelarias perpétuas para sacerdotes seculares, aos quais os padroeiros das capelas satisfaziam a esmola da missa.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

6. O INTERIOR DO MOSTEIRO. OBSERVÂNCIA RELIGIOSA. ACONTECIMENTOS NOTÁVEIS.

Deixamos em silêncio a descrição do interior do Mosteiro: Vd. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 341-343.

Igualmente deixamos mencionar alguns traços da observância religiosa e os costumes que introduziram no Mosteiro, apesar do muito interesse destes temas. E ainda alguns acontecimentos que afectaram a Comunidade (peste de 1559 e outras, invasão do Duque de Alva em 1580, a invasão da armada inglesa em 1589, etc.). Cf. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 332-338.

O Convento da Anunciada ocupava uma grande área, onde hoje estão construídas diversas propriedades e a igreja paroquial de S. José.

Era dos conventos mais estimados e considerados do reino, pela sua religiosa observância e pela devoção e magnificência com que celebrava os ofícios divinos.

Distinguiram-se algumas religiosas. Entre elas, sóror Antónia das Chagas, natural de Lisboa, pelas suas grandes virtudes († 19 de Janeiro de 1603, foi sepultada no coro de baixo); sóror Margarida de S. Paulo, que na vida civil se chamava D. Margarida de Noronha, filha do 2º conde de Linhares D. Francisco de Noronha: notável pela sua grande erudição, amor às artes, distinta em desenho e em pintura, boa conhecedora de música († 1636).

Em 1708 havia no Mosteiro 65 religiosas profetas de véu preto, 3 noviças, 5 educandas, 16 conversas, 5 escravas.

7. O TERRAMOTO DE 1755 †

O convento e a igreja da Anunciada foram arruinados com o terramoto de 1 de Novembro de 1755 e subsequente incêndio. Morreram nesta catástrofe dez religiosas.

As outras religiosas, tomadas de grande terror, vendo a violência do fogo que já próximo as ameaçava, resolveram que toda a comunidade saísse para uma horta contígua, chamada do Cardador.

Ali estiveram, até passarem para o Convento de Santa Joana.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE RELIGIOSOS DE SANTO ANTÃO, NA MOURARIA**

Século XVI: 1539 → 1542

1. ANTES DE 1539

Houve ali sucessivamente:

- uma mesquita de mouros, até 1496, ano em que D. Manuel expulsou os mouros.
- uma igreja dedicada a Nossa Senhora da Anunciada, onde foram instaladas as “Beatas da 3ª Ordem de S. Francisco”: 1515-1519.
- Em 1519, estabeleceu-se ali o Mosteiro de Nossa Senhora da Anunciada à Mouraria, de Religiosas Dominicanas (Vd. acima, entrada para este mesmo templo, no reinado de D. Manuel).

2. EM 1539

Sendo o local acanhado para as necessidades de ampliação do Mosteiro de Dominicanas em expansão, e para mais pouco saudável dado a sua exposição a Norte, as Freiras negociaram com os Cónegos Regrantes de Santo Antão, que possuíam Casa nas Portas de Santo Antão. Eles eram apenas dois!

A escritura de troca foi celebrada em 22 de Fevereiro de 1538 e confirmada a 7 de Junho do mesmo ano por Jerónimo Ricasas, Núncio Apostólico de Sua Santidade. A troca tinha também sido aprovada pelo Superior do Mosteiro de Santo Antão de Benespera, do qual a Casa de Lisboa dependia.

Na véspera da Ascensão de Cristo do ano de 1539, saíram de lá as Dominicanas. Entraram os dois religiosos de Santo Antão.

Levaram estes consigo o título de Santo Antão, que ficou a denominar a sua nova residência: sem prejuízo de deixarem o nome antigo do Santo Abade nas Portas de Santo Antão, título que ainda hoje perdura.

3. 1539 – 1542

A presença dos novos habitantes no cenóbio da Mouraria pouco mais rasto deixou, além do título de Santo Antão...

Em 1541 já não havia nenhum religioso desta congregação, nem nesse dito convento, nem da sua Ordem em todo o Portugal.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

4. 1542

Neste ano tomaram legítima posse da Casa os Padres da Companhia de Jesus, que aí instalaram uma residência e pouco depois (1552) um Colégio.

Vd. Igreja do Colégio de Santo Antão, ou Coleginho – 1552 – 1593.

5. EVOCAÇÃO: DE 1542 AOS NOSSOS DIAS

Foi muito vária a história desta casa. Já vimos o que foi antes de 1542. Depois dessa data, eis alguns tópicos:

- Colégio dos Jesuítas, de 1552 a 1593.
- Colégio dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, desde 1594 a 1833.
- Em 1833, Casa dos Padres Redentoristas.
- Em 1834, cedida à Irmandade de Nossa Senhora do Bom Despacho.
- Foi Quartel do 4º batalhão da Guarda Nacional de Lisboa; Tribunal; sede de Repartições civis e militares...
- Actualmente, desde 1950, é sede da paróquia de Nossa Senhora do Socorro.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DA RESIDÊNCIA DE SANTO ANTÃO, DOS JESUÍTAS E DO COLÉGIO DE SANTO ANTÃO CHAMADO O COLEGINHO**

Século XVI [1542-1552] → 1593

1. ANTECEDENTES

Existiu ali a mesquita moura, no arrabalde da Mouraria, até à expulsão dos mouros em 1496.

A mesquita foi transformada em igreja cristã, sob a invocação da Anunciação da Virgem (ou “Anunciada”). Primeiramente ocupada pelas Beatas da Terceira Ordem de S. Francisco, passou em 1519 para a posse das Dominicanas vindas do Mosteiro de Jesus de Aveiro.

Em 1538 as freiras permutaram com os Eremitas de Santo Antão: elas foram para as Portas de Santo Antão, levando consigo o nome do mosteiro, Anunciada; eles vieram para a Mouraria, trazendo o nome de Santo Antão.

2. RESIDÊNCIA INICIAL DOS PADRES JESUÍTAS: 1542

Os primeiros membros da Companhia de Jesus chegaram a Portugal em 1540, trazidos pelo embaixador D. Pedro Mascarenhas. Eram o Padre Simão Rodrigues, português, o Padre Clemente Carnerte, italiano, e o Padre Francisco Xavier, de Navarra. Ficaram hospedados no Hospital Real de Todos-os-Santos.

Francisco Xavier seguiu para a Índia. Em 5 de Janeiro de 1542, os membros da Companhia transferiram a sua residência para Santo Antão da Mouraria.

O convento de Santo Antão pertencia ao Religiosos de Santo Antão, desde 1538; mas achava-se em 1542 totalmente desocupado. Pertencia o dito convento ao de Santo Antão de Benespera que, reduzido a comenda, pertencia a D. Aloísio Pereira, bispo titular. As negociações levaram a que se trocasse o convento de Benespera pelo mosteiro de Cárquere, dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho (com que ficou muito beneficiado o comendatário). E os conventos de Santo Antão foram unidos à Companhia de Jesus (primeiro, por espaço de 100 anos, depois no ano de 1550 para sempre).

Desta forma, em 5 de Janeiro de 1542 começou a ter seu princípio a Residência de Santo Antão, que não só foi a primeira habitação que a Companhia teve no Reino de Portugal, mas depois da de Roma foi também a primeira que teve no mundo todo.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3. PRIMEIRO COLÉGIO DOS JESUÍTAS: O “COLEGINHO”, 1552 (OU 1553)

O crescimento da Companhia de Jesus levou rapidamente à necessidade de criar colégios. Inácio de Loiola recomendou (carta de 1 de Dezembro de 1551) a fundação de escolas públicas em Lisboa e Évora. Voltou a insistir por carta de 13 de Outubro de 1552.

No dia 1 de Outubro de 1552, abriram-se os primeiros estudos que neste Reino teve a Companhia. Começaram como uma classe Retórica, de que foi 1º mestre o Padre Cipriano Soares, de Toledo; a 2ª classe, de Humanidade, tinha como 1º mestre o Padre Pedro João Perpinham, valenciano; da 3ª classe, que era Gramática, era mestre o Padre Manuel Álvares. Havia ainda uma classe de Teologia Moral, de que era mestre Francisco Rodrigues, cujos ouvintes se afirma terem chegado a 400!

São um belo testemunho as palavras que Cristovão Rodrigues de Oliveira (ed. 1987: 64) dedica a este colégio, que dava então os primeiros passos:

“El-Rei D. João o terceiro deu o mosteiro de Santo Antão a esta irmandade, chamados Colegiais de Jesus. E os provê e dá cada um ano nove moios de trigo, lenha, água, físico, botica, e todo o mais necessário. E outrasmuitas esmolos que pessoas nobres lhes mandam, o que tudo vale 200 cruzados. Tem mais um peditório em todo o reino, que vale quinhentos cruzados; e um mosteiro unido, que vale setecentos cruzados.

Há neste colégio seis mestres que ensinam latinidade, sem por isso levarem nenhum prémio, onde aprendem e estudam quatro centos estudantes.

Há na igreja duas confrarias, uma de santo Antão, regida por atafoneiros, e outra de S. Sebastião governada por oleiros. Valem as esmolos destas confrarias oitenta cruzados.

Há neste colégio vinte cinco padres com os servidores.”

Em 1553 são lidas no Colégio de Santo Antão, na presença do Comissário Geral da Companhia para toda a Espanha, Padre Jerónimo Nadal, e do Provincial de Portugal Padre Diogo Meirão, as Constituições e Regras redigidas por Santo Inácio e recentemente aprovadas. É curioso sublinhar que os Jesuítas se opuseram a que a frequência do seu colégio fosse reservada aos filhos da nobreza e das pessoas distintas, com exclusão dos filhos do povo, como pretendia o vereador Francisco Correia, senhor de Belas.

4. A IGREJA DO COLÉGIO

Os jesuítas encontraram uma igreja pequena, mal ornada e pouco asseada. E, como pensaram que aquela instalação seria apenas provisória, também não efectuaram grandes transformações na igreja. Por isso, além de alguns traços quincentistas do período das freiras, as modificações aplicadas são do século XVII, posteriores aos jesuítas.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

5. A PARTIR DE 1593

Alguns anos decorridos, resolveu-se dar início a um novo colégio. Escolheu-se para sua implantação a área da colina contígua ao Campo do Curral, perto do local onde existia já o Convento de Sant'Ana.

A primeira pedra foi lançada em 11 de Março de 1579. As obras sofreram diversas contrariedades, de forma que a mudança do colégio só veio a efectuar-se em 8 de Novembro de 1593, para o que se ordenou uma procissão em que acompanharam o Santíssimo, não só os moradores do colégio velho que se mudaram para o novo, mas também todos os padres da Casa de S. Roque, e muita outra gente assim da nobreza como do povo da cidade.

O edifício do Colégio de Santo Antão-o-Velho foi em 1593 adquirido pelos Agostinhos do Convento da Graça.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ IGREJA DAS CHAGAS DE CRISTO (1ª)

Século XVI [1542] - † 1755

1. Antes de mais, evoca-se a devoção tradicional que em Portugal havia para com as chagas de Cristo: a ponto de elas figurarem nas armas do primeiro Rei de Portugal e ainda persistirem...

Um frade do Convento da Santíssima Trindade da Cidade de Lisboa, de seu nome Frei Diogo de Lisboa, varão de grandes virtudes e devotíssimo das chagas de Cristo, instituiu numa das capelas da igreja do dito convento uma irmandade composta somente de marítimos ou mareantes da carreira da Índia e das outras possessões portuguesas do Ultramar, com o título das mesmas Chagas do Senhor. Isto terá acontecido no ano de 1493.

Neste convento perseverou a irmandade por alguns anos, e se festejavam estes sagrados sinais de Nosso Redentor, com dispêndio e grandeza, alcançando avultadas esmolos dos numerosos devotos e dos seus confrades.

2. Alguns anos depois suscitaram-se desinteligências entre os religiosos trinitários e a confraria (“por algumas razões que os Irmãos tiveram de desconfiança com os religiosos, que deviam ser bem fundadas”, conforme diz o autor do *Santuário Mariano...*), e então o referido Frei Diogo de Jesus, que na altura já era ministro do Convento, sob o generalato do Padre Mestre Frei Teobaldo Molitor, resolveu-se a construir uma Casa própria para a confraria, onde sem dependência alguma pudessem servir a Nosso Senhor com a sua costumada devoção e fervor.

Para isto escolheu, para a parte do Ocidente da cidade, um lugar eminente sobre as ribeiras do Tejo, entre as paróquias de Nossa Senhora dos Mártires e de Santa Catarina do Monte Sinai. Este monte ficava em frente de outro, chamado de Belveder ou do Pico, onde pouco tempo depois, em 1557, a rainha D. Catarina, mulher de D. João III, iria erigir o templo de Santa Catarina do Monte Sinai.

3. Frei Diogo de Lisboa alcançou da Sé Apostólica um Breve, pelo qual o Sumo Pontífice o papa Paulo III, com a data de 18 de Março de 1541, tendo em atenção que os confrades da Irmandade dos Navegantes, instituída na cidade de Lisboa, por aumento e propagação da fé católica “se expõem e oferecem a contínuos perigos, trabalhos e vigílias para apartarem os mouros e outros maometanos e infieis que habitam junto ao mar Atlântico e Vermelho, e quase todo o Oceano, não só dos fins da Europa e comércio do mar, mas também das cidades, lugares e regiões, assim em África como na Ásia e Brasil, quarta parte do Mundo descoberto em nossos tempos, acrescentado ao império católico”; e desejando eles edificar em terreno próprio, no chão denominado Pico, extramuros de Lisboa, eminente ao mar, uma igreja à honra das Cinco Chagas.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

O Santo Padre aprovava e confirmava a instituição da dita Irmandade, e a construção da igreja, no dito chão, com campanário, sinos, cemitério, fonte baptismal e outras insígnias paroquiais; e também hospital, no qual os sacerdotes abrigados da pobreza e “os navegantes feridos e mutilados na guerra por causa das bombardas e outras máquinas bélicas” fossem caritativamente tratados.

Concedia igualmente o Papa que o capelão ou capelães pudessem ali, não só celebrar missa e outros ofícios divinos, mas também administrar aos mesmos irmãos, a suas mulheres e filhos de um e outro sexo, quaisquer sacramentos; e acompanhar à sepultura, com cruz e solene pompa, os cadáveres dos mesmos confrades, de suas mulheres e filhos, sem prejuízo do pároco em cuja paróquia falecessem, mas sem que fosse necessário requerer licença ao diocesano do lugar.

Acrescentava mais: que a dita igreja ficava sujeita directamente ao Romano Pontífice; e que as coisas concernentes ao regime da mesma irmandade, e esta mesma, fosse em tudo isenta de jurisdição do Ordinário, mas sujeita somente à jurisdição, domínio e superioridade da Sé Apostólica.

Estes privilégios foram confirmados e aclarados pelo papa Urbano VIII, em uma Bula datada de 23 de Outubro de 1623.

4. As obras da mesma igreja das Chagas avançaram com a maior celeridade; porque Frei Diogo de Lisboa não descansava, deseioso de ver completa a edificação, para poder transferir a confraria para casa própria sua^{LIX}.

Foi no ano de 1542 que se conseguiu terminar as obras. A transferência da Companhia efectuou-se no dia 30 de Novembro de 1542, com a maior pompa, saindo da igreja do Convento da Trindade uma grandiosa procissão, composta de oitocentos devotos, conduzindo andores riquíssimos, e acompanhados de música e de muito povo.

A. Carvalho da Costa diz que nesta igreja se disse a primeira missa no dia de Santo André (30 de Novembro) de 1542. O *Santuário Mariano* diz que no dia de Santo André do ano de 1542 foi sagrada a igreja; e que a primeira missa foi celebrada no seguinte anno de 1543, [após o que] se trasladou a ela a Irmandade.

Porém A. Carvalho da Costa acrescenta um dado precioso: “como consta de um lereiro que está [estava, em 1711] na porta principal desta igreja” (Costa, 1712: vol. III, 478).

É interessante referir que, quando as naus da Índia entravam no porto de Lisboa, os sinos desta igreja repicavam. A razão é por serem os Irmãos daquela Irmandade das Chagas, os homens que mareavam e governavam as ditas naus, aqueles que com suas esmolas assistiam aos gastos e despesas daquela Casa. Com tais sinais dos sinos mostravam quanto se alegravam com a chegada das naus!

^{LIX} Cf. Rodrigues, 1975: 22-23.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Lindo ritual. Não sabemos quando começou, nem até quando se conservou. Parece ter cessado o ritual pelos meados do século XIX (antes de 1883).

5. Em 1551, Cristóvão Rodrigues de Oliveira, no seu célebre *Sumário*, dá-nos a seguinte precisa notícia:

“A igreja das Chagas é igreja nova, está na freguesia dos Mártires, de fora dos muros no arrabalde. Foi fundada por homens do mar, pilotos e mestres da carreira da Índia. É casa mui venerada, de muitas esmolos e devoção. Tem um capelão quotidiano. E todas as segundas feiras, sextas, sábados e domingos [tem] missa cantada. E todas as festas de Nosso Senhor e de Nossa Senhora, e dias de guarda, e às sextas feiras da quaresma, [tem] missa solene e pregação. Tem este capelão de ordenado cada ano cinquenta cruzados. [= a cerca de 55 réis por dia]. Tem esta igreja pia de baptizar. E os confrades têm privilégio do Papa para baptizar seus filhos nela, e lhes ministrarem os sacramentos. E o capelão leva as ofertas. Há nesta casa pregador, a que dão sessenta cruzados. Nesta igreja se dizem por todo o ano cada dia trinta missas e mais, afora o quotidiano. E valerão as esmolos destas missas mil cruzados [= 400 000 réis]. Tem de gasto por ano passante de duzentos e cinquenta cruzados [= 100 000 réis]. E valerão as esmolos que vêm de fora do reino seiscentos e vinte e cinco cruzados [250 000 réis].”

(Oliveira, ed. 1987: 51).

Note-se que Cristóvão R. de Oliveira não considera esta igreja como paroquial, embora tenha (algumas) funções paroquiais. É extraordinário o número de missas por dia (30 e mais); e notáveis os rendimentos.

6. Ao mesmo tempo em que se reedificou a Igreja das Chagas, fundou-se juntamente a Capela da Senhora da Piedade. Ficava debaixo do altar-mor; para ela se descia por uma escada que ia para a dita capela da Senhora, e do outro lado outra escada que fazia serventia para o altar-mor. No meio ficava um arco de pedraria com grades, por onde se via a Senhora, sem descerem abaixo.

Nesta capela a Irmandade colocou uma imagem de Nossa Senhora da Piedade com seu Filho morto nos braços. Esta Senhora não tinha nenhuma Irmandade particular: mas tinha muitas devotas, que tomavam por sua conta serem suas mordomas para a festejarem, o que faziam com grande fervor e dispêndio, em 5 de Agosto. Tudo ficava a cargo da Irmandade das Chagas.

A dita capela era ricamente ornada com muitas peças de prata e boas lâmpadas do mesmo. A imagem da Senhora é pouco menor que a proporção natural; é de escultura de madeira e estava colocada num grande nicho prolongado com tribuna, fechado com ricas vidraças. Aos pés do Senhor ficava a Madalena, e do outro lado o Evangelista S. João.

Carlos Testa (1883: 10-11) diz que consta de um manuscrito antigo, que a tradição confirma, que a dita imagem de Nossa Senhora da Piedade fora mandada fazer na Índia pelo

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

vice-rei D. Constantino de Bragança [1528-1575] e que este consigo a conduziu para Lisboa na nau Chagas, que ele mandou construir; e que a dita imagem logo fora colocada no altar-mor da referida igreja, mal chegou a Lisboa¹². O regresso de D. Constantino de Bragança a Lisboa deu-se em 1561. A. Carvalho da Costa diz que a imagem de Nossa Senhora da Piedade “trouxe da Índia um António Pereira, mercador, natural de Lisboa”.

7. A igreja das Chagas (diz Costa, 1712: vol. III, 477) era de uma só nave, com três portas, uma para o sul, outra para o norte e outra para o poente. Tinha quatro capelas. Na capela-mor havia um sacrário, onde estava o Senhor Crucificado, Nossa Senhora e S. João Evangelista; da parte do evangelho as imagens de Santo André e Santa Catarina; do lado da epístola as imagens de S. Lourenço e Santa Luzia.

Debaixo da capela-mor estava a imagem de Nossa Senhora da Piedade, imagem de muita devoção, que trouxera da Índia o mercador António Pereira, natural de Lisboa.

As outras duas capelas eram: uma, da parte do evangelho, tendo as imagens de Nossa Senhora da Graça e S. José; da parte da epístola, as de Nossa Senhora da Salvação, Santo António e S. Pedro Gonçalves, em três nichos.

A igreja tinha uma boa torre, com relógio.

Embora não tivesse sumptuosidade de construção nem especiais belezas arquitectónicas, encerrava esta igreja grande riqueza em alfaias e paramentos, entre os quais figuravam alguns bordados e franjados de ouro, e muitas peças de prata riquíssimas.

O Padre João Baptista de Castro (1870: tomo III, 145-146) inclui esta igreja no elenco das “Igrejas Paroquiais dentro da Cidade”. Explica porquê. “Sem embargo de não ter esta freguesia território determinado, por ser somente própria para os homens marítimos da Carreira da Índia, e mais conquistas, contudo, como tem pia baptismal e goza das regalias paroquiais, a incluímos em o número das freguesias da cidade”.

Esclarece-nos ainda que, no seu tempo (séc. XVIII) era a Irmandade das Chagas “padroeira e administradora de todos os bens pertencentes a esta igreja, na qual tem cura, um tesoureiro, três capelães, cujo rendimento é incerto; pois se extrae de todos os que embarcam nas naus de el-rei, que fazem viagem para a Índia e Brasil, e também das esmolas que dão os fiéis à milagrosa imagem da Senhora com o título de Piedade, que se venerava em um altar por debaixo da capela-mor”.

¹² Testa (1883: 11) diz a propósito que “é certo o dizer Diogo do Couto (Década 7^a, capítulo 17) que aquele vice-rei [D. Constantino de Bragança] mandou naqueles estados construir à sua custa e defronte de seus paços uma nau de guerra, à qual pôs o nome de Chagas, pela veneração que a estas tinha, e na qual veio para o Reino, dobrando depois aquela nau muitas vezes”.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

As “peagens” que eram pagas pelas naus da carreira da Índia, e que não sabemos quando começaram, persistiram durante séculos. E tanto assim era, que ainda um alvará de 1 de Fevereiro de 1758, referendado pelo ministro Sebastião José de Carvalho e Mello (depois Marques de Pombal), que ordenava uma nova forma de despacho para dar livre passagem entre terras aos navios da carreira da América, Ásia e África, consignava “que entre os termos de pagamentos feitos, apresentassem aquele de ter pago a contribuição dita do marinheiro da Índia, para a Irmandade da Senhora da Piedade das Chagas de Cristo”.

E nas instituições respectivas e com relação aos navios da dita carreira, datadas de 17 de Março do mesmo ano [1758], e igualmente sob a rubrica do mesmo ministro, também vem determinado “que se deve averiguar a esmola à Igreja das Chagas, e pela qual deve pagar o capitão 800 réis, o mestre 400 réis, e o mesmo o piloto, e outro tanto o contramestre; os marinheiros, a 200; moços a 100 réis; fazendo-se de tudo uma soma, com que sai no livro debaixo do título de Esmola para a igreja da Nossa Senhora da Piedade das Chagas”. Isto vem referido por Testa, 1883: 10-11.

8. O terramoto de 1 de Novembro de 1755 foi fatal para este templo. “Ficou esta igreja não só arruinada com o terramoto, mas destruída totalmente com o fogo, que pelas duas horas da tarde daquele fatal dia do primeiro de Novembro a devorou: nela perderam a vida três mulheres, e um religioso xabregano, e ficaram outrasalgumas pessoas estropiadas. Perdeu a igreja os seus ornamentos, e a maior parte da sua prata; e nas ruínas da capela-mor ficaram as sagradas píxides, com o Sacramento, posto que dentro do Sacrário; e as venerandas imagens da Senhora da Piedade, do Senhor morto, de S. João Evangelista, e Santa Maria Madalena, que todos escaparam do incêndio”. (Castro, 1870: tomo III, 146)

9.

“Sossegado aquele susto por alguns dias, recorreu o cuidadoso pároco desta igreja à diligência de extrair daquela miserável ruína ao diviníssimo Sacramento, o qual achando-se intacto, e as demais imagens da capela-mor, foram conduzidos para o oratório da Quinta de Bento Gonçalves Forte, chamada a Quinta Nova, a Sete Rios, onde estiveram até 20 de Junho de 1756”.

“[Nesta data], disposta e erecta uma nova ermida de madeira e frontal, em o sítio dos Cardeais na Cotovia, se estabeleceu ali a paróquia, onde presentemente [1763] se acha, não se tendo feito mais reparo na antiga, que desentulhar-se e demolir-se algumas paredes que ameaçavam eminente ruína”

(Castro, 1870: tomo III, 146)

Mais tarde construiu-se [uma nova?] Igreja das Chagas.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **RECOLHIMENTO DAS PENITENTES DA PAIXÃO DE CRISTO****Século XVI [1543]**

Vindas de Roma, de visitar os lugares santos daquela cidade, duas senhoras devotas foram dar conta à Rainha D. Catarina do que tinham visto; e entre as coisas que as tinha edificado, referiram um recolhimento para mulheres arrependidas da sua má conduta que se queriam converter, emendar e fazer penitência.

O rei D. João III logo determinou fazer em Lisboa um recolhimento semelhante. E as ditas duas mulheres procuraram pela cidade mulheres que quisessem mudar a vida e melhorá-la com a penitência: e acharam 33 resolvidas a mudar de vida.

O Rei mandou chamar logo os religiosos da Companhia para cuidarem das ditas recolhidas; e as encomendou a dois cidadãos nobres da cidade, aos quais outros se juntaram, que fizeram o número de 72, os quais recolheram as ditas mulheres no Castelo da cidade, onde entraram em 14 de Maio de 1543. A confraria que velava pelas ditas convertidas chamava-se da Paixão de Cristo.

Para que o dito recolhimento fosse bem instituído e governado, ordenou el-rei que viessem do Convento de Celas, de Coimbra, três freiras professoras, cujos nomes eram D. Bernarda da Guerra, Joana Soares e Isabel Borges.

Durante três anos e meio, D. Bernarda, que era a Prelada, governou o recolhimento; e os Irmãos da Confraria da Paixão tinham cuidado de as prover do necessário, persistindo por tempo de três anos.

Mas quando foi em 1546, por ocasião de uma grande fome que houve, cansaram-se os Irmãos de continuar com a dita obra de caridade, entregando o cuidado que tinham do sustento das convertidas à piedade e grandeza de el-rei.

D. João III mandou tomar entrega delas a Frei João Soares, religioso de Santo Agostinho, que depois foi bispo de Coimbra, em cujas mãos professaram somente sete, porque as mais se arrependeram e tornaram para fora.

Depois mandou el-rei vir do Convento de Chelas a D. Filipa de Sousa, para que com sua muita religião e prudência governasse aquelas religiosas; e para a ajudarem lhe deu por companheiras duas viúvas, mulheres muito graves da cidade, que não foram freiras.

Nisto se estava em 1551, quando Cristóvão Rodrigues de Oliveira escreveu esta notícia:

“El-rei D. João o terceiro ordenou nesta cidade, de poucos anos a esta parte, com parecer de letrados, especialmente por frei João da ordem de santo Agostinho, que depois foi bispo de Coimbra, seu confessor, fazer um mosteiro da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, para mulheres erradas que nele quisessem viver em religião, em que logo em princípio houve muitas, e depois por doenças e enfermidades se saíram algumas. Há agora nele vinte e sete, da ordem de santo Agostinho, cuja regra guardam. El-Rei provê esta casa de todo o necessário, e lhe dá cada ano trinta moios de trigo, e duzentos

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

e cinquenta cruzados. Tem um capelão, que lhe diz missa e confessa. E um procurador da casa e escravos servidores”

(Oliveira, ed. 1987: 74-75).

Falecendo depois o bispo, se começaram a inquietar as mais que de novo tinham entrado no recolhimento, e alegando razões com que provavam ter sido nula a sua profissão e sendo julgadas por tal saíram para fora, ficando somente sete.

Sucedendo a morte de D. João III [1557], a prelada D. Filipa de Sousa foi em pessoa falar à Rainha D. Catarina, dizendo que uma vez que aquele recolhimento fora fundação de el-rei D. João, desse ordem para que passasse a ser Convento de Religiosas. Pareceu bem à Rainha, que pediu ao Geral de Santo Agostinho as tomasse debaixo de sua obediência: mas este escusou-se. O mesmo fez o Padre Geral de S. Domingos.

E porque no sítio de S. Bartolomeu, onde então já residiam, tinham pouca comodidade para sua habitação, a Rainha D. Catarina ordenou que no bairro de Santa Ana se desse princípio a um mosteiro, no sítio em que só havia uma ermida dedicada a Santa Ana.

Vd. Mosteiro de Santa Ana – 1561

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **MOSTEIRO OU RECOLHIMENTO DAS ÓRFÃS HONRADAS DA CIDADE****Século XVI [1543]**

Encontramos esta notícia em Cristóvão Rodrigues de Oliveira:

“No tempo que o dito rei ordenou o mosteiro das penitentes, que foi no ano de quinhentos e quarenta e três, ordenou também a casa do recolhimentos das órfãs honradas desta cidade. E de então para cá foram recolhidas muitas, das quais El-Rei tem muitas casadas, e outras mandou à Índia e ao Brasil, onde estão casadas. Esta casa é sujeita à das penitentes. E a esmola que El-Rei dá se parte por ambas. Tem um capelão, que lhe diz missa quotidiana”

(Oliveira, ed. 1987: 75)^{LX}.

^{LX} Pouco se sabe deste edifício que se situava junto do Castelo e de fundação de D. João III para órfãs de militares. Cf. Martins, 1961 e Lopes, 2010: 87-92.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES

Século XVI [1551?] → séc. XIX

É mencionada em 1552 por João Brandão de Buarcos (ed. 1989: 115). Estranhamente, não é referida por Cristóvão Rodrigues de Oliveira. Tal omissão em autor tão bem informado e metucioso insinua-nos a hipótese de a dita ermida datar precisamente do ano 1551; João Brandão, que escreveu pouco tempo depois, já teria tido conhecimento dela.

No *Santuário Mariano*, Frei Agostinho de Santa Maria (1707: vol. I, 406) fornece algumas informações:

“No Oratório dos Condes da Ilha, Francisco Carneiro e D. Eufrásia de Menezes, se guarda com muita veneração uma devota imagem de Nossa Senhora com o título dos Prazeres, a qual mandaram os Condes colocar em uma Ermida sua, que está junto da Ribeira de Alcântara, da circunvalação nova para dentro, e vizinha ao Palácio dos mesmos Condes, que antigamente fora Casa de Saúde. Com esta Santíssima Imagem tem o Povo de Lisboa uma grande devoção, e a vão visitar no Domingo e Segunda-Feira depois das Oitavas da Páscoa, que são os dias somente em que os Condes se privam da sua visita; porque passadoses a recolhem logo ao mesmo oratório; e a não ser assim, a visitara perpetuamente. Por devoção da mesma Senhora se mandou sepultar na sua Ermida o Padre Frei Lucas da Ressurreição, Ermita do meu Padre Santo Agostinho, que faleceu sendo mayoral, ou Enfermeiro-mor da Casa de Saúde, onde assistiu três anos em exímia caridade aos empestados no ano de 1599. É esta imagem de vestidos; sua estatura não chegará a dois palmos [=44 cm]”.

J. Baptista de Castro (1763: tomo III, 297), ao tratar da freguesia de Santa Isabel, menciona nela “Nossa Senhora dos Prazeres, na Quinta dos Condes da Ilha, junto à Ribeira de Alcântara, com quem o povo de Lisboa tem grande devoção”.

Por sua vez, Pinho Leal escreve:

“No lugar onde hoje existe este cemitério [refere-se ao dos Prazeres], foi a antiga Casa de Saúde (lazareto) que se estabeleceu nas terras da Ajuda em 1599, no anno chamado da ‘peste grande’. Havia aqui uma fonte, sobre a qual appareceu uma imagem da Virgem (pelo que se chamou ‘Fonte Santa’; e à imagem, Nossa Senhora dos Prazeres). Fez-se-lhe uma ermida (que hoje está dentro do cemitério). Os parochianos de Santos prometteram uma procissão annual a Nossa Senhora se desapparecesse o flagello da peste; e como foram ouvidos, teem até hoje cumprido o seu voto”

(Leal, 1874: vol. IV, 200)

Uma nota de *Elementos...* (Oliveira, 1885: vol. I, 475) permite talvez concluir que a Ermida já existia na altura da peste de 1569. Diz o erudito autor:

“O voto era a arca salvadora no meio d’estes cataclysmos[pestes]. Durante os horrores da epidemia, de que vamos tratando [1569], além do voto régio e da cidade fizeram-se ainda outros, mas sem carácter official. As religiosas do con-

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

vento do Salvador prometteram celebrar todos os annos uma solemne festa ao Santissimo Sacramento; e os parochianos da freguezia de Santos-o-Velho offereceram à Divindade uma procissão, tambem annual, que sahia da respectiva igreja parochial para a ermida de Nossa Senhora dos Prazeres, na segunda feiraimmediata ao domingo de Paschoella. Esta solemnidade deixou de se fazer desde o anno 1874, por ter sido transferida a imagem de Nossa Senhora dos Prazeres, que se venerava naquella ermida, para a referida igreja de Santos.

A transferencia effectuou-se a requerimento da camara, que muito bem entendeu dever pôr termo às irreverencias, que se praticavam no recinto do cemitério. Assim o fez sentir ao prelado, no requerimento que lhe dirigiu:

«As razões que determinam a câmara a solicitar permissão para a referida transferencia, são por certo bem conhecidas de v. em.^a .

A festividade annual que se costuma celebrar naquella capella no dia 13 (sic) de abril, e a procissão que no mesmo dia sae da igreja de Santos-o-Velho, e para ali se dirige, são causa de uma romaria assás concorrida, e a maxima parte d'essa multidão, invadindo o recinto do cemiterio, pratica muitas vezes actos que importam uma verdadeira profanação do respeito que se deve aos mortos.

Por outro lado é pouco proprio que na capella de um cemiterio se celebrem festas ruidosas, que vão perturbar a tranquillidade d'aquelle recinto, onde só officiosfunebres se devem ouvir.» - Archivo Municipal de Lisboa, anno de 1874, pag. 2119.

Em compensação dos encargos, que á irmandade do Santissimo e á junta da parochia de Santos-o-Velho trouxe o recebimento da dita imagem, e para a festividade que ali lhe continuam a celebrar annualmente, obrigou-se a camara a concorrer com certa esmola.”

Por ser curiosa, transcrevemos a Consulta da Câmara de Lisboa a el-rei, em Abril de 1625, onde se refere a Ermida de Nossa Senhora dos Prazeres.

“É tão grande o numero dos moços vadios, sem ordem nem occupação de vida, que se acham nesta cidade, assim naturaes como d'outras partes de fóra de todo o reino, que a ellavêem parar, que não foram bastantes os remédios que a camara d'antes usava, e pareceu que, pois a copia d'elles tem crescido e vae crescendo cada hora, e não menos a necessidade de os recolher e aproveitar – como em outros se faz para bom governo, e particularmente na corte de Madrid, na casa que chamam dos desamparados, em que estes moços aprendem differentes officios, e depois se aproveitam elles e a republica em seus ministerios, - occorria dar conta disto a V. Magde., e da determinação em que a cidade ajudará a este negocio, dando, para recolher estes moços, umas casas que tem muito capazes, que serviram de casa de saude no tempo da peste, que é uma quinta junto a S. Bento, na qual poderão, emquanto Deus nos livrar d'ella, aprender os officios que parecer, e também de artilheria e arte de marear, embarcando-os por marinheiros e grumetes; e sobre tudo ensinando-lhes a doutrina cristã e bons costumes, com um capelão que a cidade nomeará, e lhes dará a ermida de N.S.^a dos Prazeres, que é da mesma quinta; a qual quinta e casas custou á cidade duzentos mil réis de juro, que paga cada anno d'ella. E pois a camara ajuda esta obra com esta despeza, será razão que a mais que fôr necessária,

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

para sustentação dos ditos moços, mande V. Magde. dar ordem e favor para que se possa tirar, sem custo, da real fazenda, que parece poderia ser pelos modos seguintes:

«Vista a obra ser tão pia e necessaria, mandar V. Magde. escrever e encarregar aos arcebispos bispos do reino e seus cabidos que, das esmolos que hão de dar, applicuem cada anno a este seminario o que lhes parecer, e assim tambem a Universidade de Coimbra do que lhe sobeja das suas rendas, por quanto os moços que ali se sustentarem são do todo o reino, e assim fica a obrigação e districto de cada um dar-lhes para sustentação d'estes pobres e desamparados, pois com isto se atalha de se fazerem viciosos e malfeitores, e se crearem em bons costumes e na doutrina christã, que são também causas do fructo espiritual, a que não podem os prelados deixar de acudir, como d'elles se espera.

E também se offerecem outros meios: - que os desembargadores da casa da supplicação e julgadores de V. Magde. que, das condemnações que fazem, que applicam a obras pias, mande V. Magde. passar provisão para que as ditas condemnações se applicuem para este seminario.»

(transcrito em Oliveira, 1888: vol. III, 183-184)

O cemitério foi criado por decreto de 21 de Setembro de 1835.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ IGREJA DO COLÉGIO DA IRMANDADE DOS ÓRFÃOS DE JESUS OU SEMINÁRIO DOS MENINOS ÓRFÃOS DE JESUS

Século XVI [1549]

A Casa dos Meninos Órfãos teve início em 19 de Agosto de 1549. Foi seu fundador Pedro Domenec, catalão de nascimento e cónego da catedral de Barcelona e abade do mosteiro de cónegos regulares no bispado de Girona, e que foi muitos anos capelão da real capela de D. João III; dele se serviu D. João III, encomendando-lhe a agência em Roma do negócio da introdução do Santo Ofício em Portugal.

O dito cónego, movido de compaixão por ver os muitos moços de menor idade que se perdiam em Lisboa por falta de assistência, resolveu em 19 de Agosto de 1549 ir à Ribeira em que se vende o peixe, praça à qual costumam acorrer muitos rapazes que com o serviço que lhes permite a sua idade procuram ganhar alguma coisa com que se possam sustentar, e escolhendo dos muitos que achou destituídos de pai mas não de vivacidade, conhecendo que eram capazes de receber o ensino que lhes faltava, levou consigo para casa sete dos mais pobres e miseráveis.

Soube el-rei D. João III o caritativo intento do cónego Domenec, quis ajudar a obra, para a qual lhe mandou dar umas casas na rua da Mouraria, para morada sua e dos órfãos, as quais tinham bastante largueza de sítio, quer para nele se poder fabricar edifício, como para espaços de recreação.

Cristóvão Rodrigues de Oliveira (ed. 1987: 64-65) regista a seguinte notícia dois anos após o início desta obra:

“Esta irmandade e colégio dos Órfãos de Jesus há poucos anos que foi fundada por um padre catalão; foi feita para recolhimentos dos órfãos naturais e estrangeiros, e para lhe ser dado todo o bom ensino e doutrina cristã. Tem um conservador, pessoa nobre, e dois irmãos dos Colegiais de Jesus [= jesuítas], que os ensinam. Há nele cento e dez moços; os oitenta se mantêm de esmolas, e os trinta não são órfãos, somente seus pais e mães os mandam aprender e ensinar ao colégio, e vão comer a suas casas. Tem um peditório geral, que vale cada ano quinhentos cruzados; e assim hão muito trigo que pedem no tempo. E na cidade se lhes faz muita esmola, que valerá cem cruzados.”

O cónego Domenec aproximou muito os seus pupilos dos padres jesuítas, que tinham então a sua casa e colégio em Santo Antão, na Mouraria. E alguns Meninos Órfãos acompanharam os missionários jesuítas na Índia.

As fontes das receitas do Colégio eram, em primeiro lugar, as esmolas que procedem dos acompanhamentos dos defuntos, sendo poucos em Lisboa os enterros de gente honrada a quem não faça companhia a comunidade dos Meninos Órfãos, tendo-se respeito na esmola que se lhes dá à distância do lugar da casa do defunto à igreja onde vai a sepultar. Acrescia

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

o valor da cera. E o arcebispo de Lisboa D. Fernando lhes concedeu licença para pedirem esmola em todo o território da Diocese de Lisboa.

A igreja deste Colégio tinha a invocação de Nossa Senhora de Monserrate, santuário muito célebre no Principado da Catalunha, de onde era natural o referido cónego Pedro Domenec. Nessa igreja se celebravam diariamente duas missas, das quais diz uma o Padre Reitor e outra o Padre Mestre.

Para ter entrada no Colégio basta provar que não tem pai. A idade em que costumam entrar é de 10 ou 11 anos. A assistência que se lhes permite é por tempo de seis anos, nos quais sabendo já ler, escrever e contar suficientemente começam a estudar a língua latina, dando-se-lhes também lição de solfejo. Se algum desses moços tem pouco talento para as letras e se inclina para alguma arte mecânica, consentindo nisso sua mãe ou o parente debaixo de cuja protecção estava, facilmente se lhe concede sair do dito colégio para aprender a arte a que se aplicou^{LXI}.

Depois do terramoto de 1755, foi reedificado o Colégio.

Vd. Colégio dos Meninos Órfãos – após 1755

Bibliografia

História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa (1950-1972) – ed. de Durval Pires de LIMA. Vol. I. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 207-212.

^{LXI} Cf. Rocha, 2014: 173-183.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ ERMIDA DE SÃO JOSÉ D'ENTRE AS HORTAS OU SÃO JOSÉ DOS CARPINTEIROS

Século XVI [1546] → 1567

A origem desta ermida pode fazer-se remontar à

“bandeira do bem-aventurado Patriarca S. José, dos carpinteiros e pedreiros desta cidade, [que] teve regimento e compromisso em 24 de Agosto de 1501, confirmado por alvará régio de 26 de Abril de 1503. Faziam parte da bandeira os seguintes ofícios: pedreiros (que eram a cabeça); e, como anexos, canteiros, taapeiros, ladrilhadores, carpinteiros de casas, carpinteiros de moveis e samblagem, entalhadores, torneiros e violeiros. Reuniam no Hospital Real de Todos-os-Santos, onde faziam as suas eleições e tratavam dos assuntos do seu interesse. [...] A bandeira que tinha o gremio dos officiaes carpinteiros, pedreiros e anexos, quando foi extincta a Casa dos Vinte e Quatro, ainda existe, e costuma estar em exposição na igreja de S. José, no dia da festividade do santo, em 19 de março. Não sabemos se ainda haverá mais alguma. A de S. Chrispim e S. Chrispiano, que os sapateiros tinham na sua ermida, foi vendida ha annos, e dizem que era riquissima.

Os carpinteiros da rua das Arcas tambem tinham uma ermida, dedicada a S. Sebastião da Pedreira, junto ao sitio onde em 1642 se edificou, á custa do povo e de avultados donativos d'el-rei D. João IV, a igreja da mesma invocação. Este officio fazia os seus ajuntamentos na igreja de S. José.”

(In Oliveira, 1891: vol. V, 576)

1. A CONFRARIA DE SÃO JOSÉ

Em 1532 teve início na igreja de Santa Justa uma confraria de São José, de que eram irmãos os oficiais pedreiros, carpinteiros, e outros anexos à dita bandeira. Viram para logo dificuldades nas suas reuniões, por não possuírem em Santa Justa outro sítio senão o da sua capela, e determinaram fintar-se e comprar terreno para igreja própria. (cf. Costa, 1712: vol. III, 431-432).

2. A ERMIDA, EM 1546

Em 25 de Maio de 1545 ajustaram a aquisição de uma terra acima da Anunciada (recentemente, isto é, em 1539, assinalada com a implantação do mosteiro dominicano de freiras de N.^a S.^a da Anunciada, vindo da Mouraria), no risonho e aprazível vale de Andaluz.

Requereram em 6 de Julho desse mesmo ano de 1545 ao arcebispo de Lisboa – que então era D. Fernando de Vasconcelos e Menezes (1540-1564) – que despachou favoravelmente.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

E logo em 27 de Abril de 1546 “se mudou a imagem do dito santo com a sua confraria para uma ermida, que os mesmos confrades fundaram com o título de São José d’Entre as Hortas, na qual tinham um capelão para lhes dizer missa aos domingos e dias santos, a que eles assistiam com suas tochas” (cf. Costa, 1712: vol. III, 431).

Cristóvão Rodrigues de Oliveira (ed. 1987: 54) menciona esta “ermida de São José [que] está na freguesia de Santa Justa, [e que] tem confraria do mesmo santo. Valem as esmo-las sessenta cruzados.”

3. PASSA A PARÓQUIA, EM 1567

Anos depois, vindo o cardeal infante D. Henrique, sendo então arcebispo de Lisboa, o muito que padeciam “os moradores daqueles casais (...) pela falta dos sacramentos, por lhes ficar muito distante a freguesia”, com ausência da dita confraria erigiu em paróquia aquela ermida, desanexando de Santa Justa algumas geiras de terra. O documento da criação da freguesia é de 20 de Novembro de 1567.

Para a história posterior, Vd. Igreja paroquial de São José - 1567

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☪ IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO, DA AMEIXOEIRA

Século XVI [1545]

1. ANTECEDENTES

No lugar da Ameixoeira existia, talvez desde os fins do século XIII e princípios do século XIV, uma ermida com a invocação de Nossa Senhora do Funchal, estando a imagem da padroeira envolta numa lenda que fazia remontar o seu aparecimento dos tempos da conquista de Lisboa aos mouros (Vd. Ermida de Nossa Senhora do Funchal, sec. XIII/XIV). A dita ermida estava anexa à igreja de São João Baptista do Lumiar, que era da apresentação do Mosteiro de Odivelas.

2. PARÓQUIA AUTÓNOMA

Os moradores do lugar da Ameixoeira estavam dependentes da igreja matriz de S. João Baptista do Lumiar. Cansados de satisfazer as obrigações de fregueses desse igreja, pela grande distância em que ficava; e não podendo contribuir para as obras da mesma igreja a que os obrigavam; ou sofrendo mal que o prior e beneficiados do Lumiar viessem à igreja de Nossa Senhora do Funchal, como anexa sua, receber as muitas ofertas e esmolos que a ela vinham; ou, em suma, pelo desejo natural de autonomia: em tempo que na Corte do rei D. João III residia Marcos Vigerio de Rivere, Núncio em Portugal e legado *a Latere*, no ano de 1535 alcançaram os referidos moradores da Ameixoeira um Breve para que o capelão, que estava na igreja da Senhora, lhes administrasse os Sacramentos e que levantassem Pia Baptismal.

A igreja do Lumiar e o Mosteiro de Odivelas como donatário dela, vieram com embaraço, dizendo que em anos antecedentes se tinha aos da Ameixoeira malgrado semelhante súplica, e assim na presente ocasião se devia julgar, etc. (razões de facto muito débeis...). Não obstante isso, os da Ameixoeira levantaram Pia Baptismal e tomaram posse em 6 de Junho de 1536.

Por esta causa se moveram muitos pleitos entre a igreja do Lumiar e os moradores da Ameixoeira. Conseguiram estes segunda Bula no ano de 1539, mandada cumprir pelo Cardeal-Infante no ano de 1540. Impetraram terceira Bula em Roma ao papa Paulo III, no sétimo ano do seu pontificado; e depois alcançaram quarta Bula em 4 de Abril de 1541; e finalmente, em 16 de Outubro de 1541, tomaram segunda posse e ficaram isentos da freguesia do Lumiar; porém continuaram as demandas até ao ano de 1545. (Estes dados são-nos fornecidos por Américo Costa no seu *Dicionário...* (Costa, 1940: vol. VII).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3. A INVOCAÇÕES SUCESSIVAS DESTA IGREJA

A invocação de Nossa Senhora do Funchal ainda se conservava em 1580; em 1591 titulava-se a igreja de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal; e nos fins do mesmo século (1593) passou a denominar-se simplesmente igreja de Nossa Senhora da Encarnação do lugar da Ameixoeira.

Entre 1664 e 1685 esta igreja sofreu profundas obras de remodelação:

(Vd. Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Encarnação da Ameixoeira – 2ª)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA DE ALMAS DO PURGATÓRIO = FIÉIS DE DEUS OU NOSSA SENHORA DA AJUDA E SANTOS FIÉIS DE DEUS.

Século XVI [1551] →

Ainda subsiste, situada à esquina da Travessa dos fiéis de Deus (que vai da Rua das Gáveas até à Rua do Século) com a Rua dos Caetanos (que vai da Travessa das Mercês para a Travessa dos Inglesinhos), para onde tem a porta de entrada^{LXII}.

Nos seus princípios foi dedicada às Almas do Purgatório, com o título dos Fiéis de Deus. Foi fundada no ano de 1551 por Afonso Braz, ou por sua devoção, ou por obrigação de algum voto que teria feito. Assim o diz uma pedra metida na parede da mesma ermida, ao entrar da porta principal para dentro, à mão direita:

No anno de 1551 se edificou esta Capella das Almas do Purgatorio, & o Fundador della foy Affonso Braz, o qual pede huma Ave Maria. Faleceo a 29. deJaneyro de 1569.

Dispôs o fundador que em sua morte (que foi em 29 de Janeiro de 1569) [...] se dessem 2 500 réis, para que em todos os anos se dissessem cinquenta missas pelas Almas do Purgatório; e que, enquanto vivessem umas suas sobrinhas, fossem elas as administradoras da Ermida, e que por morte delas ficasse o padroado à Misericórdia de Lisboa.

No tempo em que se fundou a Ermida dos Fiéis de Deus, toda aquela zona era povoada de olivais; e assistia na Ermida um Ermitão, o qual tinha obrigação de recolher ali na sua casa todos os meninos perdidos, e tinha cuidado deles enquanto se não descobriam seus pais, e quando estes iam buscar aquela casa (onde não só em sufrágios se remediavam os defuntos, mas se recolhiam os meninos desencaminhados) e os achavam, agradeciam ao Ermitão o seu caritativo agasalho, e lhe davam ordinariamente um vintém, que naquele tempo com ele se comprava um alqueire de trigo. E assim alegres os levavam para suas casas”.

Neste mesmo tempo se congregaram algumas pessoas devotas da Rainha dos Anjos, Maria Santíssima, e lhe erigiram uma Confraternidade, e mandaram logo fazer uma imagem da Senhora; e para que ela ajudasse aos seus confrades, vivos e defuntos, lhe deram o título de Nossa Senhora da Ajuda.

E mandaram no mesmo tempo, ou pouco depois, suplicar à Sé Apostólica, que a sua nova Confraternidade fosse agregada à Arquiconfraria do Hospital do Espírito Santo, *in Saxia*, para que assim pudessem os seus irmãos participar das muitas graças e indulgências e privilégios, que lhe haviam concedido muitos Sumos Pontífices. Isto foi pelos anos de 1590, pouco mais ou menos, o que confirmou o papa Gregório XIV. Porque no ano de 1592 o aceitou Doutor Diogo Madeyra, Cónego da Sé de Lisboa, que

^{LXII} Ver também Santana e Sucena, 1994: 392.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

era o Juiz conservador da mesma Irmandade, o que fez dar à execução o Breve. E com estes interesses espirituais continuam fervorosos os irmãos em o serviço da Senhora”.

Entretanto veio a ser Juiz da Irmandade o bacharel Manoel Rodriguez Cabral. Este, morrendo, se mandou sepultar em a dita Ermida, no ano de 1632. E, por conhecer que a Ermida era pobre, tal como a Irmandade, lhe deixou por sua morte umas casas e uns cântaros de azeite, com outros legados que ainda se não descobriram e andam sonegados por se haverem perdido os papéis da Irmandade.

Na época em que os papéis se perderam, a ermida pertencia ao território da freguesia de Santa Catarina do Monte Sinay (posteriormente passou a pertencer à de N.ª S.ª das Mercês). E desavindo-se o Pároco com os Irmãos da Irmandade da Senhora, estes, para se defenderem, ajuntaram todos os seus documentos e papéis, até a mesma Bula da Agregação; mas, entrando depois outros irmãos, deixaram perder tudo e dispersaram-se os papéis com o testamento ou legados de Manoel Rodrigues Cabral. E assim ficou tudo às escuras, sem se saber de nada.

Maior confusão surgiu quando Bartolomeu Dias Ravasco pretendeu ser administrador da casa; o que facilmente alcançou, por ser irmão da Mesa da Misericórdia; e além disso, porque morava defronte da Ermida, também fiariam dele que cuidasse muito do aumento dela e do culto daquela milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Ajuda.

Os confrades não ficaram satisfeitos e assim impugnaram a nomeação de Ravasco como administrador, mostrando com algumas escrituras e mais documentos que ele não podia dasapossar ao outro que estava servindo, pois esse não havia cometido crime por onde o lançassem fora; mas antes merecia ser conservado pelo zelo e cuidado com que servia à Senhora.

Mas o referido Bartolomeu Dias Ravasco dispunha de poderosas influências e assim se opôs a tudo quanto os Irmãos alegavam (que aliás não dispunham dos documentos, perdidos).

Os Irmãos, face à força e violência do poderoso Ravasco, agarraram na Imagem da Senhora, juntamente com todas as peças e alfaias da Irmandade, e forma recolher-se na paróquia de Santa Catarina, freguesia a que ainda pertenciam, levando juntamente as propriedades e rendas de legados que tinham tido. A imagem ficou pois colocada em Santa Catarina, onde era venerada e festejada.

Porém, os moradores daquele sítio das proximidades da ermida ficaram muito sentidos por lhes levarem a sua Senhora da Ajuda. Uma parte deles congregaram-se e novamente trataram de reorganizar a primitiva confraternidade, à qual fora concedida por Gregório XIV a agregação à Arquiconfraria do Hospital do Espírito Santo, em Roma. Por isto, procuraram outra imagem de Nossa Senhora, e alcançaram-na dos religiosos do Mosteiro do Carmo, a qual era de roca e de vestidos, e a sua estatura era de quatro palmos e meio [cerca de 1 metro].

Esta nova imagem foi colocada na Ermida, no mesmo lugar onde estivera a primeira. E tanto que foi colocada, começou a obrar tantas e tão grandes maravilhas, que à fama delas começaram também a ser muito grandes os concursos do povo, e a serem também muitas as ofertas que à Senhora se faziam. Deram-lhe muitos e muito preciosos vestidos e outras peças, em acção de graças de favores que da sua liberalidade haviam recebido.

(Notícia em versão modernizada, extraída da obra Santa Maria, 1721: vol. VII, 26-29).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Vd. . > Ermida das Almas do Purgatório = Fiéis de Deus ou Nossa Senhora da Ajuda e Santos Fiéis de Deus - 2ª (1690 ss.)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☩ IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DA AJUDA

Século XVI [1551?] → † 1834

1. A ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA

Não sabemos desde que data existia a Ermida de Nossa Senhora da Ajuda, que tem na sua origem a lenda do aparecimento duma pequena imagem da Senhora com o Menino.

Andando um pastor a apascentar o gado, aconteceu entrar um dia numa gruta ali existente, e com o maior espanto viu uma imagem da Virgem metida entre as fendas da rocha. Maravilhado com a descoberta, apressou-se a participar o estranho caso aos outros pastores. A notícia divulgou-se logo, e a concorrência à gruta começou com toda a fé, tornando-se uma verdadeira romaria. Os devotos apregoavam por toda a parte os milagres da Virgem, a quem chamavam N.^a S.^a da Ajuda, e as esmola e as jóias trazidas pelos fiéis devotos acumulavam-se na gruta. Edificou-se então, com esses recursos, uma ermida no próprio sítio onde aparecera a imagem. Aumentando cada vez mais a concorrência dos devotos, conheceu-se a necessidade de estabelecer ali vendas e barracas, que mais tarde se transformaram em construções de alvenaria. Algumas pessoas edificaram casas nas vizinhanças da ermida, para poderem frequentar o santuário mais repetidas vezes; muitas, por sua morte, legaram ao culto da Senhora da Ajuda todos os seus bens. E tornando-se a ermida muito pequena para o movimento que se suscitara, resolveu-se fundar no mesmo local outra de muito maiores dimensões e de melhor arquitectura.

2. PARÓQUIA NOS MEADOS DO SÉCULO XVI

No segundo quartel do século XVI, a povoação teve grande incremento, dando-lhe o principal impulso a rainha Dona Catarina, que visitava amiudadas vezes a ermida e enriquecendo-a com valiosas prendas. Muitas pessoas da Corte seguiram o exemplo da Rainha, e desde então começaram os fidalgos a construir, naqueles lugares, casa de campo. O desenvolvimento da navegação e do comércio de Lisboa, assim como as obras do Mosteiro de Belém, tanto contribuíram para o progresso da povoação, que se tornou necessário criar uma paróquia própria.

Cristóvão Rodrigues de Oliveira (ed. 1987: 55), regista “a Ermida de Nossa Senhora da Ajuda” como “anexa à Sé”. Acrescenta que “tem um capelão, que tem de ordenado do cabido, com mais as esmolas e benesses, cem cruzados”. Diz ainda que “há nesta ermida um hospital, em que há uma casa para um ermitão que tem, com gasalhado para pobres a que os confrades dão cama, lume e água; e para isso tem um moio de trigo de renda”. A menção de estar anexa à Sé e de o capelão receber ordenado do Cabido, sugerem que o estatuto dessa ermida gozava de uma categoria pastoral muito especial.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Pela mesma época, ano de 1552, João Brandão de Buarcos inclui no elenco das igrejas paroquiais a igreja de Nossa Senhora da Ajuda.

Destes dados parece concluir-se que não era ainda paróquia em 1551, mas que teria sido erecta pouco depois do dito ano de 1551.

“Num termo lavrado no 1º livro de registo de baptizados, cujo primeiro foi em 5 de Janeiro de 1591, diz o cura que este já era o 5º ano do seu curado, que começou assim em 1586 ou 1587”¹³.

J. Baptista de Castro (1763: tomo III, 205-206) recolhe algumas informações que convém não desprezar:

“ 4 Não há no Cartorio desta egreja noticia da sua primeira origem, porque os mais antigos livros dos affentos dos bautizados difcorrem desde o anno de 1592, e já no de 1587 havia nella Irmandade, como bem se collige de huns paineis de azulejo, que ainda permanecem nas paredes da Igreja, onde se declara serem feitos no dito anno, e pertencerem hum à Irmandade de S. Vicente, outro à do Santo Nome de Jesus, outro à da Senhora da Ajuda, e a mefma inferência de antiguidade se póde fazer por algumas antigas sepulturas, que aqui se comservarõ.

5 No alpendre da Igreja, defronte da porta principal, esta hum monumento de pedra antiquissimo metido no vaõ da parede com suas columnas, e por detraz da dita sepultura forma hum painel de mármore, em que se vê gravado hum elmo, e huma espada com as letras abertas na mefma lapida, que dizem: Já fuy home, hoje saa terra.

6 Quando em 20 de Agosto de 1663 se tiraraõ desta Igreja as campas de pedra para se porem outras de taboas, o Padre Clemente de Seixas, Capellao de Nossa Senhora, teve a curiosidade louvavel de copiar em hum livro de quarto, que se comserva ainda no Cartorio, os letreiros, que estavaõ esculpidos nas ditas campas, onde entre outros se lê hum de humas epultura, que estava no alpendre desta Igreja, e dizia: Sepultura do Capitão Bartholomeu Ferraz de Andrade, Coronel que foy do Reino de Infantaria do esclarecido Rey D. Joaõ III., e de Ifabel de Oliveira sua mulher, e de seus descendentes, e herdeiros. 1550.

7 Em humas memorias m.f. que vimos do Desembargador Francisco Monteiro Leiria, extrahidas do Cartorio do Senado de Lisboa, donde era Vereador, encontrámos huma celebre petição feita ao Cabido de Lisboa aos 8 de Março de 1550, que declara, e serve muito ao intento, e he do teor seguinte: Diz bartholomeu Ferraz de Andrade, Coronel nestes Reinos de Portugal, que elle tinha vivido neste mundo mais do que esperava viver, no qual tempo que assim viveo, correo grande parte delle trabalhando por ganbar honra, e fama de suas obras, por ficar delle memoria aos que delle descendeßem: e como quer que sempre foy ajudado do Senhor Deos, e da Virgem Maria sua Madre, queria ordenar a casa, e morada donde havia morar para sempre, &c. O despacho do Cabido foy: Que havendo respeito à sua muita nobreza, e virtude lhe dá o jazigo dos alpendre de Nossa Senhora da Ajuda.

¹³ Cf. Silva, 1943: 48-49.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

8 Do referido se collige bem a antiguidade da Igreja; porém quanto à dignidade Paroquial, supomos que seria erecta pouco depois do anno de 1551, porque neste tempo, em que imprimio Christovaõ Rodrigues de Oliveira o Summario das cousas de Lisboa, ainda lhe não dava o titulo de Paroquia, mas fo de Ermida annexa à Sé.”

O terramoto de 1755, que destruiu Lisboa, pouco afectou esta igreja e freguesia.

Vd. A Igreja Paroquial da Ajuda, ao tempo do terramoto.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ IGREJA DE SÃO LUÍS DOS FRANCESES

Século XVI [Fundada em 1552...] →

Uma inscrição latina colocada sobre a porta diz o seguinte:

DIVO LVDOVICO REGIA GALLIS HAC HABITANTIBUS
CIVITATE DICATVM ANNO DOMINI 1552.
PERFECTVM AMPLIFICATVM Q 1622.

= Dedicado a São Luís pelos Franceses residentes nesta real cidade no ano do Senhor de 1552. Concluído e ampliado em 1622.

O Padre João Bautista de Castro (1763: tomo III, 289-290), porém, afirma que a Igreja de São Luís dos Franceses se começou a fazer no ano de 1563 e juntamente um hospital para agasalhar e curar os doentes pobres da sua nação, tendo-se concluído tudo em 1572, e dito a primeira missa na igreja em 25 de Agosto desse ano.

Não se excluem forçosamente estas indicações. A igreja terá sido fundada em 1552^{LXIII}. A confraria de S. Luís Rei de França, entretanto erecta, esteve sediada na Ermida de Nossa Senhora da Vitória no ano de 1558. Começou a construir-se a nova igreja de São Luís às Portas de Santo Antão em 1563, no local onde ainda existe. E ter-se-á concluído em 1572, juntamente com um hospital para recolher e tratar os doentes da nação francesa.

Em 20 de Agosto do mesmo ano de 1572, o arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida concedeu a licença para ali se celebrar missa, cerimónia que se efectuou pela primeira vez no dia 25 seguinte, dia em que a Igreja celebra S. Luís, rei de França.

A confraria e o seu capelão têm muitos privilégios concedidos pelo pontífice Paulo IV em 1561. A mesma confraria fez no ano de 1580 um contrato com o cozinheiro-mor da caldeiraria, Marcos Heitor, por este lhe fazer mercês dumas casas suas sitas defronte da mesma igreja, onde se fez o côro, com obrigação de lhe mandarem rezar cada semana uma missa por sua alma e pela de sua mulher, com outras mais cláusulas.

Para ficarem isentos da freguesia de São José, a que pertenciam, se contrataram com o Prior, então Nuno Cabral Camello, dando 600 réis cada ano (Vd. Pereira e Rodrigues, 1908: vol. IV, 315).

^{LXIII} De acordo com Nuno Daupias d'Alcochete (1958: 6 e ss), a construção do templo deverá remontar ao final da década de 50 do século XVI (1559): “*les officiers de cette Confrérie achetèrent un terrain et bâtirent leur église là où elle se trouve encore aujourd’hui. En même temps, le Roi de France et le Roi de Portugal leur permirent de percevoir un droit (le Droit de Saint Louis) sur chaque bateau marchand français faisant escale à Lisbonne, droit destiné à l’entretien de l’Église.*”

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Nos princípios do século XVII foram praticadas algumas modificações e ampliações.

Vd. Igreja de São Luís dos Franceses 2^a - 1622



Fig. 6 – Fachada da igreja de S. Luís dos Franceses no Beco de S. Luiz da Pena.
Cliché de Ed. Portugal (Castilho, 1967: vol. IV, 274).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

† A SÉ DE LISBOA V

Obras dos meados do século XVI

No governo do arcebispo D. Fernando de Meneses Coutinho e Vasconcelos (1540 a 1564) sabe-se que houve obras no coro (da capela-mor), no altar de S. Vicente, e a instalação de dois órgãos novos^{LXIV}. É possível que tivesse sido ainda neste século modificada a capela-mor, perdendo o seu aspecto gótico, e adquirindo a estrutura que conservou até aos nossos dias, já naturalmente sem a cúpula ogival de cantaria do tempo de D. Afonso IV (se é que a teve), e porventura com a cobertura de madeira, pouco elevada, que durou até ao terramoto de 1755^{LXV}.

^{LXIV} Sobre a actividade mecenática deste Arcebispo, ver Serrão, 1999: 261. Este autor chama a atenção para o facto de D. Fernando de Meneses Coutinho, enquanto Arcebispo de Lisboa, ter sido o responsável pela redacção da obra *Sumário em que brevemente se contem algumas cousas assim eccllesiasticas, como secullares, que há na cidade de Lisboa*, de 1551, pelo seu guarda-roupa Cristóvão Rodrigues de Oliveira, e que tem sido largamente citado ao longo deste livro.

^{LXV} Na capela-mor da Sé de Lisboa, o antigo retábulo de Nuno Gonçalves que remanesce parcialmente no Museu Nacional de Arte Antiga, vulgarmente apelidado de “Painéis”, foi descrito e apreciado no tempo de D. João III, entre outros por André de Resende (em *Vicentius Levita et Martyr* de 1545) e por Francisco de Holanda (*Da Pintura Antiga de 1548*). Sobre este último, importa referir que assevera a autoria do retábulo do mártir S. Vicente de Nuno Gonçalves, pintor régio de D. Afonso V. Cf. Flor, 2010a: 48-49.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA VITÓRIA

Século XVI [1556]

Esta ermida tem uma longa história. Fundada como ermida no século XVI, as suas raízes remontam a dois hospitais medievais.

1. Houve na zona que actualmente designamos por “Baixa” dois hospitais medievais.

a) O Hospital de Sant’Ana às fangas da farinha. Do qual diz Cristóvão Rodrigues de Oliveira (ed. 1987: 62):

“... é muito antigo, onde há sempre enfermos de enfermidades incuráveis. E afirma-se que há agora alguns doentes de vinte e trinta anos. Há nele duas enfermarias, uma por baixo com treze leitos, e outra por cima com doze. E tem cuidado da casa e curar os doentes uma enfermeira. E nas enfermarias de diz missa todos os dias; e, se faltam a Misericórdia lhas manda dizer, e provê estes enfermos de todo o território, e dá a cada um cada semana cem réis. O que vale cada ano 350 cruzados”.

b) O Hospital de Nossa Senhora das Virtudes, que ora se chama da Vitória, do qual diz o mesmo autor:

“... é antigo. Há sempre nele enfermos incuráveis. Tem duas enfermarias, uma por baixo, e outra por cima, com catorze leitos. E em cada uma há um altar, onde todos os dias se diz missa de devotos. E aos domingos lhe vem dizer do Hospital de Todos os Santos, donde são providos de todo o necessário, o que valerá 150 cruzados. Há neste hospital uma confraria da invocação de Nossa Senhora da Vitória. Os mordomos e confrades dela mandam nos navios peditórios, e os tem pelo reino, e arquetãs na cidade. O que valerá 500 cruzados”

(Oliveira, ed. 1987: 61-62).

Isto foi escrito cerca do ano 1551¹⁴. Nenhum destes dois hospitais tinha então ermida própria.

¹⁴ Veja-se também o que diz Brandão de Buarcos (ed. 1989: 126-127) sobre este tema: “No Poço do Chão, onde se chama Nossa Senhora da Vitória, tem outro hospital, onde tem oito leitos, onde tem hospitaleiro que tem cargo disso, aonde passam os enfermos desamparados que têm enfermidades incuráveis. A estes dá todos os dias doze rs para seu sustentamento, e camas em que dormem. E no sobrado estão outros tantos leitos para mulheres, os quais provêm da mesma maneira; e tem missa os dias santos e domingos. Tem outro hospital às Fangas da Farinha, que antigamente se chamava Hospital de Santana, onde também tem enfermos destes males [venéreos], que são incuráveis. Os quais provêm de cama e todo o necessário, e dão doze rs cada dia para seu mantimento. E tem missa aos domingos”.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

2. Ora, no Hospital de Sant'Ana – no antigo sítio das Fangas da Fanhas, ou Caldeiraria –, entre as enfermas recolhidas havia uma senhora idosa, cega, muito devota de Nossa Senhora. A qual, com esmolas que juntou, mandou fazer uma imagem, de roca, que foi colocada no altar do mesmo hospital, dando-lhe o título de Nossa Senhora da Vitória.

O povo começou a ter grande devoção pela imagem, fazendo-lhe sumptuosa festa, e instituindo nela uma confraria para perpetuar esta devoção. A confraria constituiu-se em irmandade com o seu compromisso, por escritura pública, em 1530.

Os irmãos desejavam que a Senhora tivesse casa própria. E, sabendo isto, uma senhora, da Ordem Terceira de S. Francisco, chamada Margarida Lourenço, que morava às Portas da Cruz em uma casa grande com uma boa quinta que ficava anexa, desejando possuir a dita imagem de Nossa Senhora, mandou oferecer à confraria a posse da sua propriedade e cerca, com a condição de se lhe fazer concluir uma ermida que ela havia começado, e trazer para ela a dita imagem de Nossa Senhora da Vitória (a que ela chamava da Conceição).

E tendo a confraria convencionado no ajuste, lavrou-se a escritura em 10 de Julho de 1536, nas notas do tabelião Gaspar Gonçalves, tendo esta doação efeito só por sua morte, e com a condição dos irmãos lhe mandarem fazer um ofício fúnebre todos os anos, no aniversário da sua morte.

As casas e quinta da referida Margarida Lourenço eram foreiras à Ordem de Malta, de que era então grão-prior o cardeal-infante D. Henrique, que negou licença para a fundação. Outros dizem que D. Henrique não negou esta licença, mas sim outra, que Margarida Lourenço lhe pediu primeiro, para construir naquelas mesmas casas e quinta uma igreja de Nossa Senhora da Consolação e um mosteiro de freiras anexo

Quando Margarida Lourenço estava prestes a expirar, notificou por testamento a doação que fizera à Senhora da Vitória, deixando-lhe ainda mais outras peças e propriedades; e de tudo tomou posse a irmandade.

3. Sendo grande a distância da Caldeiraria às casas doadas (nas Portas da Cruz), e sendo os irmãos da confraria oficiais de ofício que tinham os seus estabelecimentos na Caldeiraria, acrescentando além disso a dificuldade da licença para a conclusão da capela começada pela doadora, resolveram os ditos irmãos em 1545 fazer uma súplica ao papa, que então era Paulo III, para que lhes concedesse licença para venderem as casas e a quinta, e fazerem com o preço da venda outra igreja, junto ao Hospital de Sant'Ana, onde a imagem da Senhora continuava a estar.

O papa concedeu a licença pedida. No ano de 1550 venderam-se as casas; e com o preço da venda, juntamente com esmolas dos irmãos, compraram-se duas propriedades de casas junto do hospital.

Obtiveram permissão da administração do Hospital de Todos Os Santos para agregarem a si o Hospital de Sant'Ana, obrigando-se a sustentar as mulheres incuráveis deste, à custa dos rendimentos da Senhora da Vitória; e por morte destas, a conservarem sempre quatro mulheres pobres incuráveis.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

As rendas com que até então se sustentava o Hospital de Sant'Ana, foram incorporadas no Hospital de Todos os Santos. Os irmãos cumpriram sempre o prometido, à custa das rendas da Senhora da Vitória, suprindo em suas esmolas ao que faltava.

4. Tudo assim resolvido, tratou-se de edificar a igreja com o título de Nossa Senhora da Vitória, dando-se início à nova igreja em 1556.

Para ficarem isentos da freguesia de São Nicolau, a que pertenciam (e com cuja colegiada se esboçavam grandes pendências...), fizeram um contrato com o prior e beneficiados, por escritura pública, feita pelo tabelião Sebastião Rodrigues, notário apostólico, em 17 de Junho de 1556, pelo qual se obrigaram a dar-lhes todos os anos 3 mil réis, renunciando os priores e os beneficiados, por si e futuros, tudo o que pudessem haver da Senhora da Vitória, pelo que os irmãos ficaram livres para fazerem todas as suas festas, sem dependência da paróquia.

As obras prosseguiram com toda a regularidade, empregando os irmãos todos os seus esforços para que elas se activassem o mais possível.

A igreja concluiu-se com toda a magnificência, e sobre a porta principal colocou-se a seguinte inscrição:

“SANTO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DA VICTORIA
EDIFICADO AOS 6 DIAS DO MEZ DE AGOSTO, ANNO
DE 1556. EM TEMPO DO MUITO PODEROSO REI
D. JOÃO III DESTE NOME.”

A irmandade adornou a igreja com retábulos e pinturas, e outras muito custosas alfaias, cálices, custódia e outras peças de prata.

Instituíram-se capelas pelos irmãos e por outras pessoas nobres, particulares; pelo que se diziam aqui muitas missas, pelos seus capelães e por outros muitos clérigos seculares e regulares.

Tinham vários capelães, presididos pelo capelão-mor, que celebravam em todos os sábados do ano missas cantadas, com acompanhamentos de órgão em todas as festas da Virgem, qualquer que fosse a sua invocação.

(Notícias em versão modernizada, extraídas de Santa Maria, 1707: vol. I, 175-184).

5. Em 20 de Dezembro de 1595 fez-se um novo compromisso, que revogava ou modificava alguns dos artigos do primeiro. Nele se determinava que a festa principal fosse a 8 de Setembro, dia da Natividade de Nossa Senhora; que se fizesse a 2 de Setembro a festa da Purificação de Nossa Senhora, em memória de se ter instituído a irmandade nestes dias do ano de 1530.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Também se estabeleceu que se celebrassem todas as festas da Semana Santa, desde o Domingo de Ramos até ao Domingo de Páscoa; e também a festa do Natal, para o que se construiu um bonito presépio.

O Hospital deixara de se chamar Hospital de Sant'Ana, ficando com a designação de Hospital de Nossa Senhora da Vitória.

O hospital e a confraria continuaram a ser administrados por um provedor, um escrivão, um tesoureiro, um procurador, e mais nove irmãos tirados à sorte.

Os irmãos gozavam de muitos privilégios, graças a indulgências, porque no ano de 1561 se agregaram ao hospital de *Sancti Spiritus* in Saxia, de Roma, disfrutando por isso de todas as prerrogativas, graças aos privilégios, do hospital romano, por Bula pontifícia expedida pelo papa Inocêncio XII. Pagava-se todos os anos ao Hospital de Roma dois escudos em oiro [=180 réis], em sinal de sujeição e reconhecimento.

6. Por mais de uma vez a Ermida de Nossa Senhora da Vitória albergou paróquias vizinhas, em dificuldades. Assim, desde 1616 até 8 de Agosto de 1627, foi sede da paróquia de S. Nicolau; desde 1682 até 13 de Setembro de 1699, foi sede da paróquia da Conceição Nova; e de novo em 1707 foi sede da paróquia de S. Nicolau, enquanto duraram umas obres que se fizeram na igreja paroquial.

Entre as muitas relíquias que existiam nesta ermida, menciona-se uma relíquia do mártir São Jorge dentro de um relicário de prata, oferta de Dona Joana Vaz, que foi dama da infanta D. Maria (filha do rei D. Manuel) e depois da Rainha D. Catarina (mulher de D. João III). D. Joana Vaz fez-se tributária de Nossa Senhora. A relíquia fazia parte dos ornatos da capela dos Cunhas.

A concorrência e a devoção eram sempre intensas. Mas muito aumentou a devoção para com a Senhora Vitória, quando depois da Restauração de Portugal em 1640, os espanhóis tentaram reconquistar este nosso país. O general castelhano D. João de Austria entrou em Portugal em 1663, tomou a praça de Elvas, invadiu o Alentejo com um poderoso exército, tomou a cidade de Évora em 22 de Maio, e dali veio até Setúbal, deixando já para trás a grande massa do exército português. O povo de Lisboa, muito aflito, corria às igrejas pedindo vitória contra os castelhanos, fizeram-se muitas procissões públicas, com imagens tidas por mais milagrosas; a irmandade de Nossa Senhora da Vitória também saiu com a sua imagem em devota procissão, num riquíssimo andor, pelas ruas da cidade. Ao recolher à igreja, recebeu-se a alegre notícia de que o Conde de Vila Flor, D. Sancho Manoel, alcançara grande vitória na batalha do Ameixial (a 5 km de Estremoz), em 8 de Junho, de cujo renhido combate resultou a completa e definitiva derrota dos Espanhóis (4000 mortos e mais de 6000 prisioneiros, e os restantes lançados em desesperada fuga).

O rei D. Afonso VI atribuiu este facto à protecção de Nossa Senhora da Vitória, pelo que se constituiu seu feudatário, oferecendo-lhe logo quatro arrobas de cera, e obrigando-se a continuar todos os anos com igual oferta, que passou aos seus sucessores.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Na ermida havia também o altar de Nossa Senhora da Lembrança, fundada por um devoto, que aqui instituiu uma capelanía. Eram os caldeireiros que lhe faziam a festa e tratavam do altar.

Regista-se ainda que em 1596, quando António Simões começara a edificar a Igreja da Penha de França, fez-se colocar nesta igreja a imagem da dita Senhora da Penha de França, que regressou para a sua igreja, com grande aparato, no dia 10 de Maio de 1598.

7. O terramoto de Novembro de 1755 arruinou muito a igreja. E depois com o incêndio e o novo plano da cidade, totalmente se extinguiu.

A confraria principiou logo a reedificação de uma nova ermida, no sítio onde actualmente se encontra, edificada num prédio que faz 3 frentes; a da rua do Crucifixo, cujo terreno foi doado por João Pedro Isidoro de Mello, para ali se edificar o novo hospital de Nossa Senhora da Vitória, com tribuna para a igreja; na travessa da Vitória (hoje Rua da Vitória), a frente da igreja; e para a Rua do Ouro, parte da igreja e casas para inquilinos, com nove janelas de frente.

Por muitos anos esta ermida se conservou em obras. Só pelos anos de 1824 se concluiu a igreja com a decência permitida pela exiguidade do espaço.

A reedificação foi feita à custa da extinta Irmandade de Nossa Senhora da Vitória, da qual é sucessora legal a Irmandade do Santíssimo Sacramento, erecta da dita ermida, e sua actual proprietária.

Bibliografia:

OLIVEIRA, Cristovao Rodrigues de – *Lisboa em 1551. Sumário*. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.

BRANDÃO (DE BUARCOS), João – *Tratado da Majestade, Grandeza e Abastança da Cidade de Lisboa na Segunda Metade do Século XVI*. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dosprêgadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Vol. I. Lisboa, Officina de Antonio Pedrozo Galrão, 1707, pp. 175-224.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉→♂ **ERMIDA DE SANTA CATARINA DO MONTE SINAI NO PICO DE BELVER**

Século XVI [1557] → 1572

1. TRANSFERÊNCIA DA CONFRARIA

Reinando em Portugal o rei D. João III, foi fundada uma ermida na eminência de um monte chamado antigamente Pico de Belver [isto é, da Bela Vista]^{LXVI}. Deveu-se à devoção d'el Rei, e especialmente da Rainha Dona Catarina. Certamente teve influência no caso da devoção onomástica da Rainha.

A ermida foi dedicada a Santa Catarina do Monte Sinai. O inciso “do Monte Sinai”, não é devido ao monte sobre o qual se construiu, já que até então era apenas conhecido por monte de Belver: a razão é que, segundo a tradição hagiográfica, Santa Catarina, depois de martirizada em Alexandria nos começos do século IV (310?), sob o imperador Maxêncio, foi levada pelos anjos para o bíblico Monte Sinai, na Arábia, onde o seu corpo ficou depositado.

Antes, ou seja, desde 1460, existia em São Jorge de Ribamar – onde actualmente é o Dafundo – uma confraria de Santa Catarina do Monte Sinai, criada no Convento de Santa Catarina de Ribamar pelo infante D. Pedro, condestável de Portugal e filho do Infante D. Pedro. O alvará que aprovou o primeiro Compromisso fora assinado pelo rei D. Afonso V em 1 de Outubro de 1461.

Vendo que, pela distância em que se achava a Confraria de Santa Catarina do Monte Sinai, o culto de Santa Catarina ia arrefecendo e a confraria estava próxima da sua ruína, a Rainha determinou de a reorganizar, levantando casa apropriada em Lisboa.

O sítio, àquele tempo fora de portas, pouco menos era que ermo. Quintas, moinhos, davam àquela encosta da cidade um aspecto completamente campesino. Quase tudo era propriedade dos Andrades, os opulentos senhores de Vila Nova de Andrade, que aforaram grande parte dos terrenos.” (cf. Viterbo, 1988: 202-216)^{LXVII}.

2. COMPRA DOS TERRENOS

Aos quatro dias de Maio de 1557, na Caldeiraria, ao Poço dos Namorados, pousadas do Sr. Simão Guedes, estando ali presentes Nicolau Botor, mercador, e sua mulher Joana Fernandes, moradores da Rua dos Mercadores, fez-se contrato de venda, por parte do dito Nicolau Botor, de uma porção de terreno sito nas herdades de Vila Nova de Andrade e da Boa Vista, de que era senhorio Paulo de Pina, filho e herdeiro de D. Isabel de Andrade, do qual tinham

^{LXVI} Pico ou Alto: no alto ou cabeço ou cômora (combro) de Belver, ou Boa Vista.

^{LXVII} Sobre esta área urbana, ver de Hélder Carita o mais recente trabalho (2012c: 17-29).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

licença para efectuar a venda. Compreendia quatro chãos e meio, os quais partiam entre o norte em chãos de Miguel de Valladoro, do levante com rua da Boavista (hoje rua Marechal Saldanha) e confrontavam com herdade da Sé, da parte do sul com as Barrocas, e do poente com chão que foi de João de Pina (hoje, Travessa de Santa Catarina). Havia mais um pedaço de terra, tendo de comprido, pela parte dos ditos chãos, vinte braças de craveira, pela parte do sul ao longo das Barrocas dezassete braças e quarta; pela parte do poente partiam com a rua de Boaventura e da parte do norte com chão de Tilmão.

“O foro pago por Nicolau Botor era de cento e cinquenta reais em dinheiro, e duas galinhas e meia. O preço da venda foi vinte e cinco mil reais, em moedas de ouro, sendo o dinheiro dado por João Rodrigues, tesoureiro da confraria e obras, em nome da Rainha que adquiria o terreno para ali mandar construir uma casa e igreja para Santa Catarina.

No dia 11 do mesmo mês e ano [11 de Maio de 1557], na residência de Paulo de Pina, na Rua Direita de Nossa Senhora do Loreto, fora da porta de Santa Catarina, celebrou-se outra escritura, em que o dito Paulo de Pina declarava que a vintena que havia de haver na dita venda, como direito senhorio, a quitava livremente à rainha, atendendo ao fim a que eram destinados os terrenos, fazendo doação do mesmo foro.

A estas escrituras foi acostada a licença de Francisco Alvares de Atouguia, a quem o senhorio das ditas herdades pagava o dizimo dos foros, dando toda a licença à rainha para tomar livremente posse de qualquer chão em Vila Nova de Andrade, na terra de Boa Vista, ou em qualquer parte que prouvesse a sua alteza”.

(Vd. Viterbo, 1904: vol. II, 204-205)

3. CONSTRUÇÃO DA ERMIDA

A ermida, ou igreja, principiou a fazer-se no dia 27 de Maio de 1557, dando a primeira enxadada nos alicerces, em nome da Rainha, o Sr. Simão Guedes, vedor da Casa da Rainha, fidalgo da Casa Real e do seu conselho, e que era o juiz da Confraria dos Livreiros. Ainda era vivo o rei D. João III, que veio a falecer inesperadamente 15 dias depois, em 11 de Junho.

Assumindo a Regência do Reino em nome do seu neto o rei D. Sebastião, Dona Catarina deve ter dado um impulso enérgico à construção: tão grande foi a pressa, que no dia 25 de Novembro desse mesmo ano de 1557 o fidalgo animador, Simão Guedes, conseguiu realizar a solenidade litúrgica inicial, celebrando-se missa na igreja ainda em obras. Esse dia era aliás o da festa de Santa Catarina do Monte Sinai.

Foi a Rainha coadjuvada e instigada pelo Padre Frei Miguel de Valença, da Ordem de São Jerónimo; por alguns criados de sua Casa, e também pelo Desembargador Manuel de Almeida, fidalgo da Casa Real, Corregedor do Crime e Juíz da Índia e Mina e da Guiné; por Álvaro Lopes, tesoureiro da Rainha; e sobretudo pelo livreiro Salvador Martel, que se mostrou um dos mais fervorosos em agenciar esmolas e no andamento das obras. Salvador Martel tinha o cargo de “livreiro de El-Rei” e foi tesoureiro da Confraria. Valendo-se dessas duas funções, obteve que a Rainha dessa à Irmandade casa, pratos, paramentos, alfaias, e além de tudo o mais o padroado da igreja (Vd. Castilho, 1955: vol. II, 293-294).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

O referido Salvador Martel faleceu em 1582; e foi então oferecido ao filho, Luiz Martel, uma capela da igreja para jazigo do pai.

4. DOAÇÃO DA IGREJA AOS LIVREIROS DE LISBOA

Não sabemos bem quais as circunstâncias em que Santa Catarina foi escolhida para padroeira dos livreiros. Mas entende-se por quê. A Santa simbolizava a sabedoria, em virtude da lenda que dizia ter confundido os sábios de Alexandria, convocados para debater com ela e a vencerem; daí ser protectora dos filósofos cristãos, oradores, advogados, estudantes, etc., ou seja dos cultores da vida intelectual e seus ofícios. Os livreiros, com seu ofício e na sua corporação orgânica, andavam ligados ao livro e à finalidade cultural por ele desempenhada. Por isso, a Corporação dos Livreiros ficou ligada a Santa Catarina: daí, a Confraria da Irmandade de Santa Catarina da Corporação dos Livreiros.

Pessoas ligadas à corporação dos livreiros estiveram envolvidas no projecto de edificação da ermida. Assim (como vimos) João Rodrigues, tesoureiro da confraria, foi ele que em nome da Rainha entregou os 25 mil reais da compra do terreno; Simão Guedes, juiz da confraria dos Livreiros, que parece dirigia as obras e organizou a inauguração solene da igreja; Salvador Martel, que era livreiro de El-Rei e tesoureiro da Confraria...

A Rainha possuía o real padroado da dita igreja de Santa Catarina. Ela fez mercê do Padroado, a súplicas do Livreiro da Casa Real, à Corporação dos Livreiros, que em 25 de Agosto de 1567 recebeu novo Compromisso, assinado pelo Cardeal D. Henrique, então regente do Reino. Mas com a obrigação de servir sempre de juiz um fidalgo de primeira grandeza (cf. Castro, 1763: tomo III, 239).

5. CRIAÇÃO DA PARÓQUIA DE SANTA CATARINA

A ermida já estaria concluída em 1560. Mas, não contente a Rainha em edificar a ermida de Santa Catarina, que ficava dependente da paróquia do Loreto, a dita Rainha, sendo já viúva e governadora do Reino na menoridade de seu neto D. Sebastião, resolveu transformá-la em paróquia.

Com este fim, celebrou-se a 29 de Maio de 1559 um acordo entre os membros da Confraria e o Cabido da Sé, em virtude do qual se estipularam as condições que presidiriam à erecção da nova paróquia.

Os confrades elegeriam todos os anos um cura, que não seria frade nem religioso de qualquer ordem, mas sim clérigo secular. Depois de eleito, seria apresentado ao cabido, sendo obrigado a tirar todos os anos a sua carta de cura. Não poderia ser despedido sem que fossem notificados ao cabido os motivos de tal procedimento. A nova freguesia seria formada à custa da dos Mártires e Loreto, sendo a sua área limitada desta maneira:

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Começava pela rua acima onde estava a bica das casas de Duarte Bello [hoje: Calçada da Bica Grande] até ir ter no alto da rua à entrada da outra rua larga, que ia ter ao Terreiro das Chagas [hoje: Travessa do Sequeiro]; tomava ambas as ruas de uma e de outra banda, e daí virava à esquerda pela rua que ia direito às casas de Fernão de Alvares da Cunha e de Jorge de Lima [Rua das Chagas]; subia a rua direita que vinha do Loreto à Calçada do Congro [Rua do Loreto], sendo nesta parte só da banda esquerda, onde estavam as casas de Fernão de Álvares da Cunha, que entravam nela assim como todas as daquele lado até à dita rua direita; daí corria sobre a Calçada do Congro, sobre a mão esquerda até chegar à cruz que estava defronte do mosteiro de Nossa Senhora da Esperança. Entrava toda a casa do Duque de Aveiro até ao mar e daí tomava pela praia até terminar na bica das casas de Duarte Bello.

A freguesia devia considerar-se constituída a partir do 1º de Janeiro de 1560, e por este contrato ficava pagando a confraria meia arroba de cera anualmente (Vd. Viterbo, 1904: vol. II, 205-206).

6. REEDIFICAÇÃO DUMA NOVA IGREJA

Esta igreja edificada primitivamente na herdade da Boa Vista era de acanhadas proporções e apressada construção. Depressa se viu que urgia substituí-la por um novo templo. No ano da sua construção ainda dominava o estilo modernamente conhecido pelo nome de “manuelino”; no último quartel do século passou a ser dominante o estilo clássico, a que Francisco de Holanda dava total apoio.

Vd. Igreja Paroquial de Santa Catarina do Monte Sinai (1572).

Bibliografia

CHAVES, Luís – “Santa Catarina de Lisboa no culto e na toponímia citadina”. *Olisipo*, 115/116 (1966), pp. 117-127.

CASTRO, Padre Joao Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763, pp. 238-240

CASTILHO, Julio de – *Lisboa Antiga. Primeira parte. O Bairro Alto*. 3ª edição revista e anotada por Gustavo Matos SEQUEIRA. Vol. II. Lisboa: Oficinas Gráficas da Câmara Municipal de Lisboa, 1955, pp. 293-294.

COSTA, Pe. António Carvalho da (1712) – *Corografia Portuguesa e Descrição Topografica do Famoso Reyno de Portugal*. Vol. III. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes.

VITERBO, F. Sousa – *Diccionario Historico e Documental dos Architectos e Engenheiros e Constructores Portuguezes*. Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904, p. 204.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

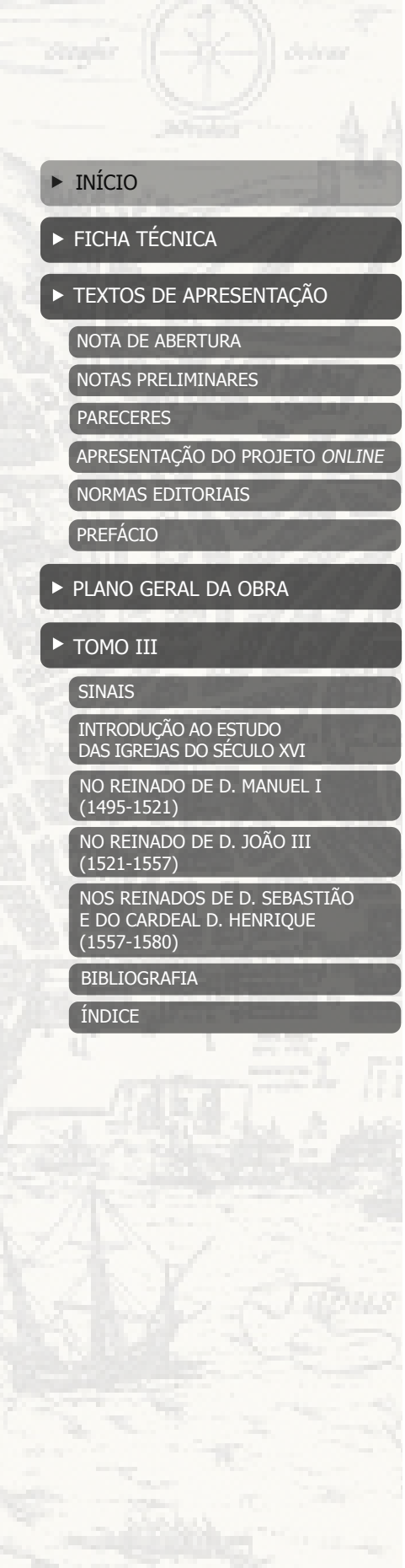
BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



Fig. 7 – Pormenor da Vista de Lisboa na 2ª metade do séc. XVI (Braunio, 1598). Em destaque, a Igreja de Santa Catarina (115)

NB: Embora a gravura tenha sido publicada em 1598, a cidade nela representada remonta ao ano de c.1565. Isto significa que a imagem da igreja de Santa Catarina é ainda a anterior à campanha de obras de 1572.



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

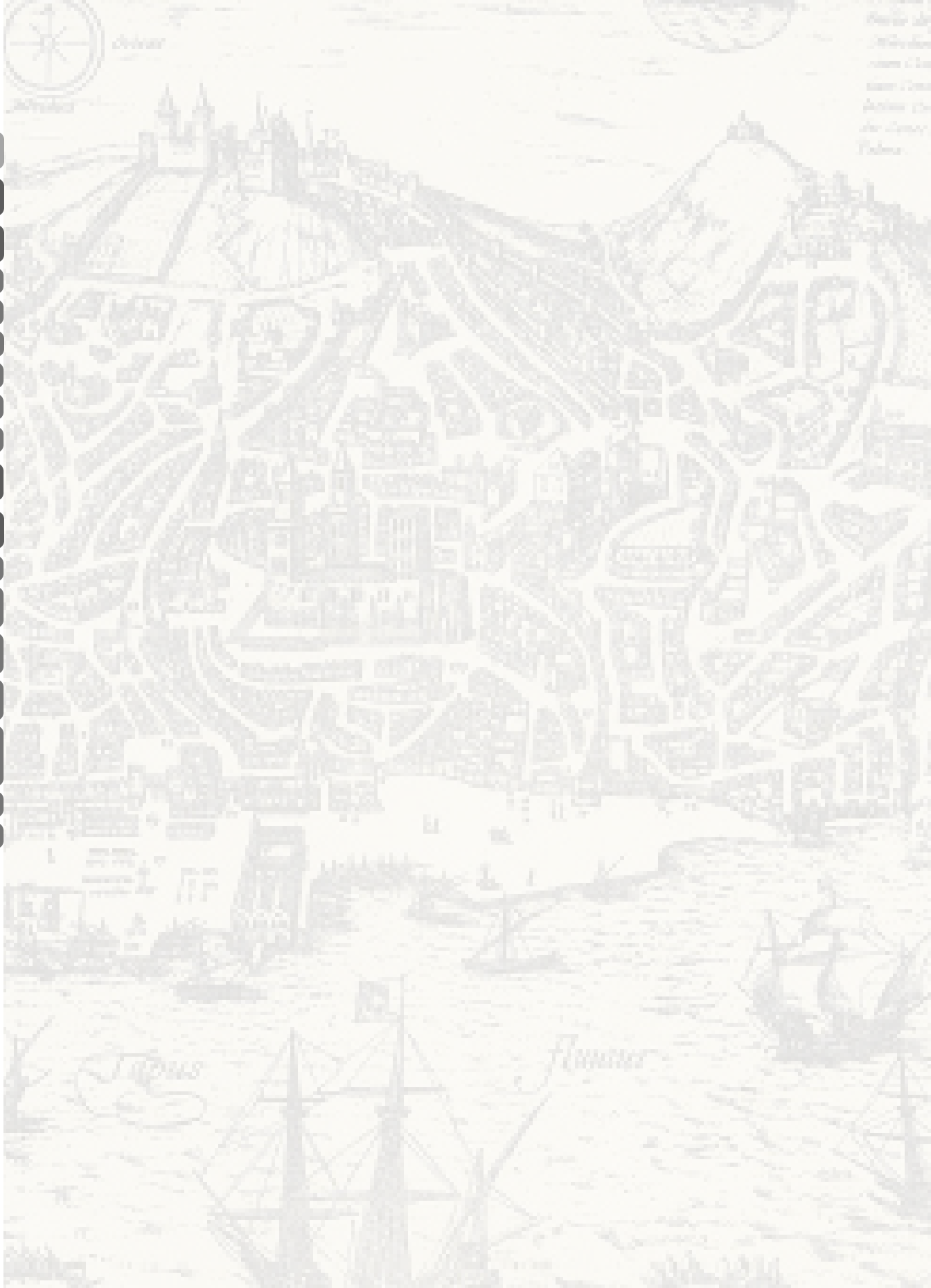
NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

IV

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO E DO CARDEAL D. HENRIQUE (1557-1580)



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

IV - NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO E DO CARDEAL D. HENRIQUE (1557-1580)

♂	Igreja do Convento de N. Sra. Da Graça - 2º	1556-1565
♂	Igreja do Mosteiro da Trindade - 2º	1560 ss
♂	Igreja do Convento de Sant'Ana	1561
♂	Igreja da Paróquia de Os Anjos	c.1564-1569
⊖	Seminário de Santa Catarina	1566
♂	Igreja Paroquial de Santos-O- Velho	1566
♂	Igreja Paroquial de São José d'Entre as Hortas	1567
♂	Igreja da Casa Professa de São Roque dos Jesuítas	1566/67
♂	Igreja do Convento de Santo António dos Capuchos	1570
♂	Igreja do Convento de N. Sra. Da Estrela, ou "Estrelinhas"	1571
⊖	Igreja de S. Sebastião, no Terreiro do Poço (inacabada)	1571/82
♂	Capela-mor da Igreja do Mosteiro do Jerónimos	1572
⊖	Ermida de S. Crispim e S. Crispiniano – 1ª	1572
♂	Igreja paroquial de Santa Catarina do Monte Sinai	1572
♂	Igreja Paroquial de S. Paulo - 1º	1572(?)
⊖	Ermida de Nossa Senhora da Glória	ant. a 1578
⊖	Capela do Espírito Santo, na Igreja da Misericórdia	3º quartel do sec. XVI
♂	Igreja do Convento do Nª Srª da Luz, em Carnide	1575/96
♂	Igreja paroquial de Santa Engrácia - 1º	1577
⊖	Ermida de São João dos Bem-Casados	1580
♂	Igreja paroquial de São Bartolomeu da charneca - 1º	Séc. XVI

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE N^a SENHORA DA GRAÇA 2^a OU DOS PADRES EREMITAS DE SANTO AGOSTINHO**

Século XVI (1556-1565) - Reedificação do convento → † 1755

Passados 285 anos sobre a fundação da Igreja do Convento da Nossa Senhora da Graça (que foi em 1271), sendo Reformador desta Província e seu perpétuo Vigário Geral o venerável Padre Frei Luís de Montoya, vindo de Castela e vendo que a Igreja deste Convento ameaçava ruína, deliberou fundar nova igreja.

A 1^a pedra foi lançada a 9 de Março de 1556, pelo Bispo D. Frei Ambrósio Brandão, que foi religioso deste Convento, e naquele tempo era bispo de Rossiana, Esmoler de el-rei D. João III e Deão de sua Real Capela.

As obras duraram 9 anos, importando a nova igreja em mais de setenta mil cruzados (= 28 milhões de réis do tempo), despesa para aquele tempo bem extraordinária, sendo as rendas do convento ainda então bem poucas, e muito menores as esmolas e ajudas de custo que teve.

A lenda rodeou esta construção. Como se pode ver na vida do santo varão Frei Luís de Montoya, “piamente se crê que a maior parte do dinheiro aplicado lho deu e mandou o Céu pelas mãos de seus Anjos, como por assentar tão elevada e dilatada máquina em sítio tão iminente sobre poucos ou nenhuns alicerces, dizendo ele aos Mestres, que duvidavam sobre tão fracos fundamentos sustentar tanta obra, que o céu lhos poria a seu tempo; e quando acabada a Igreja, a rodeou, na última cimalha, de Cruzes, então os certificou de que aqui igreja tinha já mais fortes e seguros alicerces”.

A sua grandeza e primor de arquitectura fez com que fosse considerada um dos primeiros templos, não só de Portugal, mas de toda a Espanha^{LXVIII}.

A descrição da igreja vem com muito pormenor na *História dos Mosteiros...* (1950: vol. I, 114-143). Mas A. Carvalho da Costa (1712: vol. III, 362-363) dá-nos um esplêndido resumo que transcrevemos parcialmente:

“É edificio de três naves de abóbada de laçaria; e no lado, de cada uma das naves colaterais, corre por todo o corpo da igreja uma fileira de capelas, que faz a quem está no meio dela uma representação e perspectiva de cinco naves muito aprazíveis, e vistosas, assim pela sua boa proporção, como pelas muitas e largas vidraças que lhe dão luz. [...] Os altares são 18, um em cada capela que fica debaixo da Tribuna e detrás do altar-mor, quatro no cruzeiro, e os mais no corpo da igreja, seis de cada lado, e o altar-mor. Nos topos das três naves médias

^{LXVIII} Sobre os azulejos quinhentistas do Convento da Graça, nomeadamente os da ante-sacristia, ver Simões e Oliveira, 1990: 108-109. A assinatura destes azulejos do pintor quinhentista da Flandres Jan de Goes (João de Góis) foi detectada recentemente por Francisco Bilou e Céline Ventura-Teixeira, a quem agradecemos a partilha da informação. Segundo Santos Simões, este conjunto azulejar é datável dos anos de 1556 e 1565.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

tem, para serventia do povo, três grandes portas, que ficam debaixo de um alpendre, sobre o qual se estende o coro.

[...] Em proporcionada distância e com regular medida, aparece no retábulo do altar-mor a capelinha ou tribuna, em que está o Santíssimo Sacramento. [...] No meio dela, se levanta uma fábrica de finíssimos jaspes de várias cores, que se elevam em tarimas a 3 altos degraus, e no último se vêem dois anjos de prata maciça e finíssima, que têm de altura onze palmos e meio, com cabelos doirados, e com tal artifício nas asas, que elas são as cortinas que desencerram e encerram o Diviníssimo Sacramento quando se [expõe], os quais deu o Bispo de Hipponia, D. Frei António Botado, e os mandou fazer a Hipponia Augusta, cidade do Império. Sustentam estes anjos nas suas mãos aquele tão celebrado cofre que o Rei de Ormuz mandou a D. Frei Aleixo de Menezes, sendo arcebispo de Goa. Dentro dele estão mais dois cofres; e no último está o Santíssimo; o 1º é de prata dourada, de obra de meio relevo, com vários passos da Sagrada Escritura; [...] dentro deste está outro, que é todo de filigrana de ouro; [...] este foi dado ao convento por Dona Filipa de Vilhena, mulher do Grande Viso-Rei da Índia Matias de Albuquerque. Dentro do mesmo cofre grande, pendem de cadeias de fino ouro duas preciosíssimas bolas de âmbar, uma data daquele grande Viso-Rei da Índia e outra que deu o referido bispo de Hipponia D. Frei António Botado.

A casa toda está admiravelmente dourada e pintada, e nas suas paredes estão admiráveis figuras dos 4 doutores da Igreja. [...] O primeiro altar, que está no cruzeiro do lado do evangelho, é de Nossa Senhora da Graça, que no ano de 1362 apareceu milagrosamente nas praias de Cascais; esta imagem tornou-se de muita devoção, e a infanta Dona Maria, filha de el-rei D. Manuel, a cobriu toda de prata, a ela e ao Menino Jesus que tem nos braços.

[...] Esta capela pertencia aos Correios-mores deste Reino. Esta Senhora tinha uma Irmandade ilustre e antiga, a que o convento, uniu a confraternidade da Correia; os infantes de Portugal foram por muito tempo seus provedores. Esta Irmandade, por consentimento do Convento, vende as correias aos fiéis católicos, cujos nomes ficam assentes nos seus livros, e unidos a este respeito à Confraternidade da Nossa Senhora da Consolação de Bolonha.

[...] Em correspondência a este altar, da parte de Epístola, está a capela do Senhor dos Passos, imagem de grande devoção. Não sai fora da tribuna em que está, com toda a grandeza e reverência, senão na véspera e dia da sua procissão, na sexta-feira depois do primeiro domingo da Quaresma.

[...] Junto à igreja, fica a Sacristia, que é uma das melhores que existem; está decenamente adornada e lajeada de jaspes azuis e brancas. [...] Na sacristia há um Santuário de Relíquias de Cristo, da Mãe de Deus, do Santo Lenho, São João Baptista, de todos os santos Apóstolos, e de muitos santos e santas mártires, que vieram de Roma do Santo Padre Pio V. [...] Tem grandes peças de ouro e prata que servem a igreja, a que excede a todas é a cruz que vai na procissão do Corpo de Deus da Cidade, e na do Convento, a qual mandou da Índia o arcebispo primaz de Goa D. Fr. Aleixo de Menezes.

[...] O claustro maior do Convento é de pedra de diferentes cores, que ajustam admiráveis primores de toda a espécie de arquitectura.

Este convento era o mais rico da corte.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

[...] O claustro é de três andares; e do último se descobre a barra e grande extensão do rio Tejo.

Os rendimentos do Convento excediam a 40.000 cruzados, além de muitos foros de trigo e cevada, da cerca e quintas da Portela, de Santa Catarina de Ribamar, da Aldeia Galega do Ribatejo, da Caparica e de Alhos Vedros.”

Instalaram-se ali as antigas Irmandades de Santo Agostinho; de Santa Cruz e Passos, que teve princípio no século XVI; a da Conceição, instituída em confraria em 1605; do Rosário, dos homens pretos; da Nossa Senhora da Pérsia, instituída no século XVI, de Jesus, Maria, José, do Regimento da Armada; de São Nicolau de Colentino, do Regimento de 16; e ainda outras.

Tanto a igreja como o edifício conventual sofreram muito com o terramoto de 1755.

Vd. Igreja do Convento de Nossa Senhora da Graça - 3ª (1755ss).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO MOSTEIRO DA TRINDADE, 2ª****Século XVI (c. 1560 ss.) → 1640**

A Igreja do Convento da Trindade vinha já do século XIII (1218), em que utilizou a Ermida de Santa Catarina; depois teve a sua igreja própria, construída nos finais do século XIII (1289ss). Essa igreja foi-se conservando até cerca de 1560.

Nessa altura iniciou-se um processo de transformação da igreja e do convento, que teve como resultado uma igreja radicalmente nova.

Matos Sequeira admite que os dois grandes sismos de 1531 e 1551 causaram no edifício tais danos que quase se fez de novo todo ele, com imponência também, mas ao novo gosto do tempo: de uma só nave e com a frontaria de três portas, magnificente.

As obras iniciaram-se em 1565 [ou em 1560], ano em que, a 15 de Março sendo ministro Frei André Fogaça, geral da Ordem, e provincial Frei Roque do Espírito Santo, confessor de el-rei D. Sebastião, se lançou a primeira pedra na reedificação do convento, assistindo à cerimónia o bispo de Leiria D. António Pinheiro, o 1º Conde de Idanha, Don Pedro d'Alcáçova, e outras pessoas nobres da corte.

A derrocada de uma das naves no ano de 1569 deve ter influído na modificação radical que a planta da igreja veio a sofrer. Efectivamente, em vez das três naves que tinha antes, fez-se a igreja em forma de salão majestoso, com uma só nave e três portas para poente.

Só em 1635 começou a reconstrução da capela da Rainha, ou da Senhora da Conceição, no topo do braço direito do cruzeiro.

Em Setembro de 1640 ruíram de velhice o coro e as duas naves que se conservaram ainda em pé. A 6 de Outubro imediato resolveu a Câmara atribuir aos frades a esmola de 300 cruzados (= 120.000 réis), a pagar em três prestações anuais de 40 mil réis. Os primeiros 100 cruzados foram pagos a menos de um mês; a 2ª prestação foi em 30 de Janeiro de 1642, e a última em 13 de Outubro do mesmo ano.

Só na segunda metade do século XVII é que se concluiu o templo.

Deixamos para o tomo seguinte a descrição da igreja, tal como era nos séculos XVII-XVIII

Vd. Igreja do Mosteiro da Trindade – 3ª (1640 ss.)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Bibliografia

SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *O Carmo e a Trindade: subsídios para a história de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1939, vol. I, pp. 1-14, 50-51, 122, 323-326; vol. II, pp. 279-282

OLIVEIRA, Eduardo Freire de – *Elementos para a História dos Municípios de Lisboa*. Vol. IV. Lisboa: Typographia Universal, 1889, pp. 410-411, nota 3

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dosprêgadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Vol. I. Lisboa, Officina de Antonio Pedrozo Galrão, 1707, pp. 85-86

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA DO CONVENTO DE SANT'ANA****Século XVI [1561]****1. ANTECEDENTES**

Confluem neste Convento duas séries de antecedentes.

- (a) Por um lado, a Ermida de Sant'Ana, que existia documentalmente antes de 1551, mas que acaso será já do Século XV (?), situada no antigo Campo do Curral, sobranceiro ao Largo da Anunciada.
- (b) O Recolhimento das Penitentes da Paixão de Cristo, situado no Castelo de São Jorge e depois na freguesia de São Bartolomeu, desde 1543.

2. FUNDAÇÃO DO CONVENTO

Após a morte de D. João III, ordenou a Rainha Dona Catarina que o Recolhimento das Penitentes da Paixão de Cristo se transformasse em mosteiro; e que se desse princípio a este no Bairro de Sant'Ana, no sítio onde só havia uma ermida dedicada a Sant'Ana.

O terreno foi oferecido por D. Aleixo de Menezes, aio de el-Rei D. Sebastião. Nesse sítio começou a fabricar o mosteiro Dona Filipa de Sousa, com as esmolas da Rainha e com o que outras pessoas devotas concorreram, e com alguns dotes de freiras que foram entrando.

Teve por fundadoras 24 recolhidas, chamadas Penitentes da Paixão de Cristo; a Rainha quis que professassem a terceira regra de São Francisco, debaixo da obediência da Província de Portugal. Foi abadessa, cargo que exerceu durante 25 anos, Dona Filipa de Sousa, que veio do Convento de Chelas.

El-Rei apresentava neste mosteiro 20 lugares (como consta de um alvará de 24 de Setembro de 1577, passado por D. Sebastião), e a Rainha apresentava também dois lugares, instituídos por Dona Catarina.

3. SEDE DE PARÓQUIA ENTRE 1564 (?) E 1705

O Cardeal D. Henrique, sendo na altura arcebispo de Lisboa, criou um lote de seis novas paróquias, desanexando o território da grande freguesia de Santa Justa. Eram elas: Santos Reis, no Campo Grande de Alvalade; São Sebastião da Pedreira; S. José; Anjos; S. Sebastião da Mouraria (depois, substituído por Nossa Senhora do Socorro); e Sant'Ana.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A nova paróquia de Sant'Ana, criada por volta de 1564 (?), ficou a usar a mesma Igreja das Religiosas do Convento de Sant'Ana, havendo ali dois sacrários: um para as religiosas (na capela-mor), e outro para os paroquianos (em altar particular).

Os desgostos e dissabores entre as Religiosas e os Fregueses foram crescendo, até que os fregueses se deram por obrigados a fabricar nova igreja, escolhendo para ela um sítio bem vizinho. À nova igreja e freguesia deram a invocação de Nossa Senhora da Pena.

Para a nova igreja se mudou o Santíssimo em procissão, no dia 25 de Março de 1705, dia em que se celebra o mistério da Anunciação ou da Encarnação (cf. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 359).

Vd. Igreja paroquial de NOSSA SENHORA DA PENA – 1ª

4. UM PAROQUIANO ILUSTRE: LUÍS DE CAMÕES

Ao falecer em 1579, Luís de Camões foi enterrado na igreja (simultaneamente conventual e paroquial) de Sant'Ana, sem campa nem letreiro que desse a conhecer estar ali sepultado varão tão notável e de tão prodigioso engenho.

Pouco depois da sua morte, ou seja em 1595, D. Gonçalo Coutinho mandou cobrir o lugar da sepultura com uma campa de mármore com a inscrição seguinte, colocada logo à entrada, da parte esquerda:

AQUI JAZ LUÍS DE CAMÕES PRINCIPE DOS POETAS
DO SEO TEMPO, VIVEO POBRE MISERAVELMENTE,
E ASSIM MORREO O ANNO DE 1579. ESTA CAMPA
LHE MANDOU AQUI POR D. GONÇALO COUTINHO,
NA QUAL SE NAM ENTERARÁ PESSOA ALGÛA.

(*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 356)

D. Gonçalo Coutinho era da Casa Marialva. Os restos mortais de Camões ali permaneceram pelo menos até 1737, se não até 1880. Em 8 de Junho de 1880 foram oficialmente trasladados para a Igreja do Mosteiro dos Jerónimos (cf. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 356).

5. A IGREJA DO CONVENTO

A igreja nasceu pobre e sempre continuou pobre. Apenas se pode salientar um trono de prata, para a qual concorreram as religiosas com suas tenças.

Começava em um frontal muito bem lavrado, que tinha várias peças sobredouradas. Ao frontal seguia uma boa banquetta que acompanhava o frontal pelos dois lados. O trono

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

terminava com uma pianha bem lavrada, sobre a qual assentava a custódia e diante dela tem lugar um serafim cujas asas servem de descobrir e encobrir o Senhor. Por detrás da custódia via-se um grande resplendor também de prata, que fica imediato ao docel que é guarnecido de prata também batida. No banquete viam-se 6 castiçais grandes, mais 8 jarros e 4 perfumadores.

Nos finais do Século XVII, o pai de uma religiosa, sendo a filha sacristã, mandou à sua custa pintar o tecto.

A igreja possuía 3 capelas, contando com a capela-mor; nesta estava a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

O alçado principal olhava para o lado do Sul; mas só tinha porta lateral que dava entrada aos fiéis, e tinha frente para o lado nascente.

O terramoto de 1755 causou-lhe grandes estragos.

Vd. Igreja do Convento de Santa Ana (ou Sant'Ana) – 2ª (1755)

Bibliografia

História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa – ed. de Durval Pires de LIMA. Vol. II. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1972, pp. 345-361

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☪ IGREJA DA PARÓQUIA DE OS ANJOS – 1ª

Século XVI [c. 1564 - 1569] →1755

1. ANTIGA ERMIDA DE “OS ANJOS”

Já existia antes de 1551 uma Ermida com a invocação de “os Anjos”. Ficava ao fundo do Vale de S. Jordão, denominação primitiva que tinha o actual Regueirão dos Anjos (curiosamente ainda hoje existe na igreja dos Anjos uma antiga imagem de São Jordão, que está no altar colateral dedicado a S. Braz).

2. CRIAÇÃO DA PARÓQUIA DE OS ANJOS: A IGREJA

O território onde estava a Ermida

“era antigamente da Paróquia de Santa Justa. Mas crescendo depois os moradores desta área, que era de campos, hortas e algumas quintas, e não podendo da Igreja de Santa Justa acudir-se à administração dos Sacramentos sem grande discómodo dos párocos daquela freguesia, no tempo do Cardeal D. Henrique, que era arcebispo de Lisboa, desanexou-se da de Santa Justa e se criou esta [a dos Anjos], com um cura e seu coadjutor, anuais, que apresentam os Arcebispos”

(cf. Costa, 1712: vol. III, 417, v. modernizada). Isto terá sido entre os anos de 1564 e 1569.

Provavelmente, a sede da nova paróquia foi estabelecida na referida Ermida de Os Anjos.

Depois, a ermida foi ampliada, ou rectificada, por finta entre os fregueses, ou seja com o dinheiro produzido de 5% dos alugueres das casas existentes na mesma paróquia em tempos dos reis Filipe II e Filipe III de Portugal (Vd. Castro, 1763: tomo III, 226).

Diz ainda A. Carvalho da Costa (1712: vol. III, 417 e ss.):

“No tempo da Sé Vacante, por morte de D. Rodrigo da Cunha, se fez um Tesoureiro anual da mesma apresentação [dos Arcebispos].

“Rende o curado mil cruzados, e a Coadjutoria cento e vinte mil réis, e a Tesouraria oitenta mil réis.

“A Igreja é nova, de uma só nave, com a porta principal para o Sul, e outra para o Poente; da capela-mor é Padroeiro D. Francisco de Sousa, Capitão da Guarda de Sua Majestade, e Presidente da Mesa de Consciência. Tem mais quatro capelas colaterais, uma de Nª Senhora da Conceição, imagem milagrosa, com sua Irmandade; outra de N. Senhora dos Anjos também com sua confraria; outra, que fica abaixo de N. Senhora da Conceição, é de S. Sebastião, onde está S. Braz, e S. Jordão, e tem suas Confrarias; a

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

outra Capela que fica da parte de N. Senhora dos Anjos, é de Santa Catarina, na qual estão Santa Apolónia, e Santa Bárbara, com suas Confrarias.

“A capela-mor é da invocação dos Anjos, tem sua tribuna dourada muito aprazível, em que se expõe o Senhor, e se fecha com um painel grande dos Anjos, que são três, que foram a casa do Patriarca Abraham, que por serem em todos semelhantes, representam a Santíssima Trindade, como diz a Sagrada Escritura: Tres vidit, et ununs adoravit. O tecto desta Capela, e o arco, é todo de talha dourada, e nela está o Sacrário, e em dois nichos de uma e outra dourada, e nela está o Sacrário, e em dois nichos de uma e outra banda estão as imagens de Santo António, e do Arcanjo S. Miguel. O tecto da Igreja é de painéis da vida de Cristo e passou da Escritura de Anjos;

Tem duas Sacristias, uma da Igreja com ricos ornamentos, e muita prata; e outra da Irmandade do Senhor. Tem mais uma capela no alto, que é do Senhor Jesus, a quem se faz festa no primeiro de Janeiro, e tem sua confraria”.

Por sua vez J. Bautista de Castro (1763: tomo III, 226-227) acrescenta estes dados relativos à Igreja da metade do século XVIII:

“O pároco tinha somente título de cura; mas o Cardeal Patriarca D. Tomás de Almeida o colou em o predicamento de Reitor, cuja reitoria lhe renderá 750 mil réis.”

“Nesta Igreja há uma colegiada de onze capelães, com 64 mil réis de cômgrua anual cada um, e é donatário e administrador D. Francisco Inocência de Sousa Coutinho.

“Há mais a Irmandade de Santíssimo com dois capelães, a das Almas com quatorze, a de N. Sra. Da Conceição com um, e a de S. João Baptista com outro”.

3. O ORAGO DA IGREJA

Américo Costa apresenta algumas reflexões sobre o autêntico orago da capela – e da paróquia – que é “Os Anjos”, e não “Nossa Senhora dos Anjos”.

“O tecto de toda a igreja é forrado de painéis a óleo entre molduras douradas, tendo ao centro o Anjo S. Miguel.

Desde a primitiva que a invocação e orago era S. Miguel, pelo que em tempos se deu um conflito entre os corpos ecclesiasticos e as irmandades da freguezia dos Anjos e a de S. Miguel de Alfama, terminando por um accordo em que se resolveu que as solemnidades a S. Miguel se celebrassem: a S. Miguel d’Alfama a 8 de Maio, e a de S. Miguel, como príncipe dos Anjos, a 29 de Setembro.

Conquanto á freguezia dos Anjos fosse estabelecida, na ermida de Nossa Senhora dos Anjos, sabe-se que o orago não é Nossa Senhora, mas sim os Anjos em geral, cujo príncipe é S. Miguel, pois alli a sua festa se celebra em 29 de Setembro.

Se porém o orago fôra Nossa Senhora dos Anjos, deveria festejar-se no dia 2 de Agosto, o que nunca se fez.

Em todos os livros do cartorio, desde o seu principio, se não encontra a denominação de freguezia de Nossa Senhora dos Anjos, mas simplesmente freguezia dos

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Anjos, em contrario do *Mappa de Portugal*, de João Bautista de Castro, que lhe dá aquelle titulo.

A imagem de Nossa Senhora dos Anjos esteve sempre na primeira capella lateral da parte do Evangelho, onde existe ainda uma lapide na parede, e nunca no altar mór.

Esta capella foi transformada em capella do Santissimo Sacramento, á custa da familia Seixas e Borges no primeiro quartel do seculo XIX.

Ainda se deduz como prova de ser S. Miguel, como principe dos Anjos, o orago d'esta freguezia, o estar, como acima dizemos, representado no painel do centro no tecto da egreja, local onde de ordinario se põe o orago.

As paixões politicas tambem contribuiram para esta confusao, pois em 1834 foi a imagem de S. Miguel, que está no altar, substituida pela de Nossa Senhora, visto aquelle santo ter o nome do rei exilado.

Então o partido liberal acoimava os parochianos dos Anjos de Miguelistas, e que, por isso, queriam a S. Miguel para orago.

D'esta sem razao politica se conhece, refletindo que o Archanjo era festejado solemnemente havia longos anos”

(In Costa, 1930: vol. II, 513-514).

Pelo terramoto de 1755 ficou esta igreja arruinada.

Vd. Igreja paroquial de OS ANJOS - 1755

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ SEMINÁRIO DE SANTA CATARINA

Século XVI (1566) → † 1755

Este seminário, da invocação de Santa Catarina, foi fundado em 30 de Novembro de 1566 pelo Cardeal-infante D. Henrique, quando este era arcebispo de Lisboa. O Concílio de Trento, em 15 de Julho de 1563, publicava o Decreto “Cum adollescentium aetas”, que obrigava os bispos a estabelecer seminários diocesanos para a formação dos clérigos com vista ao bom provimento das igrejas. O papa Pio IV deu o primeiro exemplo, fundando em 1564 o Seminário Romano, cuja direcção entregou aos jesuítas.

Depois de ter sido ponderada a escolha entre 21 palácios mais ou menos importantes, acabou por se preferir um edifício “em sítio apertado e pouco capaz para o ministério. [...]É tradição que [esse edifício] foi no seu princípio de mulheres recolhidas e que dele passaram para a ermida de Sant’Ana” (Carvalho da Costa, III, 351);

A dita “casa tinha três frentes. A principal dava para o que se passou a chamar Beco do Seminário, com 77,5 palmos de comprimento (=17,05m); outra ao longo de toda a extensão da Rua da Torre, no lado sul, com 143 palmos (=24,86 m); a terceira, para a Rua da Lage, actual travessa do chão da Feira, com 80,5 palmos de comprimento (=17,70m), prolongando-se esta fachada ainda por trás das Casas do Conde de Vimieiro, na extensão de 45 palmos (=9,90m)” (Vd. Castilho, 1938: vol. XI, 82-83, que remete para o *Tombo da Cidade*, de 1755, Bairro do Castelo, fl. 34 v.)

Estava portanto na freguesia de S. Bartolomeu ao Castelo.

O estabelecimento parece que funcionava apenas como simples internato, tinha 24 lugares para colegiais. Eram governados por um Reitor, que era jesuíta, e por um Vice-Reitor, que era clérigo secular. Este Vice-Reitor acompanhava os colegiais ao colégio de Santo Antão, onde iam receber lições de gramática, filosofia, teologia especulativa, e moral.

No tempo de D. João V encontrava-se tão decadente¹⁵, que o Rei mandou fundar outro seminário com título de Colégio do Patriarcado: a construção foi demorada e a obra não prosperou. Em 1780, a rainha D. Maria I cedeu para o Colégio Patriarcal a casa dos jesuítas em Santarém, onde esteve o Seminário até 1834.

O edifício arruinou-se muito com o terramoto de 1755 e o subsequente incêndio, ficando em deplorável estado. Foi reparado depois e serviu de recolhimento de algumas senhoras piedosas. Hoje é uma vulgaríssima casa particular.

¹⁵ “Hoje apenas pode sustentar 10 [colegiais], pela carestia dos tempos e diminuição das rendas” (Costa, 1712: vol. III, 351).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Bibliografia

COSTA, Antonio Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1712

CASTRO, Padre Joao Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763

CASTILHO, Júlio de – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 2ª edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA. Vol. XI. Lisboa: Servicos Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1938.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✚ IGREJA PAROQUIAL DE SANTOS-O-VELHO

Século XVI (1566) → 1755

Já tratámos da Igreja dos Santos, edificada por D. Afonso Henriques em 1147, no local onde existira uma anterior Ermida dedicada aos Santos Mártires Veríssimo, Máxima e Júlia, os três irmãos naturais de Lisboa martirizados no início do século IV e sepultados na Praia dos Santos. Foi a igreja doada à Ordem militar de Santiago e foi Mosteiro das Comendadeiras de Santiago até 1490, ano em que foram transferidas para a parte leste de Lisboa, uma vez fundado o Mosteiro de Santos-o-Novo (cf. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 224).

1. A PARÓQUIA DE SANTOS-O-VELHO

Em 1566 esta velha igreja dos Santos inaugura um novo ciclo da sua multi secular história. Foi constituída nesse ano sede de uma paróquia nova, com território desanexado da extensíssima freguesia de Nossa Senhora dos Mártires: a Paróquia de Santos [-o-Velho].

Faltam-nos documentos que esclareçam como era a igreja nos princípios do século XVI. Sabemos vagamente que sofreu obras de reconstrução ou restauro no século XVI, depois de 1556. Igualmente recebeu obras no século XVII, depois de 1615.

A igreja que chegou ao terramoto em coisa alguma se assemelharia ao templo afonsino de século XII. A actual igreja de Santos, no seu interior, pouco conserva da antiguidade: os elementos dispersos mais antigos não vão além do século XVIII.

A paróquia tinha antigamente um vigário do padroado da Mitra, ao qual rendia 1.000\$00 réis. Não tinha benefícios, mas 12 capelães com obrigação de missa quotidiana e de rezarem no coro os ofícios divinos, cada um dos quais recebia 80\$00 réis.

Quanto aos efeitos do terramoto, há algumas discrepâncias nos relatos.

Vd. Igreja Paroquial de Santos-o-Velho 2ª – 1755 ss.

2. DO QUE ACONTECEU À PARTE CONVENTUAL DO MOSTEIRO DE SANTIAGO DE SANTOS-O-VELHO DEPOIS DE TEREM DE LÁ SAÍDO AS COMENDEADEIRAS EM 1490

Quando as comendadeiras de Santiago foram transferidas em 1490 para o que se denominou o Mosteiro de Santos-o-Novo, o edifício conventual ficou vago. Um opulento feitor das Casas da Mina e da Índia, de nome Fernando Lourenço, aforou às Comendadeiras de Santos, senhoras do domínio directo o terreno onde se havia instalado no final do século XII a Ordem Militar de Santiago. O referido Fernando Lourenço fez arrasar as casas decrépitas do velho mosteiro e levantou nesse terreno uma casa solarenga.

O rei D. Manuel adquiriu a casa solarenga, por escambo, ao citado Fernando Lourenço, e começou a erigir sobre o núcleo da casa um paço real, em 1501. A transformação e enrique-

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

cimento do solar foi obra, pelo menos parcial, do famoso arquitecto dos Jerónimos e do Paço da Ribeira, João de Castilho.

Durou o Paço Real de Santos até que D. Sebastião dele partiu (24 de Junho de 1578) para a jornada de Alcácer Quibir. Caiu depois o Paço em triste abandono, mas continuando as Comendadeiras de Santiago senhoras do domínio directo dos terrenos edificados, cerca, hortas e jardins.

Cobiçou quanto restava do velho paço e do seu logradouro D. Luís de Lencastre, um dos filhos de D. Jorge de Lencastre, Duque de Coimbra e filho natural de D. João II e de Dona Ana de Mendonça (que veio a ser Comendadeira do Mosteiro de Santos). D. Luís de Lencastre foi incitado por Dona Ana de Lencastre (sua parente), que foi a 17ª Comendadeira; comprou, pois, ela à Ordem de Santiago o paço desabitado por 10.000 cruzados. Esta compra foi contestada e anulada, por ser feita sem o consentimento do Grão Mestre da Ordem, D. Manuel de Seabra, bispo da Capela Real. A anulação foi pronunciada pelo rei Filipe I em 1593.

Mas em 1629, a Comendadeira Dona Brites de Lencastre obteve de Filipe III autorização para vender a D. Francisco Luís de Lencastre (seu parente próximo e filho do aludido D. Luís) as casas que haviam sido mosteiro e paço real, a cerca e jardins, tudo numa longa área que ia desde a igreja de Santos-o-Velho até à actual travessa dos Barbadinhos, e cujos muros caíam do lado sul sobre o rio, e do lado norte ladeavam a actual Rua da Esperança, não existindo então a Calçada do Marquês de Abrantes, só aberta pela reedificação que o terramoto impusera, em 1760, com a denominação de Calçada do Conde de Vila Nova.

Começou, pois, em 1629 a História do Palácio dos Lencastres: os quais foram Condes de Figueiró, e sucessivamente Condes de Vila Nova de Portimão, Marqueses de Fontes, Condes de Penaguião, e (em 1718) Marqueses de Abrantes. E como tais, ficaram Padroeiros desta igreja de Santos-O-Velho.

O cardeal D. Veríssimo de Lencastre foi baptizado nesta igreja. O citado D. Veríssimo de Lencastre reedificou o palácio completamente, em obras que se continuaram nos seus descendentes durante o século XVII, datando deste período a capela, ainda subsistente, mas não tendo então o edifício a largueza que veio a ter no século XVIII.

O terramoto de 1755 não causou grandes estragos. Mas sofreu restauros, que se repetiram em acrescentamentos e transformações no século XIX.

De 1840 a 1847 o palácio esteve alugado, sendo então proprietário o 5º Marquês de Abrantes, falecido em 1847.

Em 1870, o palácio foi arrendado ao Conde de Armand, ministro da França em Lisboa, que em 1880 cedeu uma parte do edifício ao seu proprietário D. João de Lencastre e Távora, residindo ali os descendentes deste até 1911.

Em 1911, o palácio foi adquirido definitivamente pelo Governo Francês, para sede de Legação. A Legação foi elevada a Embaixada no começo de 1948.

(Estas notícias são extraídas, na sua maior parte, de Araújo, 1949: fasc. VI, 23-24).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ð IGREJA PAROQUIAL DE SÃO JOSÉ D'ENTRE AS HORTAS, OU SÃO JOSÉ DOS CARPINTEIROS

Século XVI ð : (1567)→1883; Ø 1883ss

1. ANTECEDENTES

Esta igreja foi criada na Ermida de São José d'Entre as Hortas, que existia desde o ano de 1546.

2. CRIAÇÃO DA PARÓQUIA EM 1567

Vendo o cardeal infante D. Henrique – que então era arcebispo de Lisboa – o muito que padeciam “os moradores daqueles casais [...] pela falta dos Sacramentos, por lhes ficar muito distante a freguesia” erigiu em paróquia a Ermida de São José d'Entre as Hortas, desanexando o território da paróquia de Santa Justa.

O documento da criação da freguesia é datado de 20 de Novembro de 1567. O dito documento, ou uma cópia do mesmo, guarda-se no Arquivo da Torre do Tombo, gaveta 16, maço 4, nº 51 (Vd. Silva, 1940: 53-54).

3. OBRAS DO SÉCULO XVI A XVIII

O facto da elevação a paróquia permitiu a construção do edifício, tornando-se num templo mais espaçoso, com cinco capelas.

Com algumas intervenções durante os séculos XVII e XVIII, esta igreja é substancialmente a que ainda lá vemos hoje na Rua de São José, um pouco a norte do cruzamento com a Rua das Pretas. Exceptua-se a fachada e a capela-mor, que são posteriores ao terramoto de 1755.

Embora tivesse resistido quase indemne aos abalos do terramoto de 1755, a freguesia passou interinamente para uma barraca no Campo da Horta, “que presumimos que seria das freiras ou contígua à cerca do mosteiro das freiras da Anunciada, e que ficaria em frente da mesma igreja, de S. José, no sítio do quarteirão ocupado com os prédios entre a Rua de S. José e a Avenida da Liberdade, onde então eram hortas. Nessa barraca se conservou a freguesia até 1757” (Silva, 1954: vol. I, 268).

Em 22 de Julho desse ano de 1757, reparada e melhorada a igreja, regressou a ela a freguesia, que se manteve aí até 1883.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A partir de 1883, a história da antiga ermida e posterior paróquia segue duas linhas autónomas.

Vd. ♂ Igreja paroquial de São José da Anunciada-1883

⊖ Igreja de São José dos Carpinteiros 1883

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ IGREJA DA CASA PROFESSA DE SÃO ROQUE, DA COMPANHIA DE JESUS

Século XVI [1555 -1566-1567] →1759

1. NA ERMIDA DE SÃO ROQUE, EM 1553

Já nos começos do ano de 1553 Santo Inácio de Loiola sugeria que se fundasse em Lisboa uma casa destinada exclusivamente à preparação sacerdotal, isto é, uma “Casa Professa”, independentemente do Colégio de Santo Antão já a funcionar na Mouraria.

Tal aspiração do fundador da Companhia concretizou-se com a visita a Portugal do P^o. Jerónimo Nadal, Comissário Geral dos Jesuítas, chegado a Lisboa a 7 de Julho desse ano de 1553, que expôs ao Rei D. João III e à Câmara de Lisboa o seu propósito. Deram-lhe então a escolher cinco casas religiosas para o pretendido instituto: A Ermida de N. Sra. do Paraíso, a Santa Clara, defronte da Porta da Cruz; a antiga Ermida do Espírito Santo da Pedreira; a Igreja do Loreto; a Ermida de São Sebastião da Mouraria; a Ermida de São Roque, dos pestíferos.

As preferências do Comissário iam para a Ermida de São Roque: fora da cidade mas junto a ela, em lugar sadio e desafogado. Mas esbarraram com a relutância dos Irmãos de S. Roque. E, por isso, o P^o Nadal resignou-se a aceitar a Ermida do Paraíso. A intervenção da mulher do embaixador D. Pedro de Mascarenhas, Dona Helena, acabou por vencer a relutância dos irmãos de S. Roque; e, em 30 de Setembro de 1553, D. Pedro de Mascarenhas entregou aos Padres da Companhia a chave do modesto templo.

No dia seguinte, 1 de Outubro de 1553, tomaram os Padres posse da casa estando presentes o Rei, a Corte, e o Arcebispo D. Fernando de Meneses. Pregou nesse acto o Padre São Francisco de Borja, que havia pouco tempo tinha renunciado à grandeza de Duque de Gandia, trocando os muitos títulos que tinha pelo de um pobre religioso da Companhia.

Além da ermida, que era modestíssima, a nova Casa Professa apenas abrangia duas moradas, acanhadas e térreas, que haviam sido do capelão e do ermitão. Os primeiros habitantes eram 14. Entre eles, o Provincial Padre Mirão, o Prepósito Pde. Gonçalo da Silveira, os padres Miguel Esteves, Miguel de Torres, Manuel Roiz, Gonçalo Vaz, e outros.

Assim viveram dois anos.

2. PROJECTO DE UM NOVO E MAIS ESPAÇOSO TEMPLO, EM 1555

Vendo o rei D. João III os discómodos em que os Padres estavam na sua nova habitação, e que não tinham igreja suficiente para os muitos que nela já os buscavam, quer para as confissões quer para as pregações, determinou fundar no sítio de S. Roque uma igreja tão magnífica e uma casa tão grandiosa, “*que dissesse bem com a grande generosidade do seu real e majestoso ânimo, e com o amor que tinha aos da Companhia*”. E por isso encomendou logo

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ao seu mais estimado arquitecto que elaborasse um desenho “*que não fosse inferior às obras mais insígnies dos Reis seus predecessores*”. (In *História dos Mosteiros*, 1950: vol. I, 221)

D. João III e a Rainha Dona Catarina desejavam ambos fazer uma igreja tal que fosse capaz de nela terem sua sepultura.

Porém os Padres suplicaram ao Rei que desistisse de tão grandiosa obra, tão contrária ao ideal de humildade e pobreza que professavam. Ficaram contrariados os Soberanos, sentindo que os Padres com sua modéstia e espírito resistssem a seu desejo; mas não querendo porfiar em vencer a repugnância dos ditos padres, disseram-lhes que fizessem a fábrica da igreja e casa de modo que lhes parecesse.

Fizeram no entanto aos Padres grandes donativos, nomeadamente comprando um pedaço de chão aforado a Beatriz de Andrade, resgatando-o aos Trinos, que eram seus directos senhores.

Deram os jesuítas então começo à obra da igreja. A primeira pedra da nova igreja foi lançada a 27 de Junho de 1555, com toda a solenidade, pelo padre João Nunes Barreto, jesuíta, que havia pouco fora sagrado Patriarca da Etiópia.

O projecto foi de estender a ermida para darem lugar aos grandes auditórios que a ela concorriam. Assim dispuseram que a ermida, tomada ao comprido, que era de Oriente a Poente, ficasse servindo de cruzeiro e capela-mor, e que de Norte a Sul se acrescentassem em comprimento 80 palmos (=17,60 metros), que corriam do lugar onde hoje está o púlpito até à porta que agora é a principal da igreja.

Os recursos eram escassos, começou-se com um empréstimo de 50 cruzados... Entretanto morreu D. João III (1557). Em 1562, com 2 mil cruzados oferecidos pela rainha-regente Dona Catarina, edificou-se a portaria, o claustro e duas cisternas. Fizeram-se também obras na cerca: dois tanques para a roupa, um poço e uma nora.

As obras foram continuando até 1566.

3. NOVO PLANO DEFINITIVO PARA A IGREJA, EM 1566 E 1567

Viram então os Padres que a extensão que tinham feito na ermida não era bastante para receber os auditórios que os procuravam. Trataram de fazer nova igreja com a capacidade suficiente; e, para isso, abriram os alicerces com intento de ser de três naves. Mas, logo no ano seguinte, 1567, reconsideraram; e assentou-se, então, no respectivo plano, que era ser o templo de uma só nave por ser mais clara e se ouvirem mellhor os pregadores, Também pesaram muito os novos movimentos estéticos do século XVI, triunfantes em Itália. Desfizeram-se os alicerces e a capela antiga, que tinha servido de cruzeiro, e o alpendre a que se chamava igreja velha.

A obra prossiguia devagar, em virtude de peste que grassou em Lisboa com grande força em 1569, com o reflexo da diminuição das esmolas. Mas acabado o surto da peste,

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

pueram activar-se mais os trabalhos em 1571. As paredes ficaram concluídas na altura da cornija interior, em Outubro de 1573.

Foram tantas as esmolas que acudiam à Casa, que fazendo-se no ano de 1577 o cômputo à despesa que se tinha feito nos anos de 1555 a 1577, assim na fábrica da Igreja como no edifício da Casa, achou-se que se tinham gasto 75 mil cruzados. Para tal soma haviam concorrido largamente o Rei D. Sebastião, a rainha D. Catarina, o Cardeal D. Henrique, e alguns particulares.

Quando a obra corria com tanta prosperidade, foi interrompida pela perda do Rei D. Sebastião (1578) e as calamidades e alterações que juntas com o contágio sobrevieram e afligiram Lisboa^{LXIX}.

4. O MADEIRAMENTO DO TECTO E A SUA PINTURA^{LXX}

Entendeu-se conveniente não cobrir a igreja de abóbada, com o receio de que as paredes não aguentassem. E por isso se determinou cobri-la de madeira, escolhendo-se vigas vindas da Prússia e da Alemanha. O rei D. Filipe I de Portugal, que se encontrava em Lisboa, mandou ao seu arquitecto Filipe Terzi que traçasse a obra do tecto ao melhor modo que a sua arte alcançasse. Nada melhor do que transcrever as palavras do Pe. Balthazar Tellez na 2ª parte da *Chronica da Companhia de Iesu em Portugal* (1647: fls. 110-111):

«Fez vir da Prusia (falando do arquitecto) os mastos ou traves que lhe pareceram bastantes. Destas lançou doze, cada huma de noventa e sette palmos de comprido, e de notavel grossura... Lançou-as, digo, de cornija a cornija, atravessando a largura da igreja, de maneyra que se vam assentar e pregar nos frechaes que estam encayxados sobre as cornijas, e logo ao pé destas grossas linhas, ou traves, fez estribare levantar em modo de esquadria outras dozes de cada parte, mays pequenas, porem da mesma grossura, a que podemos chamar guieyros, que escoram na mesma cornija e parede e vam sobindo como em esquadria até fechar em huma valente trave da fileyra, que responde ao espigam do telhado em que acaba o cume do tecto. Estes vinte quatro guieyros se asseguram pello meyo com doze oliveis; descem logo outras dozes traves de cada parte no fim dos oliveis, da mesma grossura das doze linhas, e dos vinte e quatro guieyros a que chamam pendorais, cada hum de vinte e quatro palmos de comprimento, os quaes vam a prumo, e sam como esteyos e columnas pera sustentar o madeyramento do forro, mas com esta differença que as outras columnas ordinarias tem mam no peso sobre os capiteys, porem estas comnotavel novidade sustentam ou levantam a pezo pella parte que ouvera de ser base destas columnas, e sem carregar nas traves que atravessam a igreja as estam sustentando no ar, e puxando pera sima, porque como estas traves sam

^{LXIX} Mais recentemente, a problemática sobre a traça e as obras da igreja de S. Roque da segunda metade do século XVI foi reaberta por Simões, 2015: 42-49. O autor defende fundamentadamente que a Companhia de Jesus construiu em São Roque duas igrejas: a primeira entre 1555 e 1560 (que funcionou até 1568) e uma segunda inaugurada já em 1573.

^{LXX} Cf. Canas, Caetano, Almada, Figueira, 2002.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

tam compridas necessitavam de algum arrimo que as sustentasse, e suposto que nam tem columnas que subam do pavimento da igreja pera o tecto, tem estas que por cima do tecto estão sustentando e chamando pera o alto, as quaes pera este effeyto descem com tal traça, que pera nam abaterem as ditas traves do forro com o proprio pezo ficam como pendentes no ar, sem lhe tocar por si mesmas e com tudo pera as assegurar, e sustentar lança-lhe cada huma das columnas duas sintas de ferro, fortes e grossas, que abraçam os terços das mesmas traves, e desta maneyra fica a obra segurissima, porque estas columnas nam carregam no forro, antes puxando pera o alto sustentam as traves em que vae pegado o mesmo forro, pera que nam faça algum pendor.

Entre estas vinte e quatro columnas, ou pendoraes, corre hum grande lanço de corredor que representa huma larga e comprida coxia, por onde seguramente se passaria o tecto todo de Norte a Sul, o qual tecto por esta parte de dentro representa outra grande igreja de tres naves, feyta toda de madeyra, fundada sobre o templo de Sam Roque, que em bayxo vemos. Como esta obra foy nova, e sua architectura nunca uzada neste Reyno, e por outra parte era esta maquina tam grandiosa e tam segura, foy notavel o concurso dos curiosos que acodiam a ver a nova fabrica do tecto. E quem olha de bayxo da igreja, como nam ve mays que o forro de esteyra, nam descobrindo o grande madeyramento que vay por cima, pera o sustentar, pasma de ver a grande largura do tecto, que parece está pendente no ar, como diziam do farnozo Mausoleo de Caria, que a antiguidade celebrou entre as sette maravilhas do mundo».

Uma vez acabado o madeiramento do tecto, forrou-se pela parte convexa em tábuas de bordo, para sobre o dito forro se aplicar a pintura.

Para a pintura encomendaram-se três desenhos dos pintores que em Lisboa gozavam de mais fama. Diz o Autor da *História dos Mosteiros* (1950: vol. I, 225):

“E entendendo Dom Joam de Borja, filho de Sam Francisco de Borja, que El Rey teria gosto de veros papeis que se tinham feyto pera a pintura do tecto da igreja, e dar sobre elles seo voto, fez aviso aos Padres, os quaes animados com o aviso do Dom Joam de Borja lhe remeteram os papeis, que apresentando-os a El Rey mostrou gosto de os ver, e depoy de bem considerados e cotejados todos tres approvou El Rey o quese ve pintado, que era o mesmo de que os Padres estavam mays satisfeitos; e assim mays seguros do acerto como voto de El Rey, que em tudo o tinha bom, trattaram logo de fazer a pintura (...)”

O já citado Padre Balthazar Tellez (1647: fls. 111-112) acrescenta:

«A ordenança da obra he de grande architectura, avulta muyto ao longe, tem conhecidos primores, notaveis arremeços, grandes valentias d'arte, mostrando (entre curiosos emblemas, entre fermosas tarjas e engraçados brutescos) varios passos da Sagrada Escripura, e representando à vista quatro arcos tam bem fingidos que parece sustentam o mesmo tecto, e entre elles se vem huns zimbórios abertos e humas cupulas tam bem representadas, que com hum alegre engano festejam os olhos ver-se enlaçados, quando cuydam que o vam destes zimbórios passa muyto avante, e sobe ao alto, escondendo-se entre as sombras reflexas e entre os repercurssos da pintura, achando aqui mays os olhos, com admiraçam do que cuydam que vem, que na deliniaçam do que realmente alcançam, porque ainda que a arte com que o artifice pintou foy grande,

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

foy ainda mayor o engenho com que fingio e vem a ser o que antigamente tanto louvou Plinio naquelle celebrado pintor Thimantes».

5. DESCRIÇÃO DA IGREJA ANTES DA EXPULSÃO DOS JESUÍTAS

A História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa, obra de Autor anónimo (certamente jesuíta), redigida nos primeiros anos do século XVIII e publicada em Lisboa em 1950 por Durval Pires Lima, inclui uma elucidativa descrição da igreja de São Roque, tal como era no início do século XVIII (1950: vol. I, 227-280); esse texto é aliás uma paráfrase e atualização da matéria dos capítulos 25-27 da *Crónica da Companhia* do Pde. Balthasar Tellez:

Sítio onde está implantada, p. 227; exterior da igreja, pp. 227-228; interior, p. 228-231; capela-mor e bom ornato que nela há, pp. 231-239; capelas do cruzeiro colaterais à capela-mor, p.239 ss; dos insignes santuários de relíquias que estão nas duas capelas mais próximas à dita capela-mor, história de como as ofereceu D. João de Boga a elenco minucioso das ditas relíquias, pp.239-252; capela de Nossa Senhora da Doutrina e de sua insigne Congregação, pp.253-263, das mais capelas da mesma porta, e de suas irmandades, pp. 263-268; das capelas de parte do evangelho, pp. 268-271; de algumas sepulturas que há na dita igreja, pp. 272-277; da Sacristia, pp. 277-280.

Aí se relatam os tesouros de alfaias de prata que existiam em cada uma das capelas e sacristia, assim como os parâmetros e quadros de pintura que as enriqueciam. Notáveis as riquezas da sacristia; e impressionante a necrópole.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHOS****Século XVI (1570) → † 1834****1. NOTA PRÉVIA SOBRE AS DIVERSAS FAMÍLIAS DE RELIGIOSOS PROCEDENTES DE S. FRANCISCO DE ASSIS**

Do seráfico patriarca São Francisco de Assis procedem três ilustres e numerosas famílias religiosas, das quais a maior se chamava dos Padres Observantes, outra tinha o nome de Conventuais, e a terceira usava o apelido de Capuchinhos. Note-se desde já que os “Capuchos”, a que se refere o convento de que estamos a tratar, não são da família dos Capuchinhos, mas sim dos Observantes.

A 1ª família, a dos Observantes, é a mais numerosa. No ano de 1651, esta família englobava 145 Províncias de Padres Observantes, e todas reconhecem como Prelado supremo o Ministro Geral dos Frades menores, o qual Leão X no ano de 1517 declarou sucessor verdadeiro e legítimo de São Francisco, subordinando-lhe o Prelado tanto dos Conventuais como dos Capuchinhos.

A 2ª família, a dos Padres Conventuais, contava pela dita época 35 Províncias, e nelas conventos grandiosos nas fábricas e numerosos nos membros.

A 3ª família, a dos Capuchinhos, contava na mesma época com 46 Províncias. Mas não teve em Portugal nenhuma província; apenas se instalaram em Lisboa conventos ou hospícios da província dos Capuchinhos Franceses e dos Capuchinhos Italianos.

Existiram em Portugal 5 Províncias de Capuchos, mas todas sujeitas à obediência do Padre Geral dos observantes: a Província da Piedade, que fundaram inicialmente o convento de Vila Viçosa, com 18 conventos no século XVIII, a maior parte deles no Alentejo; Província da Soledade, desmembrada da anterior, com outros 18 conventos; a Província da Arrábida, instituída em Portugal no ano de 1560, que no ano de 1707 contava com 22 conventos, muitos nas vizinhanças de Lisboa, e mais de 500 religiosos; a Província de Santo António, a que pertencia o convento de Santo António dos Capuchos; a Província da Conceição, que se desmembrou da anterior em 1706, ficando cada uma com 13 conventos.

2. FUNDAÇÃO DO CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHOS

Os Padres Recoletos da Custódia de Santo António conseguiram no tempo do Cardeal D. Henrique passar a constituir província autónoma (antes pertenciam à Província Observante de Portugal). E logo o novo provincial, Frei António de São Vicente, promoveu a fundação de um convento dessa Província dentro de Lisboa, pois lhe parecia que tendo um convento em Lisboa teriam os velhos e achacados, moradores de outros conventos de clima menos suave que o de Lisboa, um lugar onde pudessem melhorar de saúde e com ela servir a religião,

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

cujos conventos recebem prestígio dos velhos que neles assistem, e são muito recomendáveis nos confessionários da igreja para ouvir as mulheres que a eles recorrem para se confessarem.

O Cardeal D. Henrique foi muito favorável ao intento, assim como muitas pessoas graves e ilustres, e em especial os vereadores da Câmara. Foi escolhido o sítio. Parte do terreno (ocupada pela capela-mor, sacristia e lanço do segundo dormitório) foi dádiva de Diogo Botelho, com obrigação de lhe darem a capela-mor; também deu mais terreno, ladeira abaixo até às casas da estrada de Andaluzes. A terra onde se construiu o primeiro dormitório com a cisterna até ao muro da parte do mar, foi doação de uma Dona Brites, irmã do religioso Frei Diogo Peregrino, doação feita sem qualquer encargo. A parte onde se edificou a igreja e o resto do oratório foi cedido por D. Maria da Silva, mulher de Francisco Tavares. O do pomar, por ser foreiro ao convento de São Domingos, se houve dos dominicanos por permuta. Outros pedaços de terra, que eram cardais, comprou-se um aos padres da Companhia, e outro foi dado pela Câmara Municipal.

A 1ª pedra foi lançada em 15 de Fevereiro de 1570, dia de trasladação de Santo António. As obras eram dirigidas por Frei Martinho da Ínsua, concorrendo para elas grandes esmolos do rei D. Sebastião: (que contribuiu com 300 mil cruzados) e de outras pessoas da nobreza D. Sebastião mandou fazer à sua custa a cerca; e com outras esmolos de particulares se fez a portaria, dormitório de baixo, cozinha e mais oficinas^{LXXI}.

Tendo surgido dúvidas sobre a doação que tinham feito do padroado da capela-mor a Diogo Botelho, suspenderam-se por algum tempo as obras, até que os religiosos se vieram a ajustar com o dito Diogo Botelho, que lhes deixou livre poderem dar a quem lhes parecesse o padroado da dita capela. Correndo o tempo vieram os padres a conceder a Damião de Aguiar, ajustando-se com ele no ano de 1596, em que o dito Damião de Aguiar se obrigou a lhes dar cinco mil cruzados, ficando a obrigação ao padroeiro de fabricar a dita capela-mor, a ele e aos seus herdeiros.

A 1ª missa foi celebrada em 15 de Fevereiro de 1579.

3. DESCRIÇÃO DA IGREJA DO CONVENTO

A igreja tinha a porta para a parte do oriente, vizinha ao Campo chamado do Curreal (mais tarde, Campo de Sant'Ana). Deste Campo, indo para a dita igreja, “acha-se uma alegre estrada a que dá princípio uma formosa cruz de pedra mármore, e dela por diante se segue um passeio cuja largura dá suficiente lugar a poderem ir iguais duas carroças, fazendo o dito passeio mais vistoso as árvores silvestres que se vêem de uma e outra parte” (cf. *História dos Mosteiros*, 1950: vol. I, 348).

Ao adro se sobe por quatro degraus de pedra. A Igreja era de uma só nave.

A capela-mor possuía um retábulo custeado pelo desembargador do Paço Paulo Afon-

^{LXXI} Cf. Amorim, 2005: 65-66. Ver também *História dos Mosteiros*, 1950: vol. I, 338-349; Costa, 1712: vol. III e Pereira e Rodrigues, 1908: vol. IV, 265.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

so com painel representando Stº António em traje de peregrino; ao mesmo benemérito se deviam o cadeiral do coro e o retábulo da Ascensão sobre o arco triunfal.

Duas capelas no cruzeiro: uma da invocação de Santo António (lado do evangelho),

Do padroado de D. Jorge de Meneses Barocha, com altar e sepultura; outra, da invocação de Nª Sª da Piedade, feita à custa de D. Damião Borges (lado da epístola).

No corpo da igreja, havia a capela do Espírito Santo, do padroado de João Gomes da Horta, acabado à sua custa e com sepultura; e Nª Sª da Assunção, fundada por Luís Alvares Carneiro. Ambas do lado do evangelho. Do lado da epístola: do Santo Nome de Jesus, fundada e administrada pela família do fundador, Martins Afonso Coelho; de S. Pedro Apóstolo, doada a Pedro da Costa; do Descimento da Cruz, fundado pelo alemão Guilherme de Colónia e por sua mulher Maria Carvalho, a Flamenga, com missa cotidiana, quatro merceiras e ricos objectos de culto e ornamentos.

A sacristia, também feita por esmolas, tinha muitas relíquias, oferecidas pela rainha Dona Catarina, viúva de D. João III, e pelo seu esmoler Mestre Cano; e outras que lhe deixou em testamento o médico Gaspar Serrão.

Bons ornamentos dados pela condessa do Redondo, D. Maria de Meneses, que também lhe ofereceu uma custódia de prata, alcatifas, e outras peças para o culto divino.

Ao lado do edifício havia uma porta que dava entrada para as capelinhas dos passos da Paixão de Cristo.

Na igreja existiam muitas confrarias, e era grande a devoção pela imagem do Senhor dos Passos.

Havia na cerca a Escada Santa, de muita devoção e enriquecida com muitas indulgências.

No tecto da capela-mor viam-se as armas da família Bulhões, a que pertenceu Santo António.

Bibliografia

História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa – ed. de Durval Pires de LIMA. Vol. I. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1950, pp. 338-349

COSTA, Antonio Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observações*. Vol. III. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1712

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Diccionario histórico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artístico*. Vol. IV. Lisboa: J. Romano Torres, 1908, p. 265

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA ESTRELA ("ESTRELINHA")**

Século XVI (1571) →† 1834

É estranho que, sendo a Ordem Beneditina tão antiga no território que agora é Portugal, a ponto de chegarem a 127 as fundações que a Religião Beneditina teve neste Reino, quer de religiosos como de religiosas, nunca tivessem promovido a fundação de um mosteiro da Ordem em Lisboa.

Até que veio de Castela a este Reino o Padre Frei Pedro de Chaves para reformar o Convento de Santo Tirso, o que fez com tanto acerto e prudência, que o Cardeal D. Henrique obteve do papa Pio V que todos os conventos beneditinos portugueses se reformassem e se instituisse uma congregação que fosse governada por um Geral.

Voltou então a Portugal o dito Padre Frei Pedro de Chaves, em 1569; e foi reconhecido como Abade Geral e Reformador.

Várias razões levaram o referido Abade a desejar que a sua religião tivesse alguma casa em Lisboa, o que mereceu a aprovação do Cardeal D. Henrique.

Compraram então uma quinta, cujas casas podiam servir para acomodar igreja e habitação para os religiosos. Iniciou-se a construção em 1571. Passados dois anos havia já igreja, sacristia, dormitório, noviciado, e todas as mais oficinas necessárias. No Natal de 1573 disse-se ali a primeira missa. (Vd. Pereira e Rodrigues, 1909: vol. IV, 265).

A Infanta Dona Maria, filha de D. Manuel e da Rainha Dona Leonor, protegeu muito esta casa, nomeadamente obtendo do papa para este convento uma relíquia de S. Bento que existia no Convento de S. Paulo em Roma. Diga-se de passagem que tal concessão ocasionou algumas perturbações (Vd. *História dos Mosteiros*, 1950: vol. I, 357-358.).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



Fig. 8 – A casa beneditina da Estrela segundo a panorâmica de azulejos do Museu de Arte Antiga, do Sec. XVIII

(In *História dos Mosteiros*, 1950: vol. I, estampa 23)

“Não se contentando, porém, os religiosos com aquelle convento, resolveram annos mais tarde, em capitulo geral, fundar outro mais proximo da cidade, em sitio menos elevado e menos exposto aos ventos, que tanto acommetiam o largo da Estrella”.

(In Pereira e Rodrigues, 1908: vol. IV, 265)

Vd. Igreja do Convento de S. Bento da Saude (1598)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

“Mal acabada [esta] obra, principiada em 1596, mudaram-se os frades para a nova casa, tapando-se de pedra e cal a entrada do conventinho de cima.

Mais tarde, Frei Leão de São Tomás, sendo Geral da Ordem, indo lá e penalizando-o vêr o edifício abandonado, mandou desentaipar a porta e proceder aos reparos indispensáveis para que a casa pudesse servir.”

“Como o novo convento estivesse já consagrado a São Bento, ordenou se dedicasse o outro a *Nossa Senhora da Estrêla*, para o que se pintou, para o altar-mór da igreja, um painel grande representando a Virgem, com uma estrêla na mão, entre São Bento e São Gregório.

E assim se originou a designação de cidade que hoje engloba um dos mais belos bairros alfacinhas.”

(Vd. *Benedictina Lusitana*, Parte II, p.420).

(Sequeira, 1967: vol. II, 38-39)

No Capitulo Geral de 1629, em que presidia o Rever^o Padre Mestre Frei Leão de Santo Tomás, lente de Prima de Teologia na Universidade de Coimbra e autor da *História Benedictina* em Portugal, assentaram que o dito convento se trocasse em colégio de estudo e que nele houvesse vinte teólogos com seus mestres.

Todavia, em 1705, os estudantes já se achavam todos no convento de baixo e o de N^a S^a da Estrela estava vazio.

Desde 1834 está ali estabelecido o Hospital Militar. Em 1840, pouco mais ou menos, esteve nos seus dormitórios a Real Academia de Desenho da História e Architectura Civil, criada em 23 de Agosto de 1781; esteve também neste convento a aula de Escultura, que depois se reuniu à Academia das Belas Artes, quando esta se instituiu em 1836.

Na capela-mor da igreja estava a imagem de Nossa Senhora da Estrela, de muita devoção.

Bibliografia

História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa – ed. de Durval Pires de LIMA. Vol. I. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1950, pp. 350-359, com observações de Duarval Pires de Lima, p. 544-545.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme (1904-1915) – *Portugal. Dicionário histórico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artístico*. Vol. IV. Lisboa: J. Romano Torres, 1908, p. 252

SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *Depois do Terramoto: Subsídios Para a História dos Bairros Ocidentais de Lisboa*. vol. II. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, pp. 34/35 + 36/37.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ IGREJA DE S. SEBASTIÃO NO TERREIRO DO PAÇO

Século XVI: 1571 - † 1582

1. RELÍQUIAS DE S. SEBASTIÃO

“No tempo em que o exército de Carlos V saqueou Roma, foi furtado de uma igreja de Milão um braço de São Sebastião. Enviada a relíquia para Lisboa por Carlos V e apresentada ao rei D. João III, este obteve do Papa Clemente VII uma bula (16.Março. 1531), legitimando a posse da relíquia. O rei delibera fundar um templo para guardar a relíquia; enquanto se não executa tal propósito, mandou que o braço do santo ficasse em depósito no Mosteiro de São Vicente de Fora.

Anos mais tarde, o Papa Gregário XIII enviou ao Rei D. Sebastião outra relíquia, uma *seta* de São Sebastião, que o rei recebeu em Almeirim das mãos do legado a latere Pompeu Lanoja.

A estas relíquias, sobretudo à primeira, atribuía-se a protecção de Lisboa ter sido poupada da peste durante 40 anos (até 1569); e de ter acabado a grande e terrível peste de 1569 (em que morreram 60.000 pessoas só em Lisboa, em pouco mais de quatro meses).”

Francisco de Holanda faz alusão ao facto, em *Da Fábrica que falece* (Holanda, ed. 1984: fls. 25v e 29v)

2. PROJECTO DE CONSTRUÇÃO DE UMA IGREJA A SÃO SEBASTIÃO

Por carta datada de Sintra, a 7 de Julho de 1569 (em plena epidemia da Grande Peste), D. Sebastião diz que se convencera de que tão cruel mortandade era devida às iras de Deus perante os nossos pecados, e também pela ingratidão em não se ter já feito o tal templo em que se venerasse a relíquia de S. Sebastião. Por isso, e para obrigarmos o santo a interceder mais por nós, comunica à Câmara de Lisboa o voto que fazia de lhe mandar edificar uma igreja dedicada a S. Sebastião, à custa da sua real fazenda e da Cidade; e encomenda à Câmara que em nome da cidade façam o mesmo voto (Oliveira, 1882: vol. I, 482).

Atribuiu-se para local do edifício, primeiramente, o ocupado pela igreja de S. Sebastião da Mouraria (hoje, Ermida de Nossa Senhora da Saúde).

Em carta de 16 de Outubro de 1569, tendo declinado a peste, parece a el-rei ser ocasião oportuna para dar começo ao templo dedicado a São Sebastião, conforme o voto que ele e a cidade haviam feito. E “posto que a gente esteja em necessidade”, devem os vereadores e procuradores da cidade “ordenar como se comece a edificar este templo” e recolher os dinheiros que compete à cidade (Vd. Oliveira, 1882: vol. I, 583).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Bem elucidativa é a carta Régia de 24 de Dezembro de 1569, enviada de Évora, que transcrevemos:

“Vereadores e Procuradores da Cidade de Lisboa e Procuradores dos mestres dela, eu El-Rei vos envio muito saudar:

Eu tenho mandado a Afonsalvarez, mestre das fortificações, que vá a essa cidade para com ele verdes a traça e modelo que por seu mandado se fez para o templo do bem aventurado São Sebastião e ordenardes que logo se comece a edificar (como por algumas vezes vos escrevi). Pelo que vos encomendo que logo entendais nisto com aquele zelo e cuidado que por vossas cartas vejo que disso tendes, e ordeneis os oficiais que forem necessários para terem cargo da dita obra e da arrecadação do dinheiro que nela se ha de despender: o qual templo se há-de fazer no sítio em que está a Igreja de S. Sebastião da Mouraria na parte que vos dirá o dito Afonsalvarez. E para isso compriareis os chãos que forem necessários. E para se a dita obra poder fazer com mais brevidade e menos despeza se dará de empreitada a parte dela que bem parecer, o que praticareis com dito Afonsalvarez, o qual hei por bem que seja mestre da dita obra e no modo de se tratarem com ele estas cousas se terá o resguardo necessário pelo que toca à saúde, [...]. E receberei muito contentamento de logo o mais brevemente que fôr possível se começarem a abrir os alicerces e começar a dita obra a correr de maneira que se veja que se faz e vai por diante. E pelo dito A.º Alvarez me escrevereis tudo o que fizer a bem desta matéria. Escrita em Évora a 24 de Dezembro de 1569. Rey”

(Arquivo Municipal de Lisboa, *Livro de Festas*, fl. 94, transcrita por Viterbo, 1899: vol. I, 14/15).

E logo em 24 de Fevereiro de 1570, o Rei envia nova Carta Régia, em que no ponto 1º.

“Exprime el-rei o seu contentamento pelas festas que a cidade fizera na vespera e dia de S. Sebastião; e folga que já houvesse chegado mestre Affonso Alvares, e se tivessem collocado as balizas para a edificação do templo; «e vos poereis a primeira pedra em meu nome, com misa «solene, sendo também presente o gouernador.”

(Vd. Oliveira, 1882: vol. I, 524; cf. Carta de 13 de Abril de 1570: Oliveira, 1882: vol. I, 585).

Volta à carga em Carta Régia de 26 de Novembro de 1570:

“Estranha el-rei que a cidade não tivesse dado impulso á fabrica do templo dedicado a S. Sebastião, pois não somente a obra não he começada ate guora, mas nẽ avido o drº pera ella, de que se segue, allem de se não cumprir cõ tão devida obriguação, Reçeber disso o pouo escandallo, e arefeçer nelle a deuação que tinha (naquela conjunção em que se acabarão as doemças), pera ajudar a se fazer a obra do dito templo. E quanto ao drº q pera ella vos mandey dar de minha fazenda, já tereis sabido q está prestes pera isso, e não vos ser dado té agora, não diuera ser escusa pera ao menos se deixar de arecadar o que o pouo avia de pagar ; mas antes, se asy se fizera, derase o dito drº de minha fazemda cõ mais breuidade.”

(Oliveira, 1882: vol. I, 581).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3. OPTA-SE ENTRETANTO PELO LOCAL DO TERREIRO DO PAÇO^{LXXII}

Nos primeiros dias do ano de 1571, decidiu-se edificar a dita igreja, não na Mouraria, mas no Terreiro do Paço, junto ao Cais de Pedra; o templo ficaria ligado aos Paços da Ribeira por uma varanda, da parte chegada ao rio.

“A primeira pedra foi lançada a 29.Abril.1571 (segundo um memorialista do tempo, teria sido a 19. Março), com solenidade extrema, concorrendo o monarca, o cardeal-infante e o senhor D. Duarte (1541-1576). A primeira pedra foi levada numa padiola pelo rei e por D. Henrique, e por D. Sebastião lançada à terra; a segunda foi colocada pelo senhor D. Duarte.

As obras prosseguiram até 1573 e estavam muito adiantadas, quando do desastre de Alcácer-Quibir (1578).

O mestre-empregueiro era Afonso Alvarez, mestre das fortificações. Não se sabe quem teria sido o autor da traça e do modelo que D. Sebastião mandara fazer e enviara à Câmara por meio do mestre Afonso Alvarez (Segurado, 1970: 223), diz que, “embora assim pareça”, o facto “não autoriza, em rigor, a atribuir simultaneamente a autoria da traça e do modelo” a Afonso Alvarez). Afonso Alvarez era cavaleiro fidalgo da casa do infante cardeal D. Henrique, que em 1570 o mandou a Évora para tratar com a Câmara da remoção do arco romano, que estava defronte da igreja de Santo Antão e para construção da fonte (Vd. Viterbo, 1899: vol. I, 12; 13)”.

O cardeal-rei D. Henrique, para a dita obra se prosseguir e acabar com mais brevidade, fez doação *in perpetuum* à dita igreja de um conto de réis em cada ano, assente nos rendimentos da alfândega, relativos à refinação dos açúcares da Ilha de S. Tomé (10 Fev. 1579).

4. A IGREJA É DEMOLIDA E OS MATERIAIS PASSAM PARA SÃO VICENTE DE FORA

“Com a morte de D. Sebastião em Alcácer-Quibir (4 Agosto 1578), as obras da igreja nova de São Sebastião pararam. Quatro anos depois (1582), encontrando-se em Lisboa, Filipe II mandou suspender definitivamente as obras e depois autorizou a demolição do que estava feito, decidindo que a igreja de São Sebastião se fizesse no mesmo sítio em que se iria construir uma nova igreja em honra de São Vicente: ou seja, a igreja do Mosteiro de São Vicente seria comum a um e outro santo. Sem atender às despesas feitas, o monarca estrangeiro acedeu assim às instâncias dos cônegos de São Vicente, que alegavam serem eles os possuidores da relíquia de São Sebastião e não estarem resolvidos a cedê-la, nem mesmo para nova igreja. Daí que a nova igreja de São Vicente de Fora passasse a ter a invocação de São Vicente e São Sebastião, deixando a que tivera desde o século XII: Nossa Senhora da Enfermaria e São Vicente Mártir.”

^{LXXII} A construção desta igreja é visível na vista de Lisboa de 1575, de autoria de Simão de Miranda, à guarda do Archivo di Stato de Turim. Ver a este propósito Scotti, 1980: 67-72; Rossa, 2004: 947-967.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Por se tratar de um documento pouco conhecido, mas de singular habilidade, transcreve-se parte de um Documento de Filipe II, de 26 de Janeiro de 1582:

“Dom filipe, per graça de ds Rey de portugal e dos algarues, (daquem e dallem mar em africa, Snnõr de guine e da comquista, nauegação e comercio de ethiopia, arabia, persia e da india, etc. Aos q esta carta de doação virẽ, faço saber: q sem dome tão presête, como he rezão, a grande e particullear obrigação que os Reis tê a proseguir e cõtinar as obras fundadas por seus predeçessores, mayormente as dedicadas e ofreçidas ao cullto deuino, “è de tanto seruiço e louuor de noso Sõr, como he o augmêto das Rellegioês; e como hũa das prinçipaes que nesta çidade de lixa ha he a dos conegos regrantes do moestrº de Sao Vicête de fora, que he da minha camara Real, edeficado pollo Senñor Rey dom afonso anrriques, primeiro Rey destes Reinnos, quando ganhou esta çidade aos mouros, e reformado por el Rey, dom João o terçeiro, meu Sõr, que ds tem, a que pollos ditos respeitos e dos santos caualleiros q no dito moestrº estão sepulltados, e Rellegião, vertude e exemplo dos Rellegiosos delle, he muy deuido e conforme a minha obrigação ampliar e augmêtar o dito moestro e Rellegião, è tudo o que com rezão e pios fundamêtos poder ser ; querendo cumprir com esta obrigação, cuja lembrança e reconheçimêto he muy deuido aos Reis destes Reinos; sabendo como o Snnõr Rei dom sebastião, meu sobrinho, q santa gloria aja, prometeo a nosso Snnõr, com os vereadores e offiçiaes do pouo desta çidade de lixa, fazer è ella hũa Igreja da Invocação do glorioso e bem aventurado martir São Sebastião, è reconheçimtº e parte de remuneração das graudes merçes, que por sua Imterçesão nosso Sõr fez a esta çidade e has mais çidades, villas e lugares destes Reinnos, asy è aleuantar com tamta breuidade o mal da peste, que nelles ouue o año de quinhentos sesenta e noue, como è os guardar e preseruar do dito mal de muitos tempos atras, a qual Igreja mandou fundar no terreiro dos paços da Ribeira, ao longuo do maar, junto ao caes da pedra, onde ora está. primçiada ; e como soçedendo na coroa destes Reinos, por seu falleçim.tº, o Snnõr Rei dom anrique, meu tio, «que ds tem, vendo as pias, justas e obriguatorias causas que ouue pª a dita Igreja se fundar e fazer, e a muita dillação com que se proçedia na obra della ; mouido das ditas causas, e de sua grande virtude e natural zello das cousas do seruiço de noso Sõr e culto deuino, pª a dita obra se proseguir e acabar com mais breuidade, fez doação, imperpetũ, ha dita Igreja, de huũ conto de rrs è cada huũ ano, no creçimêto que ouue no direito dos açucares da Ilha de Santomé, q se paga na alfandega desta çidade de lixboa, por rezão da refinação que delle se faz na dita çidade, de que lhe mandou pasar carta de padrão, feita a dez dias do mes de feureiro do anõ de quinhentos setêta e noue ; e desejando eu que este voto e promessa que o Snnõr Rei dom sebastião, meu sobrinho, fez, tenha effeito e se comsigua com a deçençia, perfeição e aumento que obra tão pia e obriguatoria requeria, mandey ver o sitio e lugar è que a dita Igreja está primçiada, pr pessoas doutas, de prudência e comsideração, porque fuy imformado que o dito lugar, pr muitas rezões, era muy indeçente ha veneração do cullto deuino e a obra de tal callidade ; e em hua cousa e è outra avia muitos imcomueniêtes que me forão apomtados, que, cõ parecer de pessoas doutas e prudentes, ouue por suffiçietes e bastantes pera a dita Igreja se deuer de nouo edefficar è lugar mais conuenyête, e conforme ao imtêto da fundação della, e em que se comsiguise e tiuese inteiramête effeito o voto e promessa feita pollo Snnõr Rei dom sebastião, meu sobrinho, que ds tê. Tendo comsideração a todas estas cousas, e ao Sõr Rei dom aurrique, meu tio, dotar a

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

dita Igreja e a mandar acabar, e ao muito que ha que a Reliquia do braço do glorioso martir São Sebastião está no dito moestrº de São Vicête de fora ; e como com rezão os Reis destes Reinos deuê ter comtina lembrança e muito respeito ha fundação daquelle moestrº, aprouada com as grandes merçes que noso Sôr fez ao Snnõr Rei dom aforonso anrriques, fundador delle, e ser cousa conueniête que, asi como aquelle lugar foy o primeiro, ã que nesta çidade e naquelle tpõ o primeiro Rey destes Reinos fundou o primeiro templo, no mesmo lugar se fundase esta Igreja do bem aventurado martir, por ser a primeira que nella mando edefficar depois que nosso Snnõr foy seruido que eu soçedese na coroa delles, pera nella esta Santa Reliquia se poder por, e estar com a. veneração deuida ; avendo tambem por çerto dos Rellegiosos do dito moestrº, que a lembrança desta obra lhe será grande motiuo pera, no exemplo de sua Rellegião, e em mui particullar e comtinuamête encomendarem a nosso Sôr os boõs suçesos destes Reinnos e quietação delles, comrresponderão ao zello e intenção que nella tenho ; por todos estes respeitos, e pera mais breue comprimêto do voto e promessa que fez o Snnõr Rei dom sebastião, meu sobrinho, e por també a camrª desta çidade, a primeira vez que nella entrei, com muita instançia mo pedir : ey por seruiço de nosso Sôr que a dita Igreja do glorioso e bem aventurado martir São Sebastião se pase e faça de nouo no dito moestro de São Viçete de fora, naquelle sitio e da manrª e cõforme ha traça e apontamêtos que pª iso mandei fazer, sem os ditos Rellegiosos nem seus prellados niso alterarê cousa allgũa ; e por esta minha carta ey por bem de aplicar pera as obras da dita Igreja, em quanto ellas durarem, o dito conto de rrs que o Snnõr Rei dom anrique, meu tio, q Ds tê, lhe tinha dotados nos mesmos direitos dos açucares da Ilha de Santo-mé, que se pagão na alfamdega desta çidade de lixª, por causa da refinação que delles se faz na dita çidade. E tanto que as ditas obras forem de todo acabadas, lhe não será paguo mais o dito conto de rrs, por quanto eu o aplico pera as destribuições de minha capella deste Reino.(...)”

(Oliveira, 1885: vol. II, 365-367)

5. FRANCISCO DE HOLANDA E A REFERIDA IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO

Na sua famosa obra *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa*, Francisco de Holanda inclui um desenho do terreiro do Paço com a implantação da igreja circundada de gradeamento.

Sobre tal, teceu os seguintes comentários:

(a) “*De quem é o desenho que vem no ms.*”

Na fl. 26v e 27r, F. d’H. apresenta uma vista sumária do Terreiro do Paço, com o Tejo ao fundo e a indicação de algumas embarcações. Na metade esquerda do terreiro, ao norte, está um cruzeiro; algumas construções limitam o terreiro pelo norte e pelo nascente. Na metade direita, a sul, está um desenho de igreja, envolvido por um gradeamento quadrangular. Algumas figuras estão ali a marcar a escala.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

F. d'H. entende que é indigno o que se está a fazer, embora ache que “muitas coisas tem boas”.

Tem-se considerado geralmente que o desenho da igreja será como que um projecto alternativo delineado por F. d'H., mas preterido por outro projecto de Afonso Alvares.

(b) Opinião de Jorge Segurado

Contudo, Jorge Segurado (p. 224) diz: “Supomos que Ollanda terá feito uma cópia do modelo da igreja para poder enquadrar a grade de protecção que idealiza, pois não cremos ser dele a traça da Igreja que apresenta”. Porquê? “O carácter e proporções do templo são francamente inferiores. Apresenta-se um conjunto híbrido em que predomina uma acentuada moleza de formas, um barroquismo nitidamente alheio ao espírito e à técnica de Francisco d'Ollanda” (p. 224).

(c) O gradeamento

Autenticamente de F. d'H. são os desenhos do gradeamento. São três desenhos: duas colunas, ambas com pedestais, que ostentam expressões e carácter diferentes, sendo a da esquerda mais francamente balaústre clássico; a da direita é uma coluna canelada. Dos capitéis, um tem uma cabeça de leão, outro uma cabeça de homem. O gradeamento possui nos vértices umas guaritas cobertas com cúpulas, semi-esféricas.

(d) A frustração de F. d'H.

F. d'H. acompanhou todo o caso da igreja de São Sebastião até ao ano da sua morte (1584). Sempre posto de lado.

Filipe II também não aproveitou os préstimos de F. d'H., nem mesmo para a “nova igreja de São Vicente.”

(Holanda, ed. 1984a: fl. 32-33)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



Fig. 9 – Desenho da igreja de S. Sebastião, com pormenor da grade circundante, da autoria de Francisco de Holanda (in Holanda, ed. 1984a)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Bibliografia

CASTILHO, Julio de – *A Ribeira de Lisboa: descrição histórica da margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho*, 3ª edição revista e ampliada com notas de Luiz Pastor de MACEDO. Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1956, pp. 76-85 e 267-276

OLIVEIRA, Eduardo Freire de – *Elementos para a História dos Municípios de Lisboa*. Vol. I. Lisboa: Typographia Universal, 1882, pp. 474, 574, 575, 578, 587 e 588, etc.

História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa (1950-1972) – ed. de Durval Pires de LIMA. Vol. I. Lisboa, Camara Municipal de Lisboa, 1950

SEGURADO, Jorge – *Francisco d'Ollanda: Da sua vida e obras, arquitecto da Renascença ao serviço de D. João III, pintor, desenhador, escritor, humanista, fac-simile da carta a Miguel Ângelo (1551) e dos seus tratados sobre Lisboa e desenho (1571)*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dosprègadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Vol. I. Lisboa, Officina de Antonio Pedrozo Galrao, 1707, p. 42

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS: CAPELA-MOR****Século XVI (1572)**

Damos um lugar especial à capela-mor da Igreja do Mosteiro de Santa Maria de Belém, devido ao seu valor arquitectónico e suas funções de memorial, assim como ao seu estilo contrastante com o corpo do templo.

1. A CAPELA-MOR PRIMITIVA

“A capela-mor primitiva, certamente ‘manuelina’ – Em harmonia com o corpo da igreja – deve ter sido construída antes de 1516: não só porque por aí se começava em geral a construção das igrejas, mas ainda porque é manuelino (do período de Boytac) o arco-triunfal que o suportava, além de que nos contratos de 1517 para rematar os portais, capelas de transepto, claustro, sacristia, casa do capítulo, etc. só se não faz referência à capela-mor. A única explicação plausível é de já estar construída”

(diz Santos, 1982: vol. I, 412).

Seria de planta quadrada; a abóbada seria de arcosoados semelhantes aos dos topos do transepto; no exterior teria a mesma cercadura da faixa lombar, que agora vemos abruptamente interrompida na ligação do corpo do transepto com o corpo da actual capela-mor. Não seria muito vasta: ao iniciar-se, por volta de 1503, a construção do templo de Santa Maria de Belém, e consequente capela-mor, ninguém pensava numa ingente comunidade monástica de 100 monges, nem se previa que se destinaria a sepultura real.

Porém, quando por volta de 1516 e início de 1517 se impôs um novo programa, que incluía um coro monástico de 100 monges e a colocação das sepulturas de D. Manuel e de sua mulher Dona Maria no plano em frente do altar-mor – além dos específicos ofícios litúrgicos, logo se advertiu que era indispensável reformular completamente o espaço da capela-mor. Esse “sonho” não vingou: parece que dele restam apenas os dois monumentais púlpitos.

D. João III, querendo dar execução à vontade do pai, planeou fazer uma capela-mor maior e mais alta. Foi adiando a trasladação dos ossos de seus pais. Finalmente, assentou de não mudar a capela-mor. E no dia 21 de Outubro de 1551 foram solenemente colocados no plano da capela-mor as sepulturas do Rei D. Manuel e de sua mulher Dona Maria.

2. A NOVA CAPELA-MOR

A rainha Dona Catarina, inconformada com a solução a que se chegou em 1551, pagou do seu “bolsinho”, as obras de remodelação, que decorreram nos anos de 1571 e 1572. O construtor foi Jerónimo de Ruão; o arquitecto a quem se deve a traça desta peça terá sido, talvez, Francisco de Holanda (hipótese verosímil de Jorge Segurado, 1970: 329-333).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A capela tem de comprimento, desde o arco até aos degraus que sobem para o altar-mor, 13 metros; e de largura 8,10 metros.

Consta de duas ordens de colunatas a toda a volta, cada uma de dezasseis colunas. Na série inferior são mais largas e grossas, e de ordem jónica; sobrepõe-se a ordem coríntia com outras dezasseis colunas. Vão correndo duas a duas pelas paredes, até ao ovado que cinge o espaço do altar-mor, onde não estão geminadas. Cobrem os capitéis, tanto de uma como de outra ordem, umas cimalthas que vão à roda das paredes de toda a capela. As duas colunatas sobrepostas, jónica e coríntia, escoram o peso da abóbada de berço, decorada de caixotões de mármore policromo (azul, branco e vermelho), constituído por dois tramos rectilíneos e um outro, de fundo, em meia coroa. A austeridade e a frieza são bem temperadas pela policromia dos mármore.

A capela-mor é iluminada por seis janelas rectangulares entre a colunata superior coríntia; e em baixo tem mais duas janelas. O revestimento das paredes é em mármore policromos de Vila Viçosa e Borba, ocupando os vãos entre as colunas. O altar-mor é uma sólida e imponente peça de mármore, com rica banquetta do mesmo material.

Acompanhando a curvatura da parede ao fundo da capela-mor, e emoldurado como janelas, fica um grande retábulo de pintura quinhentista, constante de 6 quadros em dois planos. No plano inferior, os três quadros representavam a “Adoração dos Reis Magos”; o quadro central representava Nossa Senhora sentada, com o Menino nos braços e o santo Rei mais velho de joelhos, adorando.

Este quadro desapareceu, quando ali foi colocado o sacrário. Por cima, outro tríptico de tábuas quinhentistas, representando passos da “Paixão”: ao meio, o “Descimento da Cruz”, com o corpo de Jesus lançado sobre um lençol, deante da Mater Dolorosa; aos lados, “Jesus com a cruz às costas, e “Jesus atado à coluna”.

Estas tábuas quinhentistas são atribuídas, ou a Cristovão Lopes, ou a Lourenço Salzedo († 1577). Foram ali colocadas em 1572^{LXXIII}.

Nos dois lados do corpo da capela-mor, em profundas arcadas abertas entre os pares das colunas laterais, os quatro sarcófagos de mármore branco, vermelho e azul, assentes cada um sobre dois elefantes de mármore cinzento, mos quais se encerram as cinzas do Rei D. Manuel, da Rainha Dona Maria (ambos de lado do evangelho), e de D. João III e Dona Catarina (lado da epístola).

^{LXXIII} Sobre o retábulo da capela-mor do Mosteiro dos Jerónimos, ver Almada, Figueira e Serrão, 2000, em particular o estudo elaborado por Serrão, 2000: 17-77.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Nos sarcófagos lêem-se os seguintes epítáfios latinos (apud, Alves, 1993: 19-20):

No túmulo de D. Manuel:

LITTORE AB OBCIDVO • QVI PRIMI AD LVMINA SOLIS
EXTENDIT CVLTVM • NOTITIAMQVE DEI •
TOT REGES DOMITI • CVI SVBMISERE TIARAS •
CONDITVR HOC TUMVLO MAXIMVS EMMANVEL

Aquele que da praia ocidental até onde nasce o sol
Expandiu o culto e o conhecimento de Deus
A quem tantos reis subjugados submeteram as coroas
Jaz neste túmulo, Manuel o Grande

No túmulo de sua mulher, D. Maria:

MARIA FERDINANDI CATHOLICI CAST • REGIS • F •
D. EMMANVELIS • LVSIT • REGIS • P • F • INVICTI CONIVX
MIRA IN DEVM PIETATE INSIGNIS • AC BENE DE
REPVB • SEMPER MERITA • H • S • E •
Maria filha de Fernando o Católico Rei de Castela
Mulher de D. Manuel Rei da Lusitânia P.F. Invicto
Insigne na admirável piedade para com Deus
E sempre benemérita do estado, aqui está sepultada

No túmulo de D. João III:

PACE DOMI • BELLOQVE FORIS • MODERAMINE MIRO
AVXIT IOANNES TERTIVS IMPERIVM •
DIVINA EXCOLVIT • REGNO IMPORTAVIT ATHENAS •
HEIC TANDEM SITVS EST • REX • PATRIAEQVE PARENS

Admirável na paz do reino e na guerra ao estrangeiro,
João III aumentou o Império
Cultivou as ciências divinas e trouxe Atenas para o Reino.
Aqui finalmente jaz o Rei e o Pai da Pátria.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

No túmulo de sua mulher, D. Catarina:

CATHARINA PHILIPPI • I • CAST • REGIS • F • IOANNIS • III • LV
SITAN REGIS • P • F • INVICTI CONIVX MAGNI ANIMI PI
ETATIS EXIMIAE PRVDENTIAE SINGVLARIS ET IN •
COMPARABILIS EXEMPLI REGINA • H • S • E •

Catarina filha de Filipe I Rei de Castela
Mulher de João III Rei da Lustânia P. F. Invicto
Rainha de grande ânimo, exímia na piedade, singular
na prudência e exemplo incomparável, aqui está sepultada.”

As inscrições são da autoria do humanista André de Resende († 1573)^{LXXIV}.

O Sacrário de prata não é dessa época: é uma rica obra de ourivesaria portuguesa dos meados do século XVII, ali colocada no ano de 1675.

^{LXXIV} Ver Vale, 1998: 97-110.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA DE SÃO CRISPIM E SÃO CRISPINIANO – 1ª

Século XVI (1572) – 1786 →

1. Tendo em conta que a conquista de Lisboa aos Mouros, em 1147, ou mais exactamente, a entrada solene na cidade, se efectuou no dia 25 de Outubro, festa de São Crispim e São Crispiniano, seríamos levados a supor que desde os princípios da nacionalidade haveria alguma ermida em honra desses santos.

Mas não temos referência alguma a tal hipotética ermida antes do século XVI. Nem Cristovão Rodrigues de Oliveira, nem João Brandão de Buarcos a mencionam (meados do século XVI).

2. No ano de 1560 celebrou-se um compromisso entre os irmãos sapateiros de Lisboa, aprovado pelo arcebispo D. Miguel de Castro, e em que se dizia haverem-se ajustado os sapateiros em edificar uma igreja aos mártires S. Crispim e S. Crispiniano, seus advogados. Parece que até esse tempo se congregava a irmandade na paróquia de São Mamede.

O terreno foi adquirido a D. Afonso de Menezes, filho do Conde de Penela, que possuía na calçada ou encosta que subia da Porta de Ferro, à Madalena, para a Porta da Alfofa, ou do Castelo (calçada essa que hoje é denominada Escadinhas de São Crispim) “*um chão onde estava uma amoreira, defronte das casas de D. Garcia de Noronha. O dito D. Afonso passou à irmandade um documento que, por curioso, se transcreve: “Todo o direito que tenho e posso ter no chão que estes suplicantes dizem em sua petição que me pertencem (sic), de que se pagam dois tostões de foro à cidade, eu o largo e trespasso aos ditos suplicantes para fazerem nele a Capela que dizem; e isto consentindo nisso a Cidade, e não de outra sorte; e por verdade assigno aqui em Lisboa a 17 de Outubro de 1563 – D. Afonso”.*

(in Castilho, 1937: vol. IX, 227-228).

Já em 30 de Julho de 1563 tinham os irmãos celebrado com o prior e cabido da paróquia de São Mamede, em cujo território se situava o terreno para a ermida, um contrato que estabelecia que todos os rendimentos das oblatas, etc. aos ditos santos ficavam propriedade exclusiva deles, irmãos...

E em 8 de Janeiro de 1564 compareceram na casa da vereação de Lisboa, perante os vereadores e demais oficiais competentes, os mordomos, o juiz e procurador da Confraria de São Crispim e São Crispiniano, que pediam o consentimento para o trespasso do terreno e a anulação do foro.

3. A ermida fez-se, com sua sacristia, tribuna, e casas em que vivia o capelão. Achava-se pronta em 1572. E em 1580 celebrava a irmandade um compromisso de união com outra irmandade, a de Nossa Senhora do Parto. (Vd. Castilho, 1937: vol. IX, 229).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Em 1587 foram feitas algumas obras; pois em 18 de Julho, a irmandade de S. Crispim firmava um contrato com João Fernandes, para fazer um peitoril a modo de presbitério, com uma escada a meio dele, de serventia para o altar-mor, e mais um portal da sacristia para o tabuleiro do altar... Tudo orçado em 70\$00 réis em dinheiro de contado.

4. Em 1755, a ermida sofreu muito com o terramoto, mas não com o incêndio. Em 1763 estava recuperada.

A Irmandade dos Sapateiros edificou uma nova ermida em local mais cómodo:

Vd. Ermida de S. Crispim e S. Crispiniano – 2ª (1786)

5. Também se chamou a esta ermida capela de Nossa Senhora do Parto, por ali existir uma imagem de Nossa Senhora do Parto, imagem de grande devoção das senhoras de Lisboa. Fazia-se-lhe antigamente uma grande festa na terceira oitava do Natal (isto é, no dia dos Santos Inocentes). Era imagem de roca (de vestir) e estava de mãos postas. A dita imagem transitou para a nova ermida.

6. Um papel da Biblioteca Nacional de Lisboa (Vd. Castilho, 1937: vol. IX, 225-226) dá-nos uma informação estranha, de que não se compreende o significado, nem se conhece a data. Eis o documento:

“Deixa q se fas todos os annos.

Caterina fernandes deixou hũ cazas apar da hermida de são crispim aos hirmãos sapa-teiros com obrigação de uespera de são crispim e crispiniano deitarem hũ sacco de castanhas aos rapazes e hũ alcofa de macans e com obrigação e oje não deitam tantas e nem tantas ma-cans. Dizem q foi o caso que a dita mulher começou a deitar tudo quanto tinha em casa aos soldados e a mais gente como festijando a dita tomada e alegrya. Está sepultada na mesma hermida com campã raza e deixou de dizer o mez dos defuntos humas tantas missas e huma cantada q uão todos os annos cantar os beneficiados da freguesia de sam Mamede. – Bibli. Nac., Lisboa.—Apontamento mss. a fls 37 do vol. da rep. de mss., Ft., 2, 14, (A, 1, 21 antigo).

Pode consultar-se um engraçado artigo do bom Silva Tulio a este respeito na Revista Universal Lisbonense, 10.º anno, 1850, pág. 144.”

7. Sobre o sítio onde ficava esta ermida, lemos no mesmo Castilho (Castilho, 1937: vol. IX, 230-234):

“Quem da rua Nova de S. Mamede toma para as escadinhas, encontra a meia encosta, e no ângulo reintrante que formam os dois lanços dessa íngreme calçada em degraus, um prédio muito moderno, de platibanda, com uma espécie de pateosinho na frente, e um jardim gradeado à espalda. É justamente ai; as paredes dessa casa descançam sôbre os primitivos

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

alicerces; é de crer. Para a banda de baixo segue o jardim; para cima ha umas casas de antigo aspecto, que vão até à Costa do Castelo. Essas casas encostam-se a um lanço da muralha moira, e pouco adiante ha uma tórre. O adarve da muralha, formando a base traseira dos prédios da rua do Milagre de Santo António e da Rua da Saudade, é hoje (1889) um chinquillo, uns armazéns de vinhos, etc. Nos fins do século XVII era o jardim da morada do senhor das Alcáçovas D. Jorge Henriques, avô do actual sr. conde das Alcáçovas”.

∴. Desta primeira ermida de São Crispim e São Crispiniano subsistem dois quadros a óleo, de autor desconhecido, que devem ser anteriores aos meados do século XVII (pois já os menciona Coelho Gasco). O do lado do evangelho representa o martírio dos Santos Crispim e Crispiniano, sapateiros, a serem supliciados enterrando-se-lhes agulhas nos sabugos dos dedos; o do lado da epístola representa a conquista de Lisboa, tendo no primeiro plano D. Afonso Henriques a cavalo, pelo meio da turba armada, onde ondulam guiões muçulmanos e cristãos; ao fundo vê-se o Castelo de S. Jorge.

“Já fala deles o laborioso Gasco, ao tratar da ermida primitiva, dizendo que lá «viu dois grandes e riquíssimos painéis, de pintura excelente, e mui bem acabados, um defronte do outro. Para a parte do Evangelho está um dêles, em que está de rica mão de óleo, pintada a conquista desta nossa cidade, obra muito para se vêr; em cima, aparecem em glória, com ramos e palmas triunfantes nas mãos, estes nossos santos defensores; e como tais se guarda nesta cidade seu santo dia, e se festeja com soleníssima festa o seu orago nesta sua insigne casa¹⁶».

(In Castilho, 1935: vol. III, 52)

¹⁶ Primeira Parte das *Antiguidades da Muy Nobre Cidade de Lisboa...*, edição da Universidade de Coimbra, 1924, pág. 284”.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



Fig. 10 – *Conquista de Lisboa aos mouros sob o patrocínio de São Crispim e São Crispiniano*, Museu da Cidade (MC.PIN.0224).

Bibliografia

CASTILHO, Júlio de – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 2ª edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, vol. III, 1935, pp. 32-33; vol. IX, 1938, pp. 224-235.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⦿ IGREJA PAROQUIAL DE SANTA CATARINA DO MONTE SINAI, NO PICO DE BELVER

Século XVI (1572) →1861 †

Já tratámos da ermida de Santa Catarina do Monte Sinai, fundada na eminência de um monte chamado antigamente do Pico de Belver, em 27 de Maio de 1557, pela devoção do rei D. João III e de sua mulher Dona Catarina, intervindo o Padre Frei Miguel de Valença, da Ordem de S. Jerónimo; vimos ainda que a Rainha fez mercê do Padroado da referida igreja à corporação dos Livreiros; e também, que a instâncias da mesma Rainha foi erecta em Paróquia por escritura feita em 9 de Outubro de 1559, desmembrando-se do território que pertencia à Paróquia dos Mártires, e começou a exercer as suas regalias desde o primeiro de Janeiro de 1560.

1. EDIFICAÇÃO DE NOVA IGREJA NO PICO DE BELVER: 1572

A igreja, ou ermida, edificada em 1557 na herdade da Boa Vista no Pico de Belver, pela rapidez com que foi levada a cabo – começada em 27 de Maio de 1557, já nela se celebrou missa em 25 de Novembro desse mesmo ano, ou seja, 6 meses depois! – bem demonstra que era de acanhadas proporções. Apesar de se ter tornado sede de paróquia em 1559/1560, não deixava de ser considerada uma “ermida”. O seu carácter arquitectónico, certamente no estilo “manuelino”, também a tornavam fora-de-moda na 2ª parte do século XVI, francamente fascinada pelo estilo clássico.

Assim, em 1572 tratou-se de reedificar a igreja, ampliando-a largamente; ou, para melhor dizer, reedificando-a por completo.

2. DO RISCO E DA PLANTA DA NOVA IGREJA

Viterbo é da opinião que o risco e a planta da nova igreja se devem a Afonso Álvares, procurador da real confraria de Santa Catarina do Monte Sinai e que nos assentos da irmandade aparece qualificado de mestre das obras de el-rei (Vd. Viterbo, 1899: vol. I, 14). G. Kluber (1959: 50) é do mesmo parecer.

Jorge Segurado, todavia, absolutamente convencido da directa e prática intervenção criadora do arquitecto Franciso d'Ollanda junto de D. João III, em todos os delineamentos e no erguer das obras régias, desenvolveu a tese de ser do Holanda a traça desta igreja, cuja planta e alçados se conservam e foram publicados por Sousa Viterbo. Esta hipótese já fora aliás aventada por Ayres de Carvalho. Considero esta tese solidamente provável.

(Vd. Segurado, 1970: 438).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3. A EMPREITADA FOI DADA A PERO NUNES NO DIA 1 DE JUNHO DE 1572

Foi dia 1 de Junho de 1572 que a confraria se reuniu para dar de empreitada a obra. Formavam a mesa:

“Francisco de Torres, juiz, Thomaz de Gouveia e Bertolameu Lopes, livreiro, mordomos; Affonso Alvares, mestre das obras d’el-rei, procurador, Manuel de Carvalho, livreiro, thesoureiro; Simão Vaz Seco, escrivão. Posta a obra em praça appareceram a licitar diversos officiaes de pedreiro, dos quaes ficaram especificados no respectivo auto Fernão de Alvares, Heitor Barreiros e Pero Nunes. A elles lhes foram mostrados os apontamentos da obra, ou bases da licitação, como hoje diríamos, redigidos por Affonso Alvares, e passados dias tornaram a comparecer perante a mesa com as suas respostas. A mesa, estudado o assumpto e consultadas as pessoas entendidas, resolveu dar a obra a Pero Nunes, casado e morador na Rua da Rosa, não por obrigar-se a fazê-la mais barato, mas por ser freguês da igreja, official mais antigo e abastado, offerecendo assim condições de mais confiança o perfectibilidade”

(In Viterbo, 1904: vol. II, 207).

Publicamos em apêndice o contrato que a Irmandade de Santa Catarina celebrou com o referido mestre pedreiro Pero Nunes. Limitamo-nos a dar em resumo os preços da empreitada. A braça da parede de alvenaria de pedra e cal, com todas as achegas, seria de 950 réis. A braça da guarnição com seu reboco a 160 réis. A braça da cimalha de tijolo com seu alchitrave, friso e cornija a 1.500 réis. A braça do telhado, pondo a telha que faltasse além da existente, 400 réis. Cada um dos arcos das naves 36\$000 réis. Cada uma das frestas da igreja, com cinco palmos de vão e largo e dez de alto 3\$000 réis. O pórtico com suas colunas dóricas 75\$000 réis.

A 8 de Junho era assinado o contrato. A 29 do mesmo mês e ano recebia ele, em quatro papéis, o traslado do debuxo e traça, que também reproduzimos em anexo^{LXXV}.

4. A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO

“A construção prolongou-se por alguns annos e Pero Nunes não logrou concluir a sua empreitada. Em julho de 1583, Pero Luiz, juiz do officio da pedraria e alvenaria, e Cosme Esteves, medidor das obras da cidade de Lisboa, foram chamados para avaliar as obras que Pero Nunes realizara até ao tempo da sua morte, para se verificar o que se lhe devia e pagar-se aos herdeiros. Em 27 de fevereiro do anno seguinte passavam elles nova certidão, de accrescentamento á primeira, em que se faziam algumas rectificações á anterior. A obra realizada foi avaliada em réis 465\$820, e tendo elle recebido 425\$265 réis, devia a confraria aos herdeiros 40\$555 réis. O ultimo recibo assignado por Pero Nunes é de 8 de março de 1579.

^{LXXV} A antiga igreja de Santa Catarina surge em grande parte da iconografia da cidade de Lisboa anterior ao terramoto, em particular nas representações de Braunio (1572/1598), de Weilburg (c. 1620), de Baldi (1669), do Grande Panorama de Lisboa (1698-99) e Vista de Lisboa e partida de S. Francisco Xavier (c. 1740) entre outras.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Em 1583 se fez uma junta de mestres pedreiros por se mover duvida acêrca da altura dos arcos das naves, que se dizia iam mais altos do que estava tracejado. Resolveram que se seguisse a traça para ficarem na altura das capellas de Filippe de Aguilar e Fernão Rodrigues de Almada.

Em 30 de novembro de 1585 foram consultados diversos officiaes pedreiros sobre se fechar de pedra a abobada da nave central. Responderam affirmativamente comtanto que se fizessem quatro pilares bastante fortes por cada banda do edificio, isto por causa da pouca solidez do terreno.

A mesa não contente com este parecer consultou architectos. Filippe Tercio, Balthazar Alvares e Matheus Pires, que foram da opinião que a abobada se fizesse de madeira, por o sitio ser muito perigoso, *por causa da barroca, como já correu os tempos passados e ser de barro solto*. O assento assignado por todos os individuos da mesa e pelos referidos architectos tem a data de.23 de fevereiro de 1586.

Antes d'isso, porem, numa reunião da mesa, Jorge Valente havia proposto que se .consultassem os architectos Jeronymo de Ruão, Nicolau de Frias e Filippe Tercio, o primeiro dos quaes, todavia, não compareceu ou não foi consultado.

A construcção da abobada de madeira da nave central foi dada a Francisco Lopes, mestre das obras do hospital, segundo o risco do architecto Nicolau de Frias. Esta resolução da mesa foi tomada.a 14 de abril de 1586.

Em 1595, a 1 dc setembro, foi concertado que se desse de empreitada a obra das torres a Alvaro Gomes, filho de Pero Nunes. Em junho de 1598 achamos assente uma verba de 4\$000 réis dada a Alvaro Gomes *à conta da obra que faz nas torres*.

É provavel que as obras da igreja ficassem concluidas por todo o seculo XVI ou nos primeiros annos do seculo XVII."

(Vd. Viterbo, 1904: vol. II, 208-209).

Temos também os nomes de alguns artistas que concorreram para a ornamentação da igreja. Em primeiro lugar, Gaspar Dias, que a tradição considera como um dos mais afamados pintores do século XVI. Trabalhou no retábulo da capela-mor, no ano de 1590. António da Costa concluiu o dito retábulo.

O pintor António Fernandes foi encarregado de dourar o retábulo, no mesmo ano. Guilherme do Vale assentou as vidraças.

A igreja era de 3 naves, com a porta principal para o sul e duas portas travessas uma para o nascente, outra para o poente. Tinha duas torres.

Os desenhos que se conservam mostram que "a igreja era singela, no estilo dórico, sem arrebiques de architectura" (Vd. Viterbo, 1904: vol. II, 208-209).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

5. O DESMORONAMENTO DO MONTE DE SANTA CATARINA: 21 DE JULHO 1597

“A elevação onde estava a igreja paroquial de Santa Catarina corria antigamente na mesma altura até à margem do Tejo, e nesse monte havia grande número de casas que formavam três ruas das mais formosas de Lisboa.

Pelas 11 horas da noite de 21 de Julho de 1597, se ouviram os gritos de um homem que ninguém conheceu, e que percorria as ruas, dizendo: “fujam todos, que se subverte o monte!”. A estas vozes saíram com efeito os moradores e fugiram para o lado do norte; e pouco depois o monte se submergiu, com as suas três ruas e 110 moradas de casas que as orlavam, sendo muitas delas de nobre arquitectura. Uma calçada e um cais de pedra, que estavam junto à praia, também desapareceram para sempre.”

(in Leal, 1874: vol. IV, 378-379).

Não temos informações sobre eventuais efeitos sobre a igreja, em construção.

6. CONFRARIA DOS LIVREIROS DE LISBOA

O estudioso fica perplexo perante as diferentes versões que se lhe deparam quanto às origens da Confraria dos Livreiros de Lisboa.

a) A confraria dos livreiros terá sido estabelecida na Capela de Santa Catarina na Igreja do Convento dos Trinitários. Assim:

- Matos Sequeira (1939: vol. I, 53): “A confraria dos livreiros foi instituída em 1480 por Frei Afonso da Cunha, na Capela de Santa Catarina, na Igreja do Mosteiro da Trindade”

- Luís Chaves (1966: 119): “(...) Na capela da igreja do convento do Trinitários, ou vulgarmente, por simplificação, da Trindade, estabeleceram os livreiros de Lisboa a sua confraria oficial.”

Em 1520 mudou-se tal Confraria para o recente templo do Loreto, por dúvida que houve, diz Frei Jerónimo de São José (1789: vol. I, 196); mas uma sentença da Universidade Geral obrigou os irmãos a tornar para a Trindade. Quando a Rainha D. Catarina criou a freguesia de Santa Catarina do Monte Sinai passou então para lá a Confraria (Sequeira, 1939: vol. I, 331)

b) A confraria dos livreiros vem directamente da confraria de Santa Catarina fundada no convento dos frades arrábidos em São José de Ribamar. Assim:

- João Bautista de Castro (1763: tomo III, 239):

“(...) A Confraria antiga dos Livreiros, (...) os quais se tinham mudado para esta nova igreja [de Santa Catarina do Pico, ou Belver], da Ermida de Santa Catarina de Ribamar onde tiveram o seu primeiro estabelecimento, desde o ano de 1460; até que a súplicas do Livreiro

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

da Casa Real, fez a Rainha [Dona Catarina] mercê do Padroado ao dito Ofício, incorporado em Irmandade no ano de 1567...”

c) A confraria dos livreiros não existia antes da fundação da igreja de Santa Catarina no Pico de Belver: os Livreiros não tinham confraria própria, mas com a trasladação da Confraria de Santa Catarina do Monte Sinai, de São José de Ribamar para Lisboa em 1567, esta Confraria foi dada aos livreiros e passou a ser a Confraria de Santa Catarina da Corporação dos Livreiros. Assim: “(...) E como a Santa simbolizava a sabedoria, entendeu [a Rainha Dona Catarina] que a ninguém ficaria mais bem confiado o zelo do seu culto do que aos livreiros, que ainda não tinham confraria própria.” (cf. Viterbo, 1904: vol. II, 204).

Impõe-se fazer uma releitura apurada das fontes, para tirar a limpo qual destas três interpretações tem fundamento certo ou provável.

A única noção comum, é que os Livreiros estão ligados ao culto de Santa Catarina.

7. ALGUNS CONFLITOS SURGIDOS POR MOTIVO DE COMPETÊNCIAS ECLESIÁSTICAS...

Quando foi criada a paróquia vizinha, de N^a S^a das Mercês, houve problemas com a Confraria dos Livreiros. Foi por volta do ano 1632. “O cabido tinha desmembrado a nova paróquia das Mercês sem a confraria ser citada”. Esta era a causa principal do pleito que se movia entre as duas entidades; mas havia também “controvérsias suscitadas por causa da nomeação dos curas e coadjutores. O poder real interveio na contenda, promulgando o alvará de 17 de Setembro de 1632, em que se aconselhava o cabido a pôr termo ao debate por meio de uma transacção amigável. Pelo novo acordo, a confraria ficou habilitada a poder despedir, quando lhe aprouvesse, o cura e o coadjutor, firmando o cabido os novos apresentandos. E quanto à desmembração da paróquia, resolveu-se que a da Santa Catarina apenas cedesse um terço da sua área para a formação da nova freguesia das Mercês”. O acordo foi celebrado no dia 1 de Dezembro de 1632. (Vd. Viterbo, 1904: vol. II, 206).

Outra demanda surgiu com os frades paulistas, que intentavam levantar um convento na área da freguesia. Não sabemos ao certo quais os motivos da polémica, mas não será fora da probabilidade atribuí-los a interesses paroquiais: Santa Catarina recearia por ventura a concorrência dos frades. O que é certo é que dia 13 de Julho de 1603, os confrades de Santa Catarina reuniram-se, sob a presidência de Diogo Velho, e resolveram contribuir com o que pudessem para ajuda dos gastos da demanda, sendo todos de acordo que se seguisse “por ser necessário defender a dita igreja para que não falte aos membros dela o “remédio”. Nada mais sabemos. (Vd. Viterbo, 1904: vol. II, 206).

Com o terramoto, a igreja e a paróquia de Santa Catarina sofreram graves danos.

Vd. Igreja Paroquial de Santa Catarina – 1755

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Bibliografia

CASTRO, Padre Joao Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763

COSTA, Antonio Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observações*. Vol. III. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1712

VITERBO, F. Sousa – *Diccionario Historico e Documental dos Architectos e Engenheiros e Constructores Portuguezes*. Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904, pp. 202-206

CHAVES, Luís – “Santa Catarina de Lisboa no culto e na toponímia citadina”. *Olisipo*, ano XXIX, nº 115/116 (1966), pp. 117-127.

Estatutos da Irmandade de Santa Catharina da Corporação dos Livreiros – Lisboa, 1915

CASTILHO, Julio de – *Lisboa Antiga. Primeira parte. O Bairro Alto*. 3ª edição revista e anotada por Gustavo Matos SEQUEIRA. Vol. II. Lisboa: Oficinas Gráficas da Câmara Municipal de Lisboa, 1955.

APÊNDICE

CONTRATO DE EMPREITADA

“Eis agora o contrato que a irmandade de Santa Catharina celebrou com o mestre pedreiro Pero Nunes:

IHS M.^a

Ao primeiro dia do mes de Junho de mil e quinhêtos e satenta e dous anos nesta cidade de lix^a na Igreja de santa caterina de monte Sinay estando na mesa da confraria della os señrs officiais do ano presente —s— frc^o de tores, Juiz, Thomas de gouuea mordomo, e Afonso Alvarez das obras delRey Doso nosso señr procurador, e bertolameu lopez liurejro, mordomo e mauoel carvalho liurejro tesoureiro, logo por my Simão vaaz Seco escriuão da dita confraria foi posto e pratica e como avia dous mezes que por elles ditos officiais e mais Irmãos da dita confraria cõ parecer dos fregezes e dos ofiçiais das Confraryas da dita Igreja se tinha tomada conclusão pera se aver de dar a obra della dempreitada conforme ao que pelos ofiçiais pasados ficou asentado, e se acabar por ser mujto pequena e não caberẽ nella os fregeses, e se acrescentar pela traça que se pera iso fez, de que todos forão cõtentes pelo que ha votação se tinha por vezes dito da parte deles ditos officiais.

A detreminação que sobre ello se tinha tomado ecomẽdando a todos em jeral que cõ seus pareceres e votos dixeçem ho que lhe pareceçem bem, e que quẽ quizeçe lançar na dita obra pera haver de fazer se fose a meza pera os officiais della lhe tomarẽ,

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

seus lanços. Ao que sairão algũs ofiçiais antre os quais forão fernão dalvarez e eitor baireiros e p.º nunez e outros pedrejros a cada hũ dos quais lhe forão dados apontam.tos cõ declaração da calidade e sustança da obra f.tos (feitos) per a.º alvarez procurador da dita meza e traladados per mÿ escriuão e asin lhe foi mostrada a traça da dita obra, o que todo por elles visto depois de algũs dias se Resoluerão e vierã a dita meza cada hũ cõ seus apontamētos e presos ã cada cousa por elles asinados, os quais eu escriuão tomej e dej delles Relação na meza e por algũs dias praticado sobre iso e f.tas contas e tudo tenteado, tomados pareceres de pesoas que ho entendião sobre a disparidade deles, asentarão que ho dito procurador cõ a enformação que se tinha tomada poseçe os presos da dita obra ã o que parece justo, e rezão e que por eles se dese a p. nunez casado e m.º nesta cydade na Rua da Rosa freguezia desta Igreja e esto posto que ouueçe outros lanços mais baixos q o seu por ser oficial mais autiguo e abastado e freges desta Igreja e se prosomir delle que o fará melhor que todos, e chamado ho dito p.º nunez e mostrado os apontamentos na manr.ª emendados que pareceo bem ao dito procurador e mais ofiçiais, e perguntado se os queria aseitar forão por elle ã parte Reprycados o que visto por todos e alterquado sobre iso por final se Resumirão darẽ, a dita obra ao dito p.º nunez pelos preços e condisois adiante declarados os quais elle aseitou e foi contente fazer.

A braça acostumada de parede daluenaria de pedra e cal pondo todas as achegas —s— pedra cal caldeada daguoa doce area dalẽ mãos doficiais e siruydores e todas as mais necessarias até ser acabada sendo bem farta de cal, bem traçada como se costumão fazer as boas obras nesta cidade bem desenpenada e bem igualhada e enbocada por preço e contia de noueçentos e sincoenta rª.-950.

A braça da gornição con seu Reboquo, mt.º bem desēpenada e mt.º bem asentada pinçelada sã gretas nẽ ãpolas, nẽ seja queimada da colhar e de todo acabada por preço de çento e sacenta rº.-160.

A braça da cimalha de tijolo cõ seu alquitraue friso e coronija, a qual simalha tera dalto sinquo palmos e será de molduras doricas, sendo m.tº bem asentada e mujto bem guarnecida destuq por preço de mil e quinhentos rº-1500.

A braça do telhado (pondo a telha que faltar da que agora esta) cõ seus fios e canos hahõde forẽ necessarios cõ hũa canal chea e outra vazia sendo mujto bem asentado e derejto e m.tº bem Redado e com seus espigões m.tº dereytos e bem feitos e ensopados ã cal e as telhas m.tº bem conchegues (entregues?) hũas nas outras e de todo acabado por preço de quatro centos rº-400.

Pedraria =Cada hũ dos arquos das naues cõ seu pilar ho qual pilar tera dalto cõ ho capitel vinte e dous palmos e de grosso pela frente tres palmos e hũ terço e da grosura da parede que tẽ sinquo palmos, e serão despeçados as fiadas —s- hũa prepianha ao comprido e outra despedada ao traues, e serão todas de hũa galga.”

Repartidas na dita altura Igualm.te e os arquos despedados pela mesma maneira sendo m.tº bem limpos descoda e os capiteis dos ditos pilares serão de molduras doricas lauradas e aseutadas em seu lugar por preço de trinta e seis mil réis - 36000.

A vara da faixa que vai por sima dos ditos arqos a qual ade ser de pedrarja e tera dalto hũ palmo e hũ terço e ha sacada por sima dos tardozes dos arquos dous dedos sendo m.tº bem limpa descoda asentada ã seu lugar por preço de dozentos e siucoenta réis -00250.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Cada hũa das frestas da Igreja lancis a façe de fora cõ seu Resalto e que teuhão sinq.º palmos de vão e larguo e dez dalto muito bem limpas descoda lauradas e asentadas e seu lugar conformes ao debuxo per preço de tres mil réis -03000.

O portico cõ suas duas colunas cada hũa de hũa so peça cõ os dous meos pilares que vão arrimados as paredes dũ cabo e doutro cõ seus alquitraues e arq.º e cõ os dous espelhos das ilhargas do arq.º como na traça e debuxo vão ordenados tudo de pedraria m.tº bem limpa descoda e laurado e asentado, tudo e seu lugar e as colunas e pilares terão dalto vinta dous palmos como se vera pelo debuxo por preço de satenta e sinq.º mil réis - 75000.

A vara do cunhal laurado de piquão miado sendo muito bem tratado e tendo dalto palmo e m.º e dous palmos hũas por outras e de leito hũ bom palmo e m.º antes mais que menos laurados e asentados e seu lugar por preço de duzentos e oitenta réis - 00280.

A vara da simalha que adir nos cunhais e adatar cõ a simalha de tijolo que ade ser das mesmas molduras e altura cõ seu alquitraue frizo e coronija como dito he sendo m.tº bẽ limpa descoda lacrada e asentado e seu lugar por preso de mil e quinhentos réis - 01500.

A vara do degrao cõ seu bocel e filete por baixo sendo muito bom limpo descoda laurado e asentado e seu lugar por preço de quinhentos e sineoeuta réis - 00550.

Cada hũ dos arquinhos das tores em que aede estar os sinos que ande ter de vão e larguo seis palmos e dalto doze que ande de ser de pedrarja laurada de piquão meudo e asentado tudo e seu lugar por preço de noue mil e quinhentos réis - 09500.

O espelho Redondo da empena do meo da frõtaria sendo lancil e terá de lume o diametro delle ojto palmos e pela parte de dentro sera daluenaria Rasguado sendo laurado de piquão m.tº bem ft.º e m.tº bem asentado e cõ hũa ranura pela parte de fora pera asentarẽ as vidraças e acabado e asentado e posto e seu lugar por preso de ojto mil e seiscentos réis - 8600.

A braça dabobeda da capelinha de bautizar que ade ser de tijolo siujelo fechada por sima do tardos do arq.º da dita capelinlia e m.tº bem garnecyda e acabada cõ todos os custos por preso de mil e oitocentos réis - 01800.

Cada hũ dos arquinhos da dita capelinha da pia de bautizar e da outra e que vaj a escada as quais terão de larguo dezaseis palmos e serão fechados na altura dos das naues e da grosura de tres palmos sendo muito bem limpos descoda e asentados por preço cada hũa de vinte mil réis - 20000.

Con as quais declarasões e presos o dito pero nunez foi contente aseitar a dita obra —s— a daluenarja da man.ra que e cada hũa dos t.ºs (titulos) dela vão, e asim a de pedrarja, a qual será da melhor pedra lioz que na terra ouuer cõ muito boas arestas m.tº bẽ limpa descoda e m.tº bem tratada sen quebradura nẽ falha algũa e m.tº bem laurada e asentada e ha dita confrarja lhe não será obriguada dar mais cousa algũa que o preso por que lhe as ditas cousas atras vão asentadas sem outra nenhũa obriguação cõ tal declaração que sendo caso que o dito pero nunez faça algũa obra mais da que nos apontam.tºs vai declarado que e tal caso lhe sera paga soldo e liura doutra semelhante que tiver preso ora seja da f.tª aquj ora noutra qualquer p.te não avendo aqui sua semelhante do que tera sempre a escolha os officiais da meza e sera mais obriguado tomar todas as chegas e outras quais q.r cousas que a confraria tiuer e ao diante ouuer e quauto a obra durar que pera ella se aião mister, e asim se algũa p.ª ou p.ªs por sua

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

devação derẽ algũs officiais ou os officiais dias de esmola p.^a a dita confrarja ou seruidores escrauos ou escrauas que ẽ tal caso elle dito p.^o nunez leuará em conta a conta do dinheiro por Recebim.t^o pera a dita obra ho preso que justam.te valerẽ as tais cousas, a qual obra se obrigou fará conforme a traça a (sic) debuxo que neste liuro está cozido as ff.s 2, o qual está asinado por o dito p.^o nunez e pelos officiais da meza, do qual se tirou outro treslado que o dito p.^o nunez confessou ter em seu poder pera por elle se Reger no fazer da dita obra, o qual tambem vaj asinado pela mesma man.ra asim dita p.a que a todo o tpo que ouuer algũa deferença se cotejarẽ os ditos debuxos e traças e este contrato, das quais deferenças todas por qual quer via que sejam sera sempre juiz delas o juiz desta confraria que ore he e ao diante for e as detreminará conforme ao compremiso dela e provisões de S. A. pela qual detreminação ho dito pero nunez estará, e outros quais q.r officiais que per via deste contrato dele descreparẽ cousa algũa ẽ parte ou em todo. E ao dito pero nunez lhe serão medidos os vãos daluenarja per cheos descõtãdolhe a grosura da pedrarja honde a ouuer, e asim lhe será dada a pedra daluenarja que sair das paredes pelo trabalho de as derrubar e tirar, e será obrigado com toda a deligencia e cujdado fazer a dita obra e ter diso especial cujdado para q sempre va fazẽdo nella e a não aleuantar a mão dela antes cõ os mais ofiçiais que for posiuel a fazer e nella os trazer senpre continos e não poderá trespassar a dita obra a outro official algũ sã vontade e cõsentimento dos officiais desta confrarja que ora são e ao diante forẽ e todas as vezes que o dito p.^o nunez requerer conta ou os ofiçiaes da meza a quizerẽ tomar ho poderão fazer e elle será obrigado fazer senpre na dita obra e os officiais lhe irão dando ho dr.^o asim como o forẽ avendo de manr.a que se não guaste ẽ outra cousa saluo nas ordinairas da Igreja que forẽ mujto necessarias. declaro que avendo dr.^o se entendera das esmolos e Rendas da dita Igreja que ora tem e pelo tempo em diante ouuer sem os officiais que ora são e ao diante forẽ lhe serem em obriguação algũa pera comprimento do qual contrato os ditos officiais obrigarão todas as rendas, esmolos que a dita confraria tem e ao diante ouuer e 'elle dito pero nunez obrigou toda sua fazenda a ho cõprir asim e da manr.a que ẽ elle he declarado, o qual contrato foi aseitado por todos e asinado por todos os irmãos desta confraria que ao presente se acharão nesta cidade e o conhecimento do dinheiro que se fizer do Recebimento para a dita obra será neste L.^o do ensaramento deste contrato ẽ diante, o qual será feito pelo escriuão desta confrarja pera descarguo do tesoureiro que lho ẽtregar, o qual ho não dará senão por mãdado do Juiz e mais officiais, e deste contrato se deu o trelado ao dito P.^o nunez pera sua guarda feito por mÿ escryuão, e nos conhecimentos que se fizerem neste l.^o do dr.^o que receber asinará ho dito P.^o nunez cõ ho escriuão que ho fizer e por eles leuará ẽ conta todo o dr.^o que se nelles montar a todo tempo que lha quizerẽ tomar, o que todos asi asejtarão e mãdarão fazer ẽ que todos asinarão ẽ oito do Junho de mil e quinhentos e satenta e dous anos.—p.^o nunez=Fr.^{co} de torres=Simão Vaaz Seco=-Thomas de goueia=Ant.^omadr.^o=Manuel de Carualho=A.^o Allvez =Y.^o frejre.”

(In Viterbo, 1904: vol. II, 213-216).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

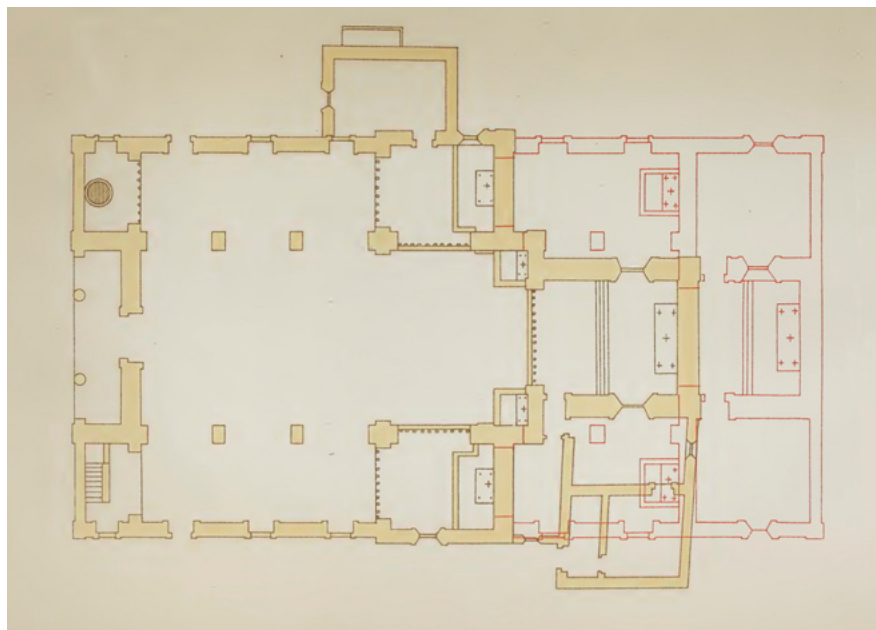


Fig. 11 – Planta da Igreja de Santa Catarina da Corporação dos Livreiros.
A vermelho, acrescentamentos provavelmente posteriores a 1572
(in Viterbo, 1904: vol. II, 208-209).

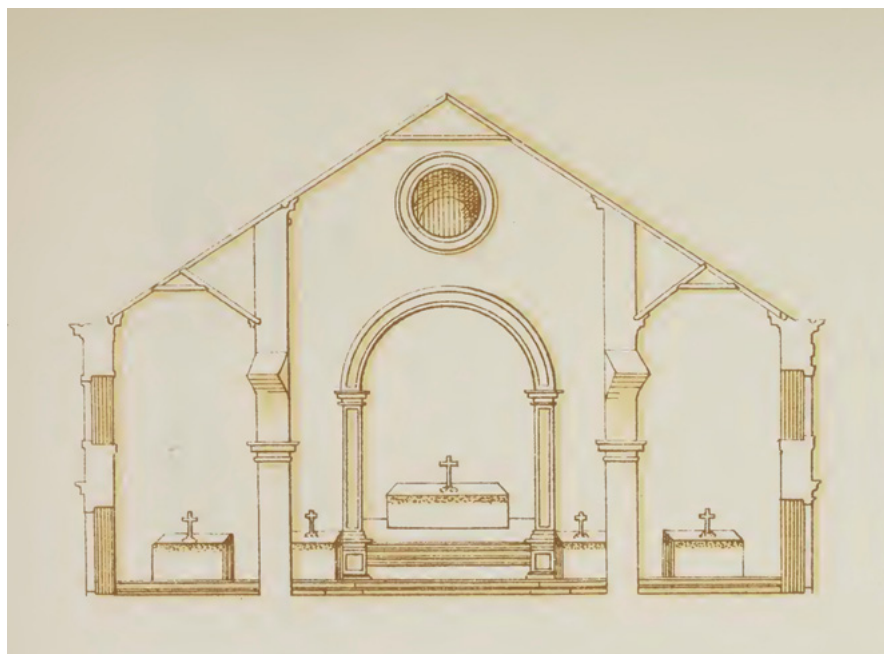


Fig. 12 – Igreja de Santa Catarina da Corporação dos Livreiros:
perfil da frontaria do Cruzeiro (in Viterbo, 1904: vol. II, 202-203).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

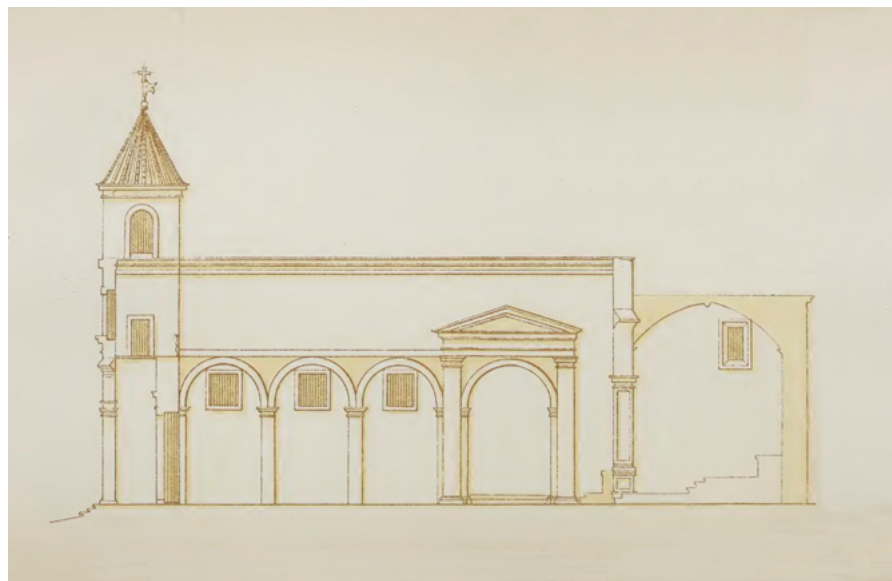


Fig. 13 – Igreja de Santa Catarina da Corporação dos Livreiros: perfil das naves dos arcos da igreja (in Viterbo, 1904: vol. II, 206-207).



Fig. 14 – Igreja de Santa Catarina da Corporação dos Livreiros: perfil da frontaria da porta principal (in Viterbo, 1904: vol. II, 202-203).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO PAULO – 1ª

Século XVI (1571?) → † 1755

1. A ERMIDA DE SANTO ESPÍRITO NO BECO DO CARVÃO

A origem da paróquia e igreja de São Paulo parece dever-se filiar numa ermida medieval do título do Santo Espírito, existente no sítio de Cata-que-farás.

Este sítio de Cata-que-farás ia desde o que é actualmente o Largo do Corpo Santo até um ponto próximo do actual Largo de São Paulo. A rua direita de São Paulo partia do Arco da Corte Real (actual Rua do Arsenal), seguia pela actual travessa do Corpo Santo até ao fundo da Rua das Flores; aqui existia antes de 1755 uma Calçada de Cata-que-farás e um cruzeiro com o mesmo nome, que já existia em 1556.

Ora, sensivelmente onde actualmente é a Rua Nova do Carvalho, entre a Travessa dos Remolares e o Largo de S. Paulo, numa via que então se chamava Beco do Carvão (ou Beco do Espírito Santo), existiu uma ermida dedicada ao Espírito Santo, a que se referem certos documentos com o nome de “Santo Espírito no Cata-que-farás” ou “Santo Espírito no Beco do Carvão”, ou “Santo Espírito no Cais do Secretariado”. Esta ermida já existia antes do ano de 1412 (Vd. Costa, 1712: tomo III: 482).

2. OPINIÕES CONTRADITÓRIAS SOBRE A DATA DA FUNDAÇÃO DA PARÓQUIA DE SÃO PAULO

Os autores do princípio do século XVIII emitiam opiniões que faziam remontar as origens da paróquia de São Paulo para os inícios do século XV, senão para antes.

A - Carvalho da Costa (1712: tomo III,483) afirma que esta freguesia “se principiou em uma Ermida do Espírito Santo no beco do Carvão, que hoje está extinta; e quatro páginas depois, falando da “Ermida de Nossa Senhora da Graça, que hoje chamam do Corpo Santo”, e evocando uma procissão que se fazia por todas as hortas de Lisboa, diz que a dita procissão “se recolhe nesta Ermida, que antigamente foi freguesia, e dela se mudou a Senhora para a Igreja de São Paulo no ano de 1412, como consta da pedra que está na porta principal” (Costa, 1712: tomo III, 489).

B - Frei Agostinho de Santa Maria (1707: vol. I, 493), falando de certas imagens que “terão alguns 120 anos de princípio, porque mais ou menos”, justifica essa antiguidade “porque se mandariam fazer depois que se deu princípio àquele grande e majestoso Templo (isto é, a igreja de São Paulo anterior ao terramoto), ou depois de estar já alguma coisa adiantado: porque deixando aqueles paroquianos a igreja de Nossa Senhora da Graça do Corpo Santo, aonde esteve a paróquia muitos anos, em o de 1412 elegeram a Ermida do Espírito Santo, que estava junto ao beco do Carvão, que fica nas costas deste mesmo templo moderno [i.e., a igre-

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ja de São Paulo anterior ao terramoto] – ermida do Espírito Santo de que ainda existem vestígios – por remédio, até porem o seu novo templo em termos de se colocar nele o Santíssimo Sacramento...” . E continua: “Logo no mesmo ano de 1412 se deu princípio ao novo templo, que dedicaram ao Doutor das gentes o Apóstolo São Paulo, como se vê em dois dísticos, que estão esculpidos no frontispício da porta principal, que assim o declaram”...

C - João Bautista de Castro (1763: tomo III, 394) avança cautelosamente:

“Se houvermos de dar crédito a uns versos que em forma de inscrição colocados sobre a porta desta igreja, e abertos em pedra, diziam assim:

*Numem adest intus, Paulo maiora canamus,
Regia dum mirum munera pandit opus.
Aera salutis habet bis septem saecula Phaebi,
Bis sex annorum si tamen excipias.*

Havemos de afirmar que fora erecta no ano de 1412”.

Este autor alega em favor desta conclusão o *Santuário Mariano* (por nós também referido). Mas contrapõe-lhe Fr. Apolinário da Conceição, o Autor da *Demonstração Histórica* (nº 266), que “o reprova com razão”; e sobretudo Cristovão Rodrigues de Oliveira (cujo testemunho exporemos mais adiante).

As incertezas persistem no século XIX. Citamos mais dois.

D - Pinho Leal (1874: vol. IV, 217) – diz ter sido freguesia erecta em 1412 numa ermida com a invocação do Espírito Santo, situada no Beco do Carvão, que há muitíssimos anos não existe; e que os paroquianos construíram à sua custa uma nova igreja, para onde em 1572 se transferiu a paróquia.

E - Esteves Pereira, no seu *Dicionário* (1908: vol. VI, 717) adverte que

“pode ser que no arquivo da igreja, antes do terramoto, existisse algum documento a este respeito, mas como o arquivo se perdeu completamente nessa lamentável catástrofe, se tornasse depois difícil esta averiguação”. Acrescenta no entanto: *“No actual arquivo da irmandade há cópia de muitos documentos antigos, que existem na Torre do Tombo, cópias que se tiraram por ordem d’el-rei D. José, a pedido da irmandade e dos paroquianos. No livro citado estão esses requerimentos (?), e nas cópias que se fizeram há dois importantes alvarás, do tempo de el-rei D. Sebastião, um datado de 29 de Outubro de 1566, e outro de 1568. Neles se declara que o cardeal D. Henrique, sendo arcebispo de Lisboa, instituía esta nova freguesia, desmembrando parte da dos Mártires e outra parte da de Santos-o-Velho, e que se construiu a igreja à beira-mar, na praia da Boa Vista, com o nome de S. Paulo”.*

O principal argumento contra tal antiguidade da paróquia de S. Paulo – e, confessemos-lo, argumento que parece irresponsável – é a obra *Sumário* elaborada por Cristovão Rodrigues de Oliveira, em 1551. Nela, o autor, que era funcionário do Paço Arquiepiscopal (guarda-roupa do Arcebispo) faz o levantamento exaustivo das paróquias de Lisboa, assim como das igrejas ou ermidas que não são paróquias. Ora, ignora totalmente a paróquia de São Paulo, e bem assim qualquer igreja de S. Paulo!

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Igualmente se torna difícil aceitar a afirmação do autor do *Santuário Mariano*, quando diz (1707: vol. I, 493) que

“logo no mesmo ano de 1412 se deu princípio ao novo templo (de São Paulo), que dedicaram ao Doutor das gentes o Apóstolo São Paulo, como se vê em dois dísticos, que estão esculpidos no frontispício da porta principal, que assim o declaram. Ainda que a conservação dele foi tão vagarosa, que isso têm as fábricas grandes, onde as despesas são limitadas: porque haverá mais de sessenta anos que se acabou de todo e ainda hoje lhe falta por acabar a capela-mor”.

3. O QUE SE PODE DAR COMO PROVÁVEL, SE NÃO CERTO, QUANTO À DATA DA FUNDAÇÃO

A - A paróquia foi provavelmente criada pelo cardeal-arcebispo D. Henrique, que a destacou em 1566 da paróquia dos Mártires, ao mesmo tempo que desmembrou a de Santos, ou pouco depois desta (Silva, 1940: 52). Tenha-se presente que em 1559/1560 foi criada, à custa das freguesias do Loreto e Mártires, a paróquia de Santa Catarina do Monte Sinai, no Alto de Belver.

B - A igreja de São Paulo existia antes de 1598, data da edição do 5º volume da obra de Jorge Bráunio (a gravura Olissippo que vem no 1º volume dessa obra, e onde não aparece ainda a igreja de São Paulo, é que é de 1572).

Não é improvável que a dita igreja tivesse sido iniciada mesmo antes de 1572 e a sua construção se tivesse arrastado, dado que era feita a expensas dos paroquianos (pescadores sobretudo). Parece que só nos meados do século XVII se acabou de todo; e no fim desse século ainda faltava por acabar a capela-mor.

Repugna considerar como totalmente falsas as alusões à função paroquial, anterior à criação oficial da paróquia de São Paulo, da Ermida de N^a S^a da Graça ou Corpo Santo, anterior a 1412; e à função paroquial da Ermida do Espírito Santo do Beco do Carvão, a partir desse ano. Acaso a organização pastoral do tempo admitia que certos templos (ermidas) desempenhassem algumas funções supletivas da paróquia, ou para-paróquias, com algumas prerrogativas de cura d'almas, vg. Pia baptismal, etc.

Vieira da Silva (1940: 52) opina que seria pelo menos possível que, depois da fundação da paróquia de São Paulo – que fixáramos em 1566 – até à construção da Igreja Paroquial de São Paulo – que datáramos de 1572 –, tivesse servido de sede paroquial a Ermida do Espírito Santo, que existiu no desaparecido Beco do Carvão, sita aproximadamente no local que na actual Lisboa corresponde ao leito da Rua Nova do Carvalho, entre as travessas da Ribeira Nova e dos Remolares; e talvez também tivesse provisoriamente desempenhado tais funções a Ermida de Nossa Senhora da Graça, que existiu no antigo Largo do Corpo Santo, onde depois (no século XX) se abriu uma casa de pasto, na Travessa do Cotovelo n^{os} 1 a 7.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

4. COMO SERIA A IGREJA DE S. PAULO

“A igreja paroquial de São Paulo (anterior ao terramoto) é das mais majestosas que tem esta cidade” (diz Carvalho da Costa, 1712: tomo III, 482), a mesma igreja que o Autor do *Santuário Mariano*, atrás citado, classifica como “aquele grande e magestoso templo”.

É

“de uma só nave, com a porta principal para o Poente, e outra para o Norte: o seu tecto é todo apainelado de mui primorosa pintura, e sobre o arco da capela-mor está a conversão do Santo, obra do insigne pintor Stopo”

“[...] tem nove capelas com a maior. [Nesta] estão as imagens dos gloriosos apóstolos São Pedro e São Paulo [...]. A [capela] do Santíssimo Sacramento, com quatro capelães; a de Santa Catarina; a das Almas, com a sua irmandade que tem cinco capelães; e a de N^a S^a da Piedade, imagem de muita devoção e das mais perfeitas que tem o nosso Reino. São estas capelas do lado do evangelho, todas de obra moderna com seus retábulos e tribunas, e têm ricos paramentos. As outras capelas da parte da epístola são: a de Nossa Senhora da Boa Viagem, com sua irmandade, que é da Junta do Comércio e tem três capelães; a de Santo António; a de Nossa Senhora da Luz; a de São Francisco Xavier, onde estão São Lourenço Martir, e São Sebastião; e a de São João Batista, com sua Irmandade dos Calafates”

(Costa, 1712: tomo III, 482-483).

A igreja ocupava aproximadamente o local do actual Largo de São Paulo:

“a frontaria [...] olhava para o poente; o terreno fronteiro, chamado “o adro”, tinha 120 varas de comprido, de nascente a poente, e de largura, do norte a sul, 38 varas, 1 palmo e 6/10. [=132 metros x 42,35m].

Inclusa neste terreiro erguia-se a igreja com a sua frente de 20 varas, 2 palmos e 5/10, e o seu fundo de 47 varas [=22,57 m].

Desde a cabeceira do templo até às primeiras casas, do lado do nascente, iam 5 varas, 3 palmos e 4/10 [=7 metros], ficando o corpo do mesmo templo a igual distância dos limites austral e boreal do seu adro”

(Segundo o *Tombo da Cidade*, citado por Castilho, 1893: 526).

O pároco tinha predicamento de Vigário, e lhe rendia 600 mil réis a igreja. O donatário da Igreja era o Eminentíssimo Patriarca. O dito Prelado apresentava o Coadjutor, que tinha de cõgrua a quarta parte do rendimento da igreja. A Irmandade do Santíssimo apresentava dez capelas, das quais a maior era de 65 mil réis. A Irmandade das Almas provia dezasseis capelas de 50 mil réis cada uma. Havia mais a Irmandade de Nossa Senhora da Piedade, com quatro capelães de 50 mil réis cada um; e a Irmandade de Nossa Senhora da Boa-Viagem, com seu capelão, a quem dava 60 mil réis (Castro, 1763: tomo III, 394).

O terramoto de 1755 arruinou muito o edifício.

Vd. Igreja paroquial de S. Paulo – 1755 ss.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



Fig. 15 – Pormenor da Vista de Lisboa na 2ª metade do séc. XVI (Braunio, 1598): Mosteiro de N. S. da Esperança (38); Porta do Duque de Bragança (60); Igreja de Santa Catarina (115); Igreja das Chagas (116); Igreja do Corpo Santo (118); Palácio do Duque de Aveiro (133); Palácio do Duque de Bragança (134). Em destaque, a possível localização da igreja primitiva de São Paulo que tem origem na Ermida ao Espírito Santo, a Cata-que-Farás.

Bibliografia

COSTA, Antonio Carvalho da – *Corografia portuguesa e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712, p. 482.

CASTRO, Padre Joao Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763, p. 394.

CASTILHO, Julio de – *A Ribeira de Lisboa: descripção histórica da margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1893, Livro IV, cap. VII

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

CONCEIÇÃO, Frei Apolinário da (1750) - *Demonstração Histórica da Primeira e Real Paróquia de Lisboa, de que é Patrona e Titular N. S. dos Martyres...* 2 vols. Lisboa, Oficina Ignacio Rodrigues.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Diccionario histórico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artístico*. Vol. VI. Lisboa: J. Romano Torres, 1904 (vol. I), p. 717

SILVA, Augusto Vieira da – *As freguesias de Lisboa: estudo histórico*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1943

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dosprêgadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Vol. I. Lisboa, Oficina de Antonio Pedrozo Galrão, 1707, p. 493

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA

Século XVI (anterior a 1578)

Nas costas da Casa Professa de São Roque, da Companhia de Jesus, existe uma íngreme calçada, que se chama Calçada da Glória, que de há muitos anos é servida por um elevador. No fim dessa calçada, não muito distante do Convento das Religiosas da Anunciada, situava-se a Ermida da Nossa Senhora da Glória, contígua às casas dos Condes da Castanheira.

Fr. Agostinho de Santa Maria – *Santuário Mariano* (1707: vol. I, 270-271) – informa-nos sobre a origem desta ermida.

“Foy eſta caſa da Senhora da Gloria do Padroado dos Condes da Caſtanheira até o presente; & o modo com que veyo a eſta Casa foi neſta maneira. Vierão a eſte Reyno dous nobres Florentinos, que se chamava o primeiro Lucas Giraldes & o ſegundo Nicolao Giraldes. Eſtes forão progenitores de famílias muyto illuſtres deſte Reyno. De Nicolao Giraldes foy particular amigo Fernão Paes, nobre cidadão da cidade do Porto, Senhor do fitio onde hoje se vê a Igreja de noſſa Senhora da Gloria, que elle edificou, por eſpecial devoção, que tinha à noſſa Senhora: como se vê de hum epitafio, que eſtá na fua ſepultura, que ſe vê em o plano da Capella mòr da meſma Senhora, que he neſta maneira.

Eſta ſepultura de Fernão Paes Cidadão da Cidade do Porto, que edificou por fua devoção eſta Casa de noſſa Senhora, para ſi & feus herdeiros à fua cuſta. Pater noſter. Faleceo na era de 1578.

Tinha eſte fidalgo hũa filha, (parece que não era caſado,) & vendofe no fim da vida a recomendou a Nicolao Giraldes, para q elle lhe deſſe eſtado ſegundo a fua qualidade, deixandolhe pelo encargo parte da fua fazenda, & o mais para dote de fua filha, avinculada em Capella, & morgado; & que fucedendo morrer a dita fua filha ſem herdeiros, ficaffe elle Nicolao Giraldes por Senhor, & adminiftrador da Capella de N. Senhora da Gloria, & morgado. Morreo a filha de Fernão Paes ſem herdeiros, & por fua morte ficou Nicolao Giraldes Senhor, & adminiftrador do morgado, & da caſa da Senhora. Por morte de Nicolao Giraldes entrou na herança feu irmão Lucas Giraldes, & feus ſuceſſores, & foy o primeiro, que lhe fucedeo D. Jorge de Ataíde Conde da Caſtanheira: & por fua morte lhe fucedeo no morgado, (que importa hoje alguns feis mil cruzados de renda) fua irmãa a Senhora D. Anna de Ataíde & Caſtro, Condeça da Caſtanheira, que caſou com Francisco Correa da Silva. Por morte da Condeça da Caſtanheira, fão hoje muytos os pertendentes ao morgado, (de que tomou poſſe a Senhora D. Francisca de Vilhena, mulher do Almirante mòr,) & principalmente os Portugaes, por entenderem ficão mais proximos à ſuceſſão por descenderem do referido Lucas Giraldes; os quaes fazem tanta eſtimação deſte aſcendente, que delle tomárão muytos o nome de Lucas. Eſta he a origem que teve a caſa, & Igreja da Senhora da Gloria”.

Pouco depois de Filipe II de Espanha estar em Lisboa (onde entrou em 29 de Junho de 1580), chegaram a este Reino umas religiosas Flamengas, expulsas da sua pátria. Depois

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

de serem agasalhadas durante algum tempo no Convento da Madre de Deus, vieram para as Casas da Senhora da Glória, onde assistiram alguns anos, enquanto não edificaram o seu Convento de N^a S^a da Quietação, em Alcântara, para onde depois se mudaram. No tempo em que estiveram na Casa de N^a S^a da Glória, foi ali aceite em 1583 uma noviça flamenga, que se passou a chamar Sor Anna da Glória, que foi depois quatro vezes abadesa daquelas Religiosas, até que faleceu em 1633.

Nesta Ermida estava colocada uma devota imagem da Rainha dos Anjos, com este título de N^a S^a da Glória, muito venerada da gente de Lisboa. A origem desta santa imagem é relatada pelo já referido autor do *Santuário Mariano* (Santa Maria, 1707: vol. I, 267-269), que transcrevemos.

“Nesta Ermida está colocada hã devota Imagem da Rainha dos Anjos com este título, muyto venerada, & bufcada da gente de Lisboa. A origem desta Santa Imagem que hoje se vê naquela Casa referem nesta maneira. Pelos anos de 1560 & tantos veyo a Lisboa hum insigne Escultor, que alguns querem fosse Francez. Poufou este em hã estalagem do Rocio, & parece vinha enfermo; & porque não devia trazer a bolfta muyto cheya, fez à estalajadeira alguns oito, ou dez mil reis de despesa, q naquelle tempo era mais cabedal que hoje. E como a mulher vio que o estrangeiro não pagava, nem moftava ter com q o fazer fustuypendeolhe a aftsitencia. A vista disto, animou a o Estrangeiro, & pediolhe lhe mandasse vir hum pouco de barro, & delle levantou hã Imagem de Chrifto atado à Columna; depois de feca a mandou cozer, & encomendou à mulher puzesse effa imagem na feira (que em todas terças feiras do anno se faz no Rocio daquela cidade,) & que visse o que lhe davão pela manufactura. Fello affim a mulher, & logo se lhe offercerão por ella dez mil reis. Deu parte ao Artifice, & diffelhe que era pouco; continuarão os lanços de forte que lhe chegaraõ a dar vinte mil reis. À vista do lanço, mandou a desse, & que se fatisfizesse da sua divida, & que do mais lhe fosse acudindo. Esta imagem dizem a comprára um fidalgo, & que a collocára no feu oratório, & a unira a feu morgado: tam soberana coufa era. A vista da excellencia do Artifice lhe pedirão os Irmãos do Santissimo Sacramento da Parochia de Santa Justa, lhes fizesse algũas Imagens da Payção de Chrifto, para na Quarefma fazerem os passos. E com efeito lhas fez (como hoje se vê naquela Igreja) a Imagem do Senhor atado à Columna, o Senhor com a cana verde na mão, & hã Imagem do Senhor com a Cruz, excepto o corpo, q fahirão todas perfeitissimas. No mesmo tempo se lhe encomendou a Imagem de N. Senhora da Gloria; q he de Soberana escultura; & pelo ser se tirarão della algũf modelos; & eu vi em casa de hum bom escultor, hã cabeça que se fez, ou va fou pela mesma Imagem, que con ferva com grande estimação. E sta he a origẽ da Imagem da Senhora da Gloria. Logo começou a obrar maravilhas, & antigamente foy grande a devoção de toda Lisboa para com esta Senhora, & ainda hoje é tida em grande veneração”.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊖ IGREJA DA MISERICÓRDIA – CAPELA DO ESPÍRITO SANTO

Século XVI (3º quartel)

Tal como fizemos relativamente à capela-mor da igreja dos Jerónimos (ano de 1572), destacamos a construção da Capela-lateral da Igreja da Misericórdia (1519-1534), dedicada ao Espírito Santo, e que é contemporânea.

No corpo da igreja (da Misericórdia) não havia previamente nenhuma capela ou altar.

Mas no 3º quartel do XVI, uma senhora chamada Dona Simôa Godinho edificou nela uma capela do lado do Evangelho, no mesmo eixo da portada lateral virada ao Sul, dedicando-a ao Espírito Santo e dotando-a liberalmente.

Esta senhora era de cor preta, muito rica, de origem nobre, natural da Ilha de São Tomé, que tinha casado com um fidalgo português, D. Luiz de Almeida e Vasconcelos, de quem ficou viúva e sem sucessão; veio para Portugal e despendeu em obras pias os seus avultados bens. O Convento da Cartuxa, de Laveiras próximo de Caxias, foi em 1598 fundado na quinta que fora de Dona Simôa.

No ano de 1594, a 19 de Maio, dia da Ascensão, se fez uma festa a despesa de D. Luiz de Lencastre, comendador-mor de Aviz, para se colocar o Santíssimo Sacramento, que foi levado em procissão pelo deão da capela real para a Capela do Espírito Santo.

“A capela é pela sua natureza valiosa peça de tardia Renascença. De pouca área de ocupação ostenta no entanto certa opulência, bom gosto e dignidade. Além disso, a riqueza da sua fábrica toda de mármore; as correctas proporções e a unidade de conjunto entre alçadas da ordem jónica e a robusta abóbada de berço plena de caixotes, estabelecem na verdade agradável espectáculo de beleza”

(Segurado, 1977: 45).

O mesmo Jorge Segurado estabelece comparação entre esta capela e a capela-mor da Igreja da Luz. E também com a capela-mor dos Jerónimos.

Vários motivos sugerem como provável a hipótese de ter sido Jerónimo de Ruão o autor da traça desta capela e da respectiva construção (Segurado, 1977: 46).

Sucedendo o grande terramoto de 1 de Novembro de 1755, caiu do Cruzeiro da Igreja uma porção de abóbada e um campanário, que ficava por cima da porta da banda do terreiro (a sul). O incêndio subsequente destruiu a igreja, ficando todavia isenta a Capela do Espírito Santo.

Quando se reconstruiu a Igreja da Misericórdia, agora entregue à Ordem de Cristo em substituição da que era deles e ficou arrasada, os arquitectos que ergueram a nova Lisboa fizeram o aproveitamento dessa Capela – cuja posição no mesmo eixo da portada virada a Sul coincidia com a circunstância feliz da portada e janelões terem resistido ao terramoto – para a Capela-mor da nova igreja pombalina, que passou desde então a designar-se popularmente Igreja da Conceição Velha.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Bibliografia

SEGURADO, Jorge – *Da Igreja manuelina da Misericórdia de Lisboa*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1977

Vd. Segunda Igreja da Conceição dos Freires de Cristo ou segunda Igreja da Conceição Velha – século XVIII

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LUZ DE CARNIDE****Século XVI (1575-1596) → † 1755****1. A ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA LUZ, EM CARNIDE**

O convento foi precedido por uma célebre ermida, que estudámos a seu tempo, inaugurada em 8 de Setembro de 1464. Por sua vez, a ermida foi edificada sobre uma fonte, a Fonte do Machado, em cujo âmbito se dizia terem aparecido uns clarões ou luzes e onde se terá encontrado uma imagem de Nossa Senhora (da “Luz”), em 1463. A fonte já existia, pelo menos desde 1311.

2. D. JOÃO III PENSA EM CONSTRUIR ALI UM MOSTEIRO...

Em 1543, D. João III diligenciava obter do Papa concordância para que os bens, igrejas anexas, rendas e direitos do mosteiro cisterciense de Ceiça (Montemor-o-Novo, Coimbra) passassem para um novo mosteiro a construir junto da Ermida da Nossa Senhora da Luz, em Carnide. Dizia o Rei em documento datado de 17 de Novembro de 1543, enviado juntamente com uma carta ao seu embaixador em Roma, junto do Papa Paulo II, Dr. Baltazar de Faria:

“Tem este mosteiro [de Ceiça] uma igreja paroquial, no lugar de Carnide, termo da cidade de Lisboa, uma légua da dita cidade, lugar muito viçoso, em o qual lugar de Carnide está uma ermida, que se chama de N^a Senhora da Luz, que outrossim é anexa ao dito mosteiro, por ser sita no limite da dita igreja paroquial. E ao dito mosteiro [de Ceiça] pertencem as rendas da dita igreja paroquial de Carnide e da dita ermida de Nossa Senhora [da Luz], tirando certa parte, que leva o vigário que tem a cura da dita igreja paroquial, a qual ermida de Nossa Senhora é de muito grandíssima romagem, assim de gente de Lisboa e seu termo, como de todo o Reino, e de estrangeiros que à dita cidade vêm por suas mercadorias e tratos e têm à dita casa muito grande devoção e por muitos dias do ano correm à dita casa de Nossa Senhora grande número de gente, e continuamente, todos os dias, vem a ela gente de diversos lugares e partes”.

E acrescenta:

“E se o dito mosteiro de Ceiça se mudasse para o dito lugar de Carnide e se fizesse no lugar onde está a dita igreja de Nossa Senhora, onde se pode haver lugar e assento conveniente para o dito mosteiro se fazer, seria muito grande serviço a Deus. E as gentes, que vão ao dito orago de Nossa Senhora em romagem, receberiam muita consolação por acharem aí monges e religiosos de que ouvissem os ofícios divinos, e lhes dissessem suas missas de devoção e os ouvissem de confissão. E crescia muito mais a dita romagem e devoção da dita casa, e os monges seriam melhor providos de todas as coisas necessárias por o dito lugar de Carnide ser lugar viçoso e muito fértil, e muito perto da cidade de Lisboa, e seria causa de os religiosos viverem em mais observância e fazerem muito fruto aos fiéis cristãos”.

(Leal, 1864: vol. V, 242-243)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3. PARA AÍ INSTALAR OS FREIRES DA ORDEM DE CRISTO

Neste novo mosteiro queria D. João III instalar os Freires da Ordem de Cristo. Segundo informação do Embaixador Baltazar Faria, de 18 de Fevereiro de 1544, o Papa concordou com a transferência do Mosteiro da Ceixa para Carnide.

D. João III confiou imediatamente a Capela de Nossa Senhora da Luz aos Freires da Ordem de Cristo. Sabemos que eles ficaram de facto em sua posse desde o ano de 1545. A construção do mosteiro terá começado uns 14 anos ou mais depois, ou seja já em tempos da regência da Rainha Dona Catarina, avó do herdeiro do trono D. Sebastião e na menoridade deste.

4. A INFANTA DONA MARIA FAZ CONSTRUIR UM SANTUÁRIO SUMPTUOSO

Coube à Infanta Dona Maria – nascida a 8 de Junho de 1521 e falecida a 10 de Outubro de 1577, filha de D. Manuel e da rainha Dona Leonor – dar execução ao projecto de construir um sumptuoso santuário em honra de Nossa Senhora da Luz.

Incumbiu o mestre d'obras Jerónimo de Ruão de executar o que ela queria “que fosse das melhores cousas da Europa”.

A sua construção começou a 13 de Junho de 1575. A primeira pedra incumbiu-se de colocar a própria Infanta. A segunda foi posta pelo Prior do Mosteiro Dom Fr. Basílio, o qual celebrou a Eucaristia para os numerosos devotos que às cerimónias se vieram associar.

Começaram as obras pela capela-mor, que veio a ficar pronta desde, pelo menos, o mês de Outubro de 1594. A Infanta Dona Maria tinha entretanto falecido em 10 de Outubro de 1577. O resto da igreja só seria dado por acabado em 1596, ano em que aos 8 de Setembro se faria a solene transferência da imagem da Senhora da Luz, da antiga e pobre ermida para o retábulo da capela-mor^{LXXVI}.

Para Juiz da Confraria da Senhora da Luz havia sido nesse ano indigitado o mordomo-mor do Reino, Francisco Barrete de Lima. Era fidalgo abastado, que tanto pelo seu dinheiro como pelo seu prestígio político e social, poderia garantir às festividades um realce desusado. Com dez dias de antecedência e através de editais fora toda a população do termo de Lisboa e arredores convidada a incorporar-se nos festejos a realizar desde a véspera, ou seja, a partir de 7 de Setembro. Esteve presente o governador do Reino, o Arquiduque Alberto, neto do imperador Carlos V; e presidiu às celebrações o bispo resignatário de São Tomé Dom Fr. Martinho de Ulhoa (1578-1591), antigo Prior do Mosteiro da Luz, que nesse ano de 1596 fazia 100 anos de idade.

^{LXXVI} Cf. Frias, 1994; Almeida, 2005: 137-173. Sobre as pinturas maneiristas do interior do templo, ver Serão, 2009a.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

5. SEPULTURA DA INFANTA DONA MARIA

A Infanta escolhera a capela-mor do Santuário da Nossa Senhora da Luz para a sua sepultura (testamento de 17 de Setembro de 1577). Como as obras ainda estavam atrasadas à data do testamento, determinou a Infanta que o seu corpo fosse provisoriamente depositado na Igreja da Madre de Deus, em Xabregas, e isso até que ficasse concluída a capela-mor da Luz. Foi só no dia 2, ou seja na segunda-feira mais próxima de Julho de 1597, que a Infanta acabou por ir repousar no meio da capela-mor de N^a S da Luz, em simples mausoléu, sem qualquer inscrição, de acordo com sua expressa determinação.

Os Freires de Cristo, no entanto, para assinalar a sua presença e recordar a sua memória, mandaram gravar em lápide da parede do arco-cruzeiro (lado esquerdo) os seguintes dizeres:

“A CAPELA-MOR D’ESTE MOSTEIRO DE N^a S^a DA LUZ E ESTE CRUZEIRO SÃO DA SEPULTURA DA SERENISSIMA INFANTA D. MARIA, QUE DEUS TEM, FILHA D’EL-REI DÕ MANUEL E DA RAINHA D. LEONOR SUA MULHER NA QUAL CAPELA E CRUZEIRO SE NÃO DARÁ SEPULTURA A PESSOA ALGUMA DE QUALQUER QUALIDADE QUE SEJA NEM EM TEMPO ALGUM SE FARÁ NENHUM DEPOSITO NEM NENHUM LITEIRO POR ASSIM ESTAR ASSENTADO POR SUA MAJESTADE E POR CONTRATO SOLENE CELEBRADO QUE SE FEZ COM O PADRE PRIOR E PADRES D’ESTA CASA CONFIRMADO PELO PADRE DOM PRIOR E MAIS PADRES DO SEU CONVENTO DE THOMAR CUJO TRESLADO ESTÁ NAS TORRE DO TOMBO E NESTA CASA DE N^a S^a FALECEU A DEZ DE OUTUBRO DE 1577.”

(Vd. Segurado, 1970: 342).

O terramoto de 1755 destruiu o convento e a maior parte da sua grandiosa igreja.

Vd. Igreja do Convento de Nossa Senhora da Luz de Carnide – 1755 ss.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☪ IGREJA PAROQUIAL DE SANTA ENGRÁCIA - 1ª

Século XVI (1577) → c. 1631 †

1. A Infanta Dona Maria¹⁷ – filha do 3º matrimónio de D. Manuel, com Dona Leonor, Irmã de Carlos V –, por se achar moradora no sítio do Campo de Santa Clara e vizinha do Mosteiro da mesma santa, fez desanexar da paróquia de Santo Estevão, por Breve de 30 de Agosto de 1568 do papa Pio V, e consentimento do arcebispo eleito de Lisboa D. Jorge de Almeida em 2 de Dezembro de 1559, uma grande porção dos moradores que ficavam fora das muralhas fernandinas da cidade, erigindo de novo um Prior, Cura e Beneficiados, que se denominaram da Paróquia de Santa Engrácia.

Dividiu então o Arcebispo a renda da Igreja de Santo Estevão em nove partes, das quais foram quatro para o Reitor de Santo Estevão, três para a de Santa Engrácia, e as duas partes restantes para dois Coadjuutores, um de cada paróquia.

Dos oito beneficiados que havia na Igreja de Santo Estevão, separou três para a nova Igreja, de consentimento deles, os quais haviam de rezar em Coro e dizer as missas cantadas dos aniversários e capelas que tinham em Santo Estevão, e as de semana que lá lhe pertenciam. (Cf. Castro, 1763: vol III, 269).

2. A igreja paroquial de Santa Engrácia foi edificada por finta dos ditos fregueses desanexados, isto é por contribuições extraordinárias lançadas sobre os paroquianos^{LXXVII}.

As obras “devem ter começado pouco antes da morte da infanta, pois nesse tempo (1577) se trabalhava já na capela-mor” (Carvalho, 1971: 8).

Segundo um dos cronistas, Frei Miguel Pacheco (que professou na Ordem de Cristo em 1606), a dita Infanta Dona Maria deu para a obra de Santa Engrácia “dois mil ducados de prata”, oferecendo ainda do seu oratório “uma relíquia da Santa, com mais trezentos ducados para se fazer um relicário em que se conserva, e em que se autoriza aquele templo tão célebre em Lisboa”.

A igreja deve ter sido concluída já no primeiro quartel do século XVII, com “fintas” [= contribuições extraordinárias] lançadas sobre os fregueses desde o tempo de Filipe III. Possivelmente, já seria sob a direcção do arquitecto Teodósio de Frias [† 1634], arquitecto régio desde 1603.

¹⁷ A Infanta Dona Maria (1521-1577), última filha de el-rei D. Manuel e da sua terceira mulher, a rainha D. Leonor, célebre pelas suas virtudes e amor às letras, tinha o seu palácio “no campo de Santa Clara, nas casas que ficam junto ao Mosteiro, que hoje são do desembargador Luís de Abreu Freitas, e delas ia ouvir missa ao tal mosteiro por um passadiço, do qual se conservam ainda hoje na parede alguns vestígios (dizia em 1712 A. Carvalho da Costa).

^{LXXVII} Cf. Ayres de Carvalho, 1971; Soromenho, 2009; Melo, Neto e Araújo, 2010.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Mas talvez tivesse sido Jerónimo de Ruão, como “arquitecto da Infanta”, o arquitecto desta nova igreja (Vd. Carvalho: 1971,13 e 22).

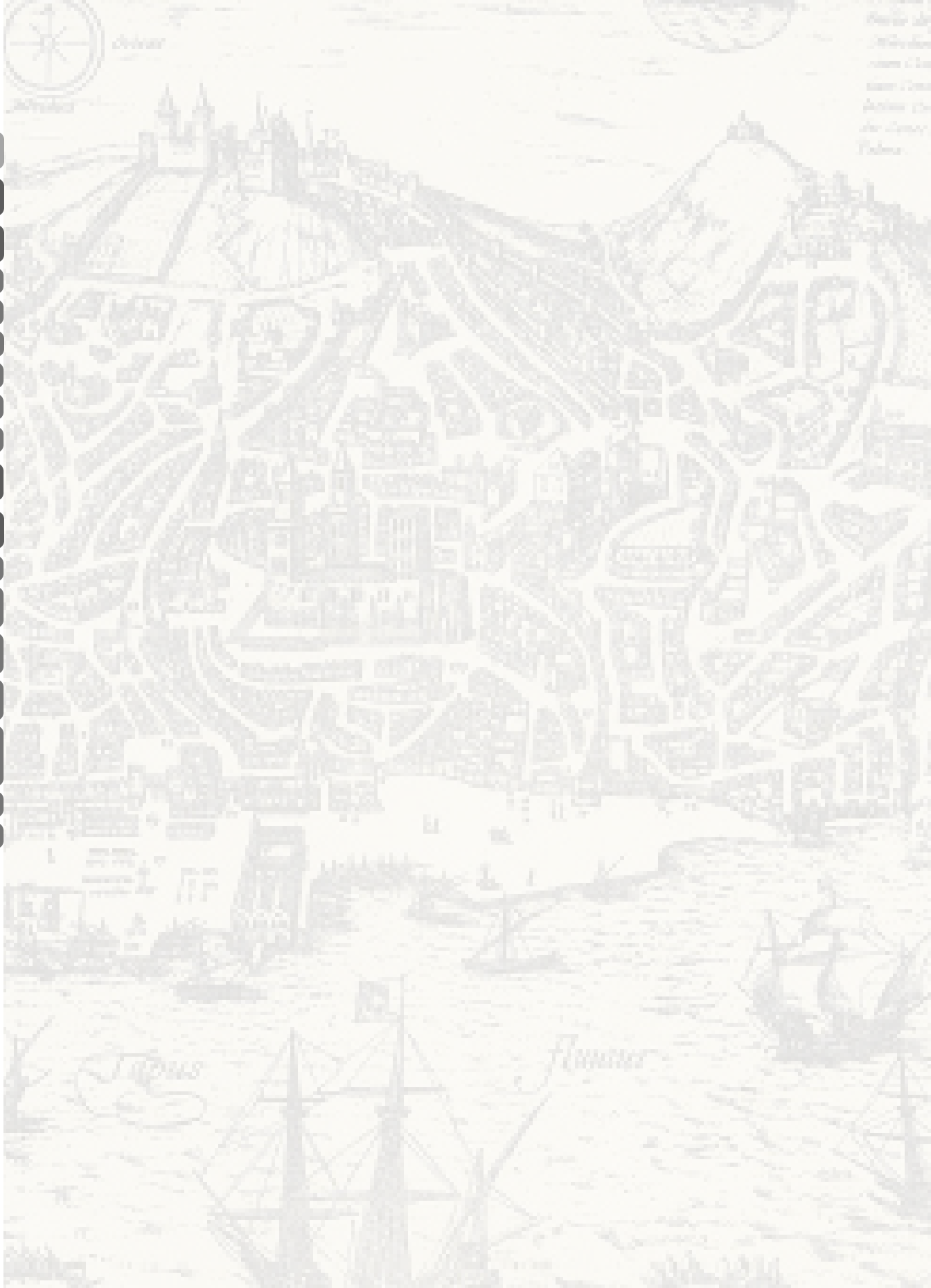
3. Um documento do pároco de Santa Engrácia, datado de 1758 (Vd. Carvalho, 1971: 120), diz-nos como era a igreja.

“A igreja e paróquia antiga [refere-se a esta igreja], que estava situada donde hoje está a nova imperfeita [o actual panteão], era de uma só nave. A porta principal para poente. Constava de cinco altares: a capela-mor, em que estava o Santíssimo, e as imagens de Santa Engrácia e São Lupércio primo desta Santa; o primeiro da parte do Evangelho, com a imagem de Nossa Senhora da Esperança com a irmandade”. Estavam divididos pelos altares as imagens de Santa Isabel, São Gonçalo, São Frutuoso e outros mais santos portugueses. E é tradição que a Infanta Fundadora ordenara que neste templo estivessem só imagens de Santos portugueses, e a experiência ainda hoje assim mostra não haver neste templo outros Santos, e terem quase todos as armas reais no peito. Da Igreja Velha [a primeira, fundada em 1569 pela Infanta Dona Maria, filha do Rei D. Manuel] não há hoje memória nem vestígios”.

4. Esta igreja deixou de ser a sede da paróquia de Santo Engrácia, como consequência do desacato ocorrido em 15 de Janeiro de 1630.

Deste desacato, e da 2ª igreja de Santa Engrácia, se tratará em

Igreja paroquial de Santa Engrácia – 2ª: 1630-1681.



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

BIBLIOGRAFIA DO TOMO III

Fontes manuscritas

Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa

Casa de Santo Antonio, Livro 1º do Alqueidão, doc. 42. *Livro II, d'El-Rei D. João III*, fl. 121

Biblioteca Nacional de Portugal

Secção de Reservados, Ms. Cx 164, nº 10 – SOARES, Manuel Vaz Eugénio (1834) – *Breve relação da situação, fundação e dotação do Mosteiro de Belém, da origem e natureza desta dotação e do estado actual em que se achava.*

DGLAB/TT

Corpo Cronológico, Parte II, mç 86, nº 22

Hospital de São José, Escrivão Botelho, mç. 155, n.º 17, cx. 879

Manuscritos da Livraria

Nº 729 – CASTRO, Frei Manoel Bautista de – *Chronica do Máximo Doutor e Príncipe dos Patriarchas São Jeronymo, Particular do Reyno de Portugal*, devedido em dous tomos (...).

Nº 2560 – JESUS, Frei Diogo de (c. 1666-1668) – *Amplificação da Historia de la Orden de San Geronimo.*

Nº 12979 – SACRAMENTO, Maria do – *Notícia da Fundação do Convento da Madre de Deos de Lisboa das Religiozas Descalças da Primeira Regra de Nossa Madre Santa Clara E de algumas couzas que ainda se puderão descobrir com certeza das vidas e mortes de muita Madres santas que ouvve nelle, escritas por huma freira do mesmo convento, e dirigida a todas as mais delle no anno de 1639.*

Bibliografia

A Ermida Manuelina de São Roque, Lisboa, SCM-SR, 1999.

ABREU, Eduardo (1887) – *Notícia de dois documentos raros relativos ao Hospital Real de Todos-os-Santos*. Porto: Typ. de Arthur José de Sousa & Irmão (separata de *Arquivos de História da Medicina Portuguesa*).

ALCOCHETE, Nuno Daupias d' (1958) – *Inventaire des Archives de l'Église Saint-Louis-des-Français*. Lisboa: Livraria Bertrand.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ALESSANDRINI, Nunziatella (2014) – “A antiga igreja de Nossa Senhora do Loreto da nação italiana em Lisboa (1518-1651): dados arquivísticos e algumas hipóteses sobre o edifício de Filippo Terzi”, *Revista de História da Arte*, nº 11, pp. 51-67.

ALMADA, Carmen Olazabal, FIGUEIRA, Luís Tovar e SERRÃO, Vítor (2000) – *História e Restauro da Pintura do Retábulo-Mor do Mosteiro dos Jerónimos*. Lisboa: IPPAR/MC.

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) (1962-2000) – *Monumentos e Edifícios notáveis do Distrito de Lisboa*. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1962 (vol. I-II), 1963 (vol. III-IV), 1973 (vol. V, tomo 1), 1975 (vol. V, tomo 2), 1988 (vol. V, tomo 3), 2000 (vol. V, tomo 4).

ALMEIDA, Mónica Duarte de (2005) – “Esculturas de vulto maneiristas em Nossa Senhora da Luz de Carnide”, *Artis - Revista de História da Arte e Ciências do Património*, nº 4, pp. 137-173.

ÁLVAREZ, Fernando Bouza (2005) – *D. Filipe I*. Lisboa: Círculo de Leitores, Coleção Reis de Portugal.

ALVES, José da Felicidade Alves (1989-1993) – *O Mosteiro dos Jerónimos*. Lisboa: Livros Horizonte. 3 vols.

AMORIM, Maria Adelina (2005) – *Os Franciscanos no Maranhão e Grão-Pará*. Lisboa: UCP.

ANACLETO, Regina (coord.) (1994) – *O Neomanuelino ou a Reivindicação da Arquitectura dos Descobrimentos*. Lisboa: CNCDP (Catálogo da Exposição).

ANDRADE, Amélia Aguiar (2006) – “O desaparecimento espacial das Judiarias nos núcleos urbanos portugueses de finais da Idade Média: o caso de Lisboa”, *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques*. Vol. I. Porto: Faculdade de Letras do Porto, pp. 143-163.

ARAÚJO, Norberto (1938-1939) – *Peregrinações em Lisboa*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1938 (vol. I. Livros I-V), 1939 (vol. II. Livros VI-X), 1939 (vol. III. Livros XI-XV).

ATAÍDE, M. Maia (1988) – “Ermida de Santo Amaro”, *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, vol. III. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 111-166.

ATANÁZIO, Manuel Cardoso Mendes (1984) – *A Arte do Manuelino*. Lisboa: Ed. Presença.

AVELAR, Ana Paula (2009) – *D. João III o Piedoso: Dinastia de Avis 1521-1557*. Matosinhos: QuidNovi.

BARBOSA, Inácio de Vilhena (1862) – “Convento da Madre de Deus”, *Archivo Pittoresco*, vol. V, nº 42, p. 333.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

BELEM, Fr. Jeronymo (1750) - *Chronica Serafica*. Lisboa: Oficina de Ignacio Rodriguez.

BLUTEAU, Raphael (1712-1728) – *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 10 vols..

BRANDÃO (de BUARCOS), João (1990) – *Tratado da Majestade, Grandeza e Abastança da Cidade de Lisboa na Segunda Metade do Século XVI*. Lisboa: Livros Horizonte.

BRANDÃO, Mário (org.) (1937-1941) – *Documentos de D. João III* (4 vol.s). Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade.

BRITO, José J. Gomes de (1923) – “Comentários e Notas” in Anselmo Braamcamp FREIRE (Dir) – *Tratado da Majestade, Grandeza e Abastança da Cidade de Lisboa na Segunda Metade do Século XVI: Estatística de Lisboa de 1552*, de João Brandão de Buarcos. Lisboa: Ferin.

BUESCU, Ana Isabel (2005) – *D. João III*. Lisboa: Círculo de Leitores.

CAETANO, Joaquim Oliveira (2013) – *Jorge Afonso – Uma interrogação essencial na pintura primitiva portuguesa*. Évora: Universidade de Évora, Tese de doutoramento.

CAMPOS, Teresa e PAIS, Alexandre (1999) – “Convento da Madre de Deus: a arte total do século XVIII ‘recriada’ nas obras de restauro dos finais do século XIX” in *Struggle for Synthesis – A obra de Arte Total nos séculos XVII e XVIII – Actas do Simpósio Internacional*. Lisboa: IPPAR, vol. II, pp. 419-428.

CANAS, José Fernando, CAETANO, Joaquim Oliveira, ALMADA, Carmen Olazabal, FIGUEIRA, Luís Tovar (2002) – *O tecto da igreja de São Roque: história, conservação e restauro*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

CARDOSO, Jorge (1752-1763) – *Agiologio lusitano dos sanctos, e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas: consagrado aos gloriosos S. Vicente, e S. Antonio, insigns patronos desta inclyta cidade Lisboa e a seu illustre Cabido Sede Vacante / composto pelo licenciado George Cardoso, natural da mesma cidade*. Lisboa: Officina Craesbeekiana, 1652 (vol. I), 1657 (vol. II), 1666 (vol. III), 1744 (vol. IV), 1763 (vol. V).

CARDOSO, P. Luiz (1747) – *Diccionario geografico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas*. Lisboa: Regia Officina Sylviana e da Academia Real.

CARITA, Hélder (1994) – *Bairro Alto: Tipologias e Modos Arquitectónicos*. 2ª edição. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

CARITA, Hélder (2012a) – “Da ‘Ribeira’ ao Terreiro do Paço: génese e Formação de um espaço urbano” in Miguel Figueira de FARIA (coord.), *Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio – História de um Espaço Urbano*. Lisboa: INCM/UAL, pp. 13-36.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

CARITA, Hélder (coord.) (2012b) – *Bairro Alto – Mutações e Convivências Pacíficas*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

CARITA, Hélder (2012c) – “De Vila Nova de Andrade ao Bairro Alto de São Roque - 1498, 1513, 1554” in Hélder CARITA (coord.), *Bairro Alto - Mutações e Convivências Pacíficas*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 17-29.

CARMONA, Mário (1954) – *O Hospital Real de Todos os Santos da Cidade de Lisboa*. Porto: Imprensa Portuguesa. *Separata do Boletim Clínico dos Hospitais Civis de Lisboa*, Vol. 18, números 1 e 2.

Carta de Instrução para os Confrades do Monte do Divino Amor (1689) – Lisboa: Oficina do Miguel Deslandes.

CARVALHO, Augusto da Silva (1949) – *Crónica do Hospital Real de Todos-os-Santos*. Reprodução fac-similada da edição de 1949. Lisboa: Tip. A. Coelho Dias, 1992.

CARVALHO, Armindo Ayres de (1960) – *D. João V e a Arte do seu Tempo*. Lisboa: edição de autor. 2 vols.

CARVALHO, Armindo Ayres de (1971) – *As Obras de Santa Engrácia e os seus Artistas*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.

CARVALHO, Anabela, CURVELO, Alexandra e VILAR, Clara Távora (coord.) (2002) – *A Igreja da Madre de Deus – história, conservação e restauro*. Lisboa: IPM/MC.

CARVALHO, José Alberto Seabra de (1999) – *Gregório Lopes*. Lisboa: INAPA.

CARVALHO, José Alberto Seabra de (2002) – “Pinturas da Madre de Deus do tempo da rainha D. Leonor” in Anabela CARVALHO, Alexandra CURVELO e Clara Távora VILAR (coord.), *Igreja da Madre de Deus: história, conservação e restauro*, Lisboa, IPM/IPCR, pp. 53-61.

CARVALHO, José Alberto Seabra de (2009) – “Santa Auta - um retábulo que já não é o que nunca foi” in Alexandra CURVELO (coord.), *Casa Perfeitíssima – 500 anos da fundação do Mosteiro da Madre de Deus*. Lisboa: Museu do Azulejo /IMC/MC, pp. 91-99.

CARVALHO, Maria João Vilhena (2002) – “Imagens milagrosas e obra dourada: a escultura e a talha” in Anabela CARVALHO, Alexandra CURVELO e Clara Távora VILAR (coord.), *Igreja da Madre de Deus – história, conservação e restauro*. Lisboa: Instituto Português dos Museus, pp. 63-81.

CARVALHO, Maria João Vilhena e FRANCO, Anísio (2009) – “Os Della Robbia da Rainha D. Leonor: imagens florentinas do mosteiro da Madre de Deus de Lisboa” in Alexandra CURVELO (coord.), *Casa Perfeitíssima – 500 anos da fundação do Mosteiro da Madre de Deus*. Lisboa: Museu do Azulejo /IMC/MC, pp. 133-144.

CASTILHO, Júlio de (1893) – *A Ribeira de Lisboa: descrição histórica da margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho*. Lisboa: Imprensa Nacional.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

CASTILHO, Júlio de (1940-1944) – *A Ribeira de Lisboa: descrição histórica da margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho*, 2ª edição revista e ampliada pelo autor com notas de Luiz Pastor de MACEDO. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, vol. I (1940), vol. II (1941), vol. III (1942), vol. IV (1943), vol. V (1944).

CASTILHO, Júlio de (1948-1968) – *A Ribeira de Lisboa: descrição histórica da margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho*, 3ª edição revista e ampliada com notas de Luiz Pastor de MACEDO. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, vol. I (1948), vol. II (1956), vol. III (1960), vol. IV (1964), vol. V (1968).

CASTILHO, Júlio de (1935-1938) – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 2ª edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1935 (vol. I-IV), 1936 (vol. V-VI), 1937 (vol. VII-X) 1938 (vol. XI-XII).

CASTILHO, Júlio de (1967-1975) – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 3ª edição transcrita da 2ª edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1967 (vol. I-IV), 1970 (vol. V), 1975 (vol. VI).

CASTILHO, Júlio de (1902-1924) – *Lisboa Antiga. Primeira parte. O Bairro Alto*. 2ª edição correta e acrescentada. Lisboa: Antiga Casa Bertrand-J. Bastos, 1902 (vol. I-II), 1903 (vol. III), 1904 (vol. IV), 1924 (vol. V).

CASTILHO, Julio de (1954-1966) – *Lisboa Antiga. Primeira parte. O Bairro Alto*. 3ª edição revista e anotada por Gustavo Matos SEQUEIRA. Lisboa: Oficinas Gráficas da Câmara Municipal de Lisboa, 1954 (vol. I), 1955 (vol. II), 1956 (vol. III), 1962 (vol. IV), 1966 (vol. V).

CASTRO, Padre João Bautista (1762-1763) – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1762 (tomo I. Parte I e II), 1763 (tomo II. Parte III e IV), 1763 (tomo III. Parte V). 2ª edição 1763, 3ª edição 1870.

CASTRO, Frei Manoel Bautista de – *Chronica do Máximo Doutor e Príncipe dos Patriarchas São Jeronymo, Particular do Reyno de Portugal*, devedido em dous tomos (...). DGLAB/TT, Ms. da Livraria, nº 729.

CHAROLA, Elena (coord.) (2006) – *Mosteiro dos Jerónimos – a intervenção de conservação do claustro*. Lisboa: IPPAR/MC.

CHAVES, Luís (1966) – “Santa Catarina de Lisboa no culto e na toponímia cidadina”, *Olisipo*, nº 115/116, pp. 117-127.

CONCEIÇÃO, Frei Apolinário da (1750) - *Demonstração Histórica da Primeira e Real Paróquia de Lisboa, de que é Patrona e Titular N. S. dos Martyres...* 2 vol.s. Lisboa, Oficina Ignacio Rodrigues.

CORRÊA, Diogo Maleitas (2002) – *O Cadeiral do Mosteiro dos Jerónimos: entre o Humanismo e a Contra-Reforma*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, dissertação de Mestrado.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

CORRÊA, Diogo Maleitas (2004) – “Sala dos Reis: da sala do ante-coro à sala dos reis” in *Mosteiro dos Jerónimos – um lugar no tempo*. Lisboa: Mosteiro dos Jerónimos (Catálogo da Exposição).

CORREIA, Ana Paula Rebelo (1997). “As fontes de inspiração dos azulejos da Galeria das Artes no Palácio Fronteira”, *Monumentos*, 7: 61-69.

CORREIA, Fernando da Silva (1940) – “Um documento importante para a história do Hospital de Todos-os-Santos”, *Imprensa Médica*, nº 6.

CORREIA, Fernando da Silva (1942) – “Dois notáveis hospitais portugueses”, *A Medicina Contemporânea*, Ano LX, nº 16-18, pp. 1-85.

CORREIA, Vergílio (1928) – *Pintores Portugueses dos Séculos XV e XVI*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

COSTA, Américo (1929-1949) – *Diccionario chorographico de Portugal continental e insular: hydrographico, historico, orographico, biographico, archeologico, heraldico, etymologico*. Porto: Domingos d'Oliveira, 1929 (vol. I), 1930 (vol. II), 1932 (vol. III), 1934 (vol. IV), 1936 (vol. V), 1938 (vol. VI), 1940 (vol. VII), 1943 (vol. VIII), 1947 (vol. IX), 1948 (vol. X-XI), 1949 (vol. XII). 12 vols.

COSTA, Antonio Carvalho da (1706-1712) – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706 (vol. I), 1708 (vol. II), 1712 (vol. III). 3 vols. [2ª edição. Braga: Typographia de Domingos Gonçalves Gouvea, 1868].

COSTA, Félix da (1967) – *The antiquity of the art of painting*. New Haven and London: Yale University Press. Edição Facsimilada do manuscrito *Da Antiguidade da Arte da Pintura*, 1696.

COSTA, João Paulo de Oliveira (2005) – *D. Manuel I*. Lisboa: Círculo de Leitores.

COSTA, Pe. António Carvalho da (1712) – *Corografia Portugueza e Descripçam Topografica do Famoso Reyno de Portugal*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes.

CRAVEIRO, Maria de Lurdes (2009) – *A Architectura "ao Romano"*. In Dalila RODRIGUES (coord), *Arte Portuguesa; da pré-história ao século XX*. Vol. 9. Vila Nova de Gaia: Fubu Editores.

CRUZ, Maria Augusta Lima (2006) – *D. Sebastião*. Lisboa: Círculo de Leitores.

CRUZ, Maria da Graça Themudo Barata de Azevedo (2009) – *D. Sebastião o Desejado: Dinastia de Avis 1557-1578*. Matosinhos: QuidNovi.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

CURVELO, Alexandra (coord.) (2009) – *Casa Perfeitíssima – 500 anos da fundação do Mosteiro da Madre de Deus*. Lisboa: Museu do Azulejo /IMC/MC.

DIAS, Pedro (1987) – *A Importação de Esculturas de Itália nos séculos XV e XVI*. 2ª edição. Coimbra: Ed. Minerva.

DIAS, Pedro (1993) – *Os Portais Manuelinos do Mosteiro dos Jerónimos*. Coimbra: Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

ESPERANÇA, Manuel da (1656-1721) – *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Provincia de Portugal. Primeira parte, que contem seu principio, e augmentos no estado primeiro de Custodia*. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1656 (vol. I), 1666 (vol. II), 1705 (vol. III), 1709 (vol. IV), 1721 (vol. V). 5 vols.

Estatutos da Irmandade de Santa Catharina da Corporação dos Livreiros (1915) – Lisboa.

FERREIRA, Sílvia (2013) – “Félix Aducto da Cunha: mestre escultor e entalhador da Lisboa setecentista”, *Rossio*, nº 2, pp. 186-195.

FLOR, Pedro (2008) – “Novos dados sobre o escultor renascentista Filipe Brias”, *Arte-Teoria*, nº 11, pp. 66-73.

FLOR, Pedro (2010a) – Nuno Gonçalves. Matosinhos: Quidnovi.

FLOR, Pedro (2010b) – *A Arte do Retrato em Portugal nos Séculos XV e XVI*. Lisboa: Assírio & Alvim.

FLOR, Pedro (2014) – “Della Robbia em Portugal: o caso da colecção de D. Fernando II”, *Artis - Revista de História da Arte e Ciências do Património*, 2ª série, nº 2, pp. 80-87.

FLOR, Pedro, COUTINHO, Maria João Pereira, FERREIRA Sílvia e FLOR, Susana Varela (2014) – “Grande panorama de Lisboa em azulejo - novos contributos para a fixação da data, encomenda e autoria”, *Revista de História da Arte*, nº 11, pp. 87-107.

FLOR, Susana Varela (2002) – *Marcos da Cruz e a Pintura Portuguesa do século XVII*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Restauro.

FLOR, Susana Varela (2007) – “A obra do pintor Marcos da Cruz (c. 1610-1683) nas igrejas e palácios da Lisboa seiscentista”, *Olisipo – Boletim do Grupo “Amigos de Lisboa”*, IIª série, nº 27, pp. 35-44.

FLOR, Susana Varela (2008-2009) – “O Mosteiro da Madre de Deus na série de gravuras da cidade de Lisboa de Dirk Stoop (1662)”, *Artis - Revista de História da Arte e Ciências do Património*, nº 7-8, pp. 197-204.

FLOR, Susana Varela e FLOR Pedro (2016) – *Pintores de Lisboa. Séculos XVII-XVII*. Irmandade de S. Lucas. Lisboa: Scribe, Produções Culturais, Lda.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

FRANCO, Anísio (coord.) (1992) – *Jerónimos - 4 Séculos de Pintura*. Lisboa: Mosteiro dos Jerónimos, IPPAR. 2 vols.

FREIRE, António de Oliveira (1739) – *Descripçam corographica do Reyno de Portugal*. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues.

FRIAS, Hilda Moreira (1994) – *A Arquitectura Régia em Carnide/Luz*. Lisboa: Livros Horizonte.

GARCIA, José Manuel (2009) – *Dom Manuel I o Venturoso: Dinastia de Avis 1495-1521*. Matosinhos: QuidNovi.

GARCIA, José Manuel (2014) – “A Representação dos conventos de Lisboa cerca de 1567 na primeira planta da cidade”, *Revista de História de Arte*, nº 11, pp. 35-49.

GASCO, Antonio Coelho (1924) – *Antiguidades da mui nobre cidade de Lisboa Imporio do Mundo e Princesa do Mar Oceano*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Só foi escrita a 1ª parte. Redacção c. 1627-1633.

GHELERT, Andreas (2008) – “Uma esplêndida vista de Lisboa no Castelo de Weiburg, Alemanha”, *Monumentos*, nº 28, pp. 208-213.

GÓIS, Damião de (1926) – *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*. Lisboa: Casa de Francisco Correa. 3ª Edição em 4 volumes, conforme à primeira, dirigida por J. M. Teixeira de CARVALHO e David LOPES. Coimbra: Imprensa da Universidade. Edição original de 1566.

GÓIS, Damião de (1988) – *Descrição da Cidade de Lisboa*. Tradução Portuguesa de José da Felicidade ALVES. Lisboa: Livros Horizonte.

GOMES, Paulo Varela (2001) – *Arquitectura, Religião e Política em Portugal no século XVII - a planta centralizada*. Porto: FAUP.

GOODOLPHIM, J. Cipriano Costa (1908) – “O hospital de Todos-os-Santos. Sua fundação. Hospitais existentes em Lisboa. El Rei D. João II. O seu testamento”, *Trabalhos da Academia das Ciências*, 1ª série, tomo I. Lisboa: Academia das Ciências.

GUIMARÃES, José Ribeiro (1872-1875) - *Summario de Varia Historia*. 5 vol.s. Lisboa: Rolland & Semiond.

HAUPT, Karl Albrecht (1986) – *A Arquitectura do Renascimento em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença.

História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa (1950-1972) – ed. de Durval Pires de LIMA. Lisboa, Camara Municipal de Lisboa, 1950 (tomo I), 1972 (tomo II).

HOLANDA, Francisco de (1984) – *Da Pintura Antiga*. Lisboa: Livros Horizonte. Edição original de 1548.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

HOLANDA, Francisco de (1984a) – *Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte. Edição original de 1571.

JESUS, Frei Diogo de (c. 1666-1668) – *Amplificação da Historia de la Orden de San Geronimo*. DGLAB/TT, Ms. da Livraria, nº 2560.

KLUBER, George e SORIA, Martin (1959) – *Art and Architecture in Spain & Portugal and their Overseas dominions, 1500-1800*. Baltimore: Penguin Books.

KLUBER, George (1972) – *Portuguese Plain Architecture between Spices and Diamonds 1521-1706*. Middletown: Wesleyan University Press.

LEAL, Augusto S. A. B. de Pinho (1874) – *Portugal Antigo e Moderno*. Vol. IV. Lisboa: Livraria Editora de Matos Moreira & Co.

LEAL, José da Silva Mendes (1864) – *Corpo Diplomático Portuguez contendo os actos e relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potencias do mundo, desde o século XVI até os nossos dias*. Vol. V. Lisboa, Academia Real das Sciencias de Lisboa.

LEITE, Ana Cristina (1993a) – “O Hospital Real de Todos os Santos” in Paulo PEREIRA, dir. *Hospital Real de Todos-os-Santos 500 Anos. Museu Rafael Bordalo Pinheiro: galeria de exposições temporárias (catálogo)*. Lisboa: Câmara Municipal, pp. 5-22.

LEITE, Ana Cristina (1993b) – “Elementos para uma reconstituição. Um espaço funcional” in Paulo PEREIRA, dir. *Hospital Real de Todos-os-Santos 500 Anos. Museu Rafael Bordalo Pinheiro: galeria de exposições temporárias (catálogo)*. Lisboa: Câmara Municipal, pp. 63-76.

LOPES, Alfredo Luís (1890) – *O Hospital de Todos-os-Santos, Hoje Denominado de S. José*. Lisboa: Imprensa Nacional.

LOPES, Maria Antónia (2010) – *Protecção Social em Portugal na Idade Moderna*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

LUCENA, Armando (1946) – *A Arte Sacra em Portugal*. Lisboa: Emp. Contemporânea de Edições.

MACHADO, Diogo Barbosa (1736-1751) – *Memórias para a História de Portugal que Compreendem o Governo Del Rey D. Sebastião, Único em o Nome e Décimo Sexto entre os Monarcas Portugueses: do Anno de 1568 até o Anno de 1574*. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva. 3 vols.

MARIZ, Pedro de (1758) – *Diálogos de varia história em que se referem as vidas dos senhores reys de Portugal com os seus retratos: e notícias dos nossos reynos e conquistas e vários sucessos do mundo* (2 vols). Lisboa: Officina de Joseph Filipe (o segundo volume é obra da oficina de Manoel Soares).

MARKL, Dagoberto L. e SERRÃO, Vitor (1980) – “Os Tectos Maneiristas da Igreja do Hospital Real de Todos os Santos (1580-1613)”, *Boletim Cultura da Assembleia Distrital de Lisboa*, III série, nº 86, pp. 161-215.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

MARQUES, Lina M. Oliveira (1991) – “O Claustro do Mosteiro de Santa Maria de Belém”, *Cadernos de História de Arte I*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: 37-78.

MARTINHO, Bruno (2009) – *O Paço da Ribeira nas vésperas do Terramoto*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Dissertação de Mestrado.

MARTINS, Maria Joana (1961) – *Subsídios para o estudo da assistência social portuguesa*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Dissertação de Licenciatura.

MATOS, José Sarmento de e PAULO, Jorge Ferreira (2013) – *Um Sítio na Baixa: A Sede do Banco de Portugal*. Lisboa: Banco de Portugal.

MELO, Isabel, NETO, Maria João e ARAÚJO, Graça, coords. (2010) – *Obras de Santa Engrácia – O Panteão da República*. Lisboa: IGESPAR.

MOITA, Irisalva (1964) – “Hospital Real de Todos-os-Santos I: Relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L. de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960”, *Revista Municipal*, nº 101/102, pp. 76-100.

MOITA, Irisalva (1965a) – “Hospital Real de Todos-os-Santos II: Relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L. de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960”, *Revista Municipal*, nº 104/105, pp. 26-103.

MOITA, Irisalva (1965b) – “Hospital Real de Todos-os-Santos III: Relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L. de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960”, *Revista Municipal*, nº 106/107, pp. 7-57.

MOITA, Irisalva (1966a) – “Hospital Real de Todos-os-Santos IV: Relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L. de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960”, *Revista Municipal*, nº 108/109, pp. 11-55.

MOITA, Irisalva (1966b) – “Hospital Real de Todos-os-Santos V: Relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L. de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960”, *Revista Municipal*, nº 110/111, pp. 41-59.

MOITA, Irisalva (1992) – *V Centenário do Hospital de Todos os Santos*. Lisboa: Correios de Portugal.

MOITA, Irisalva (2009) – “Vista panorâmica de Lisboa existente na Biblioteca da Universidade de Leyden”, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, IV série, nº 95(1), pp. 27-61. [Texto da comunicação apresentada na Academia Nacional de Belas-Artes em 1998, transcrito por Maria Margarida Henriques. Revisão de José Meco e Micaela Soares].

MOREIRA, Rafael (1991) – *A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal. A encomenda régia entre o Moderno e o Romano*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Tese de doutoramento, 2 vols.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

MOREIRA, Rafael (1993) – "O Hospital Real de Todos-os-Santos e o Italianismo de D. João II" in Paulo PEREIRA, dir. *Hospital Real de Todos-os-Santos 500 Anos. Museu Rafael Bordalo Pinheiro: galeria de exposições temporárias (catálogo)*. Lisboa: Câmara Municipal, pp. 23-30.

MOREIRA, Rafael (1994) – "Santa Maria de Belém – O Mosteiro dos Jerónimos" in Irisalva MOITA (coord.), *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1994, pp. 181-194.

MUCHAGATO Jorge (1997) - *Jerónimos – Memória e Lugar do Real Mosteiro*. Lisboa: Inapa.

MÜNZER, Jeronimo (1932) – *Itinerário. Excertos*. Prefácio, selecção e tradução de Basílio de VASCONCELOS. Coimbra: Imprensa da Universidade. *Separata* de "O Instituto", vol. 83.

NOGUEIRA, José Maria (1934) – *Esparsos: Arqueologia, Etnografia, Bibliografia e História*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

NETO, Maria João Baptista e SOARES, Clara Moura (2013) – *Mosteiro dos Jerónimos – arte, memória e identidade*. Lisboa: Caleidoscópio.

OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de (1987) – *Lisboa em 1551. Sumário*. Lisboa: Livros Horizonte.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de (1882-1911) – *Elementos para a História dos Municípios de Lisboa*. Lisboa: Typographia Universal, 1882 (vol. I), 1885 (vol. II), 1888 (vol. III), 1889 (vol. IV-V), 1891 (vol. VI), 1894 (vol. VII-VIII), 1896 (vol. IX), 1898 (vol. X), 1901 (vol. XI), 1903 (vol. XII-XIII), 1904 (vol. XIV), 1906 (vol. XV), 1908 (vol. XVI), 1911 (vol. XVII).

OLIVEIRA, Frei Nicolau de (1620) – *Livro das Grandezas de Lisboa*. Lisboa: Jorge Rodriguez. Versão fac-simile com prefácio de Francisco Santana e texto actualizado por Maria Helena BASTOS. Lisboa: Vega, 1991.

OLIVEIRA, Lina (2006) – "O claustro do Mosteiro de Santa Maria de Belém: da fundação ao século XVIII" in Elena CHAROLA (coord.), *Mosteiro dos Jerónimos – a intervenção de conservação do claustro*. Lisboa, IPPAR/MC, pp. 21-57.

PAIS, Alexandre (2003) – *O Presépio da Madre de Deus*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, IMC/MC.

PAIS, Alexandre (2009) – "Sudário" in Alexandra CURVELO (coord.), *Casa Perfeitíssima – 500 anos da fundação do Mosteiro da Madre de Deus*. Lisboa: Museu do Azulejo / IMC/MC, pp. 213-215.

PAVIOT, Jacques (1995) – *Portugal et Bourgogne au XV^e siècle. Recueil de documents extraits des archives bourguignonnes (1348-1482)*. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

PEDAGACHE, M. T. (1756) – *Nova e Fiel Relação do Terramoto que experimentou Lisboa e Todo o Fiel Portugal no 1º de Novembro de 1755*. Lisboa: Oficina de Manoel Soares.

PEDAGACHE M. T. (1757) – *Colleção de algumas ruínas de Lisboa causadas pelo terremoto e pelo fogo do primeiro de Novembro do anno de 1755*, debuxadas na mesma cidade por MM. Paris et Pedegache e abertas ao buril em Paris por Jac. Ph. Le Bas. Paris: Chez Jac. Ph. Le Bas graveur du Roy.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme (1904-1915) – *Portugal. Diccionario histórico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artístico*. Lisboa: J. Romano Torres, 1904 (vol. I), 1906 (vol. II), 1907 (vol. III), 1908 (vol. IV), 1911 (vol. V), 1912 (vol. VI), 1915 (vol. VII).

PEREIRA, Luiz Gonzaga ([1840], 1927) – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional. Prefácio de Vieira da Silva.

PEREIRA, Paulo (2002) – *Mosteiro dos Jerónimos*. Lisboa: Publicações Scala.

PINA, Ruy de (1792) – “Chronica d’El Rey D. João II” in José Corrêa de SERRA, *Livros Inéditos da Historia Portugueza*. Vol. II. Lisboa: Oficina da Academia Real das Sciencias, pp. 5-212.

PINHO, Juliana Abreu (2004) – *Edifícios de religiosos de planta centralizada dos séculos XVI, XVII e XVIII - distrito de Aveiro*. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Tese de mestrado.

POLÓNIA, Amélia (2005) – *D. Henrique*. Lisboa: Círculo de Leitores.

PROENÇA, Raul (Dir) (1924) – *Guia de Portugal. Lisboa e Arredores*. Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional de Lisboa. 2ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976.

RAMALHO, M. Costa (1993) – “Igreja da Conceição Velha” in M. Costa RAMALHO, dir., *Guia de Portugal Artístico*. Vol. III. Lisboa: Portugais, pp. 23-28.

REMA, Fr. Henrique P. (2003) – “A Igreja-Casa de Santo António em Lisboa”, *Olisipo*, II série, nº 18, pp. 81-86.

RESENDE, André de (1545) – *Vicentius Leuita et Martyr*. Lisboa: Tipografia de Luís Rodrigues. Edição fac-similada com prefácio de J. V. Pina MARTINS, Braga, 1981.

RESENDE, Garcia de (1752) – *Chronica dos Valerosos e Insignes Feytos del Rei D. Ioam II de Gloriosa Memoriaem que se refere sua vida, suas virtudes, seu magnanimo esforço, excellentes costumes, & seu christianissimo zelo*. Lisboa: Oficina de Manoel da Sylva.

RIBEIRO, Victor (1902) – *A Santa Casa da Misericórdia*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.

ROCHA, Luzia (2014) – “A música dos azulejos do antigo Colégio dos Meninos Órfãos de Lisboa”, *Revista de História da Arte*, nº11, pp. 173-183.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

RODRIGUES, Maria João Madeira (1975) – “Igreja das Chagas”, *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. II. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, pp. 22-23.

ROSSA, Walter (2004) – “Lisboa Quinhentista, o terreiro e o paço: prenúncios de uma afirmação da capitalidade” in *Dom João III e o Império – Actas do Congresso Internacional comemorativo do seu nascimento*. Lisboa: CHAM, pp. 947-967.

SANDE, P.º Duarte de (1863) – “Descrição de Lisboa em 1554”, *Archivo Pittoresco*, vol. VII, pp. 78-80, 85-87 e 91-94.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de (1707-1723) – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prégadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Lisboa, Officina de Antonio Pedrozo Galrao, 1707 (vol. I-II), 1711 (vol. III), 1712 (vol. IV), 1716 (vol. V), 1718 (vol. VI), 1721 (vol. VII), 1720 (vol. VIII), 1722 (vol. IX), 1723 (vol. X). 2ª edição, Imp. Libânio da Silva, 1933.

SANTANA, Francisco e SUCENA, Eduardo, dir. (1994) – *Dicionário da História de Lisboa*. Sacavém: Carlos Quintas & Associados – Consultores.

SANTOS, Reynaldo dos (1880) – *A Tomada de Lisboa nas Iluminuras Manuelinas*. 2ª edição. Lisboa, Câmara Municipal, 1970.

SANTOS, Reynaldo dos (1982a) – “Madre de Deus” in *Guia de Portugal*. Apresentação e notas de Santanna DIONISIO. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 318-322.

SANTOS, Reynaldo dos (1982b) – “O Mosteiro dos Jerónimos” in *Guia de Portugal*. Apresentação e notas de Santanna DIONISIO. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 403-421.

SANTOS, Sebastião da Costa (1916) – *O Tratamento das Bombas no Hospital Real de Todos-os-Santos em Principios do Século XVI*. Lisboa: Libanio da Silva.

SÃO JOSÉ, FR. JERÓNIMO (1789-1794) – *Historia Chronologica s Esclarecida Ordem da SS. Trindade*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira. 2 vols.

SÃO MIGUEL, Frei Jacinto de (1901) – *Mosteiro de Belém. Relação da Insigne e Real Casa de Santa Maria de Belém*. Recensão, notas e bibliografia por Martinho Augusto Ferreira da FONSECA. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1901. Edição original de 1721.

SÃO TOMÁS, Fr. Leão de (1644-1651) – *Benedictina Lusitana*. Coimbra: Officina de Diogo Gomes de Loureiro, 1644; Officina de Manoel de Carvalho, 1651, 2 vols.

SARAIVA, José da Cunha (1934) – *A Capela da Misericórdia de Lisboa*. Lisboa: Arquivo Histórico de Portugal.

SCOTTI, Aurora (1980) – “Uma veduta di Lisbona nel 1575”, *Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*, 3ª Série, nº 2, pp. 67-72.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

SEGURADO, Jorge (1970) – *Francisco d'Ollanda: Da sua vida e obras, arquitecto da Renascença ao serviço de D. João III, pintor, desenhador, escritor, humanista, fac-simile da carta a Miguel Ângelo (1551) e dos seus tratados sobre Lisboa e desenho (1571)*. Lisboa: Edições Excelsior.

SEGURADO, Jorge (1977) – *Da Igreja Manuelina da Misericórdia de Lisboa “Conceição Velha”*. Lisboa: Direcção Geral do Património Cultural.

SEGURADO, Jorge (1979) – “Alguns Documentos e Notícias do Nobre Sitio da Praça da Figueira, do seu Carácter Fisionómico, da Implantação do Monumento a El-Rei D. João I”, *Belas Artes*, 3ª série, nº 1, pp. 51-68.

SENOS, Nuno (2002) – *O Paço da Ribeira (1501-1581)*. Lisboa: Editorial Notícias.

SENOS, Nuno (2003) – “A coroa e a igreja na Lisboa de Quinhentos”. *Lusitania Sacra*, 2ª série, nº 15, pp. 106-110.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1939) – *O Carmo e a Trindade: subsídios para a história de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 2 vols. 2ª edição. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1967.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1967) – *Depois do Terramoto: Subsídios Para a História dos Bairros Ocidentais de Lisboa*. 2ª edição. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 4 vols.

SERRA, José Corrêa de, org. (1792) – *Livros Inéditos da Historia Portuguesa*, Tomo II. Lisboa: Oficina da Academia Real das Sciencias.

SERRÃO, Vítor (2000) – “O retábulo-mor do Mosteiro dos Jerónimos (1570-1572)” in Carmen Olazabal de ALMADA, Luís TOVAR e Vítor SERRÃO, coords. *História e Restauro da Pintura do Retábulo-Mor do Mosteiro dos Jerónimos*. Lisboa: IPPAR/MC, pp. 17-77.

SERRÃO, Vítor (2001) – “O bispo D. Fernando de Meneses Coutinho, um mecenas do Renascimento na diocese de Lamego” in Marisa COSTA (coord.), *Propaganda & Poder - Actas do Congresso Peninsular de História da Arte*. Lisboa: Ed. Colibri, pp. 259-283.

SERRÃO, Vítor (2009a) – *A Pintura Maneirista em Portugal*. Vila Nova de Gaia: Fubu Editores.

SERRÃO, Vítor (2009b) – “A decoração dos pintores maneiristas Gaspar Dias e Gaspar Cão no antigo paço de Enxobregas (1572-1579)” in Alexandra CURVELO (coord.), *Casa Perfeitíssima - 500 anos da fundação do Mosteiro da Madre de Deus*. Lisboa: Museu do Azulejo /IMC/MC, pp. 107-123.

SERRÃO, Vítor (2009c) – “Nossa Senhora da Boa Viagem velando pela protecção do comércio na barra de Lisboa”, *Encompassing the Globe, Portugal e o Mundo nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: MNAA, pp. 70-71.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

SERRÃO, Vítor (2013) – “O mecenato artístico de D. Gil Eanes da Costa (1543-1612)” in Maria de Lurdes ROSA (coord.), *D. Alvaro da Costa e a sua descendência, séculos xv-xvii: Poder, Arte e Devoção*. Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais, CHAM – Centro de História de Além-Mar e Editora Caminhos Romanos, pp. 293-309.

SIGUENZA, Frei José de (1907-1909) – *Historia de la Orden de San Jerónimo*. 2ª Edição, Madrid: Bailly/Baillièere é Hijos Editores. 2 vols. Edição original de 1600-1605.

SILVA, Augusto Vieira da (1899) – *A Cerca Moura de Lisboa: Estudo Histórico descritivo*. Lisboa: Typographia do Comercio.

SILVA, Augusto Vieira da (1899-1900) – “A Judiaria Velha de Lisboa”, *O Archeologo Português*. Vol. V, nº 11-12, pp. 305-326.

SILVA, Augusto Vieira da (1939) – *A Cerca Moura de Lisboa: Estudo Histórico descritivo*. 2ª edição, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

SILVA, Augusto Vieira da (1940) – *O termo de Lisboa*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.

SILVA, Augusto Vieira da (1943) – *As freguesias de Lisboa: estudo histórico*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

SILVA, Augusto Vieira da (1950a) – *Plantas Topográficas de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal.

SILVA, Augusto Vieira da (1950b) – “O Mosteiro da Esperança”, *Revista Municipal*, nº 45, pp. 11-22; nº 46, pp. 13-27. Inserido em *Dispersos*, vol. I, pp. 415-455.

SILVA, Augusto Vieira da (1954) – *Dispersos*. Vol. I. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, col. Biblioteca de Estudos Olisiponenses. 2ª Edição, 1968.

SILVA, Augusto Vieira da (1987a) – *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*. 3ª edição. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 2 vols.

SILVA, Augusto Vieira da (1987b) – *A Cerca Fernandina de Lisboa*. 2ª edição. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

SILVA, Carlos Guardado da (2010) – *Lisboa Medieval – A Organização e a Estruturação do Espaço Urbano*. Lisboa: Edições Colibri.

SILVA, Filipe Nery de Faria e (1897) – *Nossa Senhora do Restelo, os Freires de Cristo e a Igreja da Conceição Velha*. Lisboa, Typ. Casa Portuguesa – S. Roque.

SILVA, Filipe Nery de Faria e (1900) – *A Igreja da Conceição Velha e Várias Notícias de Lisboa*. Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva (edição refundida e aumentada da obra *Nossa Senhora do Restelo, os Freires de Cristo e a Igreja da Conceição Velha*. Lisboa, Typ. Casa Portuguesa – S. Roque, 1897).

SILVA, Isabel Corrêa e SEIXAS, Miguel Metelo de (2009) – *Monografia Histórica de Santa Maria de Belém*. Lisboa: Junta de Freguesia de Sta. Maria de Belém.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

SIMÕES, João Miguel dos Santos e OLIVEIRA, Emílio Guerra de (1990) – *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI*. 2ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SIMÕES, João Miguel dos Santos e OLIVEIRA, Emílio Guerra de (1997) – *Azulejaria em Portugal no século XVII*. 2ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2 vols.

SIMÕES, João (2009) – “O modelo arquitectónico das duas primeiras casas colectivas de Lisboa: os mosteiros de Jesus de Setúbal e da Madre Deus de Xabregas” in Maria Antónia Pinto MATOS e Alexandra CURVELO (coord.), *Casa Perfeitíssima – 500 anos da fundação do Mosteiro da Madre de Deus, 1509-2009*. Lisboa: Museu do Azulejo / IMC/MC, pp. 65-74.

SIMÕES, João (2015) – “As duas igrejas jesuíticas de S, Roque. Os projectos, as discussões e as opções à luz de novos documentos”, *Artis – Revista de História de Arte e de Ciências do Património*, nº 3, pp. 42-49.

SOARES, Clara Moura (2005) – *As Intervenções Oitocentistas do Mosteiro de Santa Maria de Belém: o Sítio, a História e a Prática Arquitectónica*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Tese de Doutoramento.

SOARES, Manuel Vaz Eugénio (1834) – *Breve relação da situação, fundação e dotação do Mosteiro de Belém, da origem e natureza desta dotação e do estado actual em que se achava*. BNP, Secção de Reservados, Ms. Cx 164, nº 10.

SOARES, Pero Roiz (ed. 1953) – *Memorial*. Leitura e Revisão de M. Lopes de ALMEIDA. Coimbra: Acta universitatis Conimbricensis. Edição original de 1565-1628

SOBRAL, Luís de Moura (2002) – “Narração e simbolismo franciscano nos ciclos da Madre de Deus” in Anabela CARVALHO, Alexandra CURVELO e Clara Távora VILAR (coord.), *Igreja da Madre de Deus: história, conservação e restauro*. Lisboa, IPM/ IPCR, 2002, pp. 29-51.

SOBRAL, Luís de Moura e CARVALHO, José Alberto Seabra de (2004) – *Pintura portuguesa do século XVII: histórias, lendas, narrativas*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga.

SOROMENHO, Miguel (2009) – *A Arquitectura do Ciclo Filipino* in Dalila RODRIGUES (coord.), *Arte Portuguesa; da pré-história ao século XX*. Vol. 10. Vila Nova de Gaia: Fubu Editores.

SOUSA, Antonio Caetano de (1735-1749) – *Historia genealogica da Casa Real Portuguesa: desde a sua origem até o presente, com as Familias illustres, que procedem dos Reys, e dos Serenissimos Duques de Bragança: justificada com instrumentos, e escritores de inviolavel fé: e offerecida a El Rey D. João V...*Lisboa Occidental: na Oficina de Joseph Antonio da Sylva, impressor da Academia Real, 1735 (tomo I), 1736 (tomo II), 1737 (tomo III), 1738 (tomos IV-V), 1739 (tomo VI), 1740 (tomo VII), 1741 (tomo VIII), 1742 (tomo IX), 1743 (tomo X), 1745 (tomo XI), 1747 (tomo XII, parte I), 1748 (tomo XII, parte II), 1749 (tomo XIII).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

SOUSA, Antonio Caetano de (1739-1748) – *Provas da Historia genealogica da casa real portugueza: tirados dos instrumentos dos archivos da Torre do Tombo, da sereníssima casa de Bragança, de diversas cathedraes, mosteiros, e outros particulares deste reyno*. Lisboa: Regia officina Sylviana, e da Academia Real, 1739 (tomo I), 1742 (tomo II), 1744 (tomo III), 1745 (tomo IV), 1748 (tomo V-VI).

SOUSA, Francisco Luís Pereira de (1928) – *O Terramoto do 1º de Dezembro de 1755 em Portugal e um Estudo Demográfico*. Vol. III. Lisboa: Tipografia do Comércio.

TABORDA, José da Cunha (1815) – *Regras da Arte da Pintura: com breves reflexões criticas sobre os caracteres distinctivos de suas escolas: vidas e quadros dos seus mais célebres professores: escritas na lingua italiana por Micael Angelo Prunetti dedicadas ao excellentissimo senhor Marquez e Borba*. Lisboa: Impressão Régia.

TEIXEIRA, Gabriella de Barbosa (1997) – “Algumas Notas Histórico-Críticas sobre a Igreja de Santo António de Lisboa” in *Igreja de Santo António*. Lisboa: Direcção Municipal de Reabilitação Urbana, Câmara Municipal de Lisboa.

TELLES, Balthazar, Padre (1645-1647) – *Chronica da Companhia de Iesy, da provincia de Portugal. Segvnda Parte, na qval se contem as vidas de alguns Religiosos mais assinalados, que na mesma Provincia entraram, nos anos em que viveo S. Ignacio de Loyola, nosso fvyndador. Com o svmmario das vidas dos Serenissimos Reys Dom Ioàm Terceyro, & Dom Henrique, Fundadores, & insignes bemfeytores desta Provincia*. Lisboa: Paulo Craesbeeck.

TESTA, Carlos (1883) – *A egreja das Chagas: recordações*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes.

VALE, Teresa Leonor M. (1998) – “Exotismo e poder político – as representações de elefantes na tumultária régia de Santa Maria de Belém” in Mafalda Soares da CUNHA (coord.), *Os Construtores do Oriente Português*. Lisboa: CNCDP, pp. 97-110.

VARGAS, José Manuel (2002) – “As freguesias de Lisboa e do seu termo na Idade Média”, *Olisipo*, II série, nº 17, pp. 47-66.

VASCONCELOS, Luys Mendez de (1608) – *Do Sítio de Lisboa. Diálogo*. Lisboa: Officina de Luys Estupiñan.

VASCONCELLOS, Joaquim de (1870) – *Os músicos portugueses. Biographia-Bibliographia*, Vol. I. Porto: Imprensa Portuguesa.

VEIGA, Carlos Margaça (2009) – *Cardeal D. Henrique o Casto: Dinastia de Avis 1578-1580*. Matosinhos: QuidNovi.

VITERBO, F. Sousa (coord.) (1892) – *Artes e Artista em Portugal - Contribuições para a Historia das Artes e Industrias Portuguezas*. Lisboa: Livraria Ferreira.

VITERBO, F. Sousa (1899-1922) – *Diccionario Historico e Documental dos Architectos e Engenheiros e Constractores Portuguezes*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1899 (Vol. I), 1904 (Vol. II), 1922 (Vol. III). 3 vols.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

VITERBO, F. Sousa (1903) – *Notícia de alguns pintores portugueses e de outros que, sendo estrangeiros, exerceram a sua arte em Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.

YSLA, Ruy Diaz de (1939) – *Tractado contra el Mal Serpentino que vulgarmente en España es llamado bubas q[ue] fue ordenado en el ospital de Todos los Santos d[e] Lisbona*. Sevilha: casa de Dominico de Robertis.

WATSON, Walter Crum (1908) – *Portuguese Architecture*. Londres: Archibald Constable and Company.

Fontes Iconográficas (séculos XVI e XVII):

Autor desconhecido (Domingos Vieira Serrão atrib.), Entrada de Filipe III em Lisboa em 1619, c. 1620-22. Óleo sobre tela, 110,7 x 197,4 cm. Schloss Weilburg, Verwaltung der Staatlichen Schlösser und Gärten – Hessen, inv. 11160.

BALDI, Pier Maria (1668-1669) – *Vista de Lisboa (Belém)*. Desenho de 1669 inserido na obra *Viaje de Cosme de Médicis por España y Portugal (1668-1669)*, ed. Angel SÁNCHEZ RIVERO. Madrid.

BARCO, Gabriel del, atrib. (c. 1698-1699) – *Grande Panorama de Lisboa*. Museu Nacional do Azulejo, nº inv. 1.

BRAUN, Georg – cf. BRAUNIUS, Georgius e HOGENBERGIUS, Franciscus (grav.)

BRAUNIO, Jorge – cf. BRAUNIUS, Georgius e HOGENBERGIUS, Franciscus (grav.)

BRAUNIUS, Georgius e HOGENBERGIUS, Franciscus (1572) – *Civitates Orbis Terrarum. Liber Primus* Amsterdão. Mapa I-1: Lisabona.

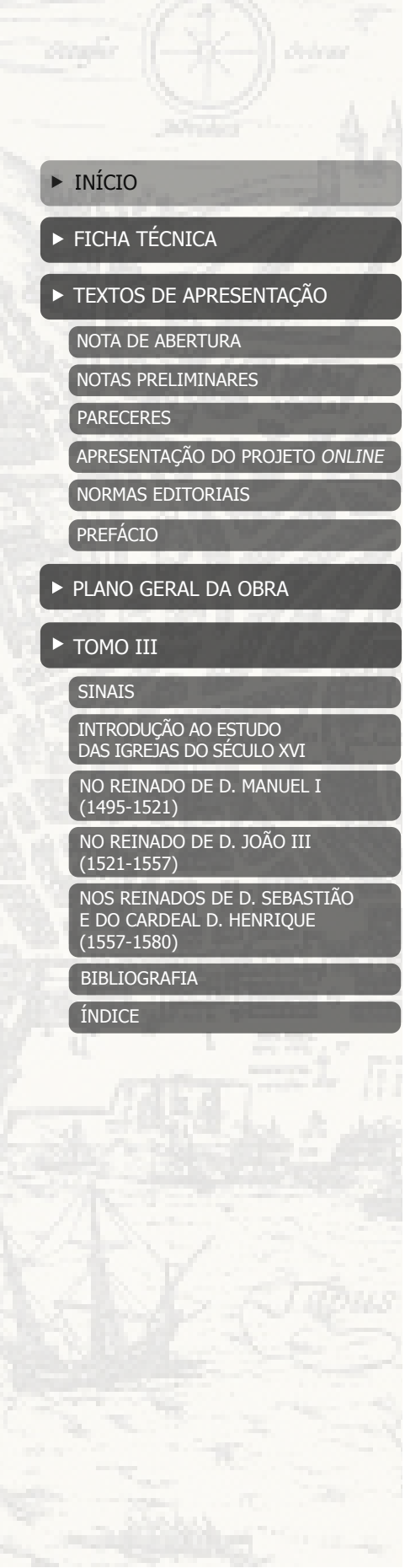
BRAUNIUS, Georgius e HOGENBERGIUS, Franciscus (1598) – [Civitates Orbis Terrarum. Liber Quintus:] *Urbium Praecipuarum Mundi Theatrum Quintum*. Amsterdão. Mapa V-2: Olissippo quae nunc Lisboa... . Museu de Lisboa, MC.GRA.0033.

HOLANDA, António de BENING, Simão (1530-1534) – *Genealogia do Infante D. Fernando*. British Library.

HOLANDA, António de (c. 1534-1540) – *Vista de Lisboa*. Iluminura em pergaminho da *Crónica de D. Afonso Henriques* de Duarte Galvão. Museu dos Condes de Castro Guimarães (Cascais), nº inv. 14.

LOBO, Filipe (165[7]?) – *Mosteiro dos Jerónimos*. Museu Nacional de Arte Antiga, nº inv. 1980 Pint.

MATTOS, José Pinhão de, atrib. (c. 1715-1765) – *Vista Panorâmica de Lisboa: a Partida de S. Francisco Xavier*. Actualmente no Museu Nacional de Arte Antiga.



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

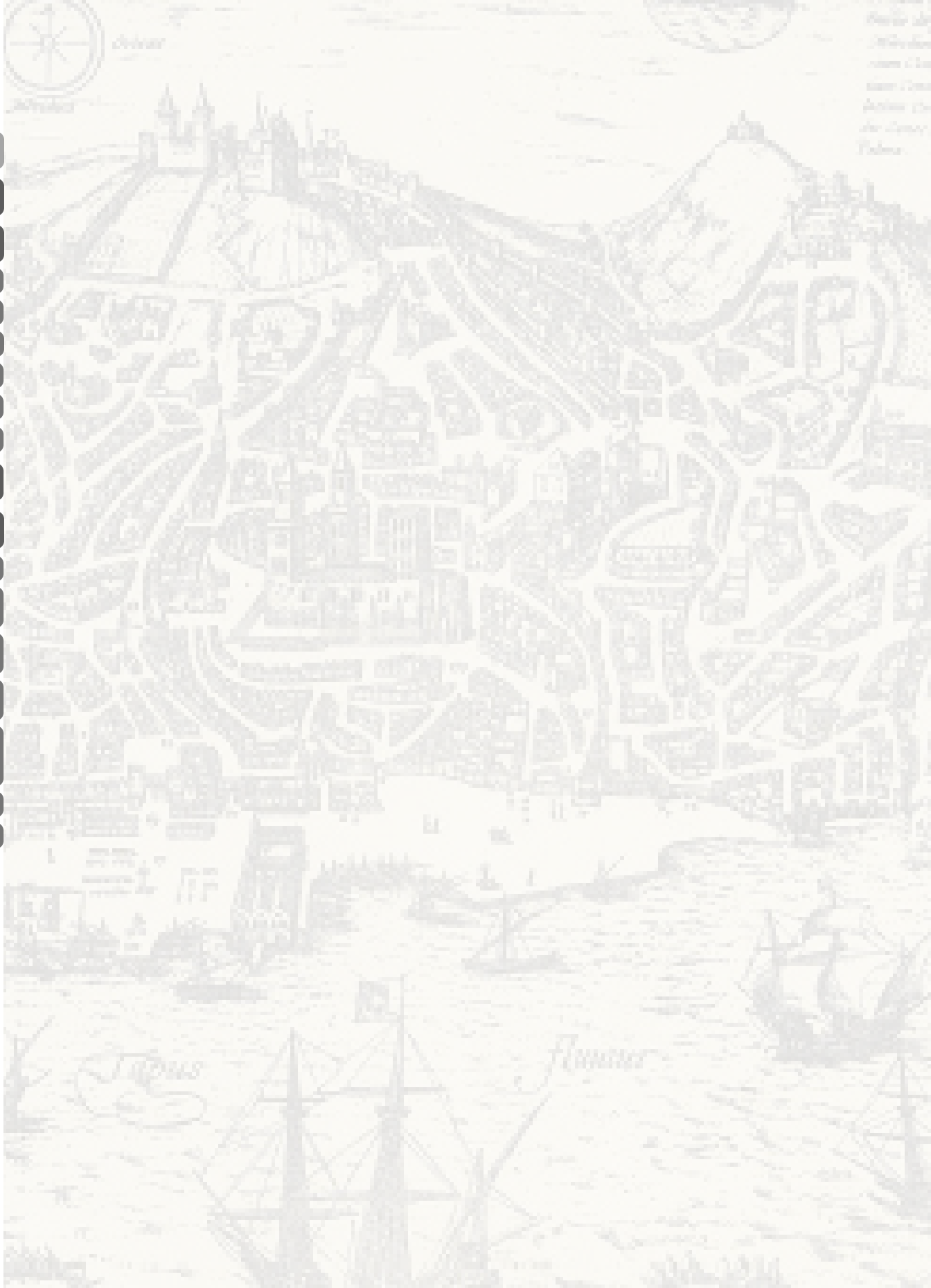
NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

STOOP, Dirck (1662) – *O convento de Sto. Hieronimo em Bellem*. Museu da Cidade.

STOOP, Dirck (c1662) – *Vista do Mosteiro de Belém perto de Lisboa*. Mauritshuis (Haia), nº inv. 172.



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI

NO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)

NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)

NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ÍNDICE

FICHA TÉCNICA	4
TEXTOS DE APRESENTAÇÃO	5
NOTA DE ABERTURA	7
NOTAS PRELIMINARES	9
PARECERES	13
APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO "ONLINE"	15
NORMAS EDITORIAIS	17
PREFÁCIO	19
PLANO GERAL DA OBRA	23
TOMO III AS IGREJAS DO SÉCULO XVI (1495-1580)	25
SINAIS	27
I - INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS IGREJAS DE LISBOA NO SÉCULO XVI	29
1. IGREJAS MEDIEVAIS DE LISBOA QUE CHEGARAM AO INÍCIO DO SÉCULO XVI	31
2. PARÓQUIAS CONSTITUÍDAS NO SÉCULO XVI	35
2.1 CRIAÇÃO DE PARÓQUIAS NOVAS	35
2.2 AS IGREJAS QUE SERVIAM DE SEDES DAS NOVAS PARÓQUIAS	36
3. IGREJAS CONVENTUAIS DE LISBOA NO SÉCULO XVI	37
3.1 AS 10 IGREJAS CONVENTUAIS QUE VINHAM DA ÉPOCA MEDIEVAL	37
3.2 NOVAS IGREJAS CONVENTUAIS	37
4. IGREJAS DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS	39
5. ERMIDAS DE LISBOA, NO SÉCULO XVI	39
6. ESTILOS ARQUITECTÓNICOS	40
7. REIS DE PORTUGAL, SUMO-PONTÍFICES, ARCEBISPOS DE LISBOA DESTE PERÍODO	41
7.1 REIS DE PORTUGAL	41
7.2 SUMO-PONTÍFICES	42
7.3 ARCEBISPOS DE LISBOA	42
II - NO REINADO DE D. MANUEL I (1495-1521)	45
Ø IGREJA DO HOSPITAL DE TODOS-OS-SANTOS	49
1. CRIAÇÃO OU FUNDAÇÃO: D. JOÃO II	49
2. SOB O REI D. MANUEL I	50

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3. AUTORIA DA TRAÇA	50
4. VICISSITUDES DO MONUMENTO ATRAVÉS DOS TEMPOS.....	51
5. DESCRIÇÃO DO HOSPITAL, EM ESPECIAL DA SUA IGREJA	52

⊙ **ERMIDA (?) OU NICHOS DE SANTO ANTÓNIO, ÀS PORTAS DE SANTA CATARINA ..** 61

⊙ **IGREJA DE SANTO ANTÓNIO À SÉ – 1ª** 62

⊙ **ERMIDA DO ESPÍRITO SANTO, DA ALCÁÇOVA †** 64

⊙ **ERMIDA DE SANTA ANA**..... 65

∅ **IGREJA DO MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE BELÉM (JERÓNIMOS)** 66

1. INTRODUÇÃO	66
2. PREPARATIVOS PARA A CONSTRUÇÃO DO MOSTEIRO.....	67
3. PRIMEIRO PERÍODO DA CONSTRUÇÃO DA IGREJA: 1502-1516.....	67
4. SEGUNDO PERÍODO DA CONSTRUÇÃO DA IGREJA: 1517-1521	68
5. AS OBRAS DA IGREJA DURANTE O REINADO DE D. JOÃO III: 1521-1557	68
6. DEPOIS DE D. JOÃO III	69
7. A PARTIR DE 1833.....	69
8. DESCRIÇÃO SUMÁRIA DA IGREJA.....	69

♂ **IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, DOS FREIRES DE CRISTO** 74

1. A CASA GRANDE DA SINAGOGA DOS JUDEUS, NO LUGAR DE VILA NOVA	74
2. O ESCAMBO FEITO POR D. MANUEL I, DA IGREJA DO RESTELO PELA SINAGOGA	76
3. A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	76
4. O QUE O <i>SUMÁRIO</i> DIZIA EM 1551 DESTA IGREJA.....	77
5. A PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO NA IGREJA DA CONCEIÇÃO DOS FREIRES	78
6. COMO ERA A IGREJA ANTES DO TERRAMOTO DE 1755	79
7. O TERRAMOTO DE 1755	80

⊙ **ERMIDA DA ASCENSÃO**..... 81

⊙ **CAPELA REAL DE SANTO TOMÉ, APÓSTOLO, NOS PAÇOS DA RIBEIRA** 83

⊙ **ERMIDA DE SÃO ROQUE**..... 93

⊙ **ERMIDA DE SÃO SEBASTIÃO, NA MOURARIA** 95

∅ **CAPELA DE NOSSA SENHORA DE BELÉM, NO MOSTEIRO DE SANTA CLARA** 98

♀ **IGREJA DO MOSTEIRO DA MADRE DE DEUS, EM XABREGAS** 102

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ IGREJA DO CONVENTO DE CHELAS	107
♀ IGREJA DO MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA ANUNCIADA, NA MOURARIA ...	107
1. ANTECEDENTES	108
2. MOSTEIRO DE RELIGIOSAS DOMINICANAS: 12. NOVEMBRO.1519	108
3. CRESCIMENTO DA COMUNIDADE E INCONVENIÊNCIA DO SÍTIO	109
4. NEGOCEIA-SE A PERMUTA COM OS CÓNEGOS DE SANTO ANTÃO	110
5. MUDANÇA DA COMUNIDADE: 1539	110
6. A IGREJA QUINHENTISTA	111
⊕ IGREJA DE NOSSA SENHORA DA MISERICÓRDIA	112
♂ IGREJA DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DA CIDADE – 2ª	120
1. ANTECEDENTES	120
2. REEDIFICAÇÃO NO TEMPO DE D. MANUEL I E D. JOÃO III	120
3. NOTÍCIA SOBRE O MOSTEIRO, EM 1551	121
♀ IGREJA DO MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA ROSA	123
1. A SUA FUNDAÇÃO, EM 1519.....	123
2. INSTALA-SE A COMUNIDADE: 21 DE NOVEMBRO DE 1522	124
3. COMPROMISSO DE LUÍS DE BRITO NÃO FOI EXECUTADO!	124
4. OBRAS E VICISSITUDES SUCESSIVAS ANTES DO TERRAMOTO DE 1755	125
5. NOTÍCIA DA IGREJA E DE SEU RIQUÍSSIMO ORNATO NOS INÍCIOS DO SÉCULO XVIII.....	126
6. † O TERRAMOTO DE 1755.....	127
⊖ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO CRISTÓVÃO – 2ª	128
⊖ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO JULIÃO – 2ª	131
1. VISÃO DE CONJUNTO	131
2. REFEITA POR D. MANUEL I	131
3. COMO ERA A IGREJA E A PARÓQUIA	132
4. O TERRAMOTO DE 1 DE NOVEMBRO DE 1755.....	133
III - NO REINADO DE D. JOÃO III (1521-1557)	135
⊕ IGREJA DE NOSSA SENHORA DO LORETO DOS ITALIANOS – 1ª	139
♀ IGREJA DO MOSTEIRO DA ESPERANÇA OU NOSSA SENHORA DA PIEDADE DA BOA VISTA	143
1. O SÍTIO DA BOA VISTA	143
2. FUNDAÇÃO FEITA POR DONA ISABEL DE MENDANHA.....	143

▶ INÍCIO
▶ FICHA TÉCNICA
▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO
NOTA DE ABERTURA
NOTAS PRELIMINARES
PARECERES
APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE
NORMAS EDITORIAIS
PREFÁCIO
▶ PLANO GERAL DA OBRA
▶ TOMO III
SINAIS
INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS IGREJAS DO SÉCULO XVI
NO REINADO DE D. MANUEL I (1495-1521)
NO REINADO DE D. JOÃO III (1521-1557)
NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO E DO CARDEAL D. HENRIQUE (1557-1580)
BIBLIOGRAFIA
ÍNDICE

3. A CONTINUADORA, DONA JOANA DE EÇA	144
4. A IGREJA DO MOSTEIRO E VÁRIAS CAPELAS, ANTES DO TERRAMOTO	145
5. A CONFRARIA DO MONTE DO DIVINO AMOR.....	146
6. OUTRAS CAPELAS E ERMIDAS PELO MOSTEIRO	146
7. ALI SE RECOLHEU A RAINHA DONA MARIA FRANCISCA DE SABÓIA	147
♂ IGREJA DE SÃO DOMINGOS AO ROSSIO	148
⊙ ERMIDA DE SANTO AMARO	155
♀ IGREJA DO MOSTEIRO DA ANUNCIADA ÀS PORTAS DE SANTO ANTÃO	157
1. QUANTO AOS ANTECEDENTES DESTA MOSTEIRO:	157
2. VINDA DA COMUNIDADE: 1539.....	157
3. COMO ENCONTRARAM A CASA.....	157
4. UM GRANDE BENFEITOR DESTA MOSTEIRO.....	158
5. A IGREJA, E O SEU RECHEIO NO INÍCIO DO SÉCULO XVIII.....	159
6. O INTERIOR DO MOSTEIRO. OBSERVÂNCIA RELIGIOSA. ACONTECIMENTOS NOTÁVEIS.	161
7. O TERRAMOTO DE 1755 †	161
♂ IGREJA DO CONVENTO DE RELIGIOSOS DE SANTO ANTÃO, NA MOURARIA	162
1. ANTES DE 1539.....	162
2. EM 1539	162
3. 1539 – 1542.....	162
4. 1542.....	163
5. EVOCAÇÃO: DE 1542 AOS NOSSOS DIAS	163
♂ IGREJA DA RESIDÊNCIA DE SANTO ANTÃO, DOS JESUÍTAS E DO COLÉGIO DE SANTO ANTÃO CHAMADO O COLEGINHO	164
1. ANTECEDENTES	164
2. RESIDÊNCIA INICIAL DOS PADRES JESUÍTAS: 1542	164
3. PRIMEIRO COLÉGIO DOS JESUÍTAS: O “COLEGINHO”, 1552 (OU 1553)	165
4. A IGREJA DO COLÉGIO.....	165
5. A PARTIR DE 1593.....	166
⊙ IGREJA DAS CHAGAS DE CRISTO (1ª)	167
♀ RECOLHIMENTO DAS PENITENTES DA PAIXÃO DE CRISTO	172
♀ MOSTEIRO OU RECOLHIMENTO DAS ÓRFÃS HONRADAS DA CIDADE	174
⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES	175

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊖ **IGREJA DO COLÉGIO DA IRMANDADE DOS ÓRFÃOS DE JESUS OU SEMINÁRIO DOS MENINOS ÓRFÃOS DE JESUS** 178

⊖ **ERMIDA DE SÃO JOSÉ D'ENTRE AS HORTAS OU SÃO JOSÉ DOS CARPINTEIROS**. 180

1. A CONFRARIA DE SÃO JOSÉ..... 180

2. A ERMIDA, EM 1546 180

3. PASSA A PARÓQUIA, EM 1567 181

⊖ **IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO, DA AMEIXOEIRA** .. 182

1. ANTECEDENTES 182

2. PARÓQUIA AUTÓNOMA 182

3. A INVOCAÇÕES SUCESSIVAS DESTA IGREJA 183

⊖ **ERMIDA DE ALMAS DO PURGATÓRIO = FIÉIS DE DEUS OU NOSSA SENHORA DA AJUDA E SANTOS FIÉIS DE DEUS**..... 184

⊖ **IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DA AJUDA** 187

1. A ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA 187

2. PARÓQUIA NOS MEADOS DO SÉCULO XVI 187

⊖ **IGREJA DE SÃO LUÍS DOS FRANCESES** 190

† **A SÉ DE LISBOA V** 192

⊖ **ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA VITÓRIA**..... 193

⊖→♂ **ERMIDA DE SANTA CATARINA DO MONTE SINAI NO PICO DE BELVER** 198

1. TRANSFERÊNCIA DA CONFRARIA 198

2. COMPRA DOS TERRENOS 198

3. CONSTRUÇÃO DA ERMIDA..... 199

4. DOAÇÃO DA IGREJA AOS LIVREIROS DE LISBOA 200

5. CRIAÇÃO DA PARÓQUIA DE SANTA CATARINA 200

6. REEDIFICAÇÃO DUMA NOVA IGREJA 201

IV - NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO E DO CARDEAL D. HENRIQUE (1557-1580) 203

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE N^a SENHORA DA GRAÇA 2^a OU DOS PADRES EREMITAS DE SANTO AGOSTINHO**..... 206

♂ **IGREJA DO MOSTEIRO DA TRINDADE, 2^a** 209

♀ **IGREJA DO CONVENTO DE SANT'ANA** 211

1. ANTECEDENTES 211

2. FUNDAÇÃO DO CONVENTO..... 211

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3. SEDE DE PARÓQUIA ENTRE 1564 (?) E 1705..... 211
4. UM PAROQUIANO ILUSTRE: LUÍS DE CAMÕES 212
5. A IGREJA DO CONVENTO..... 212

♁ **IGREJA DA PARÓQUIA DE OS ANJOS – 1ª**..... 214

1. ANTIGA ERMIDA DE “OS ANJOS”..... 214
2. CRIAÇÃO DA PARÓQUIA DE OS ANJOS: A IGREJA 214
3. O ORAGO DA IGREJA..... 215

♁ **SEMINÁRIO DE SANTA CATARINA**..... 217♁ **IGREJA PAROQUIAL DE SANTOS-O-VELHO**..... 219

1. A PARÓQUIA DE SANTOS-O-VELHO 219
2. DO QUE ACONTECEU À PARTE CONVENTUAL DO MOSTEIRO DE SANTIAGO DE SANTOS-O-VELHO DEPOIS DE TEREM DE LÁ SAÍDO AS COMENDEADEIRAS EM 1490 219

♁ **IGREJA PAROQUIAL DE SÃO JOSÉ D'ENTRE AS HORTAS, OU SÃO JOSÉ DOS CARPINTEIROS**..... 221

1. ANTECEDENTES 221
2. CRIAÇÃO DA PARÓQUIA EM 1567 221
3. OBRAS DO SÉCULO XVI A XVIII 221

♁ **IGREJA DA CASA PROFESSA DE SÃO ROQUE, DA COMPANHIA DE JESUS**..... 223

1. NA ERMIDA DE SÃO ROQUE, EM 1553..... 223
2. PROJECTO DE UM NOVO E MAIS ESPAÇOSO TEMPLO, EM 1555 223
3. NOVO PLANO DEFINITIVO PARA A IGREJA, EM 1566 E 1567..... 224
4. O MADEIRAMENTO DO TECTO E A SUA PINTURA..... 225
5. DESCRIÇÃO DA IGREJA ANTES DA EXPULSÃO DOS JESUÍTAS 227

♁ **IGREJA DO CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHOS**..... 228

1. NOTA PRÉVIA SOBRE AS DIVERSAS FAMÍLIAS DE RELIGIOSOS PROCEDENTES DE S. FRANCISCO DE ASSIS..... 228
2. FUNDAÇÃO DO CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHOS 228
3. DESCRIÇÃO DA IGREJA DO CONVENTO 229

♁ **IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA ESTRELA (“ESTRELINHA”)**..... 231♁ **IGREJA DE S. SEBASTIÃO NO TERREIRO DO PAÇO**..... 234

1. RELÍQUIAS DE S. SEBASTIÃO..... 234
2. PROJECTO DE CONSTRUÇÃO DE UMA IGREJA A SÃO SEBASTIÃO..... 234
3. OPTA-SE ENTRETANTO PELO LOCAL DO TERREIRO DO PAÇO 236
4. A IGREJA É DEMOLIDA E OS MATERIAIS PASSAM PARA SÃO VICENTE DE FORA 236
5. FRANCISCO DE HOLANDA E A REFERIDA IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO 238

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO III

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS DO SÉCULO XVINO REINADO DE D. MANUEL I
(1495-1521)NO REINADO DE D. JOÃO III
(1521-1557)NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO
E DO CARDEAL D. HENRIQUE
(1557-1580)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂	IGREJA DO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS: CAPELA-MOR	242
	1. A CAPELA-MOR PRIMITIVA.....	242
	2. A NOVA CAPELA-MOR	242
♁	IGREJA PAROQUIAL DE SANTA CATARINA DO MONTE SINAI, NO PICO DE BELVER	250
	1. EDIFICAÇÃO DE NOVA IGREJA NO PICO DE BELVER: 1572	250
	2. DO RISCO E DA PLANTA DA NOVA IGREJA	250
	3. A EMPREITADA FOI DADA A PERO NUNES NO DIA 1 DE JUNHO DE 1572.....	251
	4. A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO	251
	5. O DESMORONAMENTO DO MONTE DE SANTA CATARINA: 21 DE JULHO 1597	253
	6. CONFRARIA DOS LIVREIROS DE LISBOA	253
	7. ALGUNS CONFLITOS SURGIDOS POR MOTIVO DE COMPETÊNCIAS ECLESIASTICAS.....	254
♁	IGREJA PAROQUIAL DE SÃO PAULO – 1ª	261
	1. A ERMIDA DE SANTO ESPÍRITO NO BECO DO CARVÃO.....	261
	2. OPINIÕES CONTRADITÓRIAS SOBRE A DATA DA FUNDAÇÃO DA PARÓQUIA DE SÃO PAULO	261
	3. O QUE SE PODE DAR COMO PROVÁVEL, SE NÃO CERTO, QUANTO À DATA DA FUNDA- ÇÃO.....	263
	4. COMO SERIA A IGREJA DE S. PAULO	264
♁	ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA	267
♁	IGREJA DA MISERICÓRDIA – CAPELA DO ESPÍRITO SANTO	269
♂	IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LUZ DE CARNIDE	271
	1. A ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA LUZ, EM CARNIDE	271
	2. D. JOÃO III PENSA EM CONSTRUIR ALI UM MOSTEIRO... ..	271
	3. PARA AÍ INSTALAR OS FREIRES DA ORDEM DE CRISTO.....	272
	4. A INFANTA DONA MARIA FAZ CONSTRUIR UM SANTUÁRIO SUMPTUOSO.....	272
	5. SEPULTURA DA INFANTA DONA MARIA.....	273
♁	IGREJA PAROQUIAL DE SANTA ENGRÁCIA - 1ª	274
	BIBLIOGRAFIA DO TOMO III	277

